

Erich von Däniken

Viagem a Kiribati

Aventuras entre o céu e a terra

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "Reise nach Kiribati"

Copyright © 1981 by Econ Verlag GmbH, Düsseldorf e Viena

Tradução: A. J. Keller

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Companhia Melhoramentos de São Paulo, Indústria de Papel

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda. Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

6 8 10 9 7 5

88 89 87



Sumário

Carta aos leitores.....	3
Viagem a Kiribati.....	6
Por um motivo qualquer.....	63
Espírito — a causa primeira de toda a matéria...	94
Caçando fraudes e homenzinhos verdes.....	110
Na Terra Prometida?.....	156
Crepúsculo dos deuses.....	203
Fontes das ilustrações.....	265
Bibliografia.....	266

Carta aos leitores

*É impossível soprar a poeira
sem que um bom número de pessoas
comece a tossir.*

Príncipe Philip, duque de Edimburgo,
consorte da rainha Elizabeth II.

Prezada leitora, prezado leitor:

Um erudito — acho que foi o professor Alphons Silbermann —, ao estudar nossos hábitos de leitura, constatou que uma "geração de leitores" perdura quatro anos. Fazendo as contas, parece que ele tem razão. Do primeiro ao sexto ano de vida, são livros ilustrados e resistentes que formam a primeira geração de leitores. Depois vêm os maçantes livros escolares e os contos de fada. Aos dez anos — hoje em dia! —, seguem-se as histórias em quadrinhos, e para meninos e meninas mais desenvolvidos, romances juvenis, relatos de viagens e de aventuras, bem como descrições do mundo animal. A partir dos catorze anos mais ou menos, os jovens já incluem romances de todo tipo em sua leitura e se interessam pelos primeiros livros de divulgação. Aos dezoito anos, começam a aparecer as primeiras preferências por temas específicos, que poderão prosseguir pela vida inteira se não houver, novamente, uma mudança no ritmo das gerações de leitores, em decorrência de opções profissionais, da vida particular, de passatempos ou de acontecimentos especiais.

Considerando esse ritmo, passaram-se, desde a publicação de meu primeiro livro, em 1967, três gerações e meia de leitores. Os que em 1967 tinham dezesseis anos hoje têm trinta. O prezado leitor talvez tenha se encontrado comigo já naquele tempo, fazendo parte do grande círculo de fiéis leitores que acorrem prontamente à livraria quando, mais ou menos a cada dois anos, é editado um novo livro.

Mas há certamente muitos novos leitores que se juntam aos antigos quando passo a comprovar, num novo livro, as minhas "velhas" teses, com descobertas recentíssimas. É o destino de todas as hipóteses, por mais científicas que sejam; elas precisam seguir seu processo normal de desenvolvimento. Confesso que é neste ponto que começa o meu dilema sempre renovado: para meus leitores habituais, não há dúvidas quanto às

minhas posições de partida. Mas que tipo de "ferramentas" deverei fornecer a meus novos leitores para que, entre o céu e a terra, sintam chão firme sob seus pés? Não quero enfastiar meus leitores antigos, mas também não posso mandar os leitores novos para a mata sem lhes entregar ao menos uma bússola.

Resta então, como alternativa viável, uma apresentação resumida das proposições que sustento há catorze anos:

— Em tempos pré-históricos, a Terra foi visitada por seres desconhecidos procedentes do espaço.

— Os extraterrestres criaram a inteligência humana por modificações introduzidas na constituição hereditária dos ainda primitivos habitantes da Terra. Os cientistas falariam em mutações, ou seja, alterações na estrutura genética, provocadas artificialmente. No meu entender, não foi por acaso que surgiu a inteligência humana, como se fosse o primeiro prêmio numa loteria onde se joga a sorte entre bilhões de possibilidades. Antes deve ter havido uma intervenção planejada de seres desconhecidos que vieram do cosmo.

— Foi também a partir de visitas de estranhos à Terra que surgiram as religiões mais antigas e se formaram mitos e lendas que carregam em seu âmago a realidade dos acontecimentos de outrora.

Se essas hipóteses brevemente delineadas não fossem de alto poder explosivo não teriam provocado uma discussão de alcance mundial. Estou realmente solapando com denodo os alicerces do pensamento tradicional. Munido de conhecimentos adquiridos nos anos 20, tornei-me arraiano dos domínios dos arqueólogos, dos etnólogos, dos antropólogos, dos etimólogos, dos especialistas em viagens espaciais... e, necessariamente, também dos teólogos. É inevitável que eu pise no pé de muita gente durante minha caminhada; é uma decorrência natural. Certamente houve casos raros em que descobriram erros em certos dados específicos — afinal, não sou acadêmico, trabalho "apenas" com o senso comum. Quando há erros comprovados, eu os reconheço de bom grado.

Mas deve haver algum fundamento em minhas hipóteses, e isso me incentiva em meus esforços: em todas as línguas universais foram publicados livros que me atacam. Toda uma falange de autores procura projetar-se com base no meu êxito, recorrendo, em parte, a ataques de baixo nível. Quem está prestes a se afogar costuma se bater assim, desesperadamente, com os braços e as pernas. Sou tolerante. Não se publica nenhum livro de importância a respeito de minha temática abrangente que não me dedique comentários mais ou menos extensos; aumenta o número de obras que abordam minhas teses com seriedade e, até, com simpatia. Entre elas há as de reconhecidos cientistas.

A temática encontrou uma repercussão quase inaudita em nosso século. O motivo não está só nos meus filmes *Lembranças do futuro* e *Mensagem dos deuses*. Ao menos a inspiração para as superproduções americanas *Guerra nas estrelas* e *O império contra-ataca* partiu de minhas idéias. Os leitores assíduos de minhas obras reconhecem, na tela, muitas situações que lhes são familiares.

O conjunto *pop* Genghis Khan (RCA — PL 25297) apresenta, na letra da música *The strangers*, toda a nossa temática. Sua tradução é mais ou menos esta:

"Há milhares de anos, uma armada de espaçonaves atravessou um mar de estrelas. Estavam à procura de planetas que se prestassem à conservação e evolução da vida. O descobrimento e a colonização do planeta Terra serviram a essa finalidade. Só agora estamos começando a decifrar os registros daquele acontecimento fantástico... O que quer que aconteça na terra ou no céu, doravante vamos entender e compreender melhor..."

O autor, completamente "inocente" desse texto, se alegra com a popularização de suas teses a ponto de encontrarem acolhida até nas músicas *pop* — a música do Genghis Khan está na parada de sucessos. Isso me deixa confiante no interesse que, justamente, a geração jovem dedica a idéias com futuro.

Vamos ver, prezados leitores, o que disse o profeta Ezequiel, que viveu por volta de 592 a.C:

"Filho do homem, habitas em meio a uma geração recalcitrante, que tem olhos para ver e não enxerga, ouvidos para ouvir e não escuta".

Quanto a mim, continuarei a soprar o pó, mesmo que um bom número de pessoas comece a tossir.

Convido os leitores antigos e os novos a me acompanhar em algumas viagens. Descobrirão muitas novidades, e saberão das dificuldades encontradas por um "pesquisador diletante" nas suas viagens pelo mundo.

Cordiais saudações,
Erich von Däniken

Viagem a Kiribati

Surpresa e admiração são o começo da compreensão.

Ortega y Gasset

Um pastor me convida a um destino longínquo — Onde fica Kiribati? — A noite em que vivemos à moda dos xeques — Greve numa ilha da paz — Teorias sobre a origem de Kiribati — Teeta, nosso anjo negro — Descoberta de uma biblioteca precisa em Bairiki — Sobre Nareau e outros seres extraterrestres — O vôo para Abaiang — O círculo mágico — Diante de uma sepultura gigante em Arorae — Deuses criadores vindos da escuridão negra — Como os gigantes se imortalizaram — Despedida dos novos amigos e de mistérios imemoráveis

Sem esta carta que recebi da Cidade do Cabo, na África do Sul, eu não teria chegado nunca a Kiribati:

"Prezado sr. von Däniken,

Como o senhor é uma pessoa muito ocupada, vou entrar logo no assunto.

Resolvi escrever-lhe sobre as provas que existem a respeito dos deuses que vieram do céu. Quando eu era missionário na área do Pacífico, mostraram-me as sepulturas de dois gigantes que, segundo a tradição local, vieram do céu. As sepulturas estão bem conservadas, medindo cada uma cerca de cinco metros. Nos rochedos, existem também pegadas petrificadas em grande número, de modo que podem ser fotografadas com facilidade.

Além disso, há uma 'bússola de pedra' e, finalmente, um lugar onde, segundo a lenda, os deuses aterrissaram. Esse lugar é muito interessante, uma vez que se trata de um círculo completamente destituído de vida vegetal.

Caso essas informações sejam de seu interesse, terei muita honra em comunicar-lhe outros detalhes. Se o senhor já tiver conhecimento desses fatos de outra fonte, compreenderei perfeitamente que não procure meu contato.

Com os melhores votos e sinceros agradecimentos pelas horas de agradável leitura, subscrevo-me com estima e consideração.

Reverendo C. Scarborough."

Esta carta chegou às minhas mãos em fins de maio de 1978. Um pastor protestante que se mostrava aberto às minhas idéias? Eu agradei imediatamente, pedindo que me mandasse as informações oferecidas. Ao mesmo tempo, indaguei se existiam publicações ou mesmo fotografias sobre os lugares misteriosos. Prometi-lhe, naturalmente, o reembolso de todas as despesas. Passado um mês, recebi a resposta do reverendo Scarborough:

"Prezado sr. von Däniken,

Obrigado por sua carta. Permita-me um esclarecimento: não quero que reembolse as minhas despesas, pois sinto-me feliz em poder ajudá-lo em suas pesquisas.

Quanto à sua pergunta sobre publicações disponíveis, tenho a dizer que não existe praticamente nada publicado sobre Kiribati. A respeito daqueles pontos específicos que mencionei, não há nada consignado por escrito. Infelizmente!

Imagino que o senhor receba informações de malucos do mundo inteiro. Por isso, creio que seja importante que me apresente melhor ao senhor.

Hoje sou pastor da congregação em Sea Point, na África do Sul. Anteriormente, eu vivia, com minha esposa e meus dois filhos, nas ilhas Kiribati, enviado como missionário da London Missionary Society. Passamos três anos e meio nessas ilhas, falando fluentemente o idioma dos ilhéus. Naquele tempo, visitamos todas as dezesseis ilhas, passando, por vezes, várias semanas e até meses naquelas ilhotas minúsculas. Falando a língua deles, nós nos familiarizamos também com seu passado estranho e, muitas vezes, inexplicável.

O que chamou minha atenção em primeiro lugar foi o fato de os ilhéus usarem duas palavras distintas para 'ser humano'. Eles denominam a si mesmos 'aomata', que significa 'gente', no plural. Uma pessoa com cor de pele diferente de sua própria é chamada de 'te i-matang' (literalmente 'homem da terra dos deuses'), sobretudo quando se trata de uma pessoa alta. À medida que chegamos a conhecer melhor os ilhéus, compreendemos que essa diferença entre eles mesmos e os estranhos era feita em todas as ilhas.

Se um dia o senhor vier a verificar pessoalmente minhas afirmações, devo avisá-lo desde logo que os ilhéus podem vir a comportar-se de modo arredoio, se não forem tratados convenientemente. Eles são muito religiosos, recebendo sua educação de missionários protestantes e católicos, entre os quais há muitos autóctones. Se o estrangeiro não estiver disposto a se entender com eles e não seguir suas recomendações, é melhor ficar em casa.

Entre os ilhéus, não apareça muito ao lado de europeus ou de

funcionários do governo. Por outro lado, não pode dispensar a ajuda das autoridades, que fornecem licença para visitar diversas ilhas. Tenho certeza de que o senhor é um experimentado mestre nesse tipo de diplomacia."

Na carta, havia indicações sobre o lugar em que podiam ser encontradas as sepulturas dos gigantes e uma descrição das pedras de orientação localizadas ao sul de uma das ilhas; essas pedras, segundo as observações feitas pelo missionário, apresentavam linhas cinzeladas que apontavam para alvos distantes. Digna de interesse me parecia também a observação de que as pedras teriam sido trazidas de outra parte, uma vez que não existem pedras desse tipo em todo o arquipélago. Quanto à "área de pouso" dos deuses, o missivista comentou:

"Terei que apresentar-lhe duas alternativas, pois não me lembro em que ilha se localiza o círculo. Ou fica na ilha Taraua do Norte ou na ilha Abaiang. As duas se situam tão próximas que é possível avistá-las uma da outra, a olho nu.

Se não me engano, deve ser na ilha Abaiang. O lugar misterioso é guardado pelo *tahunia* local — o feiticeiro ou bruxo. Os ilhéus conhecem o lugar, e podem dizer-lhe de que lado é permitido aproximar-se. É um pedaço de terra coberto de densa vegetação rasteira. Quando conseguem enganar os sacerdotes, os ilhéus se esgueiram para lá sorrateiramente, a fim de oferecerem sacrifício aos 'deuses' antigos.

Por isso, o senhor precisará da ajuda do *tahunia*; ele o levará pela mata, como fez comigo, até encontrar o círculo. Lá não cresce absolutamente nada, nenhum arbusto, nenhuma árvore; não há nada vivo no círculo. O feiticeiro lhe dirá que todo ser vivo que pisar no círculo há de morrer em breve. Por quê? Por causa de radioatividade? Nesse local, o senhor poderá fazer também a observação interessante de que os troncos das árvores, que inicialmente penetram no perímetro do círculo, fazem depois uma elegante curva para sair dele. Não há vegetação no centro do círculo.

O *resident commissioner**, por ocasião de sua visita àquele ponto, em 1965, achou que o lugar devia estar infestado de radioatividade. Mas como explicar a presença de radioatividade nessa pequena ilha de coral? Quero lembrar, porém, a tradição dos nativos, que vêm nesse lugar a área de aterrissagem dos deuses."

* *Representante do governo britânico. (N. do E.)*

O desconhecido reverendo conseguiu despertar meu interesse. Eu estava pronto para a largada: onde fica Kiribati?

Onde fica Kiribati?

Há quatro atlas nas prateleiras de minha biblioteca. Nenhum deles registra Kiribati. Três enciclopédias célebres — o Brockhaus, o Larousse e a Encyclopaedia Britannica — falam de mil e duzentas espécies de pulgas, mas nenhuma delas menciona Kiribati. Livros especializados dos anos 70 ainda não mencionam essas ilhotas de Kiribati que flutuam em pleno oceano Pacífico. Mas elas existem; eu estive lá e posso dizer que se trata de "pulgas" interessantes na imensidão do mar.

Como meu piedoso informante vivera em Kiribati parte de sua vida, tinha que ser possível encontrar essa ilha. Perguntei a meio mundo: "Conhece Kiribati?" Mas todos me respondiam apenas com o mesmo olhar interrogativo: "Kiribati?" Por fim, resolvi escrever novamente para a Cidade do Cabo a fim de consultar o pastor viajado:

"Onde fica Kiribati? Como posso chegar lá? Há uma linha aérea que vá até lá?

Onde a gente pode hospedar-se, num hotel? Ou há outras acomodações? Qual a moeda corrente em Kiribati?

Que tipo de presentes devemos levar para os sacerdotes, feiticeiros e nativos?

Devemos estar preparados para enfrentar perigos específicos, como cobras, escorpiões ou aranhas venenosas? O senhor ainda tem contato com amigos ou conhecidos? Poderia fornecer-me alguns endereços que eu pudesse procurar, recomendado pelo senhor?"

O reverendo Scarborough respondeu imediatamente, demonstrando bons conhecimentos. A névoa que envolvia Kiribati se dissolvia: trata-se de um grupo de dezesseis ilhas, que faziam parte da colônia real britânica das ilhas Gilbert, até que estas, em 1977, conseguiram sua independência... trocando também de nome. Com uma superfície de apenas novecentos e setenta e três quilômetros quadrados, elas se situam no oceano Pacífico, abrigando uma população de cerca de cinquenta e dois mil micronésios.

A ilha principal, Taraua, possui um porto e é sede administrativa, dispondo de ligação aérea tanto com a república insular Nauru quanto com Suva, capital das ilhas Fidji.

Como presentes, o reverendo recomendou que levasse modernos canivetes de uso diverso para os nativos mais destacados, óculos de sol baratos para os pescadores e aspirina para os sacerdotes e as senhoras da ilha.

O sr. Scarborough informou, para me tranquilizar, que lá não existem nem cobras nem aranhas; existem escorpiões, mas suas picadas são

comparáveis às da vespa. No entanto, ele advertiu:

"O maior perigo vem do mar! Não tome banho de mar, mesmo que os ilhéus o recomendem. Os tubarões constituem um perigo real para qualquer nadador, além de outras formas de vida submarina. É um conselho que não canso de repetir; *Never bathe in the sea!**"

**Nunca tome banho de mar." Em inglês no original. (N. do E.)*

Se não fosse essa advertência para não entrar na água, acho que o teríamos feito, com toda a certeza.

Meu protetor desconhecido me transmitiu o convite para entrar em contato com seus velhos amigos, os pastores Kamoriki e Eritaia; ele os descreveu como senhores amáveis, que certamente me ajudariam, assim como poderia contar com a ajuda do capitão Ward, do navio *Moana-Roi*, que dispunha de um conhecimento exato das ilhas e estava familiarizado também com as lendas locais e com os lugares sagrados dos ilhéus.

Três passagens para Kiribati, ida e volta

Ao contrário do que andam falando de mim, não sou um homem rico, que pode empreender uma viagem desse tipo sem pestanejar; por isso, procuro reunir sempre vários objetivos numa certa região, para que as despesas de viagem não ultrapassem, no cômputo final, as receitas. Muitas vezes, acontece também que as informações se revelam erradas, pura fantasia de uns "malucos", como dissera o reverendo. Neste caso, gasta-se dinheiro e tempo inutilmente. Mas, em 1980, apresentava-se uma combinação útil: no verão realizar-se-ia na Nova Zelândia o sétimo congresso mundial da Ancient Astronaut Society. Esta AAS é uma organização internacional de utilidade pública que estuda a temática de meus trabalhos. A Nova Zelândia! Era pelo menos a metade do caminho para Kiribati.

Enviei uma carta para o pastor Komoriki, em Taraua. No começo de 1980, recebi a resposta, escrita com mão trêmula, fazendo-me supor que o pastor já estava com idade avançada. Soube então que o capitão Ward já tinha se aposentado fazia alguns anos, tendo voltado para a Inglaterra. O pastor e sua família, entretanto, ficariam muito contentes em receber a mim e a meus amigos. Naturalmente, teríamos que nos hospedar na casa dele, Era uma boa notícia. Depois das saudações cordiais, passei a decifrar um pequeno adendo que fora escrito em letra miúda e garatujada: "O senhor já tem um visto de entrada?"

Eu e meu secretário Willi Dünnenberger telefonamos para tudo quanto é

lugar para descobrir onde se poderia obter o visto. Temos viajado, nos últimos anos, para lugarejos que ficam no fim do mundo, mas sempre encontramos, na capital federal, alguma missão diplomática ou embaixada para colaborar na realização de nossos arrojados objetivos. Kiribati, porém, não passa de uma mancha branca na paisagem diplomática dessa Suíça cosmopolita. No Ministério do Exterior ouvimos um palpite de um dos funcionários: "I^or que não dão uma ligadinha para os australianos ou para os ingleses?" A embaixada da Austrália nos informou, então, que seu país mantém relações comerciais com aquele grupo de ilhas, prestando-lhes ajuda para seu desenvolvimento, mas que não é de sua competência a concessão de vistos. Em Londres, no Departamento de Assuntos do Pacífico, nos deram uma informação mais precisa: os suíços podem obter o visto de permanência ao chegarem a Taraua, contanto que assumam o compromisso de não ficar por mais de três meses nas ilhas e que apresentem a passagem de volta, já paga. Três meses! Afinal, não pretendíamos morar em Kiribati.

Preparamos nossa bagagem: quatro câmaras com os estojos para as objetivas, filmes virgens, ditafone, um pequeno medidor de partículas, uma farmácia portátil, canivetes, óculos de sol, aspirinas. Éramos parcimoniosos na escolha dos itens, como de costume. Mas mesmo assim nossa bagagem ficou enorme, capaz de vergar as pernas de dois carregadores. Quando já estávamos meio desesperados, eis que apareceu nosso velho amigo Rico Mercúrio, um desses raros moços que não reclamam do trabalho nem do horário quando têm algum objetivo a alcançar. A ocupação de Rico é arranjar diamantes e outras pedras ainda mais preciosas para uma famosa relojoaria de Zurique, que os incrusta em finos relógios que os xeques — quem mais poderia ser? — dão de presente às odaliscas de seu harém. Rico achava que, tendo duas férias vencidas, uma escapulida até Kiribati lhe faria muito bem, fosse lá onde fosse esse lugar. Procuramos confirmá-lo nesse propósito.

No dia 3 de julho de 1980, viajamos os três, carregados de bagagem, num DC-10 da Swiss Air, voo 176, para Cingapura, via Bombaim. Lá mudamos para o voo 28 da Air New Zealand, com destino a Auckland. Entre Zurique e Auckland medeiam vinte e cinco horas de voo.

Esses voos a longa distância são horríveis. Primeiro, a gente lê uma pilha de jornais que nos últimos dias não deu nem para olhar. Mais para vencer o tédio do que para matar a fome, a gente se enche de comida. Tenta-se dormir, mas o ritmo normal do dia-a-dia já foi subvertido, e o sono não vem. Nem o suspense do filme policial *Morte no Nilo*, baseado no livro de Agatha Christie, que nos convidaram a assistir, conseguiu fazer com que o tempo passasse mais depressa. Por falta de um ponto de referência, não se percebia

sequer a velocidade de oitocentos e cinqüenta quilômetros por hora, desenvolvida pelo avião. Lá embaixo, só água, depois o deserto australiano e, novamente, água. A tripulação já se revezara três vezes desde que saíramos de Zurique, enquanto os passageiros continuavam "pendurados" em suas poltronas, alimentando-se de tempos em tempos e ouvindo as informações enviadas da carlinga. O tempo parecia estar parado. Por que os reacionários têm que condenar o ultra-rápido Concorde? Por que não se constrói, finalmente, o superavião americano SST, planejado há tanto tempo?

Ficamos imaginando o que se poderia oferecer aos passageiros. *Videogames*, por exemplo. Quem sabe um tipo de terapia ocupacional, com bordado para as senhoras e colagem de papel para os cavalheiros! Que produção não daria! Com os trabalhos realizados a bordo poderiam ser reduzidos consideravelmente os preços das passagens aéreas que alcançaram alturas astronômicas sob a ditadura da OPEP. Quem sabe! A onze mil metros de altitude, pensamos até em cassinos. *Rien ne va plus*. Realmente, depois de um vôo tão longo, não dá para mais nada, nada mesmo.

Nova Zelândia

Eu gosto da Nova Zelândia. Ela me lembra a paisagem verdejante das montanhas do Jura suíço, com seus pastos e suas aldeias reluzindo de limpeza; existem montanhas e seus contra-fortes, granjas de laticínios, a prática do alpinismo, funiculares para os esquiadores, lagos cristalinos nas montanhas — tudo como em casa. Mas a Nova Zelândia tem algo mais que nós não podemos oferecer: o mar! Quem quiser ter a Suíça cercada de mar, precisa viajar para a Nova Zelândia. O ar é mais puro e mais aromático que na Suíça — apesar dos quarenta milhões de ovelhas — por causa da brisa constante que sopra do oceano Pacífico. Quarenta milhões de ovelhas contra apenas quatro milhões de neozelandeses! Oxalá as ovelhas não assumam, um dia, o governo, segundo o lema revolucionário de *A revolução dos bichos*, de George Orwell: "Quadrúpede bom, bípede ruim"!

Pelos nossos planos, devíamos seguir para a ilha de Nauru no dia 13 de julho, pela Air Nauru. Mas não foi por causa do dia 13 que o vôo foi adiado para o dia seguinte. Essa é a linha aérea mais estranha que já vi: não tem horários fixos para seus vôos. Ficamos esperando. Estávamos cansados e, de vez em quando, sentíamos fome, o que levou à decisão de comer no restaurante do aeroporto uma especialidade horrível da cozinha neozelandesa: sanduíches de espaguete — entre duas torradinhas amolecidas movimentam-se vermes brancos cobertos por um molho doce e pegajoso de

tomate. Mesmo aquecidos, seu paladar não melhora. Enquanto esperávamos o avião, engolíamos parcimoniosamente essa invenção horrível da cozinha neozelandesa, que é ruim em toda parte. Durante as vinte e quatro horas de espera, o alto-falante despejava sobre nós as melodias da opereta *Cavalinho branco*, enquanto imaginávamos como a desembaraçada dona da hospedaria que deu o nome à opereta mandaria para o inferno todos os cozinheiros da região.

Uma noite em Nauru

No vôo entre Auckland e Nauru havia três passageiros a bordo do Boeing 737 da Air Nauru: Rico, Willi e eu, mais os nove tripulantes. A Air Nauru dispõe de três jatos do tipo 727, com duas turbinas, e de dois jatos do tipo 737, com três turbinas. Comenta-se que o presidente da República de Nauru teria dito que a Air Nauru era necessária para atrair ao país contratos de fosfato, xeques, engenheiros e assistência técnica; se houvesse alguns passageiros com destino a Nauru, podiam embarcar também. Mas isso parece ser raro, uma vez que essa ilha rica não conhece o turismo.

Nauru, com seus vinte e um quilômetros quadrados, não passa de uma pequena ilhota, situada quase à altura do equador, a cento e sessenta e sete graus a leste de Greenwich. Nauru é cercada por um ato! que desce quase verticalmente para o mar aberto e é formado por corais ricos em fosfato. Esse fosfato é a fortuna dessa ilha tropical. Seus seis mil habitantes vivem direta ou indiretamente do fosfato que eles dizem ser o melhor e o mais puro do mundo.

No porto, trabalham barulhentas esteiras empoeiradas, que transportam o fertilizante indispensável que, depois, é içado pelos guindastes e despejado nos cargueiros a caminho da Austrália e da Nova Zelândia. Segundo o relatório de 1979 da Nauru-Phosphat Corporation, há reservas para mais catorze anos, mas só nesse ano venderam fosfato no valor de setenta e nove milhões quatrocentos e quarenta e quatro mil e quatrocentos e sessenta e três dólares australianos. A continuar nesse ritmo de exploração, as reservas de fosfato deverão estar esgotadas dentro de cinco anos, aproximadamente. Será o fim da riqueza dessa ilha, pois a exportação de coco e legumes não dá muito lucro.

Há poucos anos, o governo mandou construir o único hotel sofrível da ilha, o Meneng, destinado aos pilotos da Air Nauru, aos engenheiros e clientes da Phosphat Corporation, para oferecer a essas pessoas, acostumadas a boas condições de hospedagem, ao menos um local fresco onde ficar. Logo à entrada, sente-se o impacto do ar condicionado no rosto suado.



Nova Zelândia. Antes de seguir viagem para Nauru, tivemos que esperar durante um longo dia neste belo país, uma vez que a Air Nauru não dá muita importância aos horários de voo.

No refeitório, as garçonetes se apresentam com ar sério e altivo, exibindo o cardápio com uma oferta bastante modesta na capa: peixe assado com batata-doce e milho cozido na manteiga. O verso do cardápio, no entanto, revela ofertas sensacionais: três tipos de vinho australiano, dois neozelandeses, e um Château Mouton Rothschild, safra 1970, ao preço de trinta e cinco dólares australianos.

Consideramos essa oferta uma brincadeira ou um erro de impressão. A safra de 1970 produziu esse vinho do século na região de Bordeaux. Na Suíça, não se podia conseguir-lo por menos de quatrocentos francos a garrafa; em restaurantes de primeira classe teríamos que pagar o dobro. O Château Mouton Rothschild é uma bebida para xeques, que pedem a Maomé que desvie os olhos por um momento, enquanto transgridem sua lei contra o consumo de álcool. Não é bebida para qualquer mortal. Foi Rico quem falou:

— Amigos, é a nossa última noite antes de chegar a Kiribati. Já que não sabemos o que nos espera por lá, vou comprar uma garrafa.

A garçonete olhou com espanto o dedo indicador de Rico, que apontava o vinho de luxo. O dedo de Rico quase furou o cardápio, enquanto seus olhos atravessavam a moça, atônita. Esta se dirigiu finalmente ao balcão,

onde passou a cochichar com suas lindas colegas, que, por sua vez, começaram a rir baixinho e a encarar-nos sem inibição. Rindo à socapa e com um sorriso malévolo, o garçom pôs-se a tirar a rolha da garrafa. Estávamos começando a sentir sérias dúvidas quanto ao seu conteúdo, quando ele nos entregou o receptáculo precioso — o termo "garrafa" seria indigno neste caso — com um legítimo Château Mouton Rothschild, safra 1970, numerado, com um desenho de Marc Chagall no rótulo. Os Rothschilds sempre adornam seu *mouton* com desenhos de um pintor célebre.

Cada vez que levávamos os copos à boca, havia cochichos e risinhos das moças que nos observavam. Pedi uma segunda garrafa. O vinho era puro néctar, uma bebida divina. Por trás das mulheres alegres de Nauru surgiu um cozinheiro asiático, com o gorro alto a balançar na cabeça de tanto rir. As moças guinchavam como se nós estivéssemos tomando óleo de rícino sem saber, o que certamente nos haveria de proporcionar uma noite nada agradável. Desconfiados, examinávamos as nossas roupas, para ver se havia algo inconveniente ou ridículo. Mas estávamos vestidos corretamente, em termos tropicais.

Entrou na sala o comandante que nos tinha trazido pela Air Nauru. Como ele dominava a língua nativa, dirigimo-nos a ele para ver se ele podia descobrir o motivo pelo qual estavam rindo de nós havia duas horas. Ele confirmou com um sinal da cabeça e se dirigiu — com pose de aviador — ao círculo das alegres mocinhas, voltando em seguida à nossa mesa para comunicar-nos o resultado de suas indagações:

— Meus senhores, elas estão rindo porque encontraram três gringos amalucados, patetas a ponto de beber um vinho tão velho, pagando ainda por cima trinta e cinco dólares por ele. *Over! Bye-bye!*

Não nos envergonhamos de nossa maluquice. Willi encomendou uma terceira garrafa, enquanto eu anotava na minha agência os números dos rótulos, na certeza de ter sido esse o meu primeiro e último encontro com esse inesquecível Château Mouton Rothschild, safra 1970: 242/443, 242/444 e 242/445. Reclamamos com Rico que estava na hora de ir embora. Impossibilitado de se comunicar por meio de palavras, ele tinha recorrido à linguagem inequívoca dos olhares que andava trocando com uma bonita garçonete — um tipo de esperanto que os homens e as mulheres do mundo inteiro conseguem compreender.

Greve em Kiribati

No dia 15 de julho, às cinco e meia da manhã, o Boeing 727 da Air

Nauru deveria levantar vôo com destino a Taraua, a principal ilha de Kiribati. Mas a partida atrasou uma hora. Como viríamos a descobrir, não se dava ali tanta importância ao tempo como no ritmo frenético do nosso mundo.

Às sete horas, encontramos-nos no pequeno aeroporto de Taraua, no meio de pessoas pardas e negras que estavam começando sua jornada, alegres e sem pressa. Nem ligavam para nós. Ninguém tentava arrancar-nos a mala das mãos — como costuma acontecer em países sul-americanos e árabes —, ninguém nos puxava, com um jorro de palavras, até o táxi. Ao sol matinal do equador, experimentamos uma certa sensação de inutilidade, ao lado de nossa bagagem.

Procurando a pessoa mais indicada para uma informação, dirigi-me a um jovem bronzeado que, pensativo, estava observando a movimentação confusa. Como todos os ilhéus, estava vestido apenas com um *tepe*, um pano quadrangular de cores vivas que cingia seus quadris.

Quando o abordei, ele sorriu para mim e disse com voz gutural;

— *Ko-na-mauri!*

A essa altura ainda não compreendia nada, nem podia adivinhar que já no dia seguinte *ko-na-mauri* — um cumprimento do tipo "como vai?" — faria parte de nosso próprio linguajar.

O ilhéu perguntou-me:

— *You speak English?**

**Você fala inglês?" Em inglês no original. (N. do E.)*

Ajudados pelo inglês, herança da época colonial britânica, conseguimos sair de nosso isolamento; mas, quando perguntei por um táxi, a resposta veio, desconsolada:

— *No taxi here!****

****"Não há táxis aqui." Em inglês no original. (N. do E.)*

Perguntei por um hotel, O pastor Kamoriki não me tinha informado a esse respeito. Com um jeito meio embaraçado, meio penalizado, o rapaz confessou que não havia hotel, apenas uma hospedaria do governo. Dizendo "*Wait here!*"***, ele se pôs a caminho, de pés descalços, aparentemente sem sentir a dor da unha encravada no dedão do pé.

****"Espere aqui." Em inglês no original. (N. do E.)*

O avião da Air Nauru tinha seguido sua viagem. As pessoas que tinham ido receber seus parentes também já tinham ido embora. Outros, que pareciam dispostos a passar o dia no aeroporto, concentraram em nós sua curiosidade, oferecendo ajuda. Aguardamos a volta do rapaz, que finalmente

vinha se aproximando em cima de um pequeno caminhão caindo aos pedaços. Dali, ele nos levou à hospedaria Otintai.

Na recepção, cochilava um homem que se revelou estranhamente nervoso; o suor escorria de sua testa para os olhos, e ele o enxugava com um grande pano azul. Falando bem o inglês, ele nos explicou que o governo decidiria somente à tarde se a hospedaria também poderia participar da greve. Como não dispunha de auxiliares, não podia aceitar nenhum hóspede. Com jeito procurei saber de que greve se tratava.

— O pessoal quer trabalhar mais — disse ele, cansado, recolhendo a tempo um fio de suor que lhe descia às sobrancelhas.

— As pessoas querem trabalhar mais tempo? — perguntei, atônito, lembrando-me das exigências que entre nós se faziam por semanas de trinta ou trinta e cinco horas de trabalho, por férias de sete ou oito semanas, por aposentadoria aos sessenta anos no máximo).

Perguntei mais uma vez.

— Trabalhar mais tempo?

O cavalheiro nervoso explicou que, em Kiribati, os assalariados se aposentam aos cinquenta anos de idade — com proventos reduzidos. O objetivo dos grevistas era elevar a idade limite da aposentadoria para cinquenta e cinco anos no mínimo, pois, em decorrência da situação econômica deplorável, não havia trabalho suplementar em nenhuma outra ilha, não havia indústria; apenas a copra, o artesanato e o fosfato da ilha Banaba formavam a base frágil das exportações; o que havia em abundância era a mão-de-obra.

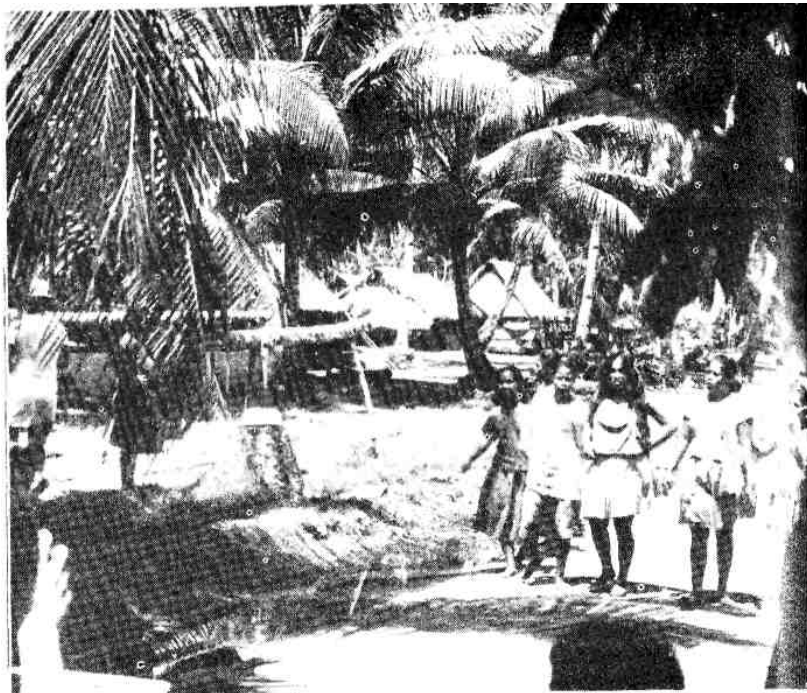
Depois dessa primeira impressão colhida na chegada, veio-me à mente a idéia: por que os ilhéus querem trabalhar mais? O que precisam para viver é fornecido pela natureza: peixes do mar, palmeiras para construir suas choupanas num clima sempre quente, frutas nutritivas. Com a chegada de repartições públicas e funcionários a essas ilhotas abençoadas começou também a necessidade de exportar, nasceu a mentalidade do lucro e se alastrou o bacilo da "doença inglesa" — a greve. Certamente, não é a civilização que traz a felicidade.

Já foi muita amabilidade desse senhor, banhado em suor, ter-nos permitido depositar a bagagem num cantinho atrás do balcão. Teria sido embaraçoso bater à porta do pastor carregados de malas e sacolas.

O pastor Kamoriki está morto

A ilha Taraua é um atol típico em forma de ferradura. Su-das profundezas dos mares tropicais, ela se eleva apenas a poucos metros acima

do mar. Entre Tarau do Norte e Tarau do Sul, estende-se a laguna, com canais naturais de comunicação com o mar. Como a água não pára de invadir a terra, é necessário recorrer a barcos para se chegar à parte norte da ilha, quase desabitada.



A natureza fornece aos ilhéus, com prodigalidade, tudo de que precisam para viver. Um grande número de coqueiros proporciona o material necessário à construção das casas e garante uma alimentação básica.

A parte sul, ao contrário, é densamente habitada. É para ela que o pequeno caminhão nos leva, aos solavancos, ao longo da estreita faixa de terra sobre os corais.

Sentados sobre a carga, conseguimos ver algumas poucas casas de pedra — edifícios públicos, igrejas, o hospital, algumas casas de ilhéus mais abastados. Para o tipo de construção tradicional, o material provinha das palmeiras: choupanas no estilo do bangalô indiano, feitas do tronco e das folhas das palmeiras. Frequentemente, dispõem de apenas um cômodo. Os mais remediados dão-se ao luxo de ter dois ou três cômodos. O "centro de convivência" é formado pela sala, onde conversam, comem, cantam,

dormem e onde, também, certamente, é gerada a prole, pois não há outro lugar.

O calor úmido tropical nos faz suar copiosamente, apesar da hora matutina e da leve brisa causada pelo caminhão em movimento. Camisetas e calças colam-se ao corpo. A fumaça que sobe dos fogões ao ar livre deixa um leve aroma no ar salgado e abafado. Nosso veículo avança pelas curvas de uma estrada estreita, por entre palmeiras, pés de fruta-pão e tuguírios. Os ilhéus acenam para nós, enquanto as crianças correm ao lado do caminhão, em algazarra. Taraua parece uma ilha pacífica, mas há greve.

À direita, vemos as águas tranqüilas da laguna, à esquerda ficam pequenas vilas, atrás das quais as enormes vagas do Pacífico se quebram desde tempos imemoriais contra o recife. Aqui não há estações do ano. O sol nasce diariamente à mesma hora e se põe também à mesma hora todos os dias.

Ao aproximar-se de duas casinhas sem reboco, o motorista desengata a marcha e o caminhão vai parando aos poucos. Nas janelas abertas balançam cortinas cor-de-rosa que não tínhamos visto em outra parte, nem haveríamos de ver novamente.

— Esta é a casa do pastor Kamoriki — disse o motorista.

Na janela havia três mulheres a observar-nos: uma idosa e duas jovens. Ao olharmos em sua direção, deixaram imediatamente a janela. A casa não tem portas, as entradas ficam abertas. Como as cortinas cor-de-rosa estavam erguidas no centro, conseguimos ver o interior da casa: à direita, no maior dos três cômodos, havia uma grande cama antiga coberta por um mosquiteiro que já estivera em melhores condições.

Os outros dois cômodos pareciam desprovidos de móveis. Nosso motorista entrara na casa e estava falando com uma das jovens. Seu rosto amigável se turvou. Lentamente, ele voltou para nós e, com embaraço, nos transmitiu a notícia que ouvira naquele instante:

— *Reverend Kamoriki is dead!* *

*"O reverendo Kamoriki morreu" *Em inglês no original. (N. do E.)*

Foi como um choque. O pastor Kamoriki estava morto. Veio-me à lembrança a caligrafia trêmula de sua carta amável, que era, certamente, a letra de uma pessoa muito velha. O reverendo Scarborough tinha mencionado também, em sua carta, o nome do colega Eritaia. Perguntei por ele. O nosso guia informou que o pastor Eritaia morava na casa ao lado, observando, porém, que se tratava de um senhor muito idoso, que já não estaria em condições de receber visitas. Ele quis saber se os filhos de ambos os pastores não nos poderiam ajudar, levando-nos até o quintal da casa

vizinha.

Numa esteira de fibra de coqueiro encontramos um homem de cerca de trinta e cinco anos de idade, de cócoras, pardo e com o cabelo preto e espesso, comum a todos os ilhéus. Percebendo a nossa aproximação, ergueu-se de sua meditação e nos disse com um sorriso esquivo:

— *Ko-na-mauri!* Eu respondi:

— *Good morning, sir.**

**"Bom dia, senhor." Em inglês no original. (N. do E.)*

Bwere, o filho de Eritaia, entendia e falava bastante bem inglês, de modo que me foi possível falar-lhe da correspondência com o reverendo Scarborough, da carta do pastor Kamoriki e de rainhas intenções. Expliquei-lhe, sobretudo, que me interessava pela mitologia dessas ilhas e que fizera uma longa viagem para ver os lugares misteriosos.

Com uma serenidade altiva, Bwere encarou seus visitantes: Willi e Rico, que tinham ficado timidamente um pouco atrás, suando calados, e eu, que estava explicando com cortesia o meu objetivo.

Quando acabou de examinar-nos, perguntou:

— Por quanto tempo pretendem ficar nas ilhas?

Sem hesitar, respondi:

— Mais ou menos uma semana — pensando que poderíamos prolongar a nossa estadia se fosse necessário.

Bwere voltou a sentar-se na esteira, mostrando um sorriso leve e altivo; depois de fixar-nos novamente, ele começou a rir alto e bom som:

— Uma semana! Você são loucos! De onde é que vocês vêm para desprezar o tempo de tal maneira? Vêm para saber coisas importantes e não dispõem de mais que uma semana! Para visitar nossas ilhas dispersas no mar, vão precisar de meses.

Aborrecido, olhou para nós:

— Divirtam-se uns dias ao sol e depois voltem com mais tempo... Enquanto durar a greve, não vão poder fazer nada mesmo, não há alojamento no Hotel Otintai, nem meios de transporte...

Fiquei com raiva de mim mesmo, da correria de nosso modo de vida, do excesso de compromissos assumidos, das pressões profissionais, familiares e financeiras, que nos aprisionam como teias de aranha. Bwere tinha razão. Mas já que estávamos lá, numa expedição que não era nenhum passeiozinho, nada nos impediria de encontrar os locais que buscávamos, de vê-los e examiná-los, não obstante a greve e a falta de condições. O reverendo Scarborough nos recomendara muita diplomacia no trato com os ilhéus. Rapidamente, fiz um balanço de tudo quanto tinha dito. Talvez Bwere

Eritaia não tivesse gostado da maneira direta com que eu respondera às suas perguntas. Os mistérios das ilhas podiam estar protegidos por um tabu, e como tal deveriam ser preservados dos olhares de estranhos. Tentei a via diplomática:

— O pouco que vimos até agora das ilhas maravilhosas nos deixou muito impressionados. Seus conterrâneos são muito amáveis e prestativos. Sentimos muito por não podermos ficar muito tempo aqui. Não queremos incomodá-los. Já seria uma grande ajuda se nos pudessem indicar alguma escola com biblioteca para nos instruímos sobre a mitologia insular, foçaríamos muito agradecidos.

Bwere, que um pouco antes tinha se mostrado aborrecido, começou a sorrir: disse-nos que ele era o responsável pela cultura do governo, de modo que a biblioteca e os arquivos estavam sob sua responsabilidade. Estava disposto a ajudar na pesquisa das tradições.

Assim, atingimos o primeiro e, quiçá, o mais fácil dos objetivos da viagem. Lembrei-me de algumas ilhotas do arquipélago micronésio, ao norte do equador; lá existem pistas naturais para o pouso de pequenos aviões. Perguntei se havia pistas desse tipo também em Kiribati.



Passamos por aldeias em cujas praias se quebram, desde tempos imemoriais, as ondas do Pacífico.



bonitas mulheres, sentadas à sombra das palmeiras, em frente de seus casebres, preparam peixe seco para as refeições

Com visível orgulho, Bwere nos asseverou que havia pistas naturais nas ilhas maiores e que a Air Tungaru, uma pequena companhia aérea, mantinha vôos regulares entre as ilhas. Só que agora, durante a greve, os aviões estavam parados. Em todo caso, recomendou-me que tentasse conversar com o piloto-chefe para ver se este tinha coragem de furar a greve; não havia muita esperança...

Uma bonita mulher rechonchuda veio da casa para depositar três cocos á frente de Bwere. Ele os abriu com golpes certos de facão, entregando-nos as metades com sua água refrescante. É assombroso quantos objetos se podem fazer com as cascas do coco, depois de retirada a polpa branca, rica em vitaminas: copos, vasos de plantas, luminárias com óleo no qual se mergulham fibras ardentes e, até, para as meninas adolescentes, firmes sutiãs.

Bate-papo com leite de coco

Com um gesto, Bwere nos convidou a sentarmo-nos nas esteiras. Deu-nos uma aula de história e geografia de sua terra. Tanto ele quanto seus conterrâneos eram micronésios, mas a língua era semelhante à melanésia. Já no aeroporto e durante a viagem, tinha percebido que os kiribatis eram

micronésios. Conheço essa raça das Filipinas e da Indonésia: têm o rosto achatado, o nariz largo, o corpo atarracado e pigmentação escura na pele. Sei também que seu número diminui cada vez mais, de modo que existem apenas uns cem mil micronésios, com formas de miscigenação com os melanésios, nos arquipélagos ocidentais do oceano Pacífico, cuja língua é falada nas ilhas ocidentais do Pacífico.

Segundo Bwere, há diversas teorias sobre a origem dos kiribatis. Uma diz que os ancestrais vieram da Indonésia e se misturaram sob o equador com uma primitiva raça escura. Outra afirma que vieram originalmente do continente sul-americano. Uma terceira faz remontar a origem a seres divinos, que, no passado, teriam visitado as ilhas. Fiquei de orelhas em pé.

Bwere nos ensinou que, para os kiribatis, a magia fazia parte da vida. Não obstante ser ele próprio filho de pastor e cristão praticante, seus olhos começaram a revestir-se de um brilho enigmático, quase fanático; mas Bwere não passou dessa observação um tanto vaga. Não indaguei mais a fundo, para não pôr a perder a confiança que estava nascendo entre nós. Aliás, antes da viagem eu já tinha lido tudo o que havia de informação a respeito, onde não faltaram muitas referências à magia insulana.

No início do século, vivia na colônia o cidadão Arthur Grimble, como ministro plenipotenciário da coroa britânica. Ele aprendera a língua dos kiribatis, participava de seus costumes e de seu folclore a ponto de ser recebido, como reconhecimento máximo, no clã do Sol, *karongo*, um tipo de loja maçônica nativa. Li o livro do próprio Grimble¹ e o de sua filha, Rosemary²; o livro de Grimble foi publicado postumamente por sua filha, com as anotações dele próprio, editadas de modo científico. Quanto aos rituais mágicos dos ilhéus — que nosso amigo Bwere não quis mencionar —, ela diz:

"Há uma magia para proteger os cocos, outra para ajudar a roubar os cocos do vizinho e mais um esconjuro para evitar o roubo; há uma fórmula mágica para envenenar os alimentos do inimigo e outra que evita o envenenamento. Existe a *wawi*, a magia mortal, e a *bonobon*, que neutraliza a primeira".

Atualmente há seis igrejas que se esforçam por acabar com a índole mágica dos ilhéus: católicos, protestantes, adventistas, mórmons, Church of God e Bahaai competem para ensinar o caminho certo para a salvação da alma, e para conseguir colaboradores e o pouco dinheiro dos kiribatis³. Eles dominam a vida diária, destroem costumes e praxes observados durante séculos, estimulam a procriação ilimitada para aumentar o número de suas "ovelhas", rivalizam na construção do maior templo. Pelas insinuações enigmáticas que fez, parece que nem Bwere aprovava toda essa evolução

como benéfica para sua gente.



Teeta, nosso anjo negro, filho do pastor Kamoriki, era nossa boa estrela tanto nas estradas quanto na selva.

Surge o inesperado salvador: Teeta

De repente plantou-se à nossa frente um gigante descalço, vestido com um calção branco esfiapado. Sob sua camisa, onde estava escrito "Teeta", pulsava um tórax volumoso e forte. Seus olhos escuros sorriam para nós como os de uma criança quando, na primeira interrupção da conversa, ele deu a mão a cada um de nós.

— *Ko-na-mauri! I am Teeta, the son of Reverend Kamoriki**

**'Eu sou Teeta, o filho do reverendo Kamoriki.' (N. do E.)*

O inglês desse barítono, que saía do fundo da laringe, era difícil de entender para quem não estava acostumado. Bwere, porém, traduziu: Teeta e sua família estavam nos convidando para o jantar, e os Kamorikis se sentiriam felizes se pudéssemos ficar na casa deles.

Pesando bem as palavras, agradecemos pelo convite. Pedimos, no entanto, que nos permitisse, primeiro, verificar se havia quartos para nós no

Hotel Otintai. Mencionei nossa bagagem que lá ficara e falei que não queríamos abusar da hospitalidade oferecida. Com a recusa cautelosa, gastamos dez vezes mais palavras do que Teeta com seu convite.

Bwere nos levou em seu furgão Toyota até o Otintai. Depois de um longo silêncio, ele se dispôs a ajudar-nos:

— Você precisam de liberdade de locomoção; vão necessitar de um carro. Tenho um amigo que aluga seu carro.

Sem esperar por nosso consentimento, parou em frente a uma choupana, ao lado da qual estava estacionado um pequeno Datsun sob uma cobertura de tolhas de palmeira. Os japoneses marcam presença também em Kiribati! Por um punhado de dólares australianos, fomos em nosso "próprio" carro até o hotel.

O gerente suado nos indicou os quartos 102 e 103 para aquela noite; no dia seguinte, deliberariam sobre a possível desocupação do hotel por causa da greve. Com os nervos à flor da pele, ele nos entregou as chaves, fazendo-nos subir, com a bagagem, ao primeiro andar. Abertas as portas, vimos logo que era impossível viver naqueles quartos. Como bons suíços, começamos a arrumá-los. Esvaziamos cestos de lixo malcheirosos, juntamos o conteúdo de cinzeiros emborcados e com jornais dobrados limpamos o chão coberto de cascas de nozes, pontas de cigarro e cuecas esfarrapadas. Recolhemos latas vazias e com a ponta dos dedos transportamos lençóis imundos e toalhas pardacentas do banheiro para o corredor a fim de serem retirados depois da greve. Acima de nós zumbia o aparelho de ar condicionado, com sua melodia monótona, soprando o ar fresco em nossa direção. Graças a ele, nossos quartos se transformaram num oásis naquele calor úmido. Após essa limpeza geral, saímos do hotel para nos dirigirmos à casa da família Kamoriki. Estávamos curiosos. Chegaríamos ao nosso objetivo com pequenos passos?

Jantar em casa da viúva Kamoriki

Teeta e Bwere estavam vestidos a rigor para a noite: um tinha cingido os quadris com um pano retangular de um vermelho vivo, ao passo que o outro usava um pano azul-marinho. Antes de entrar na sala de estar tiramos os sapatos e as meias, já que ali todos andavam descalços, até mesmo uma velha senhora que nos saudou com um aperto de mão e uma mesura reverente. Falando com voz melodiosa, ela nos cumprimentou com acenos de cabeça, que retribuímos sorrindo igualmente, procurando intercalar algumas palavras de saudação em inglês, sem muito sucesso. Bwere nos confidenciou que se tratava da viúva do pastor Kamoriki, mãe de Teeta.

O filho bem-educado, baixando o tom de sua voz de barítono rouco na presença da mãe, convidou-nos para nos sentarmos em três cadeiras colocadas junto à parede da esquerda; era o lugar mais agradável da sala, pois havia um ventilador para nos refrescar. Bwere e Teeta sentaram-se a nosso lado, sobre as pernas cruzadas.

Teve início, então, uma pantomima de incrível comicidade. Estávamos sentados mudos e calados, como se estivéssemos chocando ovos de avestruz. O rostinho bochechudo da viúva alegre emanava cordialidade e satisfação. Estaria ela sob a ação de alguma droga agradável? Matreira, ela piscava os olhos para nós, acenava com familiaridade, delicadeza que retribuíamos acenando também. Vez por outra, não sei se voluntariamente ou não, uma das pálpebras se fechava e abria rapidamente *como* a piscar. Para não deixar de corresponder a uma eventual praxe local, eu também piscava alegremente para ela. Marcel Marceau, o encantador mímico francês, deveria ter nos assistido: ele teria conseguido o número mais atraente de seu repertório.

A apresentação alegre foi interrompida por quatro mocinhas charmosas. Descalças, elas entraram aos pulinhos para estender nas esteiras um tapete colorido de fibra de coqueiro. Elas também acenaram repetidas vezes com a cabeça, sumindo depois por uns momentos, para reaparecer com travessas e tigelas, que eram depositadas ao chão com pratos e taças, num jogo quádruplo.

Ansiamos pela lauta refeição que nos deixou com água na boca: legumes verdes, amarelos e vermelhos, polpa de coco crua e cozida, batata-doce cor de mel, peixe cozido e assado, pedacinhos de carne em molho de ervas, frutas-pão grelhadas, arroz. Famintos como estávamos, quase fomos indelicados. Só o ritual oficial nos impedia de avançar sobre a comida.

Três lindas meninas, de seis a sete anos de idade, vieram até nós sem acanhamento para colocar em nossas cabeças indignas coroas de flores coloridas que recendiam a jasmim e orquídea. Antes que pudéssemos agradecer, as pequenas fadas já tinham sumido. Nesse instante, a viúva Kamoriki se levantou junto à parede oposta, em seu vestido vermelho estampado com flores brancas, e começou um pequeno discurso, que nos foi traduzido por Bwere e que, gravado em fita, nos acompanhou na volta para casa.

Foram estas as palavras da viúva Kamoriki: "Meu finado marido, que descansa lá fora no jardim, tinha lhes oferecido a nossa hospitalidade, segundo nosso uso e costume. Ele me incumbiu de dar-lhes as boas-vindas, segundo nosso uso e costume. As coroas em suas cabeças exprimem amizade e paz, segundo nosso uso e costume. Minhas filhas se sentem felizes de poder cozinhar e lavar para os senhores; meus filhos se sentem

honrados em poder ajudá-los, segundo nosso uso e costume. Nossa casa é sua casa, nossas famílias estão à sua disposição, segundo nosso uso e costume".

A sra. Kamoriki voltou a sentar-se, sorrindo para nós. A hospitalidade dessa gente bondosa nos comoveu. Reprimindo a fome canina que sentia, levantei-me para exprimir a nossa gratidão e para assegurar que nós, visitantes vindos de um país pequeno do outro lado do globo terrestre, nos sentíamos felizes de poder aprender, durante os dias que passaríamos em Kiribati, aquilo que até então não sabíamos. Apresentei minhas condolências pelo falecimento do esposo e pai. Assegurei-lhes que nada faríamos que pudesse desgostar o pastor de saudosa memória.

A velha senhora me acenou alegremente e com amabilidade, pedindo com um gesto que nos aproximássemos das iguarias. Afastamos nossas cadeiras para sentar-nos à maneira de Teeta e Bwere, ao longo do tapete. Tigelas e travessas cheias começaram a circular, e nós nos servimos diversas vezes, colocando quantidades apreciáveis em nossos pratos. Segundo o costume europeu, ofereci os pratos primeiramente às senhoras que se achavam agachadas a uma certa distância, junto à parede; mas elas reagiram com feições sérias. Vendo, porém, que estávamos gostando da comida, voltaram a apresentar seu sorriso habitual. Comemos com satisfação. Era uma excelente comida, principalmente em comparação com os horríveis sanduíches de espaguete. Quando ficamos satisfeitos, as mulheres puxaram o resto da comida para o seu lado e, por sua vez, começaram a comer. Se soubéssemos desse costume, teríamos refreado um pouco nosso apetite para que sobrasse um pouco mais.

Enquanto as mulheres comiam, discutimos com Teeta e Bwere as iniciativas a tomar nos dias seguintes, fumando um cigarro. Bwere achava que o círculo de pedras devia estar num lugar sagrado na ilha Abaiang. Ele confirmava, portanto, as suposições do reverendo Scarborough, em sua carta. Teeta tentaria, segundo as palavras de Bwere, alugar um barco com bastante gasolina, para podermos chegar à ilha, que ficava a uns cinquenta quilômetros de distância.

Teeta perguntou se eu trazia fumo preto dos papuas comigo.

— Não, para quê? — perguntei. Ele explicou, então, que o lugar era tabu. Devíamos fazer uma oferenda de fumo para obter as boas graças do feiticeiro local. Teeta se negou terminantemente a conseguir o fumo para mim: devia ser comprado por nós mesmos, para que conservasse sua força sobre o feitiço.

Durante nossa conversa, mais de uma dúzia de moços e moças haviam invadido o cômodo; falando baixo, vestidos apenas de *tepes* coloridos,

examinaram com curiosidade os estrangeiros coroados de flores. Nunca vi gente mais bonita! Animados, esquecemos os círculos misteriosos, as pedras de orientação e os mitos — a natureza viva e livre estava atraindo nossa atenção. O grupo passou a formar uma fila, dando-nos oportunidade para admirar os jovens ilhéus, com seus movimentos graciosos, sua graça corporal sensual. Pareciam criaturas de um paraíso supostamente perdido. Comecei a compreender os gigantes da Bíblia e os "filhos de Deus" que não resistiram ao encanto das filhas dos homens. O cômodo vibrava com o erotismo presente nos corpos escuros, no sorriso que fazia brilhar seus dentes alvos, na segurança desinibida de seu comportamento. Eles tinham consciência de sua beleza, de seu encanto? Apreciavam eles a nossa admiração atenta?

Eles começaram então a cantar, baixinho no início, aumentando depois, até formar um coro a várias vozes. Dois rapazes acompanhavam o canto ao violão, enquanto um terceiro tamborilava o ritmo num tronco oco de árvore, Havia muitas vogais nessa canção melodiosa. Terminada a terceira música, cantoras e cantores sentaram-se no chão. Uma menininha avançou de joelhos até nós e transmitiu o convite, em inglês:

— *It's your turn!* *

"É a vez de vocês." *Em inglês no original. (N. do E.)*

Era para nós cantarmos. Depois de uma rápida consulta, concluímos que o nosso trio tinha de ser reduzido a um dueto, tendo em vista a confissão de Rico de que, já na escola, seus grasnidos destoantes obrigavam-no a ficar de boca fechada.

Nossos anfitriões e o coro olhavam-nos com interesse. Willi e eu entoamos com destemor: *Muss i denn zum Städtele 'naus*, não de modo tão encantador quanto Elvis Presley, mas, de qualquer forma, conseguimos que os nossos ouvintes pedissem bis. Menos mal! Willi e eu escolhemos a canção: *Sah ein Knab' ein Roeslein stehn*. Foi um sucesso total. Provocamos verdadeiras ovações; o pessoal aplaudia, ria e pulava — um bando de crianças felizes no paraíso.

Os jovens ilhéus continuaram sua variada programação até parar abruptamente, depois de diversas canções, para se assentarem de novo e mandarem mais uma vez a menina ao nosso encontro:

— *It's your turn.*

Como nosso repertório já estava quase esgotado e não poderíamos enfrentar um revezamento sem fim, procurei desesperadamente um desfecho grandioso. Tive uma idéia. De joelhos, aproximei-me dos cantores e pedi que Bwere lhes explicasse que iríamos cantar todos juntos uma canção

popular muito difundida na Europa: *Frère Jacques*, uma melodia simples e bela. Primeiro, cantei de boca fechada, depois, mais alto, pronunciando o texto com nitidez. Passado um quarto de hora, os kiribatis, em virtude de seus dotes musicais, já estavam cantando com perfeição *Frère Jacques*.



Os nativos moram em choupanas abertas em todos os lados. Durante o dia inteiro, podem-se observar mulheres, crianças e vizinhas a conversar.

Graças a essa festiva reunião, o jantar na casa da sra. Kamoriki, fim de nosso primeiro dia em Taraua, tornou-se a chave de ouro para os nossos empreendimentos seguintes. A notícia se espalhou rapidamente. Ao passar pela rua, recebíamos acenos de todos os lados. Quando nos aproximávamos da grande *maneba*, o centro comunitário de cada aldeia, davam-nos as mãos, puxando-nos para debaixo da cobertura pardacenta, aberta em todos os lados; era um sinal de amizade especial. É o local das reuniões, onde os mais velhos têm a palavra, enquanto os moços só podem falar quando perguntados. As mulheres não podem manifestar-se. Elas são encarregadas da criação dos filhos e da ordem dos casebres familiares. A julgar pelos cumprimentos alegres que trocavam conosco, não lhes faltava nada. Ao

passar pelas choupanas completamente abertas, podíamos vê-las a conversar animadamente com as filhas e as vizinhas. Frequentemente, estavam cantando. Nesses dias, ouvíamos até a melodia de *Frère Jacques*.

Um achado na biblioteca da aldeia Bairiki

No dia seguinte, quando estávamos tomando o café da manhã em sua casa, Teeta nos avisou que o mar estava muito agitado para pequenas embarcações. Para um barco maior, porém, não havia gasolina suficiente por causa da greve.

Estávamos comendo frutas-pão. Cada árvore dá, anualmente, cerca de cem frutas do tamanho e forma de uma bola de rúgbi. Em Kiribati, elas são do tipo que permite seu total aproveitamento, inclusive da casca verde. Quando amassadas, tem o gosto de um mingau saboroso. Cortadas em fatias, como o abacaxi, e torradas sobre pedras aquecidas, elas se parecem com biscoitos fibrosos, cujo sabor supera em muito o do nosso Pão, quase sempre produzido em escala industrial.

Eram gostosas, mas eu não conseguia saboreá-las, pensando nessa greve insensata que ameaçava o êxito de nosso empreendimento. Perdi todo o apetite. Tomando um gole de leite de coco fresquinho, observei:

— Como Bwere nos disse ontem, existe uma pequena companhia de aviação, Não seria possível ir de avião até Abaiang?

Teeta me fixou com os olhos escuros, para responder em seu barítono agradável:

— *OK. Let's try it!*

'Certo. Vamos tentar.' Em inglês no original. (N. do E.)

Teeta, o anjo negro de nossa permanência em Kiribati, nos acompanhou ao aeroporto, para apresentar-nos a Gil Butler, o chefe dos pilotos da Air Tungaru. Encontramos um aviador mal-humorado que vociferava contra a greve, perguntando-nos sarcasticamente se nós, suíços, não trazíamos conosco alguma poção mágica contra a aberração dos ilhéus desnorteados. Voar a Abaiang? Não era possível por causa da greve. Mas, no dia seguinte, um colega teria que levar uma comissão governamental para Abaiang. Se houvesse lugares disponíveis, poderíamos embarcar e voltar à noite. Eis as vantagens de um *best seller*: como Gil Butler tinha lido minhas *Lembranças do futuro*, ele nos convidou imediatamente para um jantar em sua casa, na noite seguinte. De bom grado, aceitei o convite, vendo alguma chance de poder chegar, com a ajuda dele, a uma ou outra ilha, sem greve ou apesar da greve.

Sentíamos que Teeta estava meio sem jeito devido à greve, fazendo tudo para distrair-nos e conservar nosso bom humor. Assim, ele nos levou a uma choupana, onde, piscando, nos mostrou um feixe de bastilhas de fumo preto e pegajoso, do tamanho de um punho, que exalava um cheiro repugnante de alcaçuz misturado com pontas molhadas de cigarro e — por que não dizê-lo? — de chulé. Esse tipo de fumo é importado de Papua-Nova Guiné. Comprei um punhado, convencido de que seu mau cheiro expulsaria até os piores espíritos, quando nos aproximássemos de um lugar sagrado.

Feita a compra, Teeta nos levou à aldeia Bairiki, deixando-nos na biblioteca local, admiravelmente bem sorrida. Ela dispõe de literatura da área do Pacífico. Ainda bem que lá não havia greve. Funcionários gentis nos forneceram os livros solicitados. Meu interesse se concentrou sobretudo numa obra redigida por vinte e cinco autores nativos⁴ que registra a criação do mundo e dos kiribatis. Sentado sob um ventilador barulhento que revolia o ar abafado da sala, enriqueci consideravelmente meus conhecimentos de mitos pré-históricos.

No início, há muito, muito tempo, existiu o deus Nareau, o criador. Ninguém sabe dizer de onde ele veio, nem quem eram seus pais, porque ele, Nareau, "veio voando sozinho e dormindo pelo universo". No sono, escutou chamarem três vezes seu nome, e quem o chamava era um "ninguém". Nareau acordou e olhou ao redor. Só havia o vazio, mas, olhando para *baixo*, descobriu um objeto grande: era *te-bomatemaki*, "a terra e o céu" juntos. Movido pela curiosidade, Nareau desceu e pisou com cuidado em *te-bomatemaki*. Lá não havia seres vivos, não havia homens, só ele, o criador. Por quatro vezes ele percorreu o mundo que descobrira, de norte a sul e de leste a oeste, mas ele estava só. Por fim, Nareau cavou um buraco em *te-bomatemaki*, encheu-o de água e areia e misturou os dois para formar a rocha. A rocha ele mandou que gerasse, juntamente com o vazio, *Nareau tekikiteia*. Nasceu assim, por ordem de Nareau, o criador, *Nareau tekikiteia*, "Nareau, o sábio".

Nareau, o criador, começou a reinar sobre *te-bomatemaki*, enquanto Nareau, o sábio, ficou na terra. Como podiam falar um com o outro, resolveram separar o céu da terra. Com muito esforço conseguiram realizar seu plano. Em seguida, Nareau, o sábio, criou os primeiros seres racionais, a quem deu nomes como estes:

UKA: que significa "força concentrada para mover o ar".

NABAWÉ: "força concentrada da idade".

KARITORO: "força concentrada da energia".

KANAWÉAWÉ: "força concentrada da dimensão (distância)".

NGKOANGKOA: "força concentrada do tempo".

AURIARIA: "força concentrada da luz".

NEI TEWENEI: "cometa".

Este é o mito mais difundido de Nareau, o criador, contado com pequenas variações. Arthur Grimble¹ acrescentou um complemento importante:

"Depois de realizado o trabalho, Nareau, o criador, disse: 'Basta. Está feito! Vou embora para não mais voltar'. E ele foi, e nenhum ser humano sabe onde ele está".

Nessa tradição brilham pedras de mosaico que se encaixam maravilhosamente no panorama da teoria dos deuses astronautas.

O deus criador Nareau estava dormindo, voando sozinho pelo universo, quando alguém, que era um ninguém, o chamou pelo nome, acordando-o. Na perspectiva atual, pode-se imaginar perfeitamente uma espaçonave, com um piloto que fora levado a um estado de sono profundo com a finalidade de manter a atividade das células acima de um certo limiar, para permitir a reativação do organismo num momento determinado. O sono profundo, com variações físico-químicas, está sendo discutido na medicina espacial há algum tempo. Com esse recurso, pretende-se manter os astronautas vivos, ainda que adormecidos durante longas distâncias e grandes espaços de tempo, até a hora H. Registrando pelo radar a proximidade de um sistema solar, o computador da nave interrompe o sono profundo. "Quando souo seu nome, Nareau acordou."

O piloto, acordado para a vida, continua vendo, à sua volta, a escuridão do espaço, mas *embaixo, debaixo de si*, ele descobre um planeta — a saber, lá embaixo de onde se faz sentir a gravidade de um sistema solar. "Nareau olhou para baixo e viu um grande objeto."

Novamente em poder de suas forças, o piloto resolve pousar no terceiro planeta, o ideal, do sistema solar. "Nareau se mexeu. Ele queria saber que objeto era aquele. . . Ele desceu e pisou nele com cuidado." Do alto, o astronauta pode enxergar o planeta inteiro, reconhecendo nele as condições necessárias à vida; mas ele não vê nenhuma forma de vida. Por isso, resolve disseminar germes de vida. "Não havia naquele tempo nem espíritos nem gente, só existia o poderoso Nareau. Quatro vezes ele percorreu a Terra... constatando que não havia nenhum tipo de vida."

O mito não explica como Nareau fez surgir a vida. Pode ser que esses processos tenham sido complicados demais para encontrar guarida e compreensão nos mitos populares. Nareau poderia ter lançado da espaçonave, por exemplo, alguns espécimes de algas azuis, poderia ter espalhado bactérias, ou até, o que parece pouco provável, ter disseminado sementes de certas plantas resistentes e primitivas. "Nareau fez um buraco

no chão, encheu-o de areia e água e misturou-as para formar uma rocha. . . e ordenou que gerasse, juntamente com o vazio, a Terra (Nareau *tekikiteia*). Assim surgiu Nareau, o sábio."

A denominação "o sábio" talvez signifique, originalmente, "espírito" ou "animado". Onde reinava antes o vazio estéril, brota então a vida. A partir desse primórdio, assistimos à atuação de dois elementos criadores — Nareau, o criador de todo ser, e Nareau, o sábio, que dá início à evolução na Terra. "Nareau, o criador, estava por cima de *te-bomatemaki*, enquanto Nareau, o sábio, ficou dentro da Terra."

É deveras estupendo o fato de encontrarmos, num relato sobre a criação, conceitos como esses: força concentrada da energia, força concentrada da dimensão, força concentrada do tempo ou força concentrada da luz.

A minha fantasia não consegue imaginar o que os primeiros kiribatis pensaram sobre esses termos. Em sua ignorância, eles transmitiam os indícios das potencialidades de um ser criador inimaginável. Com a ciência de hoje não é difícil reconhecer na força concentrada da energia a origem da força concentrada da luz. Hoje, conhecemos as pesquisas do professor Eugen Sängner (1905-1964) a respeito da propulsão a fótons para espaçonaves, que daria às naves condições de aceleração a velocidades incríveis quando estivessem fora da atração da gravidade do sistema solar. Sabemos que qualquer aceleração está ligada à "força concentrada da dimensão". A aceleração implica superação e transposição de distâncias imensas, um processo ligado às leis do tempo ("força concentrada do tempo") e da idade ("força concentrada da idade"). A defasagem (dilatação) do tempo constitui uma lei física * empiricamente comprovada.

* Provas de Däniken. *Edições Melhoramentos*, 1977.

A complementação de Arthur Grimble¹, acrescida ao que anotei na biblioteca sufocante de Bairiki, tem muita importância:

"Terminado o trabalho, ele disse: 'Basta. Está feito! Vou embora para não voltar mais'. E ele foi embora para nunca mais voltar, e nenhum ser humano sabe onde ele está."

Numa viagem interestelar a velocidades extremas, torna-se perfeitamente admissível um desaparecimento definitivo. Ressoa ainda em meus ouvidos a canção fantástica do conjunto Genghis Khan**:

** Júpiter Records número 101777.

"Nos livros dos antigos, porém, está escrito
que nós já não existiremos
quando os estranhos vierem pela segunda vez.

Ficou apenas seu rastro na Terra.
A água e a areia cobriram quase tudo,
de modo que ninguém mais sabe
qual a mensagem que traziam os estranhos.
Foram chamados de deuses,
pois outro nome não havia para os estranhos".

Não sei quem inspirou aos autores a composição desse texto. Aos amigos que me perguntam se fui eu quem o compôs, posso jurar: não fui!

Sempre o mesmo estribilho!

Em todos os mitos sobre a criação surgem as mesmas perguntas: como os nossos antepassados sabiam que a vida na Terra é de origem extraterrestre, tendo sido trazida para cá por acaso ou segundo um plano preestabelecido? Não havia testemunhas, nem no ato de criação narrado pelos kiribatis —Nareau voou dormindo até o nosso sistema solar e fez surgir a vida — nem em outros relatos. A quem poderia Nareau ter falado de sua história e de sua missão? Seria tudo isso apenas fruto da imaginação dos narradores, sem qualquer fundamento real?

Segundo a Bíblia, Deus criou o céu e a terra, quando a Terra estava ainda "disforme e vazia", havendo "trevas sobre a face do abismo". No ato da criação bíblica também não estava presente nenhum repórter. Como nenhum ato de criação dispunha de testemunhas oculares ou cronistas, havendo no entanto em todo o mundo mitos da criação centralizados em um grande acontecimento, poder-se-ia apresentar uma resposta lógica a todas as perguntas: passados milhões de anos após a criação, o deus criador voltou ao lugar dos acontecimentos a fim de relatar às criaturas humanas os fatos de outrora, ou seja, de sua própria origem.

Já estou vendo o rosto azedo dos etnólogos — como se tivessem que morder um limão — ao ouvir a minha explicação tão óbvia para o surgimento dos mitos misteriosos. Eles afirmam que se devem levar em consideração todas as vinculações, combinando as muitas possibilidades a fim de estabelecer, em primeiro lugar, as interpretações mais simples. Mas depois de uma galopada aos pulinhos, a interpretação estritamente científica vai dar na névoa de um incenso psicológico que faz lacrimejar os olhos. O que poderia restar abaixo da linha, se acima dela só existem zeros?

Há diversas versões dos mitos, e isso é natural, pois eram transmitidos em cadeias intermináveis, de tribo para tribo, de família para família; algumas vezes fizeram-se acréscimos, outras vezes, houve omissões.

Qualquer entendido em criminalística sabe das diferenças que ocorrem nos depoimentos de testemunhas sobre um mesmo acontecimento. O núcleo essencial dos fatos só é descoberto por meio de comparações subjetivas.

Em Kiribati encontrei também a tradição do nenê Te-rikiato, que fora roubado e levado à senhora do céu Nei Tetange-niba. A mulher voou com a criança para longe, educando-o como um semideus. Na parte ocidental da ilha chamada Os Pássaros de Biiri, o jovem, já crescido, falou assim à senhora do céu: "Veja, esses pássaros são maravilhosos, pois têm a aparência de homens!" A mãe de criação recorreu a uma mágica para reforçar os braços e o corpo do jovem Te-rikiato; este sentou-se então nas costas de um pássaro e agarrou-se a ele firmemente. Voando em espiral, o pássaro subiu ao céu e chegou à "terra dos celestes". Parando em frente à casa da celícola Nei-Mango-Arei, esta lhe perguntou: "De onde vem você? Que tipo de ser é você? Nenhum ser humano pode me visitar, pois sou diferente dos homens". Apesar da diversidade manifesta, geraram quatro filhos. Chamaram o primeiro de Niraki-ni-Karawa, que significa "circulador celestial". A lenda menciona explicitamente que Te-rikiato voltou à Terra depois de ter gerado os filhos, fixando-se, primeiramente, em Samoa ².

Essa história lembra o vôo ao céu de Etana da Babilônia*, que se alçou da terra montado nas costas de uma águia e descreveu o planeta lá do alto; mas lembra, também, a lenda japonesa da criancinha da ilha ** que fora levada às regiões celestes por uma fada, para voltar mais tarde. Parece um tema básico que ecoa num grande número de lendas populares.

*Semeadura e cosmo. *Edições Melhoramentos, 1972.*

**Provas de Däniken. *Edições Melhoramentos, 1977.*

Na tarde daquele dia "teórico" na biblioteca de Bairiki, pensei nos vestígios quentes desses mitos segredados que o reverendo Scarborough tinha me indicado. Existiram eles de fato? Esperei ansioso pelo dia seguinte.

Encantamento desencantado

As seis da manhã, Teeta, nosso anjo negro, nos levou ao aeroporto — uma designação enganosa quando se tem em mente os aeroportos de nossas civilizações. Um bimotor nos transportou balançando por sobre o mar ainda revoltado à ilha de Abaiang, coberta com a vaporização de um calor abafado mesmo às primeiras horas do dia. Num casebre de bambu, que servia de terminal aeroportuário, Teeta falou gesticulando com alguns homens, apontando a todo momento para nosso lado, até que dois deles se puseram a caminho, para voltar logo depois num caminhão Toyota, que parou à nossa

frente para apanhar nossa bagagem. Teeta partiu então conosco, dirigindo numa estrada de terra cheia de buracos, sem poupar o veículo.

Abaiang é um atol estreito, de trinta e dois quilômetros de comprimento, plano como uma tábua, quase totalmente coberto de altos coqueiros e pés de fruta-pão, carregados de pesadas frutas. Para atravessar dois terços da ilha, gastamos duas horas de viagem.

— Teeta, você sabe onde fica o círculo tabu? — perguntei quando paramos na aldeia de Tuarabu. Ele fez que sim, admitindo porém que ele próprio não conhecia o lugar, pois era criança ainda quando seu pai ali estivera como pastor; mas sua mãe, nossa alegre anfitriã, tinha lhe dito a quem devia procurar para que nos levasse ao objetivo. Pois então! Teeta nos deixou, célere como uma gazela.

Visitamos o povoado de quatrocentos e cinquenta e uma almas. (3s casebres são feitos de materiais fornecidos pelos coqueiros, alguns construídos sobre blocos de coral, o que favorece a ventilação do solo e mantém afastada a bicharada rastejante e os caranguejos, além de impedir o apodrecimento precoce das estacas de palmeira fincadas na terra alagadiça. Alguns meninos treparam nas palmeiras que, a trinta metros de altura, formavam um teto com suas longas folhas, Eles jogaram os cocos, que foram quebrados *com* habilidade pelos homens abaixo, para oferecer-nos a água num gesto de boas vindas. A água de coco é melhor para saciar a sede neste calor do que uma caixa de Coca-Cola. Ela é formada de quarenta e cinco por cento de água, sendo o resto composto de preciosas proteínas, gordura, carboidratos e minerais, ofereci dos gratuitamente pela natureza, em abundância.

Teeta reapareceu acompanhado de estranhas figuras. A seu lado, arrastava os pés uma mulher velha e magra, envolta numa capa preta que descia até o calcanhar, com um véu na cabeça, de aspecto lúgubre. Seu companheiro era um ancião enrugado, que trazia no braço esquerdo um bebe choramingando e puxava com a mão direita um menino que ainda não atingira a idade escolar. Exceto o bebê chorão, todos se mantinham silenciosos. O bebê, decerto, estava com fome, mas o seio da velha já não parecia ser uma fonte que pudesse satisfazer seu apetite.

Continuando a lenta viagem aos solavancos, todos espremidos na apertada carroçaria do pequeno Toyota como sardinhas em lata, chegou a hora de Teeta perder seu ar alegre.

— Entregue dez bastilhas de fumo para a mulher e mais uma caixinha de fósforos — segredou-me ele em seu barítono seco. A pítia em seu manto negro confirmou suas palavras com um sinal de cabeça, enquanto o velho descerrou a boca pondo à mostra seus dentes, que não passavam de tocos

pardacentos. Para mim era um consolo pensar que, mesmo em Kiribati, a idade cobrava seu tributo, constatando que nem todos os ilhéus eram bonitos.

Ao chegar à extremidade sul da ilha, o caminhão freou bruscamente. O lugarejo chamava-se Tebanga. Houve uma transformação em nossos acompanhantes, e até mesmo nos jovens que tinham corrido ao lado do caminhão durante o trajeto. Seus risos cessaram. Em seus olhos estampou-se o temor. Até a fisionomia de Teeta, que era um rapaz sempre alegre, tomou uma expressão séria.

Eu quis saber:

— O que está acontecendo aqui?

Com a cabeça, Teeta indicou a verdejante vegetação tropical à nossa frente, sem dizer nada. A pítia, em sua capa, encaminhou-se altivamente para a mata, através de uma estreita trilha. Mantendo uma distância conveniente, seguimo-la numa procissão silenciosa. Além do nenê, começaram a choramingar também o velho e o garoto: estavam ficando com medo.

A velha parou, detendo-nos com um sinal da mão. Saindo da mata, ela avançou para a clareira, e a cortina de arbustos tropicais a escondeu de nossos olhos. Com o fumo malcheiroso nas mãos, ela caminhou para o ritual solene. Os acontecimentos que se desenrolavam tinham como fundo um concerto de ruídos em que sobressaíam os arrulhos e os chilreios de exóticos pássaros, o estrondo do mar quebrando na costa e os estalos de nossas mãos abatendo em nossos corpos os mosquitos que zuniam em volta, os quais, ao que parece, preferiam o doce e inebriante sangue dos estrangeiros. Uma boa oportunidade para variar!

Sem se dignar a lançar-nos um olhar, a velha voltou de rosto impassível e passou por nós. Teeta, já sem medo do feitiço, depois da oferenda do fumo, foi me empurrando com cuidado:

— *Go on!*

A clareira estava localizada num matagal. Percebi logo que naquele lugar não podia crescer nada — mesmo sem feitiço —, pois estava calçado de cascalhos de coral muito juntos um ao outro. Seixos arredondados maiores demarcavam um retângulo com um monólito da altura de um homem no centro; era uma rocha de coral semelhante a uma esteia funerária. Contornando a pedra, achei a confirmação de minha suposição. Vi o nome e o dia de falecimento de alguém gravados na pedra. Debaixo de uma concha do tamanho de uma tartaruga estavam ardendo as bastilhas de fumo. Nós três ficamos a sós. Os ilhéus ficaram nos observando entre curiosos e medrosos, a uma devida distância.

O que vimos ali não tinha nada a ver com aquele lugar sagrado e misterioso mencionado pelo reverendo Scarborough. Lembramo-nos da

recomendação de tratar os ilhéus sempre com deferência, reprimimos nossa enorme decepção e, depois de tirar umas fotos, voltamos a juntar-nos ao grupo de nativos que esperavam. A velha com atributos mágicos, sentindo-se realizada pelo efeito da oferenda de fumo, encarou-nos pela primeira vez com altivez. O velho e o nenê continuavam choramingando, o que devia ser um hábito. Até o próprio Teeta, bastante esclarecido, examinou-nos com atenção: não havia nenhuma modificação nos amigos? Estavam deixando a sepultura incólumes? Mas não estávamos sentindo nada, a não ser um bocado de raiva.

Só depois que o Toyota começou a se afastar daquele lugar soturno para os ilhéus, suas mentes voltaram a se desanuviar. Teeta fez circular uma garrafa plástica que continha um líquido leitoso e morno. Como não se deve recusar tais ofertas, venci o nojo, tomando um grande gole, atentamente observado por todos. Devo ter feito uma careta grotesca, que Teeta interpretou à sua maneira como expressão de prazer, de modo que sorriu, satisfeito, passando a servir-se ele mesmo e depois a meus amigos.



Um aparelho de pequeno porte nos levou, aos solavancos, até Abaiang daxando o iriar agitado lá embaixo. Depois da aterrissagem, fomos recebidos com cocos por esse tipo singular, o único cabeludo que encontramos

Afora a velha feiticeira, o velho e o nenê, todos bebiam com satisfação aquela preciosidade, tornando-se cada vez mais animados e grogues.

— O que estamos bebendo, Teeta?

— *Toddy-sour* — respondeu ele com naturalidade, como se se tratasse de *whisky-sour*.

— O que vem a ser *toddy-sour*?

Teeta fez o motorista parar e indicou com a ponta azulada de seu dedo pardo a copa de um coqueiro. Havia frascos de diversos tamanhos pendurados sob as folhas, para recolher a seiva adocicada da planta. Três dias depois de extraída a seiva começa a fermentar, e se transforma num mosto espumante — uma bebida perigosamente deliciosa que deixa os ilhéus, de resto abstêmios, fora de órbita durante horas. Até o álcool é fornecido pelos coqueiros!

O *toddy-sour* teve seu efeito sedativo sobre mim; fiquei mais tranqüilo. Quando voltamos ao lugar de partida, em Auarabu, os velhos continuavam conversando em grupos, como havia acontecido pela manhã. Com um resto de fingida corte-a européia pedi a Teeta que procurasse saber para onde nos tinham levado, por engano. Depois de consultar seus conterrâneos nosso anjo negro confessou que tínhamos ido ver o túmulo de um poderoso guerreiro, cujo espírito continuava velando até então sobre sua família. Respondi que tinha toda a estima possível pelo bravo guerreiro, mas que nosso objetivo era um círculo de pedra sem esteia, um largo árido que até as palmeiras evitavam.



A área do tabu encontra-se num retângulo desprovido de vegetação tropical. Está calçado com cascalho de coral. Os ilhéus estão convencidos de que qualquer ser vivo que ouse penetrar no retângulo há de morrer em breve.

Se fosse possível ouvir o ruído dos pensamentos das pessoas, creio que nas cabeças dos velhos eles produziriam o rumor de mós de pedra. Podia-se ler em seus rostos absorto: Que estavam refletindo intensamente. Nos olhos de um dos anciãos começou a brilhar uma luz. Sim, ele sabia de um tal círculo em Taraua do Norte, onde morava desde tempos imemoriais um "espírito poderoso" que viera do céu e que não permitia que o perturbassem; até os pássaros que sobrevoavam o lugar de seu "reino" caíam mortos ao chão. A meus ouvidos essas palavras soavam como música — seria esse o objetivo que visávamos?

Apesar da greve e da pouca gasolina, rumo ao objetivo esperado

Antes de surgir do mar o quarto dia de nossa vida insulana, fomos à casa do chefe dos pilotos, Gil Butler, que nos havia feito um convite para visitá-lo. Explicamos detalhadamente nosso objetivo. Gil nem fazia idéia dos carinhos que deveríamos seguir, explicando que a ilha Tamana, mencionada pelo reverendo Scarborough, ficava a quinhentos e quarenta e quatro quilômetros de distância por via aérea, ao passo que, de barco, chegava-se facilmente a Taraua do Norte. Já no dia seguinte ele poderia levar-nos a Tamana, por duzentos e vinte e cinco dólares australianos. Resolvi aceitar a proposta.

A pista natural de Tamana não parecia muito boa vista do alto, e, de fato, não era nada agradável. As pistas preparadas nessas ilhas, na rota da Air Tunguru, não passam de estreitas faixas abertas no meio dos palmeirais, precariamente capinadas e limpas de pedregulho. Os ilhéus deveriam mantê-las em condições de uso, espantando os cachorros vadios e os porcos fuçadores. Eles dizem:

— *Eng, eng!* Sim, sim!

Mas em pouco tempo o capim volta a cobrir a pista, as chuvas tropicais desenterram outras pedras e os animais pastam e fuçam novamente. Cada pouso, cada decolagem exigem verdadeiras façanhas dos pilotos. Desviando-se de animais e de pedras, nosso avião acabou de rodar os últimos metros, até parar.

Teeta dirigiu-se a uma choupana em que três aeroviários estavam se espreguiçando. Nosso anjo negro, já consciente dos nossos objetivos, tentou dar as devidas explicações a seus conterrâneos, estimulando sua fantasia e memória por meio de gestos e uma torrente de palavras. Finalmente, ele se aproximou com os guardadores da pista:

— Lá do outro lado há túmulos de seres gigantes!

— Com certeza? — perguntei. Teeta voltou a inquirir seus irmãos tribais.

Eles confirmaram a informação, indicando o outro lado da pista, onde ficava um palmeiral. Carregados de aparelhos pesados, começamos a marcha. *High noon** O sol estava a pino e queimava nossos corpos sem piedade. O suor escorria para dentro dos sapatos. Em nossa condição de caras-pálidas não podíamos nem pensar em tirar a camisa; em pouco tempo, seríamos transformados numa grande bolha de queimaduras. Miríades de mosquitos sequiosos nos picavam, mesmo através do tecido. As correias das câmaras deixavam nossos ombros em carne viva.

**"Meio-dia." Em inglês no original. (N. do E.)*

À frente surgiram túmulos cobertos de pedras de coral de cor castanha.

— É esse o nosso destino? — perguntei. A sede e a decepção fizeram a língua colar no céu da boca.

— *Tiaki, tiaki!* Não, não, venham, vamos mais adiante! — responderam os homens, abrindo caminho nas brenhas, contornando palmeiras, passando por cima de montes de pedras e de túmulos, até parar finalmente com os rostos brilhantes;

— É aqui!

Trocamos olhares vazios e desapontados, que fizeram Teeta entender que novamente havia falhado. Embaraçado, ele nos virou as costas, passando os dedos em sua cabeleira espessa de dar inveja.

Como encontrar uma saída? O pessoal mostrava boa vontade e se esforçava. A falha devia ser nossa,

— Teeta — comecei a falar com ar indulgente —, diga aos homens que estou muito grato por nos terem trazido até aqui. Estamos surpresos com o grande número de túmulos tão antigos, mas os túmulos que estamos procurando realmente são muito grandes, muito maiores que esses. Eram feitos para gigantes que tinham duas ou três vezes o meu e o seu tamanho. Esses túmulos devem estar isolados em alguma parte, não no meio de um cemitério como este, pois os homens gigantes não admitiam nem a vida nem a morte perto de si.

Nosso intérprete incansável juntou-se ao grupo dos homens, que pareciam bem-dispostos, apesar do sol intenso e do ar abafado. Teeta voltou a explicar-lhes com visível insistência o que os homens brancos pretendiam ver. Um deles entrou na conversa assegurando que no fim da ilha havia túmulos maiores, maiores do que o maior daqueles ali.

— Há outros túmulos por perto? — indaguei.

— *Eng, eng!* Sim, sim! — eles confirmaram com entusiasmo. Desconfiei que seríamos levados novamente ao lugar errado. Por isso, pedi lápis e papel a Willi e, sentando-me num dos túmulos, comecei a interrogar um por um, com a ajuda de Teeta:

— O túmulo de que vocês estão falando é maior do que qualquer um dos túmulos daqui?

— *Eng, eng!*

Puxei um dos rapazes para perto de mim e pedi que desenhasse o túmulo. Ele fez um desenho de traços simples.

— Agora, desenhe os túmulos que ficam em volta do túmulo grande.

O rapaz desenhou todo um cemitério. Não era o lugar que estávamos procurando. Parecia que a cortesia impedia os kiribatis de responderem negativamente a um estranho quando não podiam corresponder a seus desejos. Tirei uma história de minha imaginação:

— Escutem. Há muito tempo, existiram duas grandes pessoas que eram muito mais altas que Teeta. Elas vieram de um país distante, talvez até do céu. Elas eram tão fortes que podiam lançar pelo ar as canoas de vocês como se fossem cascas de coco. O pessoal das ilhas os embriagou para matá-los; depois, jogaram-nos numa vala profunda para que nunca mais pudessem causar prejuízos. Vocês sabem onde ficam as sepulturas deles?

Escutaram a tradução com atenção. Após longa pausa de silêncio pensativo, um dos homens se adiantou do grupo:

— Há uma sepultura dos gigantes na extremidade sul da vizinha ilha Arorae.

— Existem por lá também grandes pedras a indicar ilhas que ficam lá longe, no mar?

O homem afirmou que sim. Ele mesmo tinha visto essas pedras quando esteve em Arorae com seu pai.

Do ponto em que estávamos não dava para avistar a tal ilha. Trata-se da ilha que fica mais ao sul entre as dezesseis ilhas Kiribati, a oitenta quilômetros de distância. Devíamos arriscar um vôo até lá, baseados apenas naquelas informações incertas? Por causa da greve, Butler tinha conseguido apenas uma quantidade mínima de gasolina, mas como ele também já estava contaminado pelo vírus da curiosidade, não hesitou em levar-nos à outra ilha. Meia hora depois, o avião já balançava pela pista, aos pulinhos. Eram duas horas da tarde, o sol equatorial continuava a queimar como ao meio-dia.

Em Arorae, também havia três nativos a cochilar à sombra de uma marquise feita de folhas de palmeira. Havia, igualmente, animais na pista. Mas os aeroviários dispunham de bicicletas. Teeta procurou obter as

habituais informações. Foi-nos indicado um ancião que conhecia a ilha como nenhum outro. Pegamos duas bicicletas enferrujadas dos aviadores.

O ancião, muito animado e lisonjeado pela oportunidade de poder dar informações, explicou-nos em sua linguagem cheia de imagens e de gestos onde ficavam os túmulos dos gigantes e as pedras de navegação. Esperançoso, eu pensava com meus botões: como a ilha tem o comprimento de apenas quatro quilômetros e meio, e poucas centenas de metros de largura, uma pessoa que chegou a envelhecer aqui deve conhecê-la de cabo a rabo.

Quando pedi que Teeta arranjasse mais bicicletas, a notícia espalhou-se como um incêndio: voltamos ao aeroporto rodeados de mais catorze ciclistas. Entreguei algumas moedas aos proprietários das bicicletas que pedimos emprestadas. Assim podíamos iniciar nossa expedição de quatro quilômetros sobre rodas, uma distância que, em condições mais civilizadas, não significaria nada. Em Arorae, uma incursão pela ilha apresenta as maiores dificuldades. E preciso atravessar regiões cobertas de lama e areia fina, campos erizados de espinhos e de uma vegetação tropical rasteira, sempre com o acompanhamento dos inevitáveis mosquitos.

O ancião não prometera demais.

No cabo situado no extremo norte da ilha de Arorae, logo atrás da *mancha*, a casa de reunião, estendia-se um retângulo largo, cercado de pedras planas, cuidadosamente sobrepostas. A cerca de pedras elevava-se a um metro do chão. Não havia túmulos nem esteiras. A uns cinco passos do pretense túmulo de gigantes abria-se um buraco quadrado que refletia, a pouca profundidade, a luz solar da água freática. O reverendo Scarborough se referira a dois túmulos gigantes. Onde estava o outro?

Teeta, perguntando a esse respeito, descobriu que a segunda sepultura fora demolida anos antes, quando precisavam de espaço para construir a *maneaba*. Os ilhéus não tiveram receio de fazer isso, uma vez que não sobrara nada do feitiço dos espíritos e dos corpos dos gigantes. Não me admirei que os espíritos tivessem se evaporado e seus ossos, dissolvido na água freática saturada de sal, fossem eles gigantes terrestres ou extraterrestres sepultados ali.

Lá estávamos em frente a um túmulo de cinco metros e meio por dois e noventa. Cavar sob as pedras? Nem pensar! O que poderíamos achar? Além do mais, Butler deveria voltar antes do entardecer. Levamos a impressão consoladora e positiva de que ali existia uma antiga sepultura mitológica. Voltando a lembrar-me do reverendo Scarborough, surgiu-me a pergunta: onde estariam as pedras de navegação? Informaram-nos que ficavam na outra ponta da ilha, um bom trecho a percorrer atrás da pista.

Não fosse a greve onipresente, teríamos agido com mais calma, voltando outro dia. Mas, em vista das circunstâncias, tínhamos que aproveitar a chance daquela que talvez fosse nossa única estadia naquele lugar. Retornamos. Porém, para além da pista primária, da qual partíamos naquela tarde, não havia mais condições de prosseguir de bicicleta. Mortos de sede, enfrentamos as torturas da marcha pelas dunas. Algumas vezes, surpreendi-me com alucinações semelhantes às aquelas descritas por viajantes do deserto que tinham estado prestes a morrer de sede. As batidas do coração latejavam nas fontes, reboando pela cabeça. A dez minutos de nosso destino, lutei contra a fraqueza interior que me dizia: desista! Aos tropeços, segui os passos de Teeta, sem olhar para Willi e Rico, que eu tinha arrastado para aquela aventura; ouvindo seus arquejos atrás de mim, podia imaginar seus olhares repreensivos. Em minha imaginação, passou um filme cheio de figuras mitológicas. De repente, meus sentidos despertaram — ou seria apenas uma miragem aquilo que eu estava vendo numa proximidade tentadora?

Não! Afastados da preamar, monólitos anunciavam o objetivo alcançado; um estava caído ao chão, outro, de pé. Todas as agruras foram esquecidas naquele momento.

Grandes blocos de pedra elevavam-se do chão, corroídos pelo vento e pelas intempéries. Outrora talhados em forma retangular, apresentavam-se agora como vítimas do tempo, todos eles cercados por um retângulo de pedras pequenas. Seria apenas um conjunto de sepulturas iguais a outras que já tinha visto em outras partes do mundo?

Com os sentidos novamente alerta, observei que os monólitos eretos, da altura de uma pessoa, indicavam diversas direções, e descobri que no topo de cada pedra havia sulcos bem retos de um centímetro de largura, que apontavam para objetivos distantes.

Consultamos a bússola e os mapas.

Uma das linhas indicava precisamente a ilha Niutao, distante mil e oitocentos quilômetros em linha reta, e que faz parte das ilhas Ellice, um grupo de nove atóis. Um outro sulco apontava na direção sudeste, para Samoa, distante mil e novecentos quilômetros em linha reta, a leste das ilhas Fidji. Uma terceira linha mostrava as ilhas Tuamotu, no sul do oceano Pacífico, a quatro mil e setecentos quilômetros de distância em linha reta e, finalmente, as ilhas do Havaí. Mentalmente, enviamos outro agradecimento ao reverendo Scarborough, na Cidade do Cabo.

Duas das pedras de navegação eram de granito, inexistente na ilha de Arorae, outras três apresentavam características de origem vulcânica; as outras eram de material dos recifes de coral.

Como acontece sempre que enfrento problemas de navegação pré-histórica, comecei também em Arorae a combinar reflexões e idéias que me vinham à mente. Não há dúvidas quanto à capacidade antiga dos ilhéus de resolver problemas simples de navegação, com a ajuda das estrelas e o conhecimento das correntes marítimas. Mas isso não explica o grande mistério que cerca os primeiros navegadores que alcançaram seus destinos sem saber sequer da existência deles. Quando se faziam ao mar, a partir de suas ilhas pátrias, eles não sabiam onde iriam aportar, nem quanto tempo duraria a viagem. Quando o destino era qualquer ponto alhures, não podiam valer-se da experiência da ida para a viagem de volta, já que as estrelas mudam de posição e as correntes e os ventos não mantêm sempre o mesmo curso. Supõe-se, atualmente, que o céu estrelado as correntes marítimas e a direção do vento tenham servido de orientação aos primeiros navegadores, presumindo que eles dispunham de conhecimentos sofisticados de astronomia e dos movimentos dos mares e do ar. Tais conhecimentos, entretanto, ultrapassariam o estágio de desenvolvimento que se costuma atribuir, atualmente, aos nossos remotos ancestrais.



Para ganhar espaço suficiente para a construção dessa *maneaba*, a casa de reuniões de Arorae, fora destruído o segundo túmulo dos gigantes.



Despedida do aeroporto de Arorae

Lembrei-me de uma conversa que tivera pouco antes no museu de Wellington, na Nova Zelândia, com o etnólogo dr. Robin Watt. Mencionando esse tipo de problemas de navegação, Watt achava que não havia mistério nenhum: os maoris, por exemplo, um povo polinésio da Nova Zelândia, sabiam da existência de arquipélagos na direção nordeste, como as atuais Fidji e Samoa; bastava que os maoris mantivessem seus barcos na direção nordeste, para chegar à terra firme naquele emaranhado de ilhas; depois de alcançada qualquer uma dessas ilhas, daí em diante os aborígenes podiam orientá-los.

Assim, de imediato, parece uma boa solução à dificuldade. Mas, depois, começam a surgir as dúvidas. A orientação inicial, que teria sido "navegar em direção nordeste", pressupunha já o conhecimento de que havia ilhas no meio do mar, naquela direção. Se os barcos, as canoas e até os veleiros se dirigissem a esmo em qualquer direção, poderia acontecer de passarem por entre as malhas daquelas ilhas, sem jamais conseguir alcançar nenhuma delas. Seria uma viagem para qualquer lugar, sem retorno. Naturalmente, o marinheiro experiente conhece recursos de orientação, mesmo que não haja terra à vista: detritos levados pelas ondas, troncos de árvores, cadáveres de animais. Mas esses indícios são inconstantes e de pouca valia à noite ou num

mar agitado.

Ouvindo e examinando essas explicações, concluo que os navegadores pré-históricos, antes de partir, sabiam muito bem qual era seu destino, a ponto de levar as provisões necessárias. Teriam eles agido em decorrência de conhecimentos acumulados durante séculos, ou teriam sido instruídos por "deuses" mitológicos?

Quem trouxe as pedras para cá? Quem as colocou na posição certa? Quem sabia em que direção havia ilhas "invisíveis"? A única certeza nesse turbilhão de perguntas são as pedras de orientação fustigadas pelo sol, à nossa frente... e as mitologias da área do Pacífico, todas elas ricas em seres voadores ou "deuses".

Um dos mitos centrais é o do pássaro Rupe, atribuído aos maoris, mas que aparece em numerosas variações também em outros povos.

De acordo com uma versão, Hina, irmã de Rupe, casou-se com Tinirau e foi por ele levada a uma ilha distante, onde ele a engravidou e depois isolou-a numa casa cercada por um "escudo de proteção", que não lhe permitia deixar a casa, nem que os estranhos se aproximassem dela. Chegada a hora do parto, não havia ninguém para socorrê-la. Completamente aflita, ela gritou:

— Rupe! Rupe! Venha me ajudar!



Sob esse monte de pedras estariam os restos mortais de um gigante mitológico. Ao

fundo, companheiros de nossa expedição pelo mato. O senhor de camisa branca é Gil Butler, nosso gentil piloto,



Uma alucinação? Próximo à praia encontramos um campo com monólitos.

Pouco depois ouviu-se um ruído acima da casa, e o pássaro Rupe respondeu à sua irmã:

— Hina, estou aqui!.

O pássaro Rupe só conseguiu chegar à irmã depois de abrir um buraco no escudo protetor. Após o parto difícil, Hina pediu ao irmão que a levasse de volta à sua terra mas isso depois de expulsar de lá Tinirau e seus patrícios. Ela mesma voaria por último. Rupe explicou que precisava levantar vôo três vezes, para poder transportar a todos. Os ilhéus se acomodaram sobre ele, que os levou para longe, lançando-os na água, em pleno mar.

Depois dos três vôos, o pássaro voou para buscar Hina e a criancinha. Voando alto, Hina descobriu lá embaixo cadáveres e roupas de patrícios de seu marido a balançar sobre as ondas. Ela quis saber por que Rupe tinha matado aquelas pessoas. Rupe respondeu:

— Eles a maltrataram quando você vivia na terra deles. Trancaram-na e não a ajudaram na hora do parto. Por isso me enfureci e joguei todos ao

mar⁵.

Que avião de transporte mais estranho esse Rupe!

Quanto a Kiribati, a lenda de *Te bongi-ro* — "a negra escuridão" — diz que os celícolas pousaram antes que existissem os seres humanos. Antes de retornar, deixaram em cada uma das grandes ilhas um ancestral.



Pedras de orientação, partidas em fragmentos pela ação do tempo, erguem-se em diagonal dentro de uma área delimitada por pedras menores.

O interessante dessa lenda são os nomes dos ancestrais: Baimatoa, Matinaba, Matiriki e outros mais, todos correspondentes a nomes de estrelas e de constelações celestes. Seria essa uma das pistas que poderiam levar aos peritos que erigiram as pedras de navegação?

O antigo templo de Te-Mahara, na ilha de Raivavae, na Polinésia Francesa, é considerado ainda hoje como lugar de pouso do deus mitológico Maui, quando este voltou de uma viagem espacial⁶. A informação dos habitantes primitivos de Atu Ona, uma das ilhas Marquesas, tem conteúdo semelhante. Lá existe um morro, chamado Kei Ani, que era considerado como templo, apesar de não haver nenhum vestígio de construção artificial. Os primitivos polinésios deram a esse morro o nome de Mouna tuatini-etua

— "o morro dos muitos deuses" — ou Mouna tautini-etua, o que significa literalmente "morro em que os deuses pousaram"⁷.

Não me dá muito prazer comprovar minhas hipóteses com tantos mitos e lendas do oceano Pacífico. É tão fácil que a idéia chega a se impor por si mesma. Assim, vou tirar mais uns trunfos de meu baralho:

Nas ilhas da Sociedade, no oceano Pacífico, conta-se o seguinte a respeito do deus criador Ta'aroa:

"Ta'aroa estava sentado em sua concha, na escuridão perene.

A concha assemelhava-se a um ovo que vagueava pelo espaço infinito.

Não existiam nem o céu, nem a terra, nem o mar, nem a lua, nem o sol, nem as estrelas.

Tudo estava completamente escuro, uma escuridão densa se alastrava*".

No século passado, venerandos sacerdotes fizeram aos etnólogos o seguinte relato sobre o deus primevo Jo:

"Jo movimentava-se no infinito do universo. O universo estava escuro, não havia água em lugar algum.

Nenhum sinal de aurora havia, nem claridade, nem luz⁸".

A lenda mais antiga das ilhas Samoa nos diz, a respeito do deus Tagaloa:

"O deus Tagaloa pairava no vazio, ele que tudo criou, ele só. Antes dele não havia céu, nem terra, ele estava completamente só, dormindo na imensidão do espaço. Naquele tempo, não havia nem o mar, nem a terra. Seu nome era Tagaloa-fa'atutupu-nu'u, que significa 'causa do crescimento"⁹.

No Havaí existe o deus trinitário Ku-kau-akahi, presumivelmente influenciado por missionários cristãos; é uma contração dos deuses Ku, Kane e Lono. Kane é o criador que fez o homem "à sua semelhança"⁹. Kane, naturalmente, veio da escuridão do cosmo. As orações dirigidas a ele enaltecem sua origem e o mundo das estrelas:

"Os astros caminham,
os astros intocáveis,
os astros de Kane se movem,
inumeráveis são esses astros.
Os astros grandes e os astros pequenos,
os astros vermelhos de Kane.
Ó universo infinito!
A lua grande de Kane,
o grande sol de Kane,
ele se movem na imensidão
do universo".



Pedras do tamanho de um homem apontam, como bússolas, para ilhas longínquas. Algumas jazem no chão, aos pedaços, carcomidas pelas intempéries.

Interrogados sobre suas tradições, os kiribatis, maoris ou outros ilhéus revelam total ignorância: nada mais sabem de seus antigos deuses. A missões soterraram, nas ilhas do Pacífico, as culturas antigas, enxertando novas e proibindo a transmissão oral de memórias "pagas". O que podemos encontrar ainda são as anotações dos etnólogos que por volta de 1900 registraram pacientemente o que se lhes contava. O etnólogo Robert Aitken⁵ nos descreve muito bem esse verdadeiro suplício de Sísifo:

"Era deprimente ter que constatar que a maioria das pessoas admitiam não saber nada a respeito das lendas pré-cristãs. Todos, por assim dizer, eram capazes de recitar salmos ou longos trechos da Bíblia, mas eram poucos os que gostavam ou queriam me contar aquilo que deve ter sido do conhecimento popular antes que a Bíblia fosse introduzida".

Assim desaparecem conhecimentos antigos importantes, triturados na engrenagem do tempo. É um absurdo que as bombas das loucas guerras contemporâneas transformem cidades e monumentos em cinzas e entulho. Mas é um sinal de demência total que fatos importantes do passado de todos nós sejam simplesmente apagados por mãos bentas que carregam o ramo da paz. Não posso prová-lo, mas tenho certeza de que as antigas tradições revelariam também notícias a respeito das pedras de orientação de Arorae, se tais tradições não tivessem sido "exterminadas". E agora temos diante de nós cinco pedras erguidas que apontam, por meio de sulcos, para alvos distantes, enquanto oito monólitos jazem por terra, Jamais descobriremos a técnica com que os nativos da ilha conseguiram apontar locais por eles desconhecidos na vasta amplidão daquele mar.

O jovem governo de Kiribati nada faz para conservar as pedras. Apenas uns poucos anciãos sabem ainda de sua existência, e estes não vivem eternamente.

Um mistério continua mistério

Ao anoitecer, voltamos a Taraua. No "aeroporto" estavam à nossa espera o padre Hegglin, um conterrâneo suíço, e a dra. Rosina Hässig, que trabalhava no hospital de Taraua a serviço da Organização Mundial da Saúde. O chá tradicional da época colonial britânica que nos foi servido pela dra. Hässig refrescou agradavelmente as nossas gargantas ressequidas, reanimando nossos espíritos. Claro que passei logo a lhe fazer perguntas acerca do que sabia sobre o legendário círculo mágico, que deveria existir em Taraua do Norte.

— Nunca ouvi falar disso — respondeu ela; mas depois de refletir um pouco, acrescentou: — Se há alguém que saiba dessas coisas é o nosso

médico-chefe. Ele é natural daqui, cresceu em Taraua do Norte e estudou nos Estados Unidos, voltando depois à sua terra natal.

Sem cerimônias, como é costume nessas terras, ela nos levou ao hospital para encontrar o médico-chefe. Para não ocupar indevidamente o tempo dele, dirigi-lhe logo uma pergunta direta.

Ele nos examinou com um olhar benevolente, próprio de médicos-chefes, para diagnosticar o caso:

— Por que querem encontrar o círculo?

— De sua pergunta podemos tirar a conclusão de que esse círculo mágico existe realmente?

— Sim, o círculo existe. Desde gerações imemoriais pesa sobre ele um tabu, levando meus patrícios a julgá-lo mortífero para qualquer ser vivo que nele ouse ingressar. Não se iludam, não é um círculo muito grande; é de dimensões relativamente pequenas, tendo no centro um retângulo calçado de pedregulhos. Se quiserem aceitar meu conselho, tratem de não pisar no retângulo.

Agora já não se tratava de diagnóstico: era como que uma indicação terapêutica recomendada por um médico experiente que sabia como usar seu bisturi.

— O senhor é supersticioso? — perguntei, sorrindo.

O médico riu. Não, ele não acreditava em feitiçaria nem em espíritos; afinal, tudo devia ter a sua explicação científica, mas, até achá-la, não era recomendável menosprezar as observações registradas por seus patrícios durante longo tempo, em relação a esse círculo mágico, pois eles haviam notado que animais que tinham passado pelo círculo acabaram definhando em consequência de doenças misteriosas.

— Tratar-se-ia, por acaso, de radioatividade? — perguntei.

Ele achava que não, uma vez que a radioatividade artificial só passou a existir após a descoberta de Marie Curie, em 1903, ao passo que aqueles fenômenos estranhos já eram observados desde tempos imemoriais. O médico não tinha nenhuma explicação, mas confirmou a existência do círculo mágico conhecido pelo reverendo Scarborough.

Apesar de os serviços não funcionarem por causa da greve, continuávamos morando no Hotel Otintai. Não fomos incomodados, e isso nos convinha, pois assim era mais fácil atingir nossos objetivos, o que seria difícil se tivéssemos aceitado os reiterados convites de Teeta para nos mudarmos para a casa de seus pais.

De manhã cedo, às sete horas, nosso anjo negro veio nos buscar. Apesar da greve, conseguira arranjar um barco e três galões de gasolina, de modo que podíamos singrar tranqüilamente as águas rumo a Taraua do Norte.

Depois de termos viajado uma hora e meia pela laguna, chegamos a uma ilhota do tamanho de um campo de futebol. Teeta pediu-nos cinco bastilhas de fumo e fósforo; eu as tinha sempre comigo, a ponto de quase nem agüentar mais meu próprio cheiro. De início, esperava que o mau cheiro das bastilhas espantasse os mosquitos, mas estes parecem gostar do cheiro das oferendas pagas. Teeta lançou esses objetos na água com a mão direita, por sobre o ombro esquerdo.

— Por que você fez isso? — perguntei. Ele afirmou que nesse lugar tínhamos que fazer uma oferenda ao espírito do mar para assegurar o nosso retorno. A fé cristã do filho do pastor não era nem muito arraigada nem convincente. Como todos, ele preferia continuar, por motivos de segurança, a conviver com os espíritos — quando o pastor não estava por perto. Estávamos a meio caminho quando ele pagou esse tributo ao espírito do mar.

Havia miríades de caranguejos a correr pela praia, em Taraua do Norte. Já prevenidos por Teeta, consideramos a sua gentil informação, no sentido de perguntar aos habitantes da ilha pela localização de nosso destino, como simples ato de cortesia insular. Ficamos à espera. Durante três horas, ficamos esperando ao sol. Não fosse a recomendação insistente do revêrendo Scarborough para que não tomássemos banho de mar, certamente teríamos procurado nos refrescar mergulhando com satisfação na água cristalina. Alguns ilhéus vieram até nós, com um sorriso amigável nos lábios, oferecendo-nos gentilmente água de coco.

Foi novamente um furgão Toyota que trouxe Teeta de volta. Veio outra vez acompanhado de um ancião, que nos mostrou o caminho para o círculo mágico — uma clareira no matagal tropical, fechada em forma de retângulo por uma cerca de pedras. Na ponta, fora da área assim delimitada, divisamos uma grande concha; graças a Deus, não era uma esteia. Fora esse o nosso primeiro pensamento; depois ficamos num silêncio meditativo.

Nós três começamos a trocar olhares hesitantes. Os comentários sobre a magia perigosa nos tinham contagiado, tinham-nos tornado meio covardes; diante dos olhares entre medrosos e curiosos dos ilhéus, no entanto, devíamos comprovar a nossa coragem. O olhar benévolo de Teeta parecia pedir-nos numa expressão muda: "Amigos, deixem disso! Não provoquem os espíritos".

Procuramos orientar-nos. Diante de nós, estendia-se um círculo de catorze metros de diâmetro, em cujo centro se encontrava um retângulo delimitado por pequenas pedras, que tinha cinco metros e dez de comprimento; esse quadrilátero era a única coisa estranha que havia ali: dentro dele não crescia nada, nem uma plantinha sequer — apesar da vegetação exuberante que o circundava. Se bem que o retângulo fosse

calçado de cascalho, havia, no entanto, espaço suficiente para que pudesse crescer alguma erva. No ar de estufa dos trópicos, o roçado aberto num dia estará coberto pela vegetação no dia seguinte. Realmente, nem mesmo as palmeiras se inclinavam para dentro da área do tabu. Mas isso poderia ser simplesmente mera coincidência.

Apesar da advertência do médico de que não esperássemos ver nada de extraordinário, ficamos decepcionados. Para fazer alguma coisa, passamos nosso contador Geiger pelo retângulo. Seu ponteiro não se mexia. Quando Willi arriscou no quadrilátero, foi retido energicamente pela mão de Teeta; era curioso: afinal, não houvera sequer necessidade de apaziguar algum espírito maléfico com aquele fumo horrível. Como os olhares ansiosos dos espectadores seguem, nas quadras de Wimbledon, as jogadas emocionantes de uma grande decisão de tênis, assim nos fixavam os olhares dos nativos.

Percorremos a área próxima ao círculo mágico, sem achar nada que merecesse atenção — só havia a mata com sua vegetação abundante. Era mesmo curioso que essa vegetação se detivesse assim, de repente, diante do círculo. Existiria algum clã que cuidasse do local, por tradição ou para ludibriar os outros? Mas por que uma família haveria de dar-se a essa trabalhadeira só para se divertir? Naquelas paragens, as pessoas não se movimentavam nem se mexiam mais do que o estritamente necessário à própria sobrevivência, por força das condições climáticas reinantes.

Fui ao encontro do ancião para perguntar-lhe se havia algum sacerdote ou sábio que nos pudesse falar do passado da ilha.

— *Eng, eng!* — confirmou o velho, levando-nos a um casebre diante do qual estava sentado um homem gordo, como um Buda. De acordo com a recomendação recebida, puxei de nossas reservas algumas bastilhas de fumo e alguns fósforos para que o buda acendesse a oferenda de fumo; acompanhando os outros, ajoelhamos em torno dele.

Num inglês gutural que doía aos ouvidos, o buda nos contou que o círculo que tínhamos visto era habitado pelo espírito mais antigo e mais poderoso, que não admitia vida alguma perto de si, a ponto de matar até os pássaros que o sobrevoavam. Havia outras áreas desse tipo na ilha, mas aquela que tínhamos visto era a área do mais poderoso, de um *powerful spirit**. Todos os que tinham menosprezado as advertências de seu poder, aventurando-se para dentro do quadrilátero, tinham pago com a própria vida, em pouco tempo. Eu quis saber dele:

**Espírito poderoso." Em inglês no original. (N do E.)*

— Como acontece isso?

Mas o buda respondeu com astúcia:

— Não o sabemos, ninguém o sabe; o espírito mata com seu poder.

Durante anos andei visitando lugares sagrados de todas as religiões, onde se realizam milagres. Esses milagres acontecem em Lourdes, em Fátima, no mosteiro de São João Rotonda, em Guadalupe, em Iborra, em todas as partes do globo terrestre. Deve haver uma causa para as curas milagrosas atestadas pelos médicos. Predomina a opinião de que a fé, a vontade intensa de ser curado, provoca o milagre. Existe realmente uma fé positiva que gera milagres, e só os ateus a podem desprezar como simples superstição. Nesse momento, eu me colocava a pergunta se um estímulo psicológico semelhante não poderia provocar também efeitos negativos; aquelas pessoas levianas que ultrapassavam a zona do tabu sofreriam a doença e a morte por estarem compenetradas, no fundo, dos efeitos perigosos dos círculos mágicos, ligadas que estão, ainda, à crença em espíritos e deuses. Talvez seja essa a explicação dos fatos que os ilhéus contam desde tempos imemoriais, e em que continuam a acreditar ainda hoje.

Compartilho a opinião do médico-chefe de que aconteci mentos mágico-misteriosos encontrarão, mais dia menos dia, sua explicação científico-lógica; mas duvido que o raciocínio puramente acadêmico chegue a esclarecê-lo. A pesquisa que pretende tudo medir, contar e pesar exclui categoricamente tudo aquilo que é imensurável e imponderável. Existem, porém, forças que não podem ser alcançadas nem com os instrumentos científicos mais sofisticados.

Os mais remotos ancestrais dos kiribatis transmitiram — e os descendentes vivos o confirmam — que o círculo mágico dentro do quadrilátero demarcado causa a morte. Não consegui descobrir nada de extraordinário, mas nem por isso tenho a arrogância de afirmar que os ilhéus são vítimas simplórias de sua crença nos espíritos. Enquanto não pudermos medir, pesar e contar aquilo que é fora do comum, este será rotulado de milagre e superstição. Registremos, então, os círculos de pedra de Arorae como milagres, até que surja uma explicação convincente, mantendo a reserva cética de Michael Faraday (1791-1867) assim formulada: "Não há nada maravilhoso demais que não possa ser verdadeiro".

Teeta fez o que eu, como estrangeiro, não me teria atrevido a fazer: interrompeu a fala infundável do buda loquaz, insistindo na partida. Teeta queria fazer a viagem de volta pela laguna antes que anoitecesse, para poder contornar, com o olhar experimentado de prático, os recifes de coral cortantes que já levaram muitos barcos a soçobrar. Além do mais, há os tubarões e os polvos, que a essas horas da noite andam à procura de seu jantar.

De bom grado seguimos as recomendações de nosso anjo negro, pois não

estávamos interessados em assistir a uma luta entre polvos e nativos: um homem nada, qual isca viva, em direção dos tentáculos do polvo; no exato momento em que o polvo começa a envolver a vítima com seus tentáculos — que são órgãos sensoriais para prender o alimento —, um companheiro pula na água para matar o polvo com uma mordida entre os olhos dele¹. Não tivemos oportunidade de assistir a nenhuma dessas lutas bárbaras; dizem, porém, que elas se realizam, ainda hoje, nas ilhas ao sul de Kiribati, como competição esportiva. Graças a Deus, não fomos tampouco testemunhas de uma caça aos tubarões, que são atraídos com iscas de carne, para que os mergulhadores, munidos de facas afiadas, possam lhes cortar a barriga. Os ilhéus procuram os órgãos genitais dos tubarões para aumentar sua própria virilidade. O método de matar peixes menores continua o mesmo de antigamente: o pescador leva rapidamente o peixe à boca e decepa sua cabeça com os dentes¹⁰. Comenta-se que alguns nativos falam ciciando atualmente porque algum peixe que pescaram foi mais rápido na mordida.

A maré arrastou nosso barco para mais de um quilômetro de distância da praia. Dez ilhéus entraram na água para vir em nossa ajuda. O sol estava sumindo qual bola de fogo purpúrea, atrás do horizonte. Com o auxílio dos ilhéus, conseguimos, empurrando e puxando, levar a embarcação para águas mais profundas. Em torno de nossos pés e da barriga da perna pululavam caranguejos; uma sensação nada agradável. No escuro brilhavam as luzes de Bairiki, refletidas pelas águas da entrada do porto de Taraua do Sul. Nas praias ardiam fogueiras. Nas choupanas tremulavam lamparinas em cascas de coco. Os namorados se encontravam nos palmeirais. O vento difundia uma canção irreal por sobre todo aquele paraíso insular. Era noite em Kiribati.

Balanço da visita a Kiribati

Minha curiosidade ainda não estava completamente saciada; ficara ainda um ponto em aberto. Dei a carta do reverendo Scarborough a Teeta para que ele lesse;

"Mencionei as pegadas de gigantes, que seriam vestígios dos deuses que outrora teriam passado pelas ilhas. Trata-se de impressões perfeitas em rochas que podem ser encontradas em quase todas as ilhas. O senhor achará algumas dessas pegadas logo à saída do povoado de Antebuka, no lado da ilha voltado para o mar; mas há exemplos melhores em outras ilhas. Andando uns duzentos e setenta e cinco metros de Antebuka em direção ao próximo grupo de casebres, encontrará as impressões na rocha plana, a uns quarenta e cinco metros da linha do mar. O senhor poderá pensar que os

próprios ilhéus podem ter talhado as pegadas na pedra; mas, por favor, pergunte-se a si mesmo: para quê? Com que finalidade? Qual poderia ter sido o motivo para os ilhéus cinzelarem esse tipo de moldes de pés nas rochas de dezesseis ilhas espalhadas pelo mar? Considere que, antigamente, havia poucas ferramentas disponíveis e estas eram feitas de material bastante frágil. Creio que essa suposição é absurda. Examine as lendas locais que afirmam tratar-se de pegadas de deuses que vieram do céu".

O fato de não termos visto até então as pegadas mencionadas pelo reverendo Scarborough não queria dizer nada, pois não tínhamos perguntado por elas. Mas ficamos admirados quando Teeta nos olhou sem compreender de que se tratava. Nosso amigo, porém, já estava possuído da mesma ansiedade curiosa que nós. Munidos de indicações tão precisas, pusemo-nos, os quatro, a caminho para procurar as pegadas.

A área delimitada pelas informações da carta era um lugar especialmente horrível. Pelas descrições feitas até esse ponto, poder-se-ia ter a impressão de que Taraua é um paraíso de beleza perfeita e repleto de cheiros agradáveis. Mas não podia faltar também o outro lado da moeda..Esse trecho, a quarenta e cinco metros do mar, era uma única grande cloaca.

Os ilhéus não têm banheiro nos casebres ou ao lado deles. Desde tempos imemoriais, eles fazem suas necessidades em certas partes da praia.

Para não serem molestados por polvos e outros espécimes da fauna marinha enquanto fazem suas necessidades, colocam dentro da água choupanas sobre palafitas, às quais eles chegam equilibrando-se sobre dois troncos de palmeiras. Na maré alta, os bêbados de *toddy-sour* correm o perigo de cair na água; na maré baixa, podem espatifar-se nas pedras lá embaixo. Esses banheiros, em forma de choupana, servem até de centros de comunicação nas ilhas: os kiribatis podem ficar sentados durante horas em suas traves, conversando e trocando novidades — uma verdadeira comunidade unida pelo mesmo objetivo. Aqui são todos iguais mesmo, nas pretensões, nos desejos, na finalidade.

O costume antigo de ir à praia para lançar os detritos humano, ao mar teve continuidade lógica com a chegada das bênçãos da civilização em Kiribati: latas de conservas, garrafas de Coca-Cola, embalagens plásticas e ferramentas fora de uso não decompõem como os dejetos naturais, nem são levadas pela maré para o grande monturo que é o mar; todos os objeto desse tipo se consomem aos poucos na praia — se é que se cor; somem.

Era essa, portanto, a paisagem do local das pegadas dos gigantes, apontado com precisão pelo reverendo Scarborough. Pelas experiências anteriores, tínhamos que tomar a sério também essa indicação. Talvez tenhamos feito nossas observações com muita superficialidade, já que não

dispúnhamos de máscaras contra gases e talvez estivéssemos demasiadamente preocupados com a notícia de que era iminente a interrupção do transporte aéreo, por causa da greve. O certo é que deixamos a praia perto do povoado de Antebuka sem termos encontrado as pegadas dos gigantes.

Logo após o almoço, Teeta reapareceu com um sorriso nos lábios; tinha aproveitado a hora do descanso para fazer levantamentos. Ele nos disse que deveríamos ir ao povoado de Banreaba, onde havia as pegadas que estávamos procurando, no terreno de uma parente. O logradouro se chamava Te Aba-n-Anti — "Lugar dos Espíritos" —, mas tinha também o nome de Te Kananrabo — "Lugar Sagrado".

Essa informação nos levou, realmente, a pegadas de diversos tamanhos. Havia um pé de dimensões incríveis, cuja impressão media um metro e trinta e sete centímetros do calcanhar à ponta dos dedos, com um metro e catorze centímetros de largura, calcado na rocha plana como lembrete de tempos pré-históricos. Um pé esquerdo mostrava doze dedos e, do meio do relevo, uma palmeira galgava o céu. Estranho. Em torno do pai gigantesco, com seu pé enorme, parecia haver todo um clã agregado de pés de tamanho menor, de tamanho comum e até de tamanho infantil. A maior parte das impressões revelava seis dedos em cada pé, talhados no chão com no mínimo um centímetro de profundidade.

Na biblioteca achei o opúsculo *The footprints of Tarawa*¹¹, editado pela Polynesian Society, com notas interessantes sobre o pé do gigante: segundo a lenda, a pegada provinha do gigante Tabuariki, que teria sido tão alto que podia colher os cocos das palmeiras sem precisar esticar-se. Ele tem seu lugar na lenda *Te-Bongi-Ro* — "a negra escuridão". De acordo com essa lenda, ele fazia parte da segunda tripulação de celícolas que aterrissaram primeiro na ilha de Banaba. E a palmeira, de onde provinha? Nos anos 40 deste século, houve um missionário que plantou a palmeira para que cobrisse, literalmente, as lendas pagas sobre o gigante Tabuariki — um método suave de cristianização botânica.

Nesse opúsculo cuidadosamente documentado, mencionam-se diversos lugares em que são encontradas as pegadas dos gigantes. Eu tinha muita vontade de vê-las, mas sem barco e sem avião, esses locais são inatingíveis. Até mesmo objetivos relativamente próximos tornaram-se distantes como a lua, devido a greve. Assim, tivemos que contentar-nos com as pegadas achadas em Banreaba.



Na periferia da aldeia de Banreaba, encontramos pegadas de tempos primevos — umas gigantescas, outras de tamanho normal. A maior parte apresenta seis dedos em cada pé.



Kiribati é habitada pelo menos há três mil anos, de acordo com os dados mais recentes da pesquisa. Três mil anos é muito tempo, quando não existe tradição escrita. Por isso, foi bom que os "deuses" confiassem seus vestígios de modo indelével à rocha, que poderá testemunhar sua existência até os tempos mais distantes.

Surge, naturalmente, a pergunta sobre o que poderia ter ocasionado esse tipo de pegada na pedra. Em primeiro lugar, imagina-se que elas tenham sido cinzeladas. Os exemplares que vimos na ilha, e que fotografamos, não davam essa impressão: as curvaturas dos calcanhares e dos dedos têm um aspecto muito natural. Não se pode admitir a possibilidade do afundamento dos pés na pedra, como decorrência do peso do corpo. Quantas toneladas deveria, neste caso, sustentar a sola dos pés! Mais fácil seria pensar na idéia igualmente absurda de tratar-se pelos pés imortalizados do trem de pouso de uma nave de ligação. Mais razoável parece ser a suposição que faz remontar as impressões ao tempo em que a rocha era ainda maleável e quente — ou em que, pelo menos, não existia na forma em que existe atualmente. Os pés descalços poderiam ter pisado numa camada de fina cinza vulcânica, que poderia ter se transformado, sob as influências atmosféricas, em tufo, conservando assim as pegadas. Pegadas de pés em terreno argiloso também podem ressecar nos contornos, para depois ficarem petrificadas no decorrer de séculos. Não sei como poderá surgir uma explicação cientificamente convincente para essas pegadas de gigantes que existem em muitos pontos da Terra, a não ser que se admita a visita de seres extraterrestres.

Despedida de Kiribati

Soubemos por meio de Gil Butler que na manhã seguinte partiria um avião da Air Nauru com destino a Nauru, talvez o último por algum tempo, já que a greve atrapalhava cada vez mais os vôos programados. Bem que teríamos gostado de acrescentar mais alguns dias àquela semana emocionante; já influenciados pela mentalidade generosa dos ilhéus em relação ao tempo, quase resolvemos ficar mais um pouco. Mas, na véspera do vôo, despertou em nós novamente o senso ocidental dos prazos. Tristes, sentamo-nos para jantar como se fosse a última refeição de condenados. Em pensamento, avaliávamos o proveito auferido por essa longa viagem.

Tínhamos visto uma das sepulturas de gigantes que o reverendo Scarborough nos tinha anunciado, com um círculo mágico. Sabíamos, agora, que estes testemunhos de um passado distante existiam realmente, permanecendo um tabu mesmo para os ilhéus de hoje, que se confessam todos, sem exceção, adeptos das religiões importadas. Não conseguimos

descobrir a causa do medo que o círculo mágico lhes inspirava. Havia também as pedras de navegação, cujos alvos pudemos verificar por meio do mapa e da bússola. Até quando testemunharão, mudas, os conhecimentos da navegação primeva? Expostas às intempéries, seu mistério petrificado acabará um dia desfeito no pó. Existem, igualmente, as pegadas gigantes. O reverendo Scarborough, que passara três anos e meio nessas ilhas, tinha nos indicado fatos reais.

Provas de primeiro naipe, para confirmar a existência de seres extraterrestres no passado, são as lendas de transmissão oral: Nareau, que voou dormindo pelo universo até ser despertado por um chamado; o pássaro Rupe, que apareceu com muito ruído para evacuar os habitantes de uma ilha; nomes de seres adorados que vieram do espaço, nomes que são sinônimos dos deuses primitivos.

Na hora da despedida, apareceu também Bwere, trazendo saudações da mãe alegre e gentil de Teeta; ele sorriu com complacência:

— Em poucos dias, vocês chegaram a ver lugares misteriosos de nossas ilhas que eu mesmo nunca tinha visto em toda a minha vida de trinta e cinco anos. Conseguiram bastante, mas eu não os invejo, não gostaria de ser europeu. Quando é que vocês têm paz, quando é que têm tempo de olhar para si mesmos? De onde tiram toda essa energia para uma vida tão agitada? Vocês alcançam realmente seus objetivos, mas não têm tempo para viver!

A beira da pista de rolamento, dominado pelo ruído dos motores, não tinha condições de explicar a Bwere o que me estimula e impele e de onde eu tiro minha energia. *E* um peso que não me deixa nem durante o sono, a vontade de descobrir os vestígios deixados pelos "deuses", seja lá onde for que eles se encontrem.

Teeta, nosso anjo negro, mantinha-se um pouco afastado. Seus olhos escuros me fixaram com amizade, quando me perguntou:

— Eles voltarão, os antigos deuses?

— Voltarão, sim, Teeta, com toda a certeza!

Abaixo de nós, no oceano, flutuava Taraua como paraíso perdido.

Por um motivo qualquer

Que época triste, em que é mais fácil destruir um átomo do que um preconceito.

Albert Einstein (1879-1955)

Stonehenge e Rollright no posto de teste — Maravilhas do período neolítico — Pedras enormes apresentam uma astronomia perfeita — Problemas de transporte há cinco mil anos — Os resultados de computador — De onde os homens da Idade da Pedra tiraram seus conhecimentos? — O mago Merlin e a Távola Redonda do rei Artur — Perguntas a testemunhas mudas — As pedras e sua vida interior — O que Moisés relata sobre o sonho de Jacó — Os profetas e suas pedras sagradas — Enigma sem solução.

As *hanging stones*, as "pedras suspensas" de Stonehenge, no condado de Salisbury, na Inglaterra, dividem as múltiplas opiniões a respeito de sua origem e de seu significado. Pensei que já se tivesse escrito quase tudo a esse respeito, mas as pesquisas científicas dos últimos anos sobre Stonehenge e outros estranhos monumentos de pedra fazem que essas enormes pedras mortas provoquem um renovado interesse. Parece que elas mesmas voltam de quando em vez para pedir a palavra. Como há tantas novidades fascinantes, sinto-me desafiado pelas pedras, de modo que não consigo arquivá-las.

Todo turista que visita a Inglaterra deveria almejar um encontro com essas testemunhas de tempos pré-históricos. Não precisa procurar muito. Espalhados pela Irlanda, Escócia e Inglaterra, existem mais de novecentos círculos de pedra dignos de menção. Essa viagem ao passado constitui um puro prazer através de boas estradas — contanto que se disponha de tempo para adaptação ao tráfego pela mão esquerda. Longos trechos dessas estradas cortam amplas paisagens de parques.

Mas o passeio se transforma em aventura ao penetrar-se no mundo estranho dos grandes blocos de pedra, os megálitos, que nos estimulam a remontar ao tempo do surgimento das construções misteriosas. Em pouco tempo, fica-se perdido num labirinto de interrogações: o que esses colossos de pedra têm a dizer? Poderiam ter alguma importância para nós?

Apresento-lhes a seguir um catálogo, uma pequena seleção de locais que

vale a pena visitar:

ESCÓCIA

— Os círculos de pedras de Brodgar e Stenness encontram-se na principal das ilhas Órcades, uns dezesseis quilômetros a oeste da cidade de Kirkwall.

— Os círculos de pedras de Garynahine, Cnoc Fillibhir e Callanish ficam na ilha Lewis, nas Hébridas exteriores, a noroeste da costa escocesa, uns vinte e dois quilômetros a oeste de Stornoway.

— Os círculos de pedras de Cullerlie e Sunhoney encontram-se vinte e um quilômetros a oeste de Aberdeen, na estrada B/9119, artéria secundária da A/944, que leva de Aberdeen a Alford.

— O círculo de pedras de Old Keig fica somente a cinco quilômetros de Alford.

— Os círculos de pedras de Balquhain e Lonhead of Daviot ficam vinte e seis quilômetros a noroeste, cinco quilômetros depois do povoado de Inverurie — à direita e à esquerda da A/96.

— O círculo de pedras de Temple Wood fica mil e seiscentos metros ao sul de Kilmartin, numa pequena artéria que sai da A/816.

IRLANDA

— O círculo de pedras de New Grange fica quarenta e dois quilômetros ao norte de Dublin, cinco quilômetros a leste de Slane, à beira da estrada que vai a Drogheda.

— O círculo de pedras de Lios encontra-se dezenove quilômetros ao sul de Limerick, cinco quilômetros ao norte do povoado de Bruff.

INGLATERRA

— O círculo de pedras de Swinside fica oito quilômetros ao norte de Millom, na costa noroeste.

— O círculo de pedras de Carles-Castlerigg encontra-se mil e seiscentos metros ao sudoeste de Penzance, no sudoeste da Inglaterra.

— O círculo de pedras de Stanton Drew fica onze quilômetros ao sul de Bristol.

— Os grandes círculos de pedras de Avebury ficam dez quilômetros a oeste de Marlborough — dentro do povoado de Avebury.

— O círculo de pedras de Rollright encontra-se ao norte de Oxford, uns três quilômetros a noroeste do povoado de Chipping Norton.

— O círculo de pedras de Stonehenge, muito comentado e descrito, fica ao norte de Salisbury, três quilômetros a oeste de Amesbury, logo após a

bifurcação da A/303 e da A/344, mantendo-se sempre na bem-sinalizada A/344.

São esses os quinze monumentos megalíticos mais conhecidos. As minhas considerações sobre Rollright e Stonehenge valem para os outros novecentos locais, pois em Rollright e em Stonehenge foram feitas as fascinantes descobertas cujas conclusões se aplicam também aos outros centros megalíticos.

A névoa e as sombras de um passado de cinco mil anos cobrem Stonehenge. Pelo menos quanto à datação, há um consenso geral dos peritos: a primeira fase da construção deve ter começado após 2800 a.C, no Neolítico, o terceiro período da história da humanidade, que começa no sexto milênio antes de Cristo. Nessa época, ainda não se erguera a grande pirâmide de Quéops, no Egito, nem a esfinge se elevava em Gizé.

Coisas geniais do Neolítico

Segundo a assim chamada doutrina aceita, deve ter havido algum arquiteto que começou sua obra naquela época. Pode-se presumir que ele não tenha iniciado seu trabalho sem que a obra lhe fosse encomendada, pois a construção era gigantesca demais. Quem deu, então, as ordens para a construção: sacerdotes neolíticos ou algum mandatário poderoso? Não é possível sabê-lo, uma vez que, naquela época, ainda não havia escrita — fato que deve ter atrapalhado muito o planejamento. O arquiteto genial que, num dia qualquer, deu início à obra podia valer-se, certamente — a julgar pelos fatos petrificados —, de dados tirados da observação secular do sol, da lua e das estrelas. Muitas gerações devem ter marcado no chão as luzes e as sombras do nascer e do pôr-do-sol, estudando as fases da lua e os acontecimentos do firmamento. Nunca saberemos qual foi a maneira de transmitir esses dados astronômicos, pois a escrita, como já tivemos oportunidade de mencionar, não existia naquela época. Sabemos apenas que o arquiteto da hora H de Stonehenge devia ter à sua disposição esse conjunto de dados seguros. Além disso, é certo que grande quantidade de dados precisos foi acumulada em longas observações, sem o auxílio de qualquer recurso técnico. Ao menos, é o que se afirma.

Baseado nesses conhecimentos tradicionais, de posse da encomenda de um monumento de dimensões ilimitadas, o arquiteto começou a examinar os utensílios de seu pessoal — instrumentos de trabalho feitos de pederneiras, ossos e madeira —, chegando à conclusão de que sua tarefa de construir um templo para a observação do céu viria a ser uma obra que levaria milênios

para ser concluída. Confiou, portanto, no trabalho de gerações futuras, que continuariam o projeto iniciado com imponente, já que a precisão visada não admitia coisas malfeitas. É admirável essa perspicácia neolítica, essa confiança no futuro! Na primeira etapa da construção, ergueram uma cerca circular, com uma entrada formada por dois grandes blocos de pedra e com a assim chamada pedra de calcanhar — *heelstone* — fora do círculo. Depois, colocaram dentro do círculo de pedras um outro círculo, com cinquenta e seis buracos, nos quais parecem ter fincado varas para apontar certas linhas visadas. Esse círculo interno devia possibilitar a previsão exata do movimento dos astros, como, por exemplo, o pôr-do-sol no solstício de inverno ou o nascer da lua no solstício de verão.

Para que se pudesse atuar com segurança entre os pontos matematicamente estabelecidos, a direção da construção procurou o Instituto Internacional de Pesos e Medidas, para obter dele o "côvado megalítico" de 82,9 centímetros de comprimento, que se tornou a medida padronizada por milênios.

O primeiro arquiteto não era apenas um matemático e astrônomo genial, mas também um grande vidente: planejou a utilização de enormes pedras de quatro toneladas e meia! Essas "pedras azuis" — assim chamadas por sua coloração principalmente em tempo de chuva — foram transportadas de uma distância de quatrocentos quilômetros, setecentos anos depois do início da construção. Um feito considerável: elas já estavam previstas no plano original da obra.

Estudando pela primeira vez a fundo essas construções estranhas, pergunto-me, ao fazer minhas anotações: como os primeiros construtores de Stonehenge tiveram acesso aos conhecimentos acumulados do passado, se não havia escrita, de acordo com a opinião unânime dos arqueólogos? Fico pensando como foi possível, no modelo primitivo de Stonehenge, a aplicação do teorema de Pitágoras, que viveu por volta de 570 a.C., portanto, dois mil anos depois do início da obra. Não consigo compreender. O que surgiu primeiro: o ovo ou a galinha?

Corno começou e o que se sabe

O rei Jaime I (1603-1625) não se contentou em andar tropeçando nas pedras espalhadas de Stonehenge: ele quis saber também o que era aquilo que ele vira lá no planalto, perto de Salisbury. Como os reis podiam ainda agir sem tutela parlamentar, Jaime incumbiu imediatamente seu arquiteto real e cenógrafo da moda, Inigo Jones (1573-1652), da missão de investigar a fundo o mistério.

Os círculos de pedras de Avebury.



O especialista Jones ficou impressionado pelas construções imemoriais. Pelos registros feitos por ele, havia uns trinta blocos de cerca de vinte e cinco toneladas cada um, com uma altura de quatro metros e trinta centímetros, formando um círculo, embora alguns tivessem tombado. Nas pedras ele pôde observar a entalhadura de malhetes que tinham seu correspondente em outras pedras. Jones fez um esboço do círculo de monólitos, com cinco trilitos de arenito silicioso de cor pardo-amarelada e com a monumental pedra tosca de calcanhar que fica fora do anel.

E o que foi que Inigo Jones relatou ao rei? Que se tratava das ruínas de um templo romano.

Passados alguns anos após essa pesquisa, um trilito despencou — duas pedras em posição vertical, com uma pedra transversal no topo — sobre a assim chamada pedra de ara.



Os trilitos de Stonehenge.

Em 3 de janeiro de 1779, "foi ao chão outro dos portais de pedra"¹. O tempo ia destruindo aos poucos os monumentos de Stonehenge.

Parece que os reis mostravam mais interesse por nosso passado misterioso do que os poderosos de nossa época, que nem conseguem dar conta do presente, quanto menos do futuro. O rei da Inglaterra, Carlos II (1660-1685), mandou para Stonehenge John Aubrey, um perito em arqueologia que, trinta anos antes, tinha estudado os círculos de pedra de

Avebury. Em 1678, Aubrey descobriu os cinquenta e seis buracos que passaram a ser chamados de "buracos de Aubrey".

O que Aubrey disse em seu relatório ao rei? — A idéia do templo romano era tolice; tratava-se, realmente, de um antigo centro religioso dos druidas.

Dos druidas (em irlandês: "muito sábios")?

Aubrey explicou que esses sacerdotes dos celtas dispunham de conhecimentos secretos e que eles estavam muito à frente de seus contemporâneos em matéria de astronomia, podendo ser considerados, sem favor algum, como construtores dos monumentos em questão. Não houve objeções. Desde então, começou-se a considerar Stonehenge como templo druídico. Ainda hoje os membros da Ordem dos Druidas reúnem-se no solstício de verão, em Stonehenge, para celebrar com cânticos o sol, que nasce precisamente por sobre a pedra de calcanhar, olhando-se do centro da pedra de ara para o levante.

Passados quase duzentos anos, em 1901, Sir Joseph Norman Lockyer (1836-1920) foi quem, como astrônomo, primeiro se dedicou a fundo aos estudos dos fenômenos de Stonehenge como testemunhos da pré-história. Ao lado de Lockyer, havia um grande especialista nesta matéria: o diretor do observatório solar de South Kensington, um dos pioneiros da astrofísica, descobridor do hélio, elemento até então desconhecido na Terra.

Os estudos astronômicos de Lockyer fizeram que ele datasse a construção de 1860 a.C. — admitindo uma margem de erro de mais ou menos dois séculos. Mais duzentos, menos duzentos anos, não importa: essa data ia bem além da era céltica. Os celtas só apareceram comprovadamente no século VI a.C. Desfez-se, portanto, a lenda do templo druídico.

As investigações sobre Stonehenge se multiplicaram em nosso século. Foram encontrados machados de pederneira e martelos de arenito, suscitando-se discussões sobre a origem de tais objetos. Num raio de trinta quilômetros, não faltavam pedreiras de arenito, mas não havia nenhum veio de pederneira por ali. No entanto, os objetos de pederneira encontravam-se amplamente espalhados por Stonehenge.

Por ordem do Serviço Real de Agrimensura, em 1923, um certo dr. Thom começou a pesquisar a origem desse tipo de pedra. Ele achou um pequeno veio de pederneira nas montanhas de Prescelly, no condado de Pembrokeshire, no sul do País de Gales. Mas sua descoberta apresentava um problema: a distância que media entre as montanhas de Prescelly e Stonehenge é de trezentos e oitenta e cinco quilômetros.

Quem quiser aceitar Prescelly como lugar de origem das pedras terá de explicar como foram transportadas até Stonehenge, há cinco mil anos. Num

conchavo cordial e pacífico, os arqueólogos chegaram a um acordo do tipo daquele que se oferece sempre como última saída: os blocos monumentais teriam sido puxados sobre trenós, das montanhas de Prescelly até o rio, e depois embarcados em navios com o auxílio de balsas. Terminada a viagem por mar, sugere o professor Atkinson, do Departamento de Arqueologia da Universidade de Cardiff, de vem ter trasladado as pederneiras para barcos, "formados por diversas pirogas justapostas que, numa plataforma comum, agüentaram o carregamento das rochas"²

Em 1954 fizeram um teste: três barcas de pontão amarradas, com vigas na superfície, formavam a plataforma em que se prenderam blocos de pederneira de tamanho e peso similares aos de Stonehenge. Quatro jovens empurraram a carga rio acima e outros catorze puxaram os blocos num trenó sobre rolos toscos até o alto da vertente.

O mistério estava desvendado. Estava mesmo?

Admitindo que os homens da Idade da Pedra usassem recursos de que não podiam dispor, está tudo resolvido. No entanto, até mesmo a segunda fase da construção, por volta de 2 100 a.C., ainda fazia parte do período Neolítico. Como se pode pressupor, levemente ou por engano, que havia ferramentas e oficinas especializadas, como estaleiros que construíssem modelos específicos para a finalidade desejada? Cordoarias que preparassem cabos para cargas pesadas? Guindastes, por mais simples que fossem, para o carregamento... e, finalmente, uma organização de transportes com toda uma equipe de chefes, carregadores e balseiros experimentados? São muitos pressupostos para preencher as condições necessárias!

Se alguém objetar que os ilhéus já tinham saído, em 2 100 a.C., do Neolítico, será necessário esclarecer o seguinte: tem-se como certo que as "pedras azuis" já estavam lá *antes* de começar a segunda fase da construção; portanto, antes que se levantasse a cerca de arenito. Só resta a conclusão de que os homens do Neolítico dispunham de mais capacidade técnica do que a pesquisa lhes concede.

Essa contradição escapou ao professor Atkinson, que confessa: "Nunca saberemos precisamente como as pedras foram transportadas"² Eis a palavra sincera de um acadêmico. Obrigado!

Computadores controlam os dados da Idade da Pedra

A revista científica *Nature* publicou, em 26 de outubro de 1963, uma contribuição do astrônomo Gerald Hawkins, do Smithsonian Astrophysical Observatory, de Massachusetts.

Hawkins afirmou que Stonehenge tinha sido, com certeza, um

observatório astronômico — vinte e quatro construções de orientação e pontos de visão revelariam sua natureza astronômica. Em seu livro *Stonehenge decoded*³ Hawkins apresentou as provas dessa afirmação.

Hawkins queria saber se os cinquenta e seis buracos de Aubrey estavam ligados entre si por linhas retas e se essa vinculação existia também em relação à pedra de calcanhar, às pedras azuis e aos trilitos. Ele fez o que hoje em dia se costuma fazer quando se tem um leque de soluções possíveis: colocou no computador sete mil cento e quarenta linhas de ligação possíveis, fazendo que ele calculasse a frequência das conexões de determinadas linhas com o movimento dos astros, para verificar se essa frequência era maior do que um simples acaso poderia explicar.

Os resultados foram surpreendentes! Stonehenge se revelou um verdadeiro observatório astronômico, capaz de predeterminar uma série de dados astronômicos. Os astrônomos da Idade da Pedra sabiam, por exemplo, que a Lua oscila em precisamente 18,61 anos entre seu ponto mais setentrional e o mais meridional; olhando do centro do círculo, eles podiam observar o nascer do Sol por sobre a pedra de calcanhar, no solstício de verão; eles podiam precisar antecipadamente os eclipses do Sol e da Lua, bem como o nascer do Sol no solstício de inverno e o nascer da Lua nos solstícios de inverno e verão.

Naturalmente, afirmações revolucionárias desse tipo não podiam ficar sem contestação. Afinal, onde iríamos parar? O professor Atkinson, o "papa" dos arqueólogos de Stonehenge, zombou, na revista *Antiquity*⁴ do "luar sobre Stonehenge". Sua visão do mundo estava se desfazendo em pedaços. Como c que esses seres da Idade da Pedra podiam ou ousavam fixar em "seu" Stonehenge conhecimentos tão precisos e complicados? Hawkins e Atkinson subiram ao ringue, mas, no final, não houve vencedor nem vencido: sondaram as chances um do outro e entraram num acordo. Mesmo após a intervenção de Sir Fred Hoyle, com seu estilo elegante, nas *Especulações em torno de Stonehenge*⁵, e após umas correções nos resultados do computador, restou a constatação: Stonehenge tinha sido um observatório neolítico que fornecia excelentes dados astronômicos

O professor inglês Alexander Thom recorreu também aos serviços de um computador para investigar centenas de monumentos de pedras da França e Inglaterra. Ele forneceu ao cérebro eletrônico, rápido e objetivo, as medidas de círculos e os traçados marcados por megálitos, para saber de eventuais pontos de referência do céu estrelado.

Os resultados não admitem mais nenhuma dúvida: mais de seiscentos monumentos pesquisados dispõem claramente de coordenadas astronômicas. As pedras estavam começando a falar, revelando que seus antigos

construtores não miravam apenas o sol e a lua, como também observavam as trajetórias de muitos astros fixos, como as estrelas Capela, Castor, Pólux, Vega, Antares, Altair, Deneb⁶.

Foi também o professor Thom quem descobriu a medida-padrão usada pelos construtores de todos esses monumentos. Thom a chamou de "côvado megalítico", equivalente a 82,9 cm. A partir desses dados, Felix R. Paturi concluiu o seguinte⁷:

"A concordância quase incrível das medidas na Escócia, no País de Gales, na Prússia Ocidental e na Bretanha, e as pequenas diferenças de milímetros apenas levam a uma conclusão muito interessante; deve ter existido *em* algum ponto da Europa, há uns quatro mil anos, uma espécie de instituto central de pesos e medidas, que fornecia varas de medida para as diversas partes do continente. Se as várias comunidades tivessem recebido a medida dos povoados vizinhos e não da própria central, haveria certamente divergências maiores de comprimento."

O geólogo e mineralogista Vladimir Ivanovich Avinski, da União Soviética, tem a oferecer dados fantásticos. Entrevistado pela agência TASS⁸ revelou que sua equipe tinha reconhecido, na forma geométrica dos cinco trilitos, das trinta pedras do círculo e dos cinquenta e seis buracos de Aubrey, em Stonehenge, um pentagrama que indica o tamanho dos cinco planetas mais próximos da Terra. Avinski afirma que a relação dos tamanhos de Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno não difere em mais de um por cento dos dados de que dispomos hoje em dia. Então? Surge naturalmente a pergunta: como os homens da Idade da Pedra foram capazes de realizar esse tipo de cálculo sem os telescópios de precisão que utilizamos hoje?

Avançando em terreno desconhecido

A astronomia é um dos ramos mais antigos da ciência, enquanto a arqueoastronomia constitui um de seus ramos mais recentes, com poucos anos de existência. É uma ciência interdisciplinar: ela combina as técnicas e a experiência da arqueologia moderna com a segurança dos números da astronomia prática. Umas poucas dúzias de pesquisadores se dedicam a ela, desenvolvendo-a desde os fundamentos⁹, mas entre eles já há renomados especialistas, como os astrônomos Gerald Hawkins, Alexander Thom, Anthony Aveni, o físico John A. Eddy e o pioneiro Edwin C. Krupp, diretor do Observatório Griffith, de Los Angeles.

Eu gosto desse novo ramo da ciência. Ele me parece ser uma prova de que os autores que, como eu, preparam a Terra para a realidade fantástica não podem estar tão enganados em suas teses. Afinal, aquilo que fora

tachado de ilusório e de arrojado conseguiu reunir arqueólogos e astrônomos em torno de uma mesa.

A minha satisfação com a arqueoastronomia não se abala nem com a aparente hostilidade que seus representantes nos devotam. Sou bastante sensato para compreender a necessidade que eles sentem de se distanciar de um Immanuel Velikovsky ou de um Däniken, para não perder a boa reputação no meio dos semideuses e infalíveis acadêmicos para os quais autores como eu não passam de especuladores fantasistas. No entanto, os próprios arqueoastrônomos precisam delimitar seu terreno por meio de especulações e hipóteses — como nós também —, e precisam procurar as provas para suas suposições — o que nós próprios fazemos.

Quando se ousa apresentar alguma novidade ao grande público, não se deve ter melindres; há que aceitar os ataques, mesmo que doam e machuquem. Todos os ataques, porém, deveriam partir de objetivos corretos. A jovem ciência em questão não parece disposta a aceitar essa premissa. Edwin C. Krupp, por exemplo, faz um jogo de cartas marcadas. Ele afirma que estou falsificando minhas informações. Assim, diz o sr. Krupp que eu afirmei que extraterrestres construíram pistas no planalto de Nasça. Apesar de Krupp recorrer a citações, não é possível que ele tenha lido os meus livros... ou é *ele* quem está falsificando. Meus leitores sabem muito bem que eu nunca apresentei tal explicação; a minha proposta situava-se num sentido muito mais lógico. Certamente, o jogo sujo não é uma boa apresentação para uma jovem ciência. Não me parecem ser as maneiras finas da academia. Vai ter que aprender ainda o que seja honestidade; mas, afinal, é uma ciência tão nova ainda!...

É uma tarefa interessante descobrir no material arqueológico que tenha um presumível nexos com a astronomia a maneira como os nossos ancestrais conseguiram acumular conhecimentos tão assombrosos. Para alcançar esse objetivo, uma ciência jovem deveria revelar certa dose de coragem. Ela pode avançar sem o uso de antolhos, deixando de lado o lastro tradicional que imobiliza as cátedras. Ela poderia e deveria aceitar em suas investigações também idéias independentes. Por isso, olho com surpresa a programação da arqueoastronomia, onde não se inclui a possibilidade da visita de seres extraterrestres. Seria uma simples questão de prudência que se considerasse também essa possibilidade, ao lado de outras, para que, um dia, os fatos não venham a apanhá-los de surpresa. Edwin C. Krupp possivelmente deixaria, então, de escrever frases tão desencontradas como esta: "Revela-se, no projeto primitivo, um conhecimento astronômico surpreendente" ". Ele mexe e remexe nos mistérios de Stonehenge, mas não consegue passar de uma atitude de pasmo.

Por um motivo qualquer

O professor Alexander Thom e seu filho do mesmo nome, ambos grandes conhecedores de Stonehenge, são bem mais sinceros quando admitem: "É difícil imaginar como os construtores do templo megalítico puderam projetar e executar seus monumentos sem recursos astronômicos; mas eles o conseguiram com precisão... Os construtores megalíticos fizeram experimentos de geometria e estabeleceram regras. Não sabemos que relações havia entre estas idéias e suas outras instituições, mas, *por qualquer motivo*, atribuíram aos princípios matemáticos que tinham descoberto tanta importância que resolveram confiá-los à pedra".

É esse o ponto crucial. A meu ver, Stonehenge representa um exemplo verdadeiramente clássico da necessidade de se ponderar a possibilidade da visita de seres extraterrestres.

Onde estão eles, os predecessores das construções de Stonehenge e de Rollright? Hoje, deduz-se tudo da teoria da evolução, que ocupa um lugar quase inviolável. Portanto, deve ter havido antecessores dos construtores megalíticos que tenham juntado — na sequência das gerações — pedacinho por pedacinho de saber, aumentando os conhecimentos e passando-os adiante. Onde estão eles, esses macacos a subir a escada rumo à sabedoria? Eles não existiram. Os arquitetos do megalítico partiram do nada, e em pouco tempo conseguiram dispor de todos os conhecimentos matemáticos e astronômicos necessários; eles dispunham até de uma medida-padrão. Desde o início, eles tinham excelentes conhecimentos dos materiais, sem nunca terem frequentado qualquer curso de aperfeiçoamento; assim, eles eram capazes de trazer, com muitas dificuldades, um certo tipo de pedra que só existia numa região distante. Teriam essas pedras certas características visadas?

Explicações desse tipo se parecem mais com o início de uma história da carochinha!

Leio então que, por volta de 2800 a.C, a parte setentrional da Europa¹⁰ era mais seca e mais quente do que hoje, que grandes áreas da Inglaterra estavam cobertas de matas espessas, onde pastavam rebanhos de gado, e era traça a densidade populacional, responsável pela riqueza considerável dos criadores.

Essa pequena tabuada econômica e comercial não confere. Supõe-se uma densidade populacional de duas pessoas por quilômetro quadrado, em 2500 a.C, não se registrando a existência de aldeias ou cidades. Quem poderia consumir, então, toda essa carne produzida, se não havia compradores no

mercado?

Vamos com calma! O conto de fada econômico tem até a sua piada: a riqueza teria proporcionado aos criadores de gado muitas horas de lazer, utilizadas para gerar idéias criativas para a luta de sobrevivência. "Portanto, podemos julgar esses criadores capazes de criar a idéia de Stonehenge, mesmo que sua vida tenha transcorrido de modo uniforme e primitivo."

A ociosidade como mãe da sabedoria! Realmente, chegar à conclusão de que a cultura do *dolce far niente* dos pecuaristas se tenha manifestado em grandes feitos da memória, não em produtos materiais, é demais! Eis o coelho saltando da cartola — precisamos da memória para salvar o espetáculo! Naturalmente, que outra saída haveria, já que os homens da Idade da Pedra não sabiam nem ler nem escrever? Como por encanto. Stonehenge se torna — mágicos de todo o mundo, uni-vos! — O produto de uma nova cultura, a assim chamada "cultura imemorial". Caramba!

Os criadores de gado e os agricultores aravam suas terra com pedras pontiagudas ou chifres de veados, enquanto eram governados, eles e seus clãs, por reis que, sozinhos ou assistidos por sacerdotes hábeis, controlavam suas vidas. Até que, um belo dia, mandaram suspender o trabalho tão rendoso para cobrir as ilhas britânicas de círculos de pedra do tipo Stonehenge.

Por quê? Por um motivo qualquer. Uma das razões aduzidas mais tolas é a que diz que os sacerdotes teriam exigido a construção para poderem, finalmente, prever as estações, calcular as marés altas e de sizígia e prognosticar os eclipses do Sol e da Lua, Portanto, os sacerdotes queriam um calendário. Como não havia escrita, tinham que levantar pedras gigantescas para revelar aquilo que todo mundo estava observando continuamente: a arremetida diária da preamar, as marés de sizígia que se repetiam num ritmo constante, de duas em duas semanas, o nascer do Sol no dia de solstício de inverno e de verão. Os homens da Idade da Pedra, mais próximos da natureza do que nós, hoje, podiam observar todos esses fenômenos a partir de suas choupanas ou de suas cavernas. Era necessário construir monumentos gigantescos que levariam séculos para ficar prontos, só para determinar aquilo que se repetia continuamente? Um absurdo completo.

A conceituada revista americana *Science*¹¹ publicou em 1979 um trabalho sobre um calendário simples e antigo, inventado pelos índios do Chaco Canyon, no Novo México:

Os índios perceberam que o raio do sol, ao atravessar uma fresta da rocha, descrevia sempre a mesma curva, no decorrer de um ano. Eles passaram a marcar essa curva, assinalando o lugar em que o raio chegava ao ponto máximo com uma espiral. O dia em que o raio de luz gastava

precisamente dezoito minutos para percorrer a espiral era o dia do solstício de verão. Numa fenda próxima, um segundo raio recortava uma espiral menor, de treze centímetros. Era o dia em que começava a primavera ou o outono. Quando as duas faixas de luz tocavam a grande espiral à esquerda e à direita, era o solstício de inverno. Tão simples são as coisas!

Esse artigo da *Science* mostra que nem sociedades simples precisam de construções monumentais para marcar seu calendário. Além do mais, não se pode afirmar que os arquitetos de Stonehenge tenham sido primitivos — seu legado prova que não eram. Eles não teriam movimentado pedras e mais pedras durante vários séculos, só para presentear os sacerdotes com um calendário descomunal. Mesmo os homens da Idade da Pedra tinham o *uso da razão*!

Não era um motivo qualquer que, em todas as épocas, fazia com que os homens se lançassem a empreendimentos extraordinários, imponentes: a motivação importante que os movia era a religião. A pergunta que se coloca é, portanto, a de saber quais eram os deuses em cuja homenagem se ergueram construções gigantescas no Neolítico. Deve-se investigar, também, se havia certos lugares predestinados para esse fim e, finalmente, qual teria sido o motivo de terem recorrido a pesadas pedras em vez de utilizar a madeira, mais leve. Por que deram preferência a certos tipos de pedra — no caso de Stonehenge, ao dolerito e riólito?

Há um produto secundário da ciência que parece indicar uma pista promissora.

Descobertas na Távola Redonda

Tradições antigas falam do mago e profeta Merlim. Dizem que, ferido numa batalha, em 573 d.C, ele se teria refugiado nas florestas do norte da Escócia, onde passou meio século entre os animais selvagens. Nesse tempo de forçada convivência com a natureza, ele teria adquirido o dom da clarividência¹².

Esse mesmo mago Merlim aparece como conselheiro do lendário rei Artur, que surge nos registros a partir do século VI. Não se têm dados concretos sobre ele. Mas a lenda do rei Artur ganhou vida própria criando-lhe uma fama literária — desde seu nascimento, como protegido de Merlim, até chegar à Távola Redonda, onde Merlim tinha seu lugar como conselheiro real. A corte do rei Artur é celebrada como modelo do tempo cavaleiresco — desde o *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach (por volta de 1170), até o musical *Camelot*, com o desempenho brilhante de Richard Burton, na Broadway.

A corte do rei Artur, com suas gentis damas e seus nobres cavaleiros, ter-se-ia instalado no castelo de Camelot, no condado de Monmouth, tendo como ponto de reunião uma mesa *redonda*, por recomendação do mesmo sábio Merlim: nela havia lugar para doze cavaleiros ambiciosos, sem haver necessidade de se definir a precedência entre eles. Portanto, a mesa redonda foi inventada para os heróis cavaleirescos. Desde então, ela passou a salvar o cerimonial de muitas reuniões diplomáticas embaraçosas; à mesa, qualquer potentado pode considerar-se detentor do lugar de destaque.

Se Merlim aparecesse apenas na mesa do rei Artur, não haveria nenhum interesse por ele no contexto de Stonehenge. Mas esse mago polivalente tem seu lugar, também, na obra do monge Geoffrey de Monmouth: *Historia Regni Britanniae*. Não se trata propriamente de um livro de história, é uma narrativa historiada, no estilo épico de Homero e Virgílio¹³.

O monge Geoffrey faz que Merlim entre em cena como mago e mordomo da corte do usurpador britânico Vortigern. Durante uma reunião, esse rei mandou assassinar perfidamente quatrocentos e sessenta nobres. Depois de ter sido ele mesmo degolado, seu herdeiro legal, o rei Aurélio Ambrósio, quis erguer um monumento às quatrocentas e sessenta vítimas. Foi quando o mago Merlim lhe deu o seguinte conselho:

"Se Vossa Majestade está disposto a adornar as sepulturas desses varões com uma obra que dure para sempre, envie mensageiros à 'dança dos gigantes' em Killaraus, montanha da Irlanda. Lá existem construções de pedra que ninguém do nosso tempo consegue levantar, a não ser que sua inteligência seja tanta que saiba empregar a astúcia. Essas pedras são grandes e não há outras de maior poder. Se elas forem colocadas em círculo neste lugar, assim como estão agora, permanecerão para a eternidade... Essas pedras guardam um segredo: elas são munidas de poder curativo para muitos males. Em tempos antigos os gigantes as trouxeram da África distante para erguê-las na Irlanda, o país em que habitavam naquela época"¹⁴.

O rei seguiu os conselhos de Merlim, mandando todo um exército à Irlanda; mas eles tiveram que render-se diante das gigantescas pedras. Só o mago Merlim conseguiu — segundo a narração do monge Geoffrey — transportar as pedras para Stonehenge, recorrendo a uma fórmula mágica.

Seja qual for a parcela de verdade ou de imaginação dessa lenda, o certo é que Merlim não pode ter dado seu conselho no século VI d.C: a construção de Stonehenge começara, comprovadamente, dois mil anos antes. A verdadeira essência da lenda deve remontar a uma época anterior.

Esse fato não é raro. Desde que passei a estudar lendas, mitos e antigos contos populares, constatei com frequência que a verdadeira substância dessas tradições é revestida de adornos e acréscimos fantasiosos pelos

narradores posteriores. A essência é a história vivida e sofrida. Gerações posteriores já não sabiam compreendê-la, uma vez que não a presenciaram, acrescentando novos elementos e esquecendo-se de outros. Mas, como a essência da história era tão assombrosa, conseguiu sobreviver sob diversas formas.

O conteúdo essencial da lenda de Merlim demonstra que certas pedras, colocadas em determinados lugares, possuíam Uma força inexplicável. Nesse contexto, a própria tábua redonda do rei passa a adquirir mais que um sentido de simples etiqueta de cortesia: num "círculo", a comunicação se torna mais fácil.

Perguntas em voz alta a testemunhas mudas

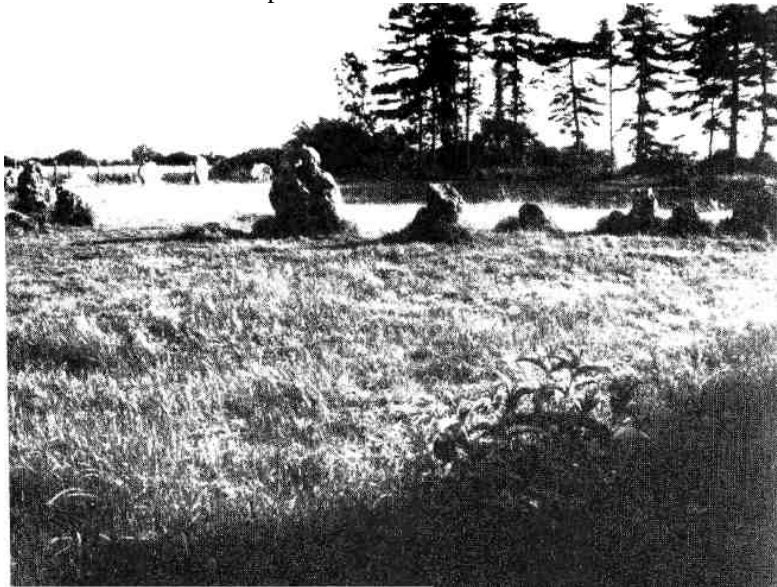
O que as pedras megalíticas têm de especial?

Tratar-se-ia apenas de matéria morta?

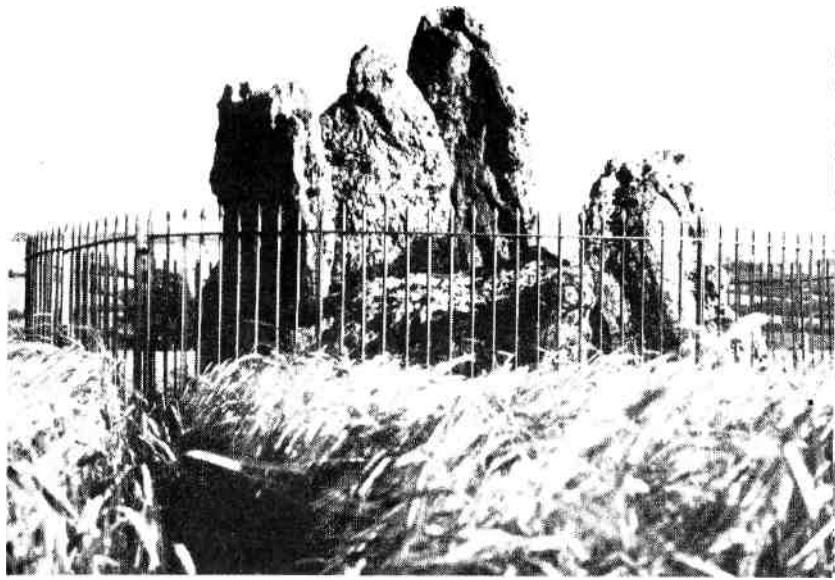
Tornar-se-iam "sensíveis", colocadas em certo círculo?

Será que as pedras podem "ouvir" ou até "responder"?

Se fosse possível responder afirmativamente a apenas uma dessas perguntas, como é que os homens do Neolítico podiam suspeitar do fenômeno dos círculos de pedra?



A distância de apenas meio dia de viagem de Londres, encontram-se essas pedras antigas, nos arredores de Rollright.



O grupo dos "cavaleiros sussurrantes" já não poderá sair do lugar: está cercado.

Perguntas curiosas ocorreram também ao químico britânico dr. G. V. Robins, especialista em análise de pedras. Na revista *Alpha*¹⁵. Robins apresentou os primeiros resultados de suas pesquisas sobre Rollright.

Às pedras de Rollright se chega facilmente, a partir de Londres, num passeio de meio dia. Na zona oeste da cidade, pega-se a rodovia M/40 em direção a Oxford, contornando porém a velha cidade universitária, para entrar ao norte na A/34, até Chipping Norton. Dali em diante, prossegue-se pela M/44: depois de quatro quilômetros, encontram-se os monumentos de pedra à direita e à esquerda da estrada que leva a Adlestrop, num terreno particular. Sua proprietária permite a entrada dos visitantes de todas as partes do mundo. Nessa altura, o hodômetro do carro deverá estar assinalando a distância percorrida de oitenta quilômetros.

A construção de Rollright é tripartida. Ela é formada por um perfeito círculo de pedras, com um diâmetro de trinta e um metros e sessenta centímetros, chamado "*the kings's men*". A uns setenta metros do círculo encontra-se um menir vertical, castigado pelo tempo — um produto típico do Neolítico. É chamado "*the king stone*". Apesar das intempéries que o atacam há milênios, ele continua de pé, com dois metros de altura e um metro e quarenta e quatro de largura. A leste do círculo de pedras existe um grupo de menires parcialmente caídos, chamados "*the whispering knights*", os cavaleiros sussurrantes.

O que diz a lenda a respeito do objetivo de nossa viagem?

Há uma lenda que sugere que as pedras de Rollright representam um rei e seus soldados transformados em pedras por encantamento, e que existem túmulos em que o rei e seus companheiros estariam dormindo, à espera do dia em que retornariam à vida.

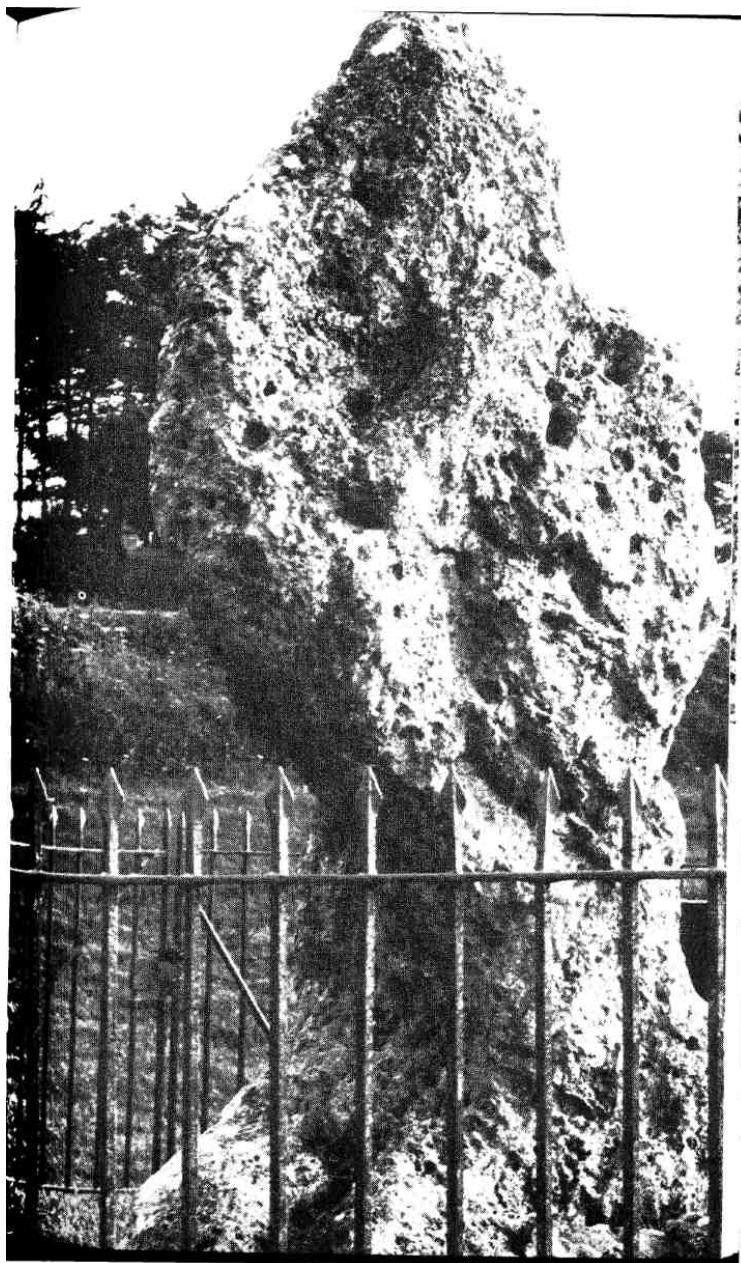
Outra lenda diz que "os cavaleiros sussurrantes" se levantam nas noites de Ano-Novo para marchar até o regato que passa ao sopé do outeiro, onde bebem água. Há uma lenda que conta que, em outros tempos, tentaram levar uma das grandes pedras, durante a noite, para servir como pilar na construção de uma ponte. Foram necessários muitos homens, com a ajuda de vários cavalos, para transportá-la, mas, a cada manhã, a pedra era encontrada novamente na grama. Como não conseguiram fixá-la, no lugar previsto, apesar de diversas tentativas, desistiram de seu aproveitamento. Para estranheza de todos, foram necessários apenas dois cavalos e quatro homens para transportá-la de volta a seu lugar original¹⁶.

Mesmo em nossos dias circulam relatos misteriosos. Há pessoas que dizem ter sentido tonturas ao tocar nas pedras. Rábdomantes falam de alucinações em estado acordado de que são acometidos a certas horas do dia dentro do círculo de pedras. Dizem que pessoas sensíveis sofreram até choques.

Não faltavam, portanto, fatos misteriosos para provocar a atividade de um pesquisador como o dr. G. V. Robins.

Pedras com uma vida interior muito complicada

O dr. Robins e sua equipe partiram da suposição de que a maior parte das pedras são silicatos — do latim *silex*, "pedra dura" — que participam, como elemento mais importante, com mais ou menos noventa e cinco por cento da constituição das rochas da crosta terrestre. Suas estruturas apresentam uma rede tridimensional de cadeias de átomos de silício e oxigênio, entremeados por íons de sódio, potássio e alumínio. Os analistas falam em "estruturas físicas falhas" das pedras, já que as relações geométricas entre seus diversos átomos nunca são iguais: uma partícula de pedra, observada ao microscópio eletrônico, dá a impressão de uma retícula cristalina e atômica irregular, cheia de lacunas. Para usar uma imagem; as lacunas da retícula se parecem com um filtro grosso. Nessas lacunas, o filtro aprisiona outros átomos, íons, moléculas simples... e *elétrons*.



A *king stone* chega, ainda hoje, a uma altura de dois metros e sessenta. Solitária, ela fica a uns setenta metros de distância do círculo.

A semelhança dos homens, dos animais, das plantas e de todo tipo de matéria orgânica, a pedra também dispõe de uma pequena quantidade de radioatividade que vem da atmosfera, uma quantidade constante de isótopos de carbono radioativos. Na pedra, essa radioatividade se encontra em contínua decomposição, provocando a modificação incessante das retículas atômicas; assim, surgem lacunas que são imediatamente preenchidas por íons e elétrons. Os elétrons retidos são liberados quando a pedra é submetida à ação da energia, como nos casos de radiação ou de altas temperaturas.

Esse modelo básico que mostra elétrons retidos em pedras e outros materiais semelhantes levou à descoberta de um novo processo de determinação da idade: a análise de termoluminescência. O material a ser analisado é aquecido até que os elétrons sejam liberados, reduzindo sua energia a um nível inferior; o excedente energético é liberado em forma de luz visível. Essa quantidade de luz pode ser medida por meio de uma fotomultiplicadora, tecnicamente muito complicada¹⁷, que permite, por sua vez, a constatação da idade de um caco de cerâmica cozida há centenas de anos.

Esse processo pode ser aplicado a qualquer tipo de pedra. As pedras X ou Y ou Z são aquecidas de forma a que haja a liberação dos elétrons, com a conseqüente liberação de luz. A quantidade de luz liberada é diretamente proporcional à irradiação radioativa e, com isso, à idade da pedra, uma vez que conhecemos os prazos de desintegração dos raios radioativos.

Portanto, o processo de termoluminescência reduz os elétrons liberados a novos níveis de energia. Quando se pretende medir, porém, o nível original dos elétrons, faz-se uso da chamada "ressonância magnética dos elétrons": por meio de microondas provoca-se uma transferência entre dois estados de energia; a pedra fica exposta a um campo magnético, de modo que se possa obter uma radiação eletromagnética verificável, que varia de acordo com a quantidade de elétrons, permitindo assim que se determine a idade da pedra.

A Terra possui um campo magnético natural desde que começou a existir. Filões de minérios metálicos podem criar campos magnéticos complementares. Como as pedras ficam expostas a essas pequenas forças durante milênios, há nelas um movimento incessante de quantidades mínimas de elétrons — aprisionados em retículas e passíveis de serem liberados por exposição a uma radiação contínua.

A tentativa do dr. Robins

O dr. Robins deu o passo decisivo, com base nesses conhecimentos.

A transformação de energia eletromagnética em ondas sonoras é um conhecido efeito físico. Robins procurou, portanto, ondas de ultra-som nas

pedras de Rollright. Em 1978-79, ele mandou fazer medições na área, em diferentes horas do dia e da noite, utilizando um simples detector portátil de ultra-som; um cabeçote blindado evita a interferência de eventuais microondas. A escala do detector era ajustada a valores de 1 a 10.

Em primeiro lugar, Robins procurou determinar o nível básico das frequências de ultra-som na região de Rollright, esses valores básicos variavam entre 0 e 1.

O químico Robins bem sabia que as pedras costumam emitir uma radiação um pouco mais intensa ao romper do sol do que durante o resto do dia: durante a alvorada, há uma predominância de emissões de ondas longas, ativando mais os elétrons nas pedras.

Aí surgiu a primeira surpresa.

As pedras de Rollright não começavam a irradiar de um modo lento e contínuo ao nascer do sol: já meia hora *antes* deste momento, registrava-se uma pulsação inesperada junto ao menir *king stone* e ao grupo dos "cavaleiros sussurrantes", enquanto nada acontecia na área do círculo de pedras. O efeito pulsante da pedra e do grupo alcançou, na escala, o valor enigmático de 7 pontos; ao mesmo tempo a radiação ultra-sônica no âmbito do círculo caía para um nível *inferior* ao normal. Duas ou três horas após o nascer do sol, as pulsações cessavam repentinamente. Mas, enquanto o valor medido junto da *king stone* decrescia, subia o verificado dentro do círculo. Na primavera de 1979, houve um aumento contínuo da atividade ultra-sônica dentro do círculo de pedras, constituindo um campo magnético entre a *king stone* e os "cavaleiros sussurrantes", que pulsava em sincronia com o ultra-som.

Seguiu-se a segunda surpresa.

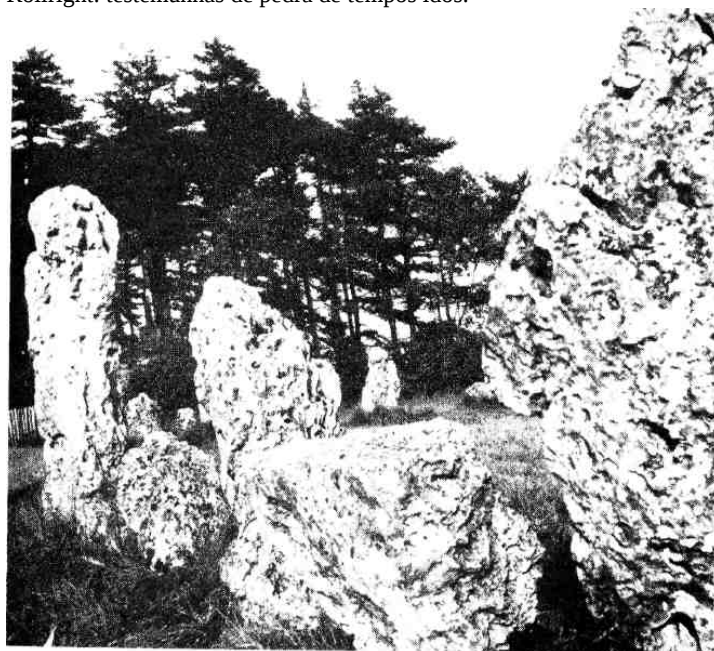
Durante a realização das medições, um dos companheiros de Robins entrou no círculo: no mesmo instante cessaram as pulsações. Eis as observações do dr. Robins a esse respeito:

"Todas as vezes que estivemos lá na hora da alvorada pudemos constatar fortes pulsações ao redor do menir, bem como na estrada e no campo que ficam entre o menir e o círculo, mas essas pulsações cessavam imediatamente quando alguém adentrava o círculo de pedras. Essa mudança abrupta entre pulsações intensas e outras muito fracas, abaixo do nível normal, se repetia durante todo o tempo da observação, tendo sido constatada por um bom número de observadores"¹⁵.

No relatório final de suas pesquisas, confirma Robins a hipótese de se tratar, no caso dos círculos de pedra, de "centros de ativação energética", podendo-se supor que os homens do Neolítico que construíram Rollright faziam uso consciente do efeito energético.



Rollright: testemunhas de pedra de tempos idos.



Essa constatação é tremenda. Ela abre novas dimensões *verificáveis* à luz da teoria evolucionista. Segundo o esquema da teoria evolucionista, só pode haver, em qualquer campo, uma evolução gradativa, constituída de pequenos passos, de modo que qualquer progresso só pode resultar de uma seqüência de etapas percorridas durante milhares de gerações. De acordo com esse esquema, nada pode surgir de repente.

Se os homens do neolítico — segundo o pensamento desse antiquado esquema — conseguiram erigir as construções de Rollright, de Stonehenge e de outras partes do mundo, estando em estágio pouco adiantado da evolução, deve ter havido, antes deles, gente de uma inteligência mais reduzida ainda. É assim que reza o credo da doutrina evolucionista. Portanto, não havia ninguém no mundo que pudesse passar para os construtores manuais instrumentos de medição e tabelas, ou que os colocasse em condições de conceber sistemas de pulsações, comprovados pelos recursos da física e da química modernas, inserindo-os propositadamente nas pedras. Ninguém determinou aos homens do Neolítico as pedras que, em determinado lugar e disposição, desencadeariam aquele efeito energético. Mas como podiam utilizar o efeito sem conhecê-lo? O fato de suas pedras estabelecerem também relações com as estrelas não resolve o problema, apenas o torna ainda mais espantoso, sobretudo levando-se em consideração que essas construções estão disseminadas pelo mundo inteiro.

Como a participação de seres extraterrestres não é tida em conta, segundo me asseguram em toda parte, deve ter irrompido no cérebro monstruoso e doentio de algum ditador neolítico a decisão de obrigar seus patrícios a prepararem amplos parques de diversões salpicados de enormes pedras. E como nenhum déspota fica sem imitadores, deve ter havido outros dementes a obrigar seus povos a façanhas semelhantes, sob a ameaça constante do chicote. Querem me fazer crer que foi dessa maneira que surgiram durante muitos séculos os círculos de pedras na Inglaterra, na Escócia, na Irlanda e, mais tarde, também no continente europeu. Supondo ter sido esse seu modo de aparecimento e desenvolvimento — o que seria um absurdo —, certamente ficaria limitado o fenômeno dos círculos de pedras a um espaço geográfico relativamente restrito, não passando de um fenômeno europeu. Mas a realidade não é essa. Os círculos de pedras devem ter sido, naquele tempo, uma moda internacional; eles existem na Índia, na África, na Austrália, no Japão e no Pacífico. Eis os endereços dos principais círculos de pedras megalíticas¹⁸:

— O círculo de pedras de Brahmagiri fica ao sul dos rios Narmada e Godavari, na Índia meridional.

— O círculo de pedras de Sillustani se encontra às margens do lago Titicaca, no Peru.

— O círculo de pedras de Msoura, no norte do Marrocos.

— O círculo de pedras de Nioro du Rip fica na província de Casamance, no Senegal, ao sul do rio Senegal.

— O círculo de pedras bíblico fica nos limites orientais de Jericó. Ele é mencionado na própria Bíblia: o profeta Josuel teria levantado nesse lugar doze pedras em memória à travessia do rio Jordão; as pedras simbolizariam as doze tribos de Israel.

— O círculo de pedras de Ain es Zerka na Jordânia oriental.

— Os círculos de pedras de Ajun uns Rass ficam no planalto semi-árido de Nedjd, na Arábia Saudita.

— A posição geográfica do círculo de pedras australiano, ao sul do deserto de Emu, é esta: 28°58' de latitude sul e 132°00' de longitude leste.

— Na principal ilha do Japão e na ilha de Hokkaido, perto de Nonakado, há diversos círculos e rodas de pedras pré-históricos.

— A altura do mar o professor Marcel Homet descobriu o círculo de pedras de Quebrada, em Queneto, na fronteira entre o Peru e o Equador¹⁹.

— Há um círculo de pedras na ilha Naue que faz parte do grupo de ilhas de Tongareva. A literatura menciona expressamente que no caso desse círculo não se trata nem de um túmulo, nem de um lugar sagrado tribal do tipo Marae²⁰.

— Os círculos de pedras de Portela de Mogos e de Boa Fé ficam dezesseis quilômetros a oeste de Évora, em Portugal¹⁸.

Por algum motivo, os homens do Neolítico fizeram da construção de círculos de pedras um culto universal. *Por algum motivo* — acho essa expressão muito nebulosa, muito ampla e imprecisa. Gostaria de conhecer o motivo que levou as tribos pré-incaicas do Peru a fazerem o mesmo que os aborígenes da Austrália, os negros do Senegal, os indianos, os japoneses, os ilhéus do Pacífico, separados do mundo e longe de qualquer tipo de civilização ou cultura. Reconheço que nem todos os círculos têm sua origem na mesma época, mas seus construtores eram sempre sujeitos simples, sem a mínima idéia de técnicas radiológicas.

O sonho petrificado de Jacó

Dizem que as pedras sempre tiveram um caráter sagrado para o ser humano. Certamente. *Certas* pedras eram reverenciadas, e são veneradas ainda hoje: pedras de túmulo, pedras comemorativas. Jacó, um dos três

patriarcas do povo de Israel, ergueu uma pedra comemorativa, segundo o relato de Moisés, até para relembrar os acontecimentos de um sonho seu:

"Jacó partiu de Beersheba, pondo-se a caminho de Harã. Tendo chegado ao lugar (sagrado, de Betel), ali passou a noite, pois já era sol posto. Tomou uma das pedras do lugar, colocou-a sob sua cabeça e deitou-se para dormir".

Gênesis 28, 10-11

Não é necessária nenhuma interpretação forçada, está escrito assim mesmo: Jacó chegou a um lugar sagrado e colocou debaixo de sua cabeça uma das pedras, provavelmente tombada. Tratava-se, portanto, de uma pedra especial, de um lugar sagrado, onde Jacó dormiu e sonhou:

"E sonhou que uma escada era colocada na Terra, cujo topo atingiu o céu; por ela subiam e desciam os anjos de Deus. E eis que o Senhor surgiu em sua frente e lhe disse:... a tua descendência será (numerosa) como o pó da terra; estender-te-ás para o oriente e para o ocidente, para o norte e para o sul. Em teu nome e em nome de tua descendência serão abençoadas todas as tribos da Terra".

Gênesis 28, 12-14

Dois versículos adiante, está escrito:

"Não te desampararei até cumprir o que te prometi".

O que o Senhor tinha anunciado e prometido? Com toda a clareza, isto: os descendentes de Jacó disseminar-se-iam pela Terra inteira e o Senhor não abandonaria Jacó. Mesmo que Jacó dispusesse de um máximo de capacidade reprodutiva, não teria condições de espalhar filhos, filhas e netos por todos os continentes, a não ser que o Senhor o ajudasse ativamente, pois sua promessa não se referia a um futuro incerto: não deixaria Jacó sem que estivesse cumprida a missão. Jacó começa a inquietar-se. Ele não percebe que, "neste lugar", ele pode falar com o Senhor:

"Verdadeiramente, o Senhor está neste lugar e eu não o sabia. E com medo ele falou: quão temível é este lugar! Não é outra coisa senão a casa de Deus, a porta do céu. Na madrugada seguinte, porém, Jacó tomou a pedra que lhe tinha servido de travesseiro e a erigiu em coluna, e derramou óleo sobre ela".

Gênesis 28, 16-18

Eis os fatos:

— Durante sua caminhada, Jacó chega a um lugar onde há pedras sagradas.

— Jacó pega uma das pedras e dorme sobre ela, sem saber da magia de

seu "travesseiro".

— Jacó vive um sonho de imagens nítidas: há anjos subindo e descendo pela escada celeste.

— O Senhor faz-lhe uma promessa inaudita.

Tudo isso teria sido apenas um sonho ou um pedaço de realidade vivencial?

Se tivesse sido apenas um sonho, a promessa do Senhor não teria sentido. Os sonhos não acarretam nenhum compromisso, eles não têm substância.

E se não foi um sonho? Se a pedra em que descansou tiver provocado em seu cérebro uma imagem de escada celeste? Teria o calor de seu corpo desencadeado pulsações na pedra?

Nos lugares sagrados, cada pedra era certamente uma pedra especial, com sua história peculiar. A pedra tinha a capacidade de reforçar as ondas cerebrais? Será que Jacó era um meio especialmente apropriado? Existiria algum ser privilegiado capaz de se comunicar, através da pedra, com o cérebro humano? Haveria certas pedras com função de "emissoras" e homens receptivos que funcionariam como "antena" ao entrar em contato com outros cérebros humanos?

Parecem perguntas meramente especulativas. Mas ainda haveremos de provar que elas são mais que meras divagações.

Não eram necessariamente os homens que tinham a idéia de erigir pedras comemorativas. Muitas vezes era Deus (ou deuses) que os inspirava. A própria Bíblia o relata assim. No Livro de Josué, o Senhor recomenda que se coloquem num determinado lugar doze pedras comemorativas:

"Fizeram, pois, os israelitas como Josué lhes ordenara: levantaram doze pedras do meio do Jordão, como o Senhor havia dito a Josué, segundo o número das tribos de Israel, e levaram-nas consigo até o acampamento, depositando-as ali. Josué levantou as doze pedras no meio do Jordão, no lugar em que os sacerdotes que carregaram a Arca da Aliança tinham posto seus pés. E lá ficaram até o dia de hoje".

Josué 4, 8-9

Essas pedras não têm apenas uma função comemorativa. Parece que lhes era confiada a missão de transmitir uma história através dos tempos:

"E Josué anotou tudo isso no livro da Lei do Senhor, e tomou uma pedra muito grande e colocou-a debaixo dum carvalho, que estava no santuário do Senhor; e disse a todo o povo: Esta pedra servir-vos-á de testemunho, pois ouviu todas as palavras que o Senhor vos disse, para que não aconteça que

depois o queirais negar e mentir ao Senhor vosso Deus".

Josué 24, 26-27

A pedra "ouviu as palavras"? Josué a considera, por assim dizer, como testemunha auricular. Mas qual seria a serventia de uma pedra como testemunha muda? Sabia Josué de sua capacidade especial de retransmitir algum dia aquilo que tinha ouvido? Via Josué na pedra a aptidão para servir de memória para informações? Ainda haveremos de descobrir se estamos, nesse assunto, na pista de algo semelhante a um gravador.

Do poder categórico das pedras sagradas

Na Ásia Menor, a deusa Cibele, a "grande mãe", transmitia profecias aos gregos mediante uma "pedra sagrada". Esse objeto cobiçado foi levado, em 250 a.C, para Roma. No litoral sírio, sua colega Laodicéia transmitia suas mensagens utilizando mesmo recurso²¹. Em Delfos profetizava a pítia por sobre a pedra ônfalo, que tinha a forma de meio ovo, chamada "umbigo do mundo"; ela ficava no meio do templo, proporcionando manchetes (desculpem!) para os assuntos do dia, tanto do passado quanto do futuro, descobertas por meio da pedra.

Mohammed Ibn al-Chatib, de Kufa, fala em seu *Livro dos ídolos* de pedras sagradas da antiga Arábia, pedras milagrosas cujo exemplar mais célebre está colocado no canto sudeste da caaba, a uma altura de um metro e meio. Essa pedra é o centro místico religioso do mundo islâmico, venerada num recinto vazio e sem janelas. O próprio Maomé quis que a caaba fosse o centro de sua religião, constituindo a "pedra negra" (em árabe: *hadjar al-aswad*) o objeto do pensamento de todos os muçulmanos. Em todo o mundo, inclinam-se, diariamente, seiscentos e cinquenta milhões de muçulmanos em direção a essa pedra para rezar. Seus pensamentos levam esperanças e desejos, por sobre mares e montanhas, à "pedra negra", esperando também, algum tipo de retribuição. Ao menos uma vez na vida, todo muçulmano deve fazer sua peregrinação a Meca para tocar na pedra, do contrário não poderá chegar à felicidade eterna. Pois, com cada toque, os fiéis são "registrados" pela pedra. Não é de admirar, portanto, que milhões de muçulmanos toquem e beijem a "pedra negra" engastada em prata, hoje como há mais de mil e duzentos anos.

O que realmente há com a "pedra negra"? O que tem ela? Qual seu poder, sua eficácia? Qual sua peculiaridade reconhecida pelo profeta? Como a lenda diz que a "pedra negra" caiu do céu, concluiu-se, imediatamente, que deve ser um meteorito, um corpo rochoso ou ferroso de origem extraterrestre

que resistiu à penetração na atmosfera.

Trata-se de uma suposição completamente desprovida de fundamento, pois não existem análises químicas da "pedra negra". Os maometanos não permitem nem sequer a entrada de infiéis na caaba, e muito menos deixariam que se examinasse seu santuário. Talvez seja mesmo apenas um meteorito comum; mas como explicar, então, sua força de atração intensa e ininterrupta desde o tempo de Maomé (570-632)? Todo dia e em toda parte há meteoros dos mais diversos tamanhos caindo na nossa velha Terra, também nos países árabes, sem que se ouça falar da santificação de um deles. Talvez se trate de uma pedra toda especial que não *caiu* do céu, mas *veio* do céu. Essa diferença não é pequena, mas enorme.

Fazer mistério onde não há mistérios

Em seu álbum fotográfico dos círculos de pedra pré-históricos da Inglaterra e da Irlanda²², Burl Aubrey me dedica sua gentileza nestes termos: "*Vou Daeniken approach of making mysteries out of non-mysteries*" — "a maneira de Von Däniken de abordar os fatos, fazendo mistério onde não há mistérios". Arthur C. Clarke, conhecido autor de ficção científica, disse numa revista esta frase generalizante: "O mundo está cheio de mistérios reais. Eu fico irritado com esses idiotas que procuram fazer mistério de coisas que sabemos explicar perfeitamente".

E essa a maneira prosaica de despachar com arrogância e leviandade os que não rezam a mesma cartilha. Se nós, os fantasistas da realidade, somos tão medíocres, por que nos dão atenção? Certamente, porque as nossas perguntas insistentes incomodam; porque não estamos dispostos a engolir certas explicações costumeiras; porque não respeitamos o tabu que cerca algumas doutrinas extremamente duvidosas; porque fazemos perguntas.

Fico me divertindo ao ler uma coluna de jornal intitulada "Ciência de cem anos atrás", pensando vez por outra com um ar de superioridade: meu Deus, era essa a sabedoria científica daquele tempo? Mas, depois, faço um esforço para me corrigir: *naquele tempo* eram essas as últimas descobertas, de acordo com o grau de conhecimento disponível. O tempo se encarregou de corrigir os erros, colocando novos conhecimentos, mais corretos, no lugar dos antigos, para que uns anos mais tarde fossem novamente revistos e aperfeiçoados. Não há nada de anormal nesse processo.

Meus críticos são admiráveis em sua excelência: eles são detentores de conhecimentos definitivos a respeito de tudo o que há de essencial no conhecimento deste mundo. É invejável sua soberba elitista, sua coragem simplória. Eu me coloco ao lado daqueles curiosos que têm o pensamento

voltado para a frente, que não se atemorizam com a idéia de poder provar *amanha*, quem sabe, aquilo que *hoje* parece impensável. "Não podemos desprezar o carro, só porque o profeta Maomé andava num camelo", disse Datuk Husein Onn, o primeiro-ministro da Malásia.

Em muitos livros eruditos considera-se simplesmente resolvido o problema da construção e do transporte das pedras dos monumentos megalíticos. Os problemas ligados ao transporte e à construção podem ter sido resolvidos de muitas maneiras. Mas o que me intriga nas explicações apresentadas é o fato de partirem sempre das possibilidades que nós *hoje* conseguimos imaginar, como se fosse possível transportar-se em fantasia (naturalmente, na fantasia científica) aos tempos pré-históricos. Mas não há ninguém que tenha estado lá. A solução apresentada nunca passa de uma entre muitas possíveis. Aqueles que dão a impressão de terem estado lá não param de exhibir sempre os mesmos ingredientes: trenós, cabos, rolos e planos inclinados aterrados com areia e barro. Uma vez que nossas idéias de possíveis meios de transporte estão presas a esses recursos, por força de uma doutrinação contínua, fica-se com a impressão de que qualquer dúvida a respeito deva ser um sacrilégio, um ato de impiedade. Tenho em grande estima nossos cientistas, mas não posso crer neles. Como eles são homens, podem errar, assim como você, como eu, como todos nós. Apesar de ocuparem, algumas vezes, tronos de grandeza, não é por isso que hão de se transformar em deuses.

Só para chocar coloco esta pergunta: qual seria a nossa reação se nos dissessem que os homens, há milhares de anos, tinham sido capazes de liquidificar as pedras e de solidificá-las novamente, na construção — como fazemos hoje com o concreto que é levado ao canteiro de obras por meio de enormes caminhões-betoneiras? Perdoem-me, excelências oniscientes, é só uma pergunta!

E leviandade de minha parte escrever uma coisa dessas, pois já estou vendo a minha pergunta, tora do contexto original, citada por meus opositores destemidos. Por isso: *não* estou afirmando que os construtores do megalítico tenham feito isso.

Seja então que as pedras que pesavam toneladas tenham sido puxadas, centímetro por centímetro, por centenas de quilômetros, amarradas a cordas que eram atadas ao pescoço nu dos homens neolíticos. Se é a fé que salva, então o Além deve estar repleto de bons arqueólogos. Não creio que nós nos encontremos por lá, porque eu tenho muitas dúvidas a respeito de suas hipóteses freqüentemente utópicas.

Desde os tempos mais remotos, as pedras sagradas eram ligadas aos "deuses" ou, ou mínimo, tinham alguma conexão com o firmamento, uma

vez que se orientavam — como os círculos de pedras — pelas estrelas. Teria havido uma observação constante do céu porque os "deuses" prometeram voltar? Com relação ao culto religioso, este seria um bom motivo para justificar o enorme esforço empregado nessas construções. No entanto, falta uma explicação plausível para os conhecimentos astronômicos evidenciados, para a escolha dos locais adequados e dos materiais especiais. Ou não?

O culto religioso não explica tampouco a narrativa mosaica — apesar do papel que o "Senhor" nele desempenha. Ele não explica o motivo do procedimento de Jacó quando este levanta seu travesseiro de pedra, após usá-lo, e derrama óleo sobre ele. Por que ungir a pedra? Era a realização de um rito sagrado reservado aos sacerdotes. Qual era a intenção de Jacó, sabendo que o óleo iria evaporar-se, queimando ao calor do sol? Era esse seu agradecimento à pedra que lhe tinha "falado"? Jacó estava certamente em estado de transe quando levantou a cabeça da pedra. Teria sido esse também o estado da pítia quando meditava por sobre a pedra ônfalo? Provinham suas profecias desse "umbigo" pétreo do mundo? Escritos antigos nos contam que a pítia entrava em seu estado místico de vaticinadora em virtude dos vapores que emanavam de uma fenda da rocha e que ela aspirava. Apesar de intensas investigações realizadas dentro e ao redor do templo de Delfos, não se descobriu nenhuma fenda que exalasse vapores. Havia alguma forma de comunicação entre a pítia e a pedra ônfalo? Era ela sua médium, pela qual respondia com frases ambíguas às perguntas que lhe dirigiam?

Eu ando à procura de provas que confirmem a influência de seres extraterrestres sobre os homens do Neolítico. Em consonância com a maneira tradicional de ver as coisas, não haveria nenhuma prova nesse sentido nas construções megalíticas. Basta ler um único livro sobre Stonehenge, para ficar sabendo ingenuamente que não há necessidade de recorrer a seres extraterrestres para solucionar o enigma. Já se sabe tudo. Lançando mão de pesquisas modernas e utilizando os quadrados ocupa dos para solucionar os mistérios do Neolítico, ganha-se uma excelente posição de saída para os incômodos extraterrestres, bem-vindos em situações tão intrincadas.

Existem inúmeras lendas* que falam da promessa dos "deuses" de retornar em tempos vindouros, depois de terminada sua estadia na Terra. A expectativa esperançosa desse regresso não se apagou entre os homens. Até agora não se tentou des cobrir nas construções megalíticas uma chave matemática que desvendasse o prazo para o retorno dos "deuses". Mais de seis centos dos monumentos pesquisados pelo professor Thom orientam-se por regras astronômicas. Por enquanto, só os "deuses" sabem o porquê.

* O profeta do passado. *Edições Melhoramentos, 1980*

Não deveria restar nenhuma dúvida quanto à aptidão das rochas duras para serem depósitos de informações dos extraterrestres. Elas existem em abundância, resistindo ao tempo durante milênios, permitindo a construção de monumentos que se impõem e que chamam a atenção através dos tempos. Eis, portanto, a minha hipótese:

Há milhares de anos, os "deuses" explicam aos habitantes da Terra como deveriam construir os círculos de pedras, qual o material apropriado para essa finalidade, em que sequência e em que lugar as pedras deveriam ser colocadas, para que as mensagens guardadas pudessem futuramente ser decodificadas.

Os "deuses", que nos criaram segundo a sua imagem, presumiam traços de sua inteligência entre os descendentes da nova raça geneticamente engendrada por eles. Mas eles se enganaram.

Se o dr. Vladimir Avinski está com a razão ao afirmar que os monumentos de Stonehenge permitem a determinação do tamanho dos cinco planetas mais próximos da Terra, então deve ter havido uma ajudazinha da parte dos extraterrestres. Se os homens do Neolítico levantaram edificações importantes no cruzamento de correntes elétricas no interior da Terra, como afirmam Louis Charpentier²⁴ e Robert Wernick²⁵ então deve ter havido uma participação dos extraterrestres, pois essas correntes só se tornaram acessíveis à medição através de aparelhos físicos modernos. Se é verdade que sacerdotes instruídos ou médiuns inteligentes eram capazes de comunicar-se com pedras pulsantes, então deve ter havido alguma intervenção de extraterrestres.

Por um motivo qualquer.

Por que motivo?

Espírito — a causa primeira de toda a matéria

"A pergunta 'por quê?' é uma pergunta mal colocada. Melhor seria perguntar: 'Por que não?' "

George Bernard Shaw

A criação é infinita, no espaço e no tempo — A ciência precisa ser desmitologizada — Piolhos pequenos têm sempre piolhos ainda menores — Reviravolta do pensamento — A experiência com o elétron — Quem criou o criador? — Um monstro chamado "buraco negro" — Quando morre uma estrela — Toda matéria esteve ao menos uma vez no interior de alguma estrela — Einstein está vivo! — O que é tabu — Mistérios de lugares sagrados da Polinésia — Descoberta da ciência: esculturas em pedra são magnéticas — Inovas pesquisas acerca do magnetismo do ser humano — A maneira de extraterrestres influenciarem nosso planeta.

No Illinois Institute of Technology, em Chicago, um estudante me dirigiu esta pergunta durante a discussão:

— O senhor crê realmente em sua teoria?

— Como estou convencido desta idéia, não posso crer nela. "Crer" é um direito autônomo das religiões, é a confiança sentimental em alguma autoridade, em alguma doutrina. Neste sentido, "crer" significa pensar que os mistérios da natureza simplesmente devem ser aquilo que são. Eu preciso comprovar cada passo com dados reais, porque não sou líder de nenhuma seita, nem fundador de nenhuma religião.

Sou um pesquisador incansável, mas o tempo, o desenvolvimento e as novas descobertas colaboram comigo. Aquilo que, há doze anos, quando comecei a escrever, não passava de hipóteses ousadas, de temeridade de equilibrista sem rede, já pode ser apresentado hoje com muita convicção, com base em descobertas científicas lentas e persistentes. Esse trabalho nem sempre é um passeio entre flores. Há oportunidades em que é necessário executar cansativas excursões de alpinismo. Uma vez no cume, tem-se uma visão mais clara, enxergando nas planícies da teoria as trilhas seguras da caminhada. Ninguém precisa "crer" que a coragem arrojada fica sem prêmio. Vamos partir novamente! Infelizmente, não posso indicar nenhuma caminhada mais suave.

Levaremos como provisões os pronunciamentos de seis destacados

cientistas, para alimentar-nos espiritualmente com seu saboroso conteúdo durante a escalada.

I

O geneticista molecular e prêmio Nobel, professor Werner Arber, diz ¹:

"As descobertas da genética molecular nos demonstram... que a criação é infinita no espaço e no tempo... A criação continua ativa aqui e agora, em toda parte e sempre mais, a saber, na escolha livre dos detalhes da execução de processos específicos da vida".

II

Eis as palavras do professor Joachim Illies, do Instituto Max Planck de Limnologia²:

"Somos todos fanáticos defensores da objetividade. Fazemos de conta que a 'prova objetiva' é o último dos enunciados possíveis, e o máximo valor que se possa atingir, vivendo na ilusão de que estamos num mundo objetivamente comprovado que chamamos orgulhosamente de 'ciência moderna'. Faz-se necessária uma desmitologização radical, para que não percamos o acesso a nós mesmos e à verdade que se acha por trás de toda a ciência".

III

O professor Max Thürkau, físico da Universidade de Basileia, afirma³

"No fundo, as ciências procuram reduzir tudo a processos físico-químicos. Os fenômenos paranormais, porém, se relacionam com aquilo que chamamos vida ou mundo de espírito e estão acima dos processos físicos e químicos".

IV

O bioquímico, professor Erwin Chargaff⁴, escreve:

"Uma avalanche pertinaz de informações penetra por todas as frestas da consciência; o ruído vazio de uma máquina sem carga abafa todo e qualquer pensamento... Claro, há sempre algo mais a fazer: sabe-se que piolhos pequenos têm sempre piolhos ainda menores. Mas, até que ponto podemos decompor os átomos e seus núcleos? Tenho a leve impressão de que, com a abolição do prêmio Nobel de física, não apareceria mais nenhuma partícula elementar".

V

Em seu livro *O espírito da matéria*, afirma o físico teórico Jean E.

Charon⁵:

"Raramente os cientistas se dispõem a se dedicar a questões 'metafísicas', pela simples razão de não lhes ser permitida essa preocupação pelos guardiões da ciência oficial: nada mudou, a abordagem de questões metafísicas é considerada uma atitude não-científica. Eu, pessoalmente, acho esse comportamento escandaloso".

VI

E finalmente as palavras do professor A. E. Wilder-Smith, convidado para lecionar em diversas universidades renomadas em todo o mundo⁶;

"A ciência investiga apenas aqueles objetos que, dentro de nossas dimensões materiais, são úteis à pesquisa. Se vier ai guém com a proposição de que Deus, que é um Logos ou pensamento de caráter pessoal, deve estar na base da codificação da vida, os cientistas, como de costume, afastarão de imediato e decididamente essa hipótese, por estar além de suas possibilidades de investigação... Mas, que diríamos de um astrônomo que não quisesse explicar as trajetórias dos corpos celestes por meio das leis da gravitação, só porque a idéia de tal força contraria seus princípios *filosóficos*? A essência dessa força não poderia ser reproduzida em laboratório, nem pesquisada. Seria possível estudar os efeitos dessa força, mas não a sua própria *essência*. Por isso, o tema da gravitação seria, em sua totalidade, cientificamente insustentável".

Uma reviravolta? Uma reviravolta!

Entremos na sala escura de um oftalmologista para fazer uma experiência: análise de um olho humano com o microscópio eletrônico.

Atravessando a córnea, a íris e a retina, vamos divisar, além do cristalino, suspenso entre fibras finíssimas, um nervo óptico que, milhares de vezes aumentado, mais se parece a uma árvore com suas múltiplas ramificações. É um mundo fascinante que se nos depara. Ao longo das fibras nervosas aparecem pequenos cristais semelhantes a blocos de rocha no meio de uma paisagem irreal. Nosso microscópio se aproxima de cadeias moleculares, formadas por centenas de átomos acoplados. Ao examinar de perto um dos átomos, aumenta de repente a claridade ao máximo: vemos um mundo em movimento constante. Aí está o núcleo em torno do qual giram, em altíssimas velocidades, partículas ainda menores — os prótons, nêutrons e elétrons. Entre o núcleo e as partículas revela-se um universo parecido com aquele formado pelo Sol e pelas trajetórias dos planetas.

Vamos fixar um elétron. Se pudéssemos acoplá-lo a um medidor e se

reduzíssemos sua velocidade em câmara lenta, constataríamos que esse elétron aumenta e se contrai um número de vezes por segundo igual a 10^{23} — ele está pulsando. 10^{23} significa o número 10 acrescido de 23 zeros! Esse mundo em movimento constante, perpassado de radiações difusas, é a dimensão misteriosa de toda a matéria.

Essa experiência, que teve por objeto o olho, poderia ter, também, por objeto um pedacinho da pele do corpo, uma lasca de madeira ou de pedra. Realmente, apenas o começo da viagem seria diferente, mas, chegados ao destino, encontraríamos sempre o átomo e suas partículas subatômicas. No final das contas, tudo se reduz a energia, radiação e movimento — em pleno acordo com os postulados de Einstein, publicados há setenta e cinco anos.

Essa realidade imutável e eterna leva muitos cientistas ao desespero, ao passo que outros se tornam mais humildes.

Numa obsessão desenfreada e útil, fomos decompondo quase tudo em suas partes constitutivas; as moléculas viraram grupamentos de átomos; passamos a estudar seu comportamento e o das partículas subatômicas em gigantescos aceleradores, capazes de desintegrar átomos e liberar radiações. No fim, porém, continuamos frente ao mesmo resultado: atrás da menor unidade revela-se uma ordem nova, uma nova lei que parece determinada por instruções desconhecidas por nós, provenientes de uma autoridade que todos os filósofos costumam chamar de "espírito".

O matemático e físico francês Jean E. Charon conseguiu provar que a matéria e o espírito estão ligados entre si de modo inseparável. Charon fala a linguagem exata da matemática⁷. Os colegas que ainda não tenham assimilado seus trabalhos, num modo de pensar totalmente novo, não poderão deixar de tomar conhecimento deles; já não há como desconhecê-los. Como o caminho de Charon leva, *também*, de volta à pré-história, que aponta para os "deuses", terei muito prazer em retomá-lo. As provas de Charon significam uma reviravolta.

A questão dos elétrons

A matéria é massa, é substância de tudo o que vive e existe. A matéria pode ser reduzida a átomos e partículas elementares, seja qual for sua consistência. São verdades sabidas de longa data. E de onde vem essa matéria? Como ela surge? Como surgiu? Como tudo começou? São questões excitantes.

No começo havia o nada, o vazio sem-fim — a "radiação negra", como dizem os físicos, Essa radiação se encontrava desde o início, por assim dizer, em estado de espera. Pode-se perguntar o que havia *antes* desse estado; mas

não há resposta, a não ser que ela nos seja outorgada numa outra dimensão, após a morte. Essa solução, porém, necessita do recurso à fé.

Como fomos treinados a pensar em quatro dimensões limitativas — comprimento, largura, altura, tempo —, não conseguimos imaginar um tempo infinito. Ao colocar um criador antes de qualquer começo, impõe-se, imediatamente, a velha pergunta, sempre atual: e quem criou o criador? O *perpetuum mobile* físico, provavelmente, nunca existiu; a pergunta pela pergunta é um *perpetuum mobile* filosófico.

A matemática e a física são os contrapontos da filosofia. Cálculos físicos e observações comprovam que, a partir da radiação negra — do nada, portanto —, surgiu um primeiro par de partículas materiais: um elétron* e um pósitron**.

**Partícula fundamental cuja carga elétrica é negativa. Possui propriedades físicas que determinam uma reação recíproca com o campo magnético do lugar em que se encontra.*

***Partícula fundamental de massa e carga iguais ao elétron, mas de sinal contrário.*

Dotadas de cargas negativa e positiva, respectivamente, essas partículas, praticamente, não precisaram de energia para, juntas, formarem um par: a primeira matéria.

O primeiro elétron pulsava (e continua pulsando) no ritmo inimaginável de 10^{23} contrações e expansões por segundo. Esse movimento causou temperaturas extremamente altas, de várias centenas de milhões de graus, dentro do elétron. A radiação eletromagnética decorrente é chamada novamente pelos físicos de radiação negra.

Com base numa ação física recíproca, o pósitron é capaz de se acoplar à partícula fundamental do nêutron, formando juntamente com ele um próton, que é um dos elementos constitutivos do núcleo atômico. A seguir, o elétron se une a esse próton para formar um átomo de hidrogênio. Setenta e cinco por cento da matéria do universo é constituída de hidrogênio. Como não pode haver hidrogênio sem elétron, segue-se, logicamente, que o elétron existiu *antes* do hidrogênio. O *slogan* superficial que diz que "no início era o hidrogênio" não é correto; no início era o elétron, que estava presente na formação do primeiro par de partículas, mantendo seu papel exclusivo dentro de toda matéria e até do espírito.

Jean E. Charon comprovou matematicamente que o elétron possui propriedades semelhantes às de um buraco negro. Vamos investigar, pois não queremos perder de vista esses elétrons.

O que vem a ser um buraco negro?

Precisamos retroceder. Desde o começo do mundo, desde a grande explosão, havia gases, hidrogênio e poeira cósmica espalhados pelo

universo. As partículas foram se juntando, girando numa espécie de nuvem, até formarem uma esfera, em virtude da rotação contínua. Essa esfera atraiu cada vez mais matéria. A densidade crescente provocava o atrito entre as partículas, gerando calor; tanto calor que se produziu uma estrela abrasada. A jovem estrela continuava a se adensar a ponto de brilhar, finalmente, como um sol. Núcleos atômicos mais leves se fundiram para formar outros mais pesados. No calor dessa caldeira, o hidrogênio se transformou em hélio, e este, em carbono, oxigênio e nitrogênio, formando elementos cada vez mais pesados, até chegar ao ferro.

Durante esse processo de fundição, havia uma produção e uma liberação ininterrupta de energia — um processo que se realiza no Sol, há bilhões de anos. Ele despeja, segundo o astrofísico americano John Taylor**, "quatro milhões de toneladas por segundo de sua própria massa, dez mil vezes a quantidade de água que passa, na mesma fração de tempo, sob a Ponte de Waterloo, no rio Tâmisa".

É difícil sustentar um consumo tão elevado de forças durante bilhões de anos, mesmo em se tratando do Sol: quando os elementos mais leves tiverem sido consumidos, terminará a fusão nuclear (a formação de núcleos atômicos pesados a partir dos mais leves), já que não haverá mais nada a fundir. O astro incha, explode e torna-se uma nova estrela, enorme, uma supernova. Durante a explosão, a luminosidade aumenta cem milhões de vezes. A massa estelar é lançada ao cosmo, até que, na última fase de sua extinção, a maior parte volta a cair dentro da própria estrela, comprimindo-se e diminuindo-a. Por causa de seu tamanho reduzido, passa então a ser incluída no grupo das "anãs brancas". Apesar de anãs, essas estrelas continuam demonstrando sua força: em virtude de seu grande peso, aumenta a velocidade de rotação em torno do próprio eixo. Apesar de terem guardado sua massa original nas turbulências, seu diâmetro reduz-se a poucos quilômetros. A anã branca torna-se "pulsar", designação originada dos breves sinais (pulsações) que se acredita provirem da estrela anã, de acordo com o número de giros. Aqui não importa discutir se ela emite realmente esses sinais a cada giro. O fato é que ela gira e, girando, perde energia, o que leva a uma contínua redução dos giros em torno do próprio eixo. O pião começa a parar.

Num colapso total, a estrela chega a seu fim. A pressão interna já não é capaz de resistir à força gravitacional do espaço. Ela desmorona sobre si mesma, e nenhum raio voltará a testemunhar sua existência anterior. O que resta é aquilo que os astrônomos chamam de "buraco negro". O astrofísico Reinhard Breuer⁹ o define da seguinte maneira:

"Um buraco negro é uma estrela que, em virtude de sua contração, se tornou extremamente pesada, a ponto de nenhuma partícula conseguir deixar

sua superfície, nem mesmo a luz. A contração de uma estrela, que leva ao nascimento de um buraco negro, acontece de modo fulminante — em frações de segundo — por meio do chamado 'colapso gravitacional' ".

Devemos ao astrônomo Karl Schwarzschild (1873-1916) a possibilidade de determinar antecipadamente o surgimento inevitável de um buraco negro. Como diretor do observatório astrofísico de Potsdam, ele conseguiu realizar descobertas decisivas em relação ao movimento das estrelas fixas. O valor mínimo que uma estrela precisa atingir, antes que o espaço ao redor se feche sobre ela, é chamado de "raio de Schwarzschild". Desse modo Schwarzschild comprovou aquilo que Einstein tinha descoberto com seus cálculos e que os astrônomos e astrofísicos passaram, desde então, a observar inúmeras vezes.

Comparável a uma bolha na água, o buraco negro forma um espaço dentro do espaço. O que entrar nesse espaço do buraco negro nunca mais sairá dele. O monstro medonho não deixa escapar nem quanta de luz, de modo que se torna invisível. Sua presença se constata pela curvatura de nosso espaço, que forma uma espécie de funil em direção ao espaço do buraco negro. Nesse mundo estranho, as leis da física diferem por completo das de nosso ambiente:

- Em comparação com o decorrer do tempo em nosso universo, o tempo no buraco negro corre em sentido inverso.

- Nas dimensões do buraco negro, o espaço adquire caráter *temporal* e o tempo, caráter *espacial*.

- No universo em que vivemos, todos os processos se desenrolam com *entropia* crescente. Por entropia entendemos a medida daquela parte do calor que, durante a transferência da energia, já não fica disponível para realizar trabalho mecânico. De acordo com a segunda lei da termodinâmica, a "ordem" dentro de um sistema isolado alcança sempre um estado de equilíbrio de desordem total, chamado de "entropia máxima". Em palavras simples: jogando um balde de água quente dentro de uma banheira de água fria, haverá uma mistura de ambas. Essa mistura é chamada de "desordem".

- No espaço do buraco negro tudo acontece ao contrário; os processos se realizam com entropia *decrecente*. Aumenta a "ordem".

- No buraco negro, o tempo decorre ciclicamente, o que significa que os estágios passados voltam a repetir-se continuamente: toda informação volta a seu princípio. Como nada consegue escapar dessa caixa-forte, não há mais perda de informação: a ordem é atemporal. Nesse ciclo, crescem a informação e a ordem — de modo semelhante à experiência humana, que se enriquece dia a dia pelo aumento de informação.

No papel de destaque: o elétron

Já nos idos de 1963-64, o prêmio Nobel Richard Phillips Feynman, professor do California Technology Institute, em Pasadena, conseguiu provar que o espaço dentro de um elétron não é vazio, registrando-se nele a ação de neutrinos e de radiação negra.

Jean E. Charon logrou a comprovação complementar de que o elétron se comporta como um buraco negro, deformando o espaço circundante do mesmo modo: o espaço se curva e se fecha em torno do minúsculo elétron, assim como a água envolve a bolha. O elétron possui todas as características do buraco negro, com mais uma possibilidade: de dentro de seu espaço fechado, ele consegue entrar em contato com outros elétrons.

Opor-se-ia essa afirmação à minha comparação com uma caixa-forte bem cerrada?

Dois elétrons que se movem rapidamente, um em direção ao outro, acabam por repelir-se mutuamente. Todo elétron obedece a uma força que o mantém afastado do outro; essa força é chamada de "ação á distância".

Fótons negros, que são quanta de luz sem massa, de comprimento de onda muito curto, trocam sua velocidade com os fótons negros de outros elétrons. O que fascina e importa nesse contexto é o fato de os processos no elétron se realizarem com entropia *decrecente*, portanto, acompanhados de uma ordem crescente. Se os elétrons permutam entre si os fótons negros — o que é um fato comprovado —, então aumenta continuamente o estado de informação do elétron. A consequência é fantástica. Como o elétron está presente desde a criação do mundo e como não "esquece" nada, há um contínuo aumento de suas informações, sejam quais forem os estágios percorridos.

O elétron sempre foi uma partícula estável. Considerado como portador de memória, ele assistiu a tudo, desde o início mais remoto. Perpassou o universo, entrou em toda a matéria, é parte constitutiva de todos os seres vivos, de todas as plantas, pedras, sóis... e de todos os cérebros. Sua ordem aumentava, e ele reunia mais e mais informações que podia trocar com as partículas de sua espécie.

No contexto de sua descrição dos buracos negros¹⁰, eis o que escreve Rudolf Kippenhahn (1926), professor de astronomia e astrofísica em Goettingen:

"Mesmo a matéria que compõe os nossos corpos deve ter fervido ao menos uma vez no interior de alguma estrela".

Essa afirmação precisa ser recebida e compreendida em todo o seu alcance: a matéria do elétron é imortal. Como ele nada esquece, como

participou e participa de fatos passados e presentes, tornam-se imortais, ao mesmo tempo, seu saber e sua experiência. O elétron conserva todas as mensagens de alegria e sofrimento experimentados. Ele esteve e está em tudo na Terra, em cada pedra, em cada planta... e tudo e todos são portadores de informação. Os corpos morrem e decompõem-se, mas o elétron continua vivo, passando adiante, numa série sem começo e sem fim, os conhecimentos e as informações do passado para o futuro.

Jean E. Charon constata⁵:

"Isso significa que toda matéria que tenha participado de uma estrutura viva ou pensante, possuindo, durante a existência relativamente curta dessa estrutura, as qualidades de saber dela, não pode voltar simplesmente, após a morte da estrutura, a seu psiquismo original e difuso. A informação e o saber adquiridos não podem mais perder-se; nenhum poder deste mundo é capaz de reduzir a 'consciência' das partículas elementares, após a morte de uma estrutura de organização complexa".

Caem os véus

Por trás de muitos problemas paranormais, parapsicológicos e metafísicos, que ficaram até hoje sem solução, transparece agora, como por encanto, um sistema cósmico mais amplo. A série de quadrinhos "Amar é...", reproduzida diariamente em milhões de jornais, pode ser reduzida ao contato dos elétrons entre dois parceiros. Como tudo fica simples!

Albert Einstein determinou que seu corpo fosse cremado e seu cérebro, colocado à disposição dos pesquisadores. Em 1978, foi divulgada pela imprensa a notícia vergonhosa de que seu legado à ciência fora encontrado num vidro de conserva, mergulhado em aldeído fórmico, dentro de uma caixa de papelão, no escritório de um laboratório de testes biológicos, em Wichita, no Kansas, Estados Unidos. Lendo naquela ocasião a notícia estarrecedora, pensei logo na chance que a humanidade tinha deixado escapar, depois que as células tinham perecido. Mas agora sabemos que os elétrons desse supercérebro continuam existindo; eles circulam pelo universo, estacionam em plantas e pedras e penetram em algum cérebro, onde fazem ressurgir seu saber acumulado. Elétrons, cujo saber Einstein aumentara, ressurgem estimulando num novo cérebro idéias que seu dono não adquiriu por experiência própria.

A lembrança repentina de algum ato ocorre a muita gente. Em nossa mente, surge espontaneamente um quadro ou uma situação que pensamos ter vivido, apesar da advertência de nossa memória de que nunca estivemos naquele lugar e de que não participamos daquele acontecimento. Depois de

descoberta a imortalidade dos conhecimentos dos elétrons, pode-se considerar desvendado também esse mistério: os elétrons de pessoas falecidas há muito tempo aninham-se em nosso cérebro, projetando as imagens de antigas lembranças.

O irreal torna-se fato concreto. O obscuro, o misterioso e o inexplicável tornam-se compreensíveis. No elétron, o tempo passa em sentido contrário, como nos buracos negros; por isso ele é capaz de anunciar, também, fatos futuros: a clarividência, a premonição e a profecia se tornam explicáveis.

Todos os europeus leram certamente o nome do vidente Gérard Croiset, falecido há pouco. Investigadores de polícia de diversos países recorriam às suas intuições quando era necessário descobrir as pistas de uma criança seqüestrada ou o cadáver de um assassinado. A frequência de acertos de Croiset superava a lei das probabilidades. Ele era médium de algo que ele mesmo não conseguia explicar, ficando sem saber o que se passava em seu cérebro nesses momentos. Como outros médiuns destacados, ele se mantinha sempre humilde, atribuindo sua capacidade a uma força que lhe vinha de Deus. O poder dos elétrons torna o fenômeno compreensível: uma criança seqüestrada pensa e emite para o meio ambiente elétrons carregados de memória. Essas minúsculas partículas oniscientes estão em toda parte, desconhecendo qualquer obstáculo, qualquer parede que se interponha à sua frente. Caso o cérebro de um médium consiga interceptar um desses elétrons emitidos, deixando-o penetrar em sua consciência, achará a pista como se fosse um "sonâmbulo", enquanto os outros procuram em vão. Ele saberá dizer, também, se a vítima ainda vive ou se está morta. Como acontecia com Croiset, outros também conseguirão achar um cadáver oculto.

Pode ser que o cérebro necessite de uma certa aptidão para encontrar acesso às informações dos elétrons. Mas eu desconfio que essa aptidão e essa capacidade estejam latentes em qualquer um de nós.

Aquilo que ontem não passava de utopia e ficção científica começa a ser decifrado com a descoberta da potencialidade informativa do elétron. E agora se coloca a pergunta: e nós, quem somos nós? Para dizê-lo com toda a rudeza: somos, assim como toda a matéria, veículos e alojamento dos elétrons, com a função de colher informações e experiências e de armazená-las neles, que duram para sempre e que as passam adiante, de eternidade em eternidade!

Em meados dos anos.50, uma outra descoberta, igualmente desconcertante, chocou o mundo. Francis C. Crick conseguiu decifrar, em colaboração com J. D. Watson, os mistérios da hereditariedade.

Qualquer célula do corpo contém em si o código genético, o esboço para a constituição do corpo todo. Essa maravilha da natureza hoje já faz parte

dos conhecimentos gerais, na imagem representativa da hélice dupla do ADN, mesmo que os biólogos ainda desconheçam a causa que determina a molécula de ADN a passar adiante as informações sobre a constituição de um corpo, assim como também não conhecemos as leis que fazem que o óvulo feminino abrigue apenas um determinado gameta masculino entre os duzentos ou trezentos milhões que penetram no órgão reprodutor feminino. A causa que atua nesse caso é o espírito que está atrás da matéria, é a consciência do elétron: quando os gametas masculino e feminino se aproximam, realiza-se em fração de segundo uma troca de informações entre os prótons negros de seus elétrons. Procura-se o portador mais indicado para a evolução.

Utopia? Não, atualmente. Wernher von Braun exprimiu-se nestes termos: "Nada parece, na seqüência dos fatos, tão simples quanto uma utopia realizada".

Deus não joga dados

"A substância do mundo é a substância do espírito", escreveu o astrônomo e físico inglês Arthur Eddington (1882-1944), pioneiro da pesquisa sobre a estrutura interna dos astros.

Distingue-se entre matéria viva e matéria morta. Essa dicotomia não corresponde na realidade à matéria: esteja viva ou morta, ela se compõe de átomos, prótons e elétrons.

Lembremos agora as pesquisas feitas pelo dr. Robins nos círculos de pedras de Rollright: as pedras pulsavam; surgiam campos magnéticos — eis o mundo dos elétrons! Quando alguém adentrava o círculo, registrava-se a interrupção das pulsações. Haveria, a partir desse momento, uma comunicação dos elétrons com a pessoa? Não seria possível, de acordo com as pesquisas mais recentes, que um médium, sensibilizado para receber as mensagens dos elétrons, conseguisse "falar" com as pedras? As pedras vibram, libertando elétrons e transmitindo informações. Elas atingem os homens como atingem toda a natureza e o universo inteiro.

Em quase todas as ilhas da Melanésia e da Polinésia existem antiquíssimos santuários de pedra. Eles são chamados de *marae*. A arquitetura dos *maraes* não é uniforme. Ora se trata de um grande retângulo formado por enormes monólitos, como é o caso na ilha Raiatea, ora de um templo em forma de terraço, como em Arahurahu, no Taiti, ora de uma disposição ordenada de monólitos, como na ilha Tubuai, no sul do oceano Pacífico. Antes da chegada do cristianismo, os *maraes* eram "lugares oficiais do encontro entre os polinésios e as realidades do outro mundo"¹¹.

Desconhecemos os ritos celebrados nos *maraes*. Os ilhéus, no entanto, contavam aos primeiros europeus que lá chegaram que os *maraes* eram muito *tapu*, lugares muito sagrados. *Tapu* significa "o muito marcado" — em oposição ao comum. Nosso termo "tabu" é derivado da língua dos polinésios.

O que era "tabu" nos *maraes*, o que era "muito marcado"? Teriam sido as pedras ao redor das quais os ilhéus se reuniam? Vislumbrariam eles o espírito atrás da matéria que lhes falava através das pedras?

Havia um outro termo sagrado para os ilhéus dos mares do sul: *mana* — em alemão, "*wirksam*"*. Segundo a informação da enciclopédia *Brockhaus*, trata-se de uma palavra usada para designar uma força ou uma influência não em sentido físico, mas em algum sentido sobrenatural. *Mana* age nos seres humanos e na natureza orgânica, sendo transmitido, via de regra, por hereditariedade, de acordo com a enciclopédia citada. *Mana* pode estar concentrado no homem, como, por exemplo no rei sagrado, ou nos objetos. *Mana* é também a força que provoca pavor e respeito.

*Em português, "eficaz". (N. do T.)

Um *marae* não era apenas tabu, ele possuía também muito *mana*. Eis o relato de Wilhelm Ziehr¹² ":

"*Mana* pode ocorrer, também, em certos lugares, como desfiladeiros que inspiram terror, locais escuros na praia ou na floresta. Um *mana* impessoal desse tipo se concretiza, então, em forma de espíritos ou demônios que rodeiam esses lugares sagrados. Por meio de cerimônias secretas é possível, por exemplo, a gente se tornar invisível e inviolável em virtude do *mana* de uma certa caverna numa rocha de coral que tica nas Novas Hébridas (Port Olry). Uma rocha saliente congrega tanto *mana* que qualquer um que se coloque sob ela pode mudar de sexo. Pedras de forma estranha são colocadas em locais especiais de culto, pois elas também abrigam forças misteriosas".

Quando morria alguma pessoa respeitada — um sacerdote sábio, um cacique admirado, um herói valente —, ela continuava, mesmo na morte, com um *mana* misterioso; seus ossos eram mais respeitados que os de mortais comuns; suas sepulturas se distinguiam das outras por um tabu especial, porque eles eram possuidores de mais *mana*.

Um mundo estranho e fantasmagórico, cujo culto só podia ser registrado, até agora, como mistério exótico, passa a encontrar uma explicação plausível. O *mana* que distinguia o sacerdote sábio, o cacique admirado e o herói valente, consistia em elétrons imorredouros. Um sacerdote tem mais *mana* que os outros, "irradiando" por isso mais sabedoria e conhecimento. O que parecia simples superstição revela-se como pressentido conhecimento

das forças atuantes que se encontram escondidas na matéria. Não se perde muito do *mana* dos falecidos, uma vez que os elétrons continuam sua ação na matéria do corpo. Não seria lícito perguntar se é esse o motivo de nós nos sentirmos de modo diferente num cemitério e num teatro ou alhures? Se é por isso que nos assaltam lembranças do passado e pensamentos sobre o futuro quando estamos em necrotérios? Se nesses instantes ocorre uma troca mais intensa de elétrons?

Teriam os assim chamados primitivos um contato mais íntimo com a natureza, percebendo as vibrações dos céleres elétrons? Saberiam eles "falar" com as plantas, com os animais e com objetos (fetiches!)?

Uma lenda da Polinésia¹³ conta que o deus Maui veio das ilhas Tuamotu para Raivavae a fim de erigir um grande *marae*.

Terminada a tarefa, Maui levou uma das pedras para Tubuai, onde construiu outro *marae*, para nele inserir a pedra trazida da outra ilha. Esse deus devia estar possuído de uma verdadeira mania de construção, pois, logo depois de acabado o *marae* de Tubuai, pegou outra pedra para edificar em Rurutu, depois em Rimatara, depois em Rarotonga (ilhas Cook), e assim por diante. Para toda parte ele levava uma das pedras do *marae* que acabara de construir. Seria uma lenda absurda? Hoje sabemos que o deus Maui fez aquilo: com cada pedra ele implantou o *mana* dentro da nova construção. Maui certamente escolhia pedras bem determinadas para essa finalidade.

Pois então vejamos: pedra não é igual a pedra. O basalto tem estrutura atômica diferente da andesita, o granito a tem diferente das rochas de coral. É verdade que, no fundo, tudo se iguala no mundo dos átomos, da radiação difusa e do elétron; mas há diferenças nas retículas atômicas em estado rudimentar— falamos delas quando nos referimos a Stonehenge. Certos tipos de pedras trocam seus elétrons mais rapidamente quando se realiza a adução de pequenas quantidades de energia, enquanto outros só conseguem soltar seus elétrons com muita dificuldade.

Os homens "primitivos" sabiam disso? Teria sido esse o motivo para nossos remotos ancestrais reunirem uma seleção de determinadas pedras em certos lugares de culto? Terá sido esse o motivo de em Stonehenge serem colocadas precisamente as pederneiras que eram trazidas a duras penas de quatrocentos quilômetros de distância? Uma publicação do dr. Hans Biedermann¹⁴ reforça essa hipótese:

"Os arqueólogos que estudam os vestígios das épocas pré-históricas da Guatemala conhecem diversas esculturas de pedra, representando cabeças ou figuras sentadas de homens extremamente gordos. Essas estátuas, conhecidas entre os arqueólogos como *fat boys*(*Garotos gordos*), destacam-se por uma característica até agora ainda não devidamente apreciada,

descoberta pelo geógrafo Vincent H. Malmstrom (Dartmouth College, Hanôver NH, EUA): certas partes do corpo são magnéticas. Por volta do ano 2000 a.C, deviam ter existido pedreiros ou artistas plásticos familiarizados com o fenômeno do magnetismo, uma vez que escolhiam como matéria-prima de suas obras blocos de basalto providos de um magnetismo natural, em parte fortemente con> provável. No caso das cabeças de pedra, que lembram até certo ponto as esculturas um pouco mais recentes dos olmecas, no golfo do México, verificou-se que as zonas de concentração do magnetismo natural se situam na região temporal, enquanto nas figuras dos gordos sentados ou agachados estas zonas se concentram na região do umbigo".

"That's it", disse o lorde, e passou a beber seu uísque. É isso aí, digo eu. No magnetismo há campos eletrostáticos a se influenciarem mutuamente; realiza-se uma troca de elétrons. Pesquisadores atuais constataram, com o auxílio de medidores modernos, o efeito real dessas pedras imemoriais. Mas gostaria que eles, que pretendem saber tudo, me explicassem com que aparelhos os cientistas conseguiram determinar, há quatro mil anos, qual era o ponto magnético de uma rocha!

A investigação do senso magnético no homem vivo está apenas começando¹⁵.

Em junho de 1979, em Bernard Castle, um lugarejo do condado inglês de Durham, foram colocados num ônibus trinta e um meninos e meninas, de olhos vendados; era um dia encoberto, que não permitia nenhuma orientação pelo sol. Levaram as crianças a um lugar desconhecido. Na cabeça de algumas crianças foram afixadas barras magnéticas, e na das outras, apenas barras simuladas do mesmo peso e aparência. Ainda com os olhos vendados, as crianças, ao chegarem ao lugar escolhido, deviam indicar a direção em que achavam que se situava o ponto de partida. O objetivo da experiência era descobrir se a capacidade de orientação do ser humano sofre alguma influência de campos magnéticos.

O resultado foi surpreendente e despertou muita atenção na Inglaterra quando da publicação do relatório no *New Scientist*, em outubro de 1980. Das crianças que participaram do teste, apenas as que tinham levado barras simuladas na cabeça souberam indicar corretamente o ponto de partida, mas as que tinham levado ímãs ficaram desorientadas.

Robert R. Baker, da Universidade de Manchester, graças aos resultados de outras experiências, acabou por se convencer inteiramente de que os seres humanos "dispõem realmente de sensibilidade magnética, que pode até ser perturbada por outras fontes de magnetismo".

Apesar de praticamente não haver dúvida quanto à percepção magnética

em diversos seres vivos — abelhas, pombos, aves de arribação, golfinhos, etc. —, seus mecanismos biofísicos permaneciam um enigma para a ciência. Pesquisadores da Princeton University, Nova Jersey, conseguiram comprovar, no ano passado, a existência de material magnético permanente em partes autopsiadas da cabeça e do pescoço de pombos.

Não ficou claro — segundo os pesquisadores da revista *Science* — se as estruturas magnéticas dos seres vivos servem como detectores do campo magnético da Terra nem se sua percepção é levada até os órgãos sensoriais. "Já existem pelo menos seis laboratórios em todo o mundo que se dedicam à investigação do magnetismo humano": é assim que termina esse relatório atualizado.

O círculo se fecha

Quando as descobertas decisivas de Jean E. Charon forem integradas nessas investigações, há de fechar-se o círculo: campos magnéticos são áreas de atuação dos elétrons. O espírito primevo, o espírito de Deus, sabia disso. Ele fez que todas as suas criaturas e toda a matéria fossem capazes de receber a força que emana dos elétrons. Nada daquilo que aconteceu nos bilhões de anos desde a criação do mundo ficou relegado ao acaso pelo espírito que está atrás da matéria — a criação do mundo não foi um "jogo"!

Albert Einstein dizia que "Deus não joga dados".

Meus críticos apreciam criticar minha teoria dos deuses astronautas com a alegação mortífera de que as próprias distâncias que nos separam de outros planetas carregados de vida tornam impossível uma participação de extraterrestres na origem da vida em nosso planeta. Eles afirmam que as naves espaciais jamais alcançariam uma aceleração que os aproximasse da velocidade da luz, a única possibilidade de transportar a vida!

Sem repetir aqui o que já escrevi em relação a essa posição no meu livro *Provas*, basta dizer que, segundo os conhecimentos mais recentes, um vôo espacial — imaginável! — de um ser tecnicamente superior a nós já nem seria necessário para introduzir o saber e a experiência dos extraterrestres em nosso planeta, fazendo deles agentes da "criação" terrestre. O átomo como veículo de elétrons carregados de todo o conhecimento já existia antes da criação da Terra. O cérebro de nossos ancestrais poderia também ter recebido suas informações sobre a origem do universo por intermédio de elétrons. Talvez tenham sido os elétrons os mensageiros que anunciaram a existência de sistemas solares longínquos e de seres estranhos.

"A pergunta 'por quê?' é uma pergunta mal colocada. Melhor seria perguntar: 'Por que não?' ", escreveu Bernard Shaw.

A resposta soberana veio de Max Planck (1858-1947), que, com sua fórmula de radiação, inscreveu na bíblia da física a lei da radiação negra do calor. Em 1918, ele obteve o prêmio Nobel de física por sua teoria quântica. No crepúsculo de sua vida, Max Planck confessou:

"Como físico, isto é, como pessoa que serviu durante toda a vida à ciência mais objetiva, a saber, à investigação da matéria, considero-me livre da suspeita de ser um fantasista. Digo-lhes, portanto, o seguinte, depois de todas as pesquisas que fiz em relação ao átomo: não há matéria em si! Toda matéria provém e é constituída de uma força que põe as partículas atômicas em vibração e as mantém unidas no minúsculo sistema solar que é o átomo. Mas, como em todo o universo não existe nenhuma força inteligente nem eterna em si, mister se faz que suponhamos por trás dessa força a presença de um espírito inteligente consciente. Esse espírito é a causa primeira de toda a matéria".

O elétron.

Caçando fraudes e homenzinhos verdes

"O homem não deveria nunca envergonhar-se de reconhecer um erro. Afinal, é uma evidência de sua evolução, pelo fato de saber hoje mais do que sabia ontem."

Jonathan Swift (1667-1745)

Em 18 de dezembro de 1935, explodiu uma espaçonave extraterrestre? — O que os russos descobriram e o que os americanos dizem — Cientistas de renome respondem a minhas cartas — Nada está claro! — Dúvidas, permitidas e necessárias — foram "bombas" que trouxeram a vida do cosmo? — Despedida dos "homenzinhos verdes" — O "mistério dos diamantes" dos incas, uma grande burla — Ninguém sabe de nada — Como secaram as fontes in loco — De volta de uma trilha errada, agora, mais prudente.

O jornalista Henry Gris, que domina perfeitamente a língua russa, entrevistou o matemático e astrofísico soviético Scrguei Petrovitch Bojitch. No começo de 1979, a UPI transmitiu essa entrevista sensacional para todo o mundo, através de seus teletipos. Durante uma estada na África do Sul, cheguei a tomar conhecimento dela pela edição de 20 de agosto de 1979, do diário *Kand Daily Mail*¹. Fiquei boquiaberto ao ler a notícia: "Na minha opinião, não há dúvidas de que uma espaçonave extraterrestre está girando em torno da Terra, túmulo de um mundo distante, com uma tripulação morta a bordo".

Será que o professor Bojitch estava ficando maluco? Ao voltar para casa, recebi da agência de recortes de jornais a mesma entrevista publicada pelo *National Enquirer*². Escrevi, então, para amigos que trabalham na redação em Latana, Flórida, pedindo uma cópia da gravação da entrevista. Recebi prontamente uma cópia na tradução inglesa³. Passo a citar trechos dessa entrevista:

Gris: Professor Bojitch, seus colegas se mostram muito contentes com os resultados de suas pesquisas. Poderia comunicar algum desses resultados a nós, do Ocidente? Bojitch: Disponho de dados astronômicos definitivos a respeito de diversas descobertas interessantes. Gris: O senhor está convencido da exatidão desses dados? Bojitch: Sim, estamos convencidos: uma espaçonave extraterrestre destruída, proveniente de um outro sistema

solar, está girando em torno da Terra, desde que sofreu avarias. Ela explodiu. Dois fragmentos maiores e oito pedaços menores giram em torno da Terra. Nossos cientistas observaram, durante anos, por meio de telescópios, os dois fragmentos maiores. Supomos que vocês, no Ocidente, tenham feito o mesmo. Acho que se deveria preparar uma missão russo-americana para trazer à Terra aquilo que sobrou da espaçonave e de seus tripulantes, É possível fazê-lo, e deveria ser feito antes que os destroços caiam na Terra, desfazendo-se na atmosfera. Gris: O senhor falou "tripulantes"?

Bojitch: Sim! Acredito que ainda poderia haver estranhos de outro sistema solar nos dois fragmentos maiores da espaçonave destruída. Quem sabe como são eles? Provavelmente, estavam tentando observar nosso planeta, antes que ocorresse um grave acidente a bordo, provocando a explosão da nave. Assim como muitos de nossos pesquisadores, eles também morreram pela ciência. Pensando em nossa ciência, imagine o quanto não poderíamos aprender com eles! Nossa tecnologia poderia dar um salto de dezenas de anos.

Gris: Está seriamente convencido daquilo que está afirmando? Bojitch: Bem, desde o início estávamos convencidos de que os objetos não podiam ser fragmentos de espaçonaves terrestres, uma vez que, antes de outubro de 1957, não havia ainda satélites girando em torno de nosso planeta. Mas os fragmentos estão lá há mais tempo. Depois nos convencemos de que *não* podia tratar-se de fragmentos de um meteorito explodido, pois a velocidade dos dois fragmentos maiores é tão grande que teriam caído fatalmente na atmosfera terrestre, desintegrando-se, ou acabariam se projetando no fundo do espaço cósmico. Finalmente, os meteoritos não costumam explodir, a não ser que entrem na atmosfera.

Gris: Não haveria nenhuma outra explicação plausível? Bojitch: Nenhuma que eu conheça. Examinamos tudo repetidas vezes. Por isso mesmo demora-se tanto a chegar a uma conclusão definitiva.

Gris: Quando o senhor viu pela primeira vez os dois fragmentos?

Bojitch: Após observar no telescópio de nosso observatório um fragmento, fiz apenas um registro em nosso diário; depois esquecemos o assunto, pois há freqüentemente corpos extraterrestres a vaguear pelo sistema solar; é só pensar nas estrelas cadentes. Alguns meses depois, descobri o segundo fragmento, sem encontrar uma explicação para ele. Que seria aquilo? Por que o objeto girava em órbita em vez de ir em frente? Não esqueça: naquele tempo ainda não havia no espaço lixo produzido pelo homem. Mais tarde, deu-se um leve desvio de nossos próprios satélites devido aos dois objetos estranhos. Foi aí que começamos a fazer nossos cálculos no computador. Encontramos mais oito fragmentos menores não

observáveis opticamente. O computador calculou as trajetórias dos dez fragmentos retrocedendo no tempo e chegou à conclusão surpreendente de que todos eles estavam ainda unidos em 18 de dezembro de 1955. Nesse dia, portanto, deve ter havido uma explosão na órbita terrestre; os fragmentos eram partes de um objeto maior. Passei a discutir o fenômeno com meus colegas. Durante anos, mantivemos silêncio a esse respeito; queríamos ter certeza de nossa descoberta, pois afinal somos cientistas. Fizemos cálculos e mais cálculos, mas agora já não há dúvida; trata-se realmente de pedaços de uma espaçonave extraterrestre.

Henry Gris pediu a outros peritos russos que manifestassem sua opinião a respeito das afirmações do professor Bojitch. O dr Vladimir Gueorgueievitch Ajala, comandante do primeiro submarino russo a cruzar o pólo norte e autor de diversos livros científicos, comentou;

“É bem possível que os mortos ainda estejam a bordo da espaçonave estranha. Dispomos dos conhecimentos técnicos necessários; basta, portanto, que os russos e os americanos se juntem para trazer partes da espaçonave à Terra. Deveriam agir o quanto antes. Se continuarmos hesitando, é bem possível que em breve seja tarde demais, pois os fragmentos vão cair na Terra e desintegrar-se. Na minha opinião, não há nenhuma dúvida de que se trata realmente de fragmentos de uma espaçonave extraterrestre. Não devemos confundir esses fragmentos com meteoritos; meteoritos não têm órbita terrestre!”

O geofísico Aleksei Vassilievitch Zolotov — conhecido pelas investigações em torno do meteorito de Tunguska, que explodiu às sete horas e dezessete minutos, em 30 de junho de 1908, na taiga siberiana — confirma:

"Não resta dúvida: trata-se dos destroços de uma nave espacial extraterrestre. Estudamos o caso durante muito tempo; agora já não deveríamos perder mais tempo."

Vamos perder, por descuido, a primeira prova autêntica de tecnologia extraterrestre?

Estarão os russos no caminho certo com sua dedicação? Estarão com a razão?

Os corpos que eles estão observando no céu, há tanto tempo, seriam realmente fragmentos de uma espaçonave extraterrestre?

Por que os americanos não tomam nenhuma iniciativa para esclarecer o fenômeno?

Se essa história, a mais fantástica de nosso século, tem algum fundamento, por que a imprensa não volta continuamente a destacá-la em suas manchetes?

Não valeria a pena convocar uma "reunião da cúpula científica" para essa pesquisa, justificando essa denominação tão pretensiosa e abusiva?

Eu quis saber a fundo o que havia de verdadeiro nessa "notícia sensacional". Eis a história:

Como uma espaçonave extraterrestre se desfaz em nada

Em outubro de 1969, a revista americana *Icarus*, especializada em astronomia, publicou um relato de nove imagens sob o título: "Satélites terrestres — Provas diretas e indiretas"⁴. O artigo estava assinado pelo astrônomo John P. Bagby, colaborador do centro de pesquisas da Hughes Aircraft Company, em Culver City, na Califórnia.

Durante anos, Bagby observou o espaço em torno da Terra. Era uma tarefa importante, pois, desde o início dos anos 60, os russos e os americanos começaram a colocar em órbita um número cada vez maior de satélites. As trajetórias desses corpos celestes artificiais não podem sofrer desvios de suas órbitas previamente estabelecidas, sob pena de provocar uma colisão de satélites "frouxos". Isso vale também quanto aos satélites geoestacionários que transmitem, por exemplo, programas de televisão e ligações telefônicas ao redor da Terra. Vistos da Terra, eles parecem estar parados num certo ponto do firmamento, mas, na realidade, também se movem. Apesar dos cálculos precisos das órbitas e da não ocorrência de problemas técnicos, havia alguns satélites que não se mantinham nas trajetórias previstas. Algum fator estranho os desviava e alterava sua órbita, levando alguns à desintegração prematura ao entrar em contato com a atmosfera terrestre. Russos e americanos começaram a vasculhar, com o auxílio de seus radares de alta precisão, ponto por ponto do espaço acima de nós: onde estava a causa das modificações orbitais?

Mesmo antes do lançamento do primeiro Sputnik, em 4 de outubro de 1957, sabia-se da existência de "microluas" naturais que giram em torno da Terra. Tinham sido registrados dez desses satélites *naturais*: oito corpos pequenos e dois maiores. John P. Bagby focalizou essas microluas, publicando os dados orbitais reunidos durante longo tempo. Depois colocou esses dados num computador, para verificar se os satélites *naturais* podiam ser responsabilizados pelos desvios orbitais dos satélites *artificiais*. Bagby — ou melhor, seu computador — constatou um fato surpreendente; uma vez conhecida a órbita de um corpo celeste e consideradas as demais influências físicas — como o vento solar, a gravidade da Terra, a força centrífuga —, podem ser calculados os desvios futuros na trajetória de um satélite. (Por meio de cálculos semelhantes, foi possível prever, em 1979, onde e quando

cairiam os destroços do Skylab.)

Bagby examinou todas as possibilidades. A fim de evitar a colisão de satélites artificiais, ele fez que o computador não calculasse apenas os dados futuros, mas retrocedesse em seus cálculos. Ele queria saber de onde vinham essas microluas naturais. E mais: por quanto tempo ainda continuariam a girar em torno da Terra.

O cálculo retrocessivo das órbitas deu este resultado: todos os dez corpos estavam unidos num mesmo ponto em 18 de dezembro de 1955. Não havia nenhuma dúvida: no dia 18 de dezembro de 1955 acontecera uma explosão numa órbita terrestre. Mas Bagby dizia, em seu relatório na *Icarus*, que se tratava de fragmentos *naturais*; ele não fez nenhuma menção a uma nave espacial extraterrestre. Essa idéia ocorreu primeiro aos russos. Por quê?

Os russos não perdem nenhuma publicação interessante do Ocidente, que muitas vezes coloca seus conhecimentos à disposição do público de um modo bastante leviano. O professor Bojitch afirma ter observado as trajetórias dos dois fragmentos maiores, mas, na realidade, foi John B. Bagby o primeiro a escrever sobre o fenômeno. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, não há dúvidas quanto à existência dos fragmentos — a discussão gira apenas em torno de sua natureza.

As grandes potências gostam de enganar-se mutuamente, mas existem fatos que não se conseguem ocultar, mesmo que se trate de explosões atômicas no fundo da Terra. Muito mais difícil teria sido esconder a colocação em órbita de algum artefato técnico. Fica excluída, portanto, qualquer possibilidade de se tratar, no caso dos dez pedaços enigmáticos, de peças artificiais. O primeiro lançamento de um satélite de origem terrestre aconteceu em 4 de outubro de 1957 — dois anos *após* a explosão do objeto desconhecido. Depois da publicação dos dados de Bagby, os russos também começaram a fazer seus cálculos, chegando a estabelecer a mesma data para a explosão: 18 de dezembro de 1955.

O que os levou à idéia inicialmente estranha de que os objetos cósmicos pudessem ser pedaços de uma nave espacial extraterrestre?

Muito vivos, os russos foram adiante em suas investigações: eles queriam saber qual tinha sido a órbita do objeto completo *antes* de 18 de dezembro de 1955. Para ter a resposta, era necessário, antes, conhecer o tamanho dos fragmentos, para poder tirar, a partir deles, conclusões quanto ao tamanho do objeto completo. Medições de radar e de raios *laser* informaram que os dois fragmentos maiores deviam ter uns vinte e sete metros de diâmetro; os oito pedaços menores foram avaliados apenas por ilação. Com base nesses resultados, concluiu-se que o objeto devia ter, antes do dia 18 de dezembro de 1955, um diâmetro entre setenta e oitenta metros.

Os russos continuaram investigando; se o objeto fosse constituído de ferro de meteoro, devia ter um peso diferente daquele que teria uma esfera oca. Segundo essas pesquisas importantes, o corpo explodido devia ter sido oco.

Quem estava com a razão: os russos ou os americanos? Tratava-se de um objeto artificial ou natural?

Fui perguntar aos cientistas — e eles responderam

Escrevi a diversos cientistas ocidentais, apresentando-lhes as minhas perguntas detalhadas.

O professor Harry O. Ruppe, que foi durante muitos anos a "mão direita" de Wernher von Braun e ocupa hoje a cadeira de técnica espacial, da Universidade de Munique, me deu a seguinte resposta⁵:

"Conheço o artigo publicado na *Icarus* que o senhor menciona. O cálculo retrocedente de órbitas é sempre meio duvidoso; por isso, deve-se considerar a 'unidade do objeto' com certas restrições. Afirmarções quanto ao tamanho do 'objeto original' não passam de palpites. Naturalmente, um tal objeto poderia ser, em teoria, de origem extraterrestre; no entanto, sempre que possível, as pessoas procuram contentar-se com uma explicação menos 'exótica'".

Em termos semelhantes, mas de um modo mais exaustivo, respondeu o engenheiro da NASA, Jesco Puttkamer⁶:

"Até hoje, não há nenhuma prova da existência de satélites naturais em torno da Terra, a não ser a Lua. Os dados publicados por Bagby, no artigo da *Icarus* que o senhor menciona, passaram a ser objeto de sérias dúvidas, tanto que o dr. John O'Keefe, do NASA-Goddard Space Flight Center, um dos peritos mais destacados nesse campo, tem tachado os dados de Bagby como *wrong* (errados), sem exceção. Ele afirma ter conversado diversas vezes com Bagby, chegando a convencê-lo de que as interferências orbitais, supostamente provocadas pelos satélites hipotéticos em satélites artificiais, não correspondem à realidade. Desde aquele tempo, foram feitas diversas buscas intensivas a procura de outros satélites, sempre sem qualquer resultado. É claro que registramos meticulosamente todos os satélites artificiais — que já são mais de quatro mil e quinhentos —, dos quais muitos são 'desconhecidos', mas não de origem extraterrestre (fragmentos, URSS, etc).

Quanto à sua pergunta sobre por que esses objetos devam ser de origem natural, basta dizer que é essa, logicamente, a idéia mais óbvia. Salve-se que o sistema solar está repleto deles: portanto, não parece ser improvável que a

Terra também tenha os seus. Espaçonaves extraterrestres existem, até o momento, apenas em nossa fantasia, não tendo nenhum sentido para o cientista e carecendo de todo e qualquer fundamento o ato de declarar esses produtos da fantasia como reais, porquanto existem, em seu lugar, explicações mais simples, justificadas, comuns e lógicas.

Em resumo, a bolha da 'nave espacial extraterrestre' se desfaz como por encanto, não deixando realmente nada de sobra. Mas esse fato não impedirá que muita gente de boa fé, como também os mentirosos profissionais, voltem sempre a apresentar novas provas que, na realidade, nem existem."

O professor Frank Drake é o mais conhecido radioastrônomo do mundo. Ele é o diretor do National Astronomy and Ionosphere Center, da Cornell University, em Ithaca, Nova York, que dispõe de um dos maiores radiotelescópios do mundo, construído em Arecibo, Porto Rico. O professor Drake me deu a resposta abaixo⁷:

"Caso os objetos se tenham originado realmente de um corpo étnico, não estamos em condições de dizer, atualmente, qual a procedência desse corpo. Para tanto, precisaríamos de um exame direto. Seja como for, o mais razoável parece ser, obviamente, uma suposta origem natural, de acordo com os conhecimentos disponíveis hoje em dia a respeito de tais objetos. Uma importância especial deve ser atribuída ao fato de o eixo estimativo das órbitas desses objetos se localizar justamente dentro da linha de Roche*. Resulta daí a idéia bem provável da desintegração de um objeto natural em virtude das forças de gravidade, ao ultrapassar a linha de Roche. Pressupondo que o objeto grande tenha se partido de modo suave e não em consequência de uma explosão, teríamos uma congruência entre essa suposição e o fato de os objetos se apresentarem em órbitas muito semelhantes. Estaríamos, assim, em harmonia com a idéia de uma desintegração provocada pela força da maré.

Na "linha de Roche" verifica-se a atuação tanto da gravidade da Terra quanto da gravidade da Lua.

Não tenho informações sobre o tamanho de cada um dos objetos, nem sobre seu atual paradeiro, Não tenho conhecimento, tampouco, de planos para uma investigação mais direta desses objetos. Espero que essas minhas informações lhe sejam úteis."

Tudo claro, então? Nada está claro!

Com essas três respostas concisas e seguras parece estar tudo esclarecido. Mas, será mesmo assim?

Um princípio científico estabelecido é o de que, para encontrar alternativas de solução para questões abertas e surpreendentes, devem-se empregar, primeiro, os conhecimentos mais próximos guardados — por assim dizer — na geladeira; as explicações "exóticas" (Ruppe) ficam para depois. As cartas Citadas partem desse princípio. Sem a observância desse princípio básico da lógica científica, correr-se-ia o perigo de dispersar, sem critério, as forças e os meios disponíveis para a pesquisa. Poderiam vir a ser abordados problemas que, no final das contas, apenas levariam ao desperdício de tempo e dinheiro. Nada mais que despesas!

Parece-me, no entanto, que grassa um vacilo despercebido nesse procedimento comum. A "idéia logicamente mais óbvia" (Puttkamer) estará necessariamente "de acordo com os conhecimentos disponíveis hoje em dia" (Drake). Se "até hoje não há nenhuma prova" (Puttkamer), então trata-se de uma clara negativa à fantasia construtiva — que, afinal, teve um papel importante, inicialmente, na fundação da NASA, com seus planos audaciosos — e às especulações que deveriam ser consideradas. Wernher von Braun mostrou-se atento a essa problemática, quando me deu a oportunidade de uma entrevista. A resposta mais óbvia virá sempre de *um ponto de vista atual*. Para pôr em dúvida esse princípio de cunho extremamente conservador, permito-me citar o cientista e diplomata americano James Briant Conant, que escreveu estas palavras em seu livro *Modern science and modern man* (1952):

"A história da ciência demonstra, indubitavelmente, que progressos revolucionários e significativos não provêm do empírico e sim, de novas teorias".

Muitos exemplos comprovam como é possível ser vítima de erros, quando se tomam em consideração apenas as soluções "mais óbvias":

Há quarenta anos adoeceu um prospector, isto é, um indivíduo que vasculha o chão à procura de reservas de minério de ferro, de cobre e outros metais. Ele se queixava de ataques de tontura, seus olhos doíam, sua pele ressecara e, com frequência crescente, sofria crises de um cansaço extenuante. Tendo sempre soluções evidentes em suas maletas, os médicos diagnosticaram, primeiro, um resfriado, depois acharam que devia ser uma gripe, depois anemia e, finalmente, falaram de um vírus desconhecido. O prospector era medicado de acordo com esses diagnósticos, até que sobreveio a morte de maneira bastante dolorosa.

E o que eles não viram ao emitir tantas respostas "óbvias"?

Sem sabê-lo, o prospector tinha trabalhado durante um período longo numa região em que havia um veio de urânio sob a terra. O urânio natural emite radiações, e a natureza que abriga em seu seio o elemento radiativo

não o protege com muralhas de concreto e câmaras de água. Como as soluções óbvias não permitissem que se chegasse àquela possibilidade decisiva — numa profissão desse tipo! — foi aplicada ao paciente uma terapêutica errada: em vez de ministrarem preparados que diminuíssem os efeitos da radiação, receitaram poções contra gripe e remédios à base de hemoglobina, contra a anemia. Fez-se o que era mais óbvio.

Outro caso:

Há mais de vinte e cinco anos, milhares de pessoas afirmam ter visto OVNIS. Esses objetos não se coadunam com o saber "racional" da ciência, em seu atual estágio de conhecimento; portanto: não existem. O argumento mais à mão para acabar com o problema é fornecido pela psicologia: essas pessoas são loucas, sofrem de alucinação, percebendo objetos não existentes. Eu não sou entusiasta dos OVNIS, mas acho que esse método "óbvio" apenas empurra o problema para escanteio, sem dar-lhe, realmente, uma solução.

Outro caso ainda:

Há muitas tradições que nos falam, em termos gerais e em detalhes, de "deuses" que teriam invadido o nosso planeta, vindos lá do céu. Antigos cronistas relatam seus nomes e suas funções, constataam suas realizações e descrevem com precisão sua chegada e seu retorno. Mas, como os "nossos conhecimentos atuais" não permitem "nenhuma prova" de sua *existência real*, procura-se, novamente, a resposta mais "próxima" no campo da fé e da religião ou em interpretações pseudopsicológicas. Não há de ser *assim*, porém, que nos daremos por satisfeitos com um feijão e arroz qualquer da cozinha experimental tradicional.

Se as constantes admoestações de nada adiantaram, deveria, ao menos, chamar a atenção o fato de tantas descobertas fundamentais e pioneiras terem sido realizadas por leigos que não se preocuparam com "o estágio atual do saber", avançando com sucesso em campos 'exóticos para os quais não se atentaram. Esses intrusos não se satisfazem com a solução mais "óbvia": ingenuamente fazem suas perguntas *depois* da resposta mais "óbvia" — perguntas utópicas *além* do estágio "atual do conhecimento".

Durante muitas noites discuti essa problemática com cientistas amigos meus. Eles responderam: o que podemos fazer? Correr atrás de toda e qualquer fantasmagoria? Em pouco tempo, nossos recursos financeiros, que vêm das universidades e do governo, seriam cortados. Considerando esse raciocínio na base de valores prováveis, parece-me que a ciência se coloca num dilema fatal entre "respostas mais óbvias" e acertos casuais empíricos.

Tenho fantasia, mas não sou fantasista. (Compreendo o di lema, não sou a favor de caminhadas indiscriminadas atrás de qualquer tipo de excentricidade. Medeia, no entanto, um campo imenso — para usar as

palavras de Theodor Fontane — entre "respostas óbvias" e respostas especulativamente *possíveis*. Antes de seguir as pegadas de uma resposta *possível*, deve-se examinar seriamente o grau de probabilidade de eu encontrar uma solução. Esse tipo de procedimento não custa dinheiro, requer apenas o uso da cabeça. É necessário que se procure saber com toda a isenção se a resposta *possível* tem alguma chance real em relação à "resposta mais óbvia".

A dúvida não é apenas permitida, ela é necessária

Em nosso caso concreto, temos diante de nós duas declarações opostas, A resposta, mais óbvia, no Ocidente, é esta: trata-se de satélites *naturais* que estão girando em torno da Terra como dez fragmentos não identificados. Os russos afirmam: "Pesquisamos e voltamos a pesquisar, fizemos cálculos e mais cálculos... trata-se de fragmentos de uma nave espacial extra-terrestre".

Não cabe a mim apreciar a qualidade das declarações de cada um dos lados, mas minha consciência me diz que os estimados cientistas de ambas as partes deveriam sentar-se juntos à mesa. Sou contra o desperdício de uma, chance inédita. Sou a favor da sugestão russa, que propõe um exame meticuloso de, ao menos, um dos objetos, antes que ele se perca para sempre na atmosfera terrestre. Bilhões de dólares foram gastos para trazer algumas amostras de pedras da Lua, e, no entanto, ninguém mais fala nelas. Mas, ao alcance de nossa mão, giram dez pedaços não identificados entre quatro mil e quinhentos satélites artificiais registrados, sem que ninguém ligue para eles... no Ocidente! Só porque uma "resposta óbvia" já os colocou de lado.

Também simpatizo mais com a idéia de que se trata, no caso dos dez fragmentos, de objetos de origem natural, mas devem ser provenientes de algum lugar. Certamente não partiram da Terra. O bloco completo que, de acordo com a opinião maravilhosamente unânime tanto do Ocidente quanto do Oriente, se partiu no dia 18 de dezembro de 1955, devia ter atrás de si uma longa viagem. Sua simples existência já deveria estimular novamente a pergunta sobre uma vida fora dos limites da Terra. Não poderiam ser também esses minicorpos os portadores de formas estranhas e longínquas de vida?

Em novembro de 1980, realizou-se na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, um encontro de respeitáveis estudiosos para examinar a questão do surgimento da vida na Terra a partir de uma "fecundação" procedente do universo⁸. Quando, em 1973, propus humildemente uma discussão sobre essa possibilidade, choveram toneladas de escárnio sobre a minha cabeça; agora há cientistas falando sobre esse tema. Sinto-me feliz!

Falta ainda a prova definitiva da existência de vida extraterrestre. O fato de a questão da existência de formas de vida cósmica ter-se transformado em ponto sério de pesquisa se deve, em grande parte, de acordo com o professor Hans Elsaesser, "à opinião de muitos cientistas que consideram a suposição de sermos os únicos seres inteligentes no cosmo um caso de megalomania".

As especulações sobre vida extraterrestre não são tão novas assim. O físico e fisiólogo Hermann Eudwig Ferdinand von Helmholtz (1821-1894) escreveu:

"Quem sabe se os meteoritos e os cometas que viajam pelo universo não levam o germe da vida para todas as partes onde os mundos estão desenvolvidos a tal ponto que seres vivos tenham uma chance de sobreviver?"

Sherwood Chang, do instituto de pesquisa da NASA de Ames, na Califórnia, descreveu, durante o simpósio de Maryland, em 1980, a possibilidade de um desenrolar dos fatos nestes termos: a Terra era inóspita como outros corpos celestes analisados recentemente pelas sondas espaciais — nua como a Lua, dura de gelo como Júpiter, poeirenta e cheia de crateras como Marte, sem atmosfera. Cometas e asteróides, porém, foram caindo na Terra como "bombas", trazendo com sua matéria rica em carbono a base para qualquer tipo de vida. Sherwood Chang está convencido de que a vida primitiva se desenvolveu a partir desses primeiros elementos biológicos. Quanto a objeção de que a radiação cósmica e o calor elevadíssimo teriam destruído as moléculas, pode-se citar a opinião de Don E. Brownlee, da Universidade de Washington, que sustenta a possibilidade de terem as partículas ricas em carbono sobrevivido à longa viagem. Por meio de sua radiação característica, conseguiu Brownlee detectar pelo menos cinquenta compostos químicos que poderiam ter servido de base para a origem da vida, compostos estes que fazem parte dos meteoritos e da cauda dos cometas.

A mesma tese é defendida por Yeheskel Wolman, da Universidade Hebraica, de Jerusalém⁹. Durante um congresso, realizado no verão de 1980, mais de cem cientistas discutiram a questão "Será que Adão veio do espaço?" Estando de acordo quanto ao desenvolvimento das formas de vida primitivas para as superiores, houve, no entanto, muitos debates quanto ao passo que separa o mundo mineral, abiótico, das primeiras formas de vida primitiva.

Eis as palavras do professor Wolman:

"Sabemos, por análises químicas, que os elementos básicos da vida são formados por composições químicas com moléculas gigantes. Cada uma dessas moléculas é formada por várias centenas de milhares e até milhões de átomos. Chamamos essas substâncias químicas de polímeros. Quando

soubermos como e quando surgiram os primeiros polímeros, estaremos mais perto do início da vida... Desconfiamos que as substâncias básicas de que a natureza se utilizou para criar os primeiros polímeros tenham vindo do universo, não da superfície terrestre".

No decorrer das discussões, registrou-se a seguinte intervenção do professor Emanuel Gilav, do Instituto Weizmann de Ciências, de Rehovot:

"Nossa pesquisa começou como qualquer outra, motivada pela curiosidade. Logo que soubermos como se originaram as primeiras células vivas, teremos, também, mais facilidade para combater o câncer. Pois o câncer não é outra coisa senão a multiplicação doentia de células".

No segundo capítulo do Gênesis está escrito: "E o Senhor Deus fez o homem do pó da terra". Ficou comprovado que os polímeros se formam mais facilmente de substâncias orgânicas comuns quando caem em terra argilosa.

Tudo bem. Descobrimos a existência de elementos necessários à vida, no universo, mas isso não nos obriga a acreditar na existência da vida fora da Terra. E, no entanto, na vizinhança da Terra giram uns corpos sem que a gente se dê ao menos ao trabalho de verificar se corpos extraterrestres — esqueçamos os pedaços de uma nave extraterrestre de que falam os russos — contêm algum tipo de microrganismo que poderia, ao menos, confirmar de modo irrefutável a existência de vida no universo.

Será que os nossos esforçados cientistas não sabem dessa chance que está ao alcance de suas mãos, para transformar as hipóteses em fatos? Não faltam recursos técnicos para investigar os dez fragmentos ominosos. E por que não se passa à ação? Quer se trate de fragmentos de origem natural quer de origem artificial, que importância tem isso em comparação com problemas incomparavelmente maiores? E se os fragmentos de existência comprovada pudessem esclarecer a origem das primeiras células, haveria uma possibilidade de vencer o câncer. Vamos esquecer a suposição utópica de que se trata de pedaços de uma nave espacial extraterrestre destrocada. Melhor é pôr-nos a caminho para procurar as origens da vida. Esse objetivo vale qualquer esforço. Nesse sentido, as pesquisas já realizadas tanto no Oriente quanto no Ocidente têm um grande valor. Falta apenas apontar para um objetivo diferente, novo. Que dificuldade haveria nisso? Se a ONU não fosse apenas aquela associação impotente que se esgota em votações, bem que poderia conclamar a todos para essa grande façanha em conjunto: procurem os vestígios da primeira vida no espaço... e poderemos vencer o câncer.

Despedida dos homenzinhos verdes?

Sabemos com que dedicação a ciência procura descobrir a maneira como a vida chegou ao nosso planeta.

Quando surgiu a idéia de que poderíamos não ser os únicos seres vivos inteligentes no universo, começaram as especulações jocosas e zombeteiras: qual seria o aspecto desse pessoal de outras estrelas? Na esperança de poder acabar com a suposição de vida extraterrestre por meio de chistes, apareceram nas manchetes os "homenzinhos verdes". Mas esse tipo de "humor" não pegou, porque aumentava dia a dia o número de pesquisadores que aderiam à idéia de que a nossa civilização é apenas uma entre milhões ou até bilhões de outras civilizações.

As declarações mais pessimistas, hoje, são, a meu ver, justamente as daqueles que, ainda há pouco, queriam alcançar literalmente as estrelas, como o astrofísico soviético Iosif Samuilovitch Schklovskij. Em seu instituto, em Moscou, que fica na Universitetskiprospekt 13, ele afirmou na minha frente que havia presumivelmente planetas com vida inteligente num raio de cem anos-luz; ele me falou, também, de uma estação espacial de comando cibernético capaz de resistir sem danos a uma viagem de mil anos. Hoje, o mesmo Schklovskij considera a Terra como "exceção rara no universo", passando a presumir uma distância de dez mil anos-luz até a civilização mais próxima.

Essa declaração do russo ¹⁰, considerando a Terra como "exceção rara no universo", não é nada nova. Ela é tão bolorenta quanto a tese de Jacques Monod, divulgada em 1974 em seu livro *Acaso e necessidade*, de que nós, os habitantes da Terra, seríamos — em virtude de um acaso — os únicos seres providos de inteligência em todo o universo. Vou apresentar algumas considerações que, ao que parece, não foram abordadas na discussão pública que se seguiu:

— Os cientistas não precisam provar que a vida deve ter começado de alguma maneira, em algum lugar e em algum momento. Nós mesmos somos prova disso: nós existimos!

— Toda a vida obedece à mesma lei de multiplicação e de expansão. Todos os dias vemos essa realidade acontecer em torno de nós — desde quando e por que? — e até contribuímos com satisfação para esse processo. Portanto, o fato de a vida ter que terminar para poder recomeçar é outra realidade primária que não precisa de mais provas.

— A vida *irracional* nas formas mais primitivas da vida só tem capacidade de se expandir em seu próprio planeta, a não ser que um acontecimento físico (como terremotos, irrupções de vulcões, destruição de

planetas pelo impacto de um meteoro) provoque o lançamento de esporos e germes de formas irracionais de vida para dentro do espaço cósmico.

— A vida *inteligente* tem a tendência de expandir-se. Uma vez criadas as condições técnicas prévias, ela tende a deixar para trás seu planeta original para procurar objetivos longínquos.

A nossa própria exploração incipiente da Lua, de Marte, de Júpiter e de Vênus é uma prova dessa tendência.

— A vida inteligente não precisa se espalhar, necessariamente, através de espaçonaves tripuladas. Seres extraterrestres dotados de inteligência podem mandar, por exemplo, bombas carregadas com vida, em cápsulas leves, lançadas para fora de seu sistema solar por meio de foguetes. Nessas cápsulas pode haver microrganismos de células contendo o código genético da própria espécie. Utilizando-se desse método, os habitantes de outros planetas poderiam vir a fecundar um número infinito de sistemas solares, como foi admitido no simpósio de Maryland, em 1980. Em planetas propícios à vida, os microrganismos garantem uma difusão rápida e global.

— Muitas cápsulas não chegarão nunca a um objetivo, vagando de eternidade em eternidade pelo espaço ou desintegrando-se em algum sol. Essa possibilidade de disseminação da vida já poderia ser até realidade *para nós mesmos*. Quando o leitor tiver em mãos este livro, a sonda de Júpiter lançada em março de 1972 já terá passado por Saturno, deixando atrás de si o nosso sistema solar. Se essa sonda tivesse levado um pequeno recipiente cheio de bolinhas microscópicas, que poderiam ter sido espalhadas por meio de sinais de rádio, haveria uma possibilidade de serem levadas as nossas "mensagens de vida", genes e microrganismos, em todas as direções do universo, atingindo, eventualmente, algum planeta apto a receber a vida, que poderia evoluir, por milhares de anos, "segundo a nossa imagem e semelhança",

— De acordo com esse esquema, a vida pode desenvolver-se, segundo o modelo preestabelecido, em diversos sistemas solares. Essa evolução em outros planetas foge à nossa inclinação de abarcar tudo pelas ciências e pela estatística.

— Por isso, não há resposta para a pergunta: "Qual é a probabilidade de surgir vida em outros planetas?" A vida disseminada por nós (ou por outras inteligências), uma vez presente no universo, segue evoluindo de acordo com sua própria lei intrínseca. A vida se multiplica e cresce como uma bola de neve. Infinitamente, sem parar.

Levando em consideração todos os critérios possíveis, podemos escolher, a meu ver, entre três hipóteses;

Primeira: a vida é infinitamente complicada. Foi um golpe de sorte único

— um acaso? — que fez que existíssemos (Monod).

Segunda: a vida pode ter surgido em tempos diversos, lugares diferentes e sob formas as mais variadas. Essa possibilidade é tão remota que poderia acontecer somente a cada dez mil anos-luz (Schklovskij).

Terceira; a vida se desenvolveu *uma única vez*, num lugar qualquer, num momento qualquer, difundindo-se por adição e multiplicação. Essa suposição ressalva o princípio da evolução, que afirma a semelhança de todas as formas desenvolvidas inteligentes (Däniken).

A primeira e a segunda hipóteses não podem ser comprovadas, atualmente: não há dúvidas quanto à nossa própria existência, mas não sabemos, com certeza, se existem outros seres inteligentes. A terceira alternativa pode ser provada: nós existimos, e todo ser vivo inteligente procura difundir-se e multiplicar-se. Nós — como aliás a própria natureza — procedemos de acordo com essa lei.

Sem os homenzinhos verdes!



O fosfato, a única riqueza da ilha, é explorado irracionalmente. No porto de Nauru, faz-se o embarque em grandes cargueiros, que levam o fertilizante para a Austrália e a Nova Zelândia. Até quando?



Desde tempos imemoriais, os nativos fazem suas necessidades na praia de Taraua, em palafitas construídas dentro do mar. Para chegar lá, é preciso atravessar troncos de palmeiras pouco firmes.



3 Praia de Taraua — uma das dezessete ilhas paradisíacas do oceano Pacífico. Mas mesmo neste paraíso há greves.



4 As choupanas das pequenas aldeias são totalmente construídas de material fornecido pelas palmeiras. Abertas para todos os lados, têm, em sua maior parte, apenas um cômodo — lugar de reunião de toda a família.



5 Em qualquer parte para onde fôssemos, em nosso furgão Datsun, sempre éramos acompanhados pelos pequenos ilhéus alegres, rápidos e prestativos — na medida em que conseguíamos comunicar-nos com eles.



6 Teeta, nosso anjo negro, abre com seu facão um coco, cuja água é ótima para matar a sede e cuja polpa aplaca a fome; um alimento, portanto, saudável e completo ao mesmo tempo.



7 A viúva do pastor Kamoriki nos convidou para a ceia, repleta de especialidades saborosas da ilha e animada por uma noite divertida.



8 Como os edifícios públicos, a casa dos Kamorikis é uma das poucas construídas em alvenaria em toda a ilha. Uma casa pequena, mas cheia de hospitalidade.



9 A *maneba*, a casa de reunião, é o centro de toda a aldeia. Só os velhos têm o direito de falar; os mais jovens só abrem a boca quando são perguntados, e as mulheres nem têm acesso a ela; elas conversam em suas choupanas.



10 O "aeroporto" de Abaiang não passa de uma clareira aberta na selva, como todos os aeroportos dessas ilhas. Os animais pastam na pista de aterrissagem, cheia de irregularidades, enquanto guardas sonolentos a "vigiam".



11 Duas das várias pedras de orientação da ilha Arorae. Firmemente fincadas no chão, elas apontam desde tempos imemoriais para ilhas situadas em mares longínquos.



12 O local do tabu na ilha Taraua do Norte é demarcado por um retângulo de pequenas pedras. Não há vegetação em seu âmbito. Até as palmeiras afastam dele suas copas.



13 A imagem conhecida de Stonehenge, com seus tróitos monumentais.



14 Foi em Rollright que começaram as pesquisas que haviam de levar a descobertas totalmente novas. De ambos os lados da estrada, prolongam-se essas linhas formadas por pedras que "falam".



15 Mesmo carcomidas pelas intempéries de milênios, as pedras de Rollright têm coisas fantásticas a revelar.



16 O *marae* de Arahuharu, no Taiti, é formado por terraços de pequenas pedras sobrepostas. O *marae* continua sendo, mesmo nos dias de hoje, um lugar sagrado para os polinésios.



17 Para o *marae* de Raiatea, na Polinésia Francesa, também foi levado um monólito cheio de *mana*, pelo deus Maui.



18 Duas vezes por semana um aparelho da Aero Peru aterrissa, entre nuvens de poeira, no primitivo aeroporto de Huánuco, a mil e oitocentos metros de altitude. Para os turistas, não há muitos atrativos, exceto o panorama maravilhoso de suas montanhas.



19 Kotosh, local de achados arqueológicos pré-incaicos, situado perto de Huánuco, virou prado verdejante, onde brincam pequenos índios, vigiados por mães zelosas.



20 No vale do Indo, a preferência é dada sempre aos camelos, cachorros e, naturalmente, às vacas sagradas. Infelizmente, esses animais não conhecem regras de trânsito.



21 Os paquistaneses pintam seus caminhões e ônibus de todas as cores e matizes para encantar seu São Cristóvão, padroeiro dos motoristas. Como os passageiros chegam vivos a seu destino nesses ônibus superlotados, parece que esses veículos coloridos cumprem, apesar de tudo, sua função.



22 A dois mil cento e oitenta metros de altitude, passa-se pelo túnel de Baniha. Do outro lado surge, como por encanto, o vale de Caxemira, com seu panorama fantástico.



23 Vez por outra, passamos por pequenas aldeias tipicamente tibetanas. Suas ruas são de aspecto agradável e limpo, como as pessoas amáveis que as habitam.



24 Na periferia de Srinagar correm regatos que servem, ainda hoje, de esgoto a céu aberto. Seu aspecto é bonito para os olhos, mas seu cheiro é desagradável.



25 Nos canais de Srinagar ancoram centenas de barcos. Devido ao grande número de canais, Srinagar é chamada a "Veneza do Oriente".



26 A igreja, em que se diz que estão os restos mortais de Jesus, chama-se Rauzabal Khanyar. É um lugar de peregrinação para cristãos, muçulmanos e hindus.



27 Através de uma pequena porta aberta na grade, desci para a cripta, que não costuma ser aberta.



28 Sob essa pedra estaria depositado, segundo a tradição, o sarcófago que abriga o corpo de Jesus de Nazaré.



29 As ruínas de Parahaspur dão a impressão de uma destruição que veio do ar.



30 Aqui, como na América do Sul, parece que não houve problemas com o tamanho e o peso dos colossos de pedra, nem no transporte nem na fase de lavra.



31 O céu abriu suas comportas. A estrada que leva a El Baul ficou inundada em pouco tempo, tornando-se um caudaloso rio.



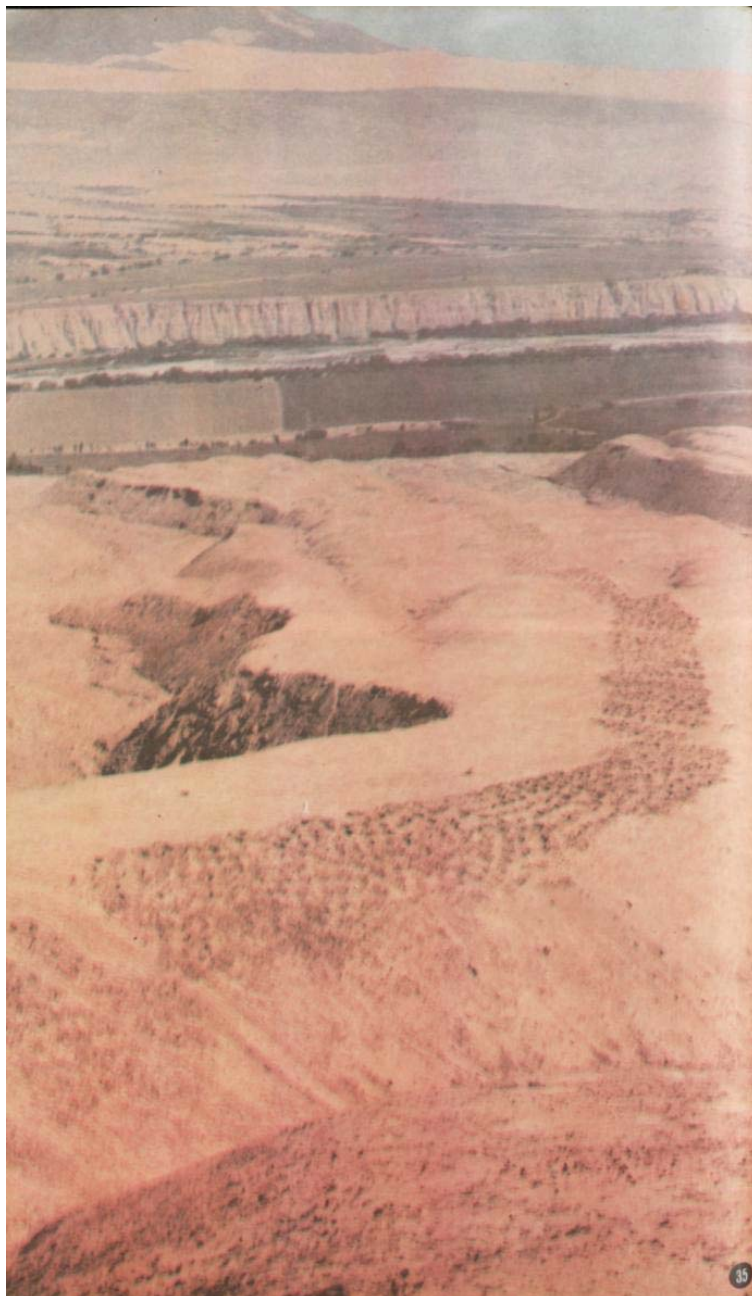
32 O "monumento El Baul número 27".



33 Em Puma-Punku encontra-se esse monólito que aparece na literatura com o nome de "escrivinha".



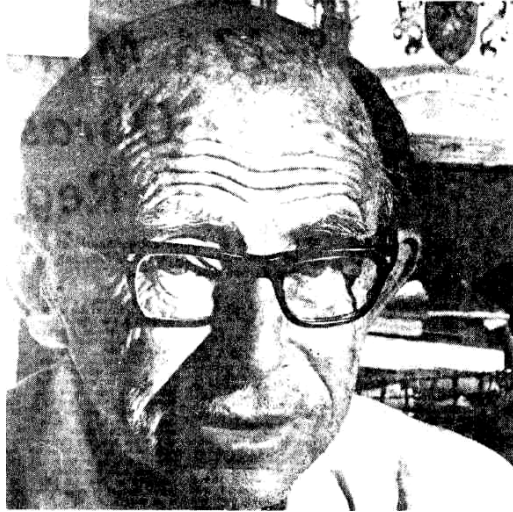
34 Os construtores pré-históricos de Puma-Punku certamente deviam ter conhecimento do compasso como instrumento técnico.



35 Vindo de longe, chega ao vale de Pisco, no Peru, essa misteriosa faixa perfurada por milhares de buracos. Não há explicação para ela.

Um esqueleto extraterrestre?

O que durante milênios ficou escondido sob a terra precisa esperar o "dia D" do encontro comigo. Mas não será esquecido, pois meu arquivo é marcado em diversas cores para lembrar-me. Lá estava aguardando a sua oportunidade, também, essa notícia, na seção IMPROVÁVEL: uma reportagem de 1975, de cunho bastante sensacionalista:



O padre Gustavo Le Paige, que teria achado esqueletos de mortos de outras estrelas.

"Em sepulturas pré-históricas: mortos de outras estrelas O padre belga Gustavo Le Paige está convencido do sepultamento na Terra de seres vivos parecidos com os homens, que vieram de outros planetas há milênios. O padre Le Paige trabalha como missionário no Chile. Há mais de vinte anos ele realiza trabalhos de pesquisa arqueológica. Esse missionário, que tem setenta e dois anos, localizou cinco mil quatrocentas e vinte e quatro sepulturas humanas, das quais diversas teriam, segundo suas informações, mais de cem mil anos. A um repórter chileno, o padre Le Paige, fez, recentemente, as seguintes revelações: 'Creio terem sido enterrados nessas sepulturas, também, seres extraterrestres. Algumas das múmias encontradas por mim denotam formas de rosto desconhecidas aqui na Terra'¹¹".

No extremo norte do Chile, o padre encontrou uma escultura de madeira, dentro de uma sepultura antiqüíssima. A peça que cobre a cabeça é muito semelhante a um capacete de astronauta colocado sobre um tronco cilíndrico.

De acordo com a opinião do santo homem, a oferenda funerária é de origem extraterrestre:

"Ninguém acreditaria em mim, se falasse de todos os outros objetos que encontrei nesses túmulos".

Para ser sincero: eu também não acreditei. Mas, como é do meu costume, peguei o telefone e liguei para a redação do jornal, em Hamburgo. Eles não dispunham de outras informações além daquelas que constavam do artigo; havia apenas um telex procedente do Chile que tinha servido de fundamento para a notícia publicada. Fim de linha! Quando pedi informações a dois jornalistas meus conhecidos que trabalham em Santiago, a resposta foi igualmente negativa: ninguém sabia do padre. O artigo do jornal acabou no arquivo sob o título IMPROVÁVEL.

Ele continuaria lá, se a revista mexicana *Vistazo*¹² não tivesse publicado fotos de um esqueleto que estaria em poder do professor Ramón de Aguilar, do Panamá. Em todo caso, havia chegado a um nome!

Precisamente no Natal de 1979, a conhecida revista brasileira *Gente*¹³ voltou a apresentar o esqueleto extraterrestre, atribuindo-o novamente ao professor Aguilar. O rosto simpático de um homem na flor da idade, de aspecto inteligente, não parecia ser o de um charlatão. E ele não é charlatão mesmo, posso afirmá-lo agora, depois de conhecê-lo pessoalmente.

Com algum atraso, chegou às minhas mãos uma reportagem da revista espanhola *Mundo Desconocido*¹⁴ que trazia outras notícias do padre e de seu esqueleto.

O arquivo IMPROVÁVEL estava me dando sinais de incentivo.

Há anos que privo da amizade do redator-chefe de *Mundo Desconocido*, Andreas Faber-Kaiser. Solicitei sua colaboração. Ele nada sabia a respeito do padre, mas conseguiu arranjar-me o endereço do professor Aguilar. Do México e do Brasil não tinha recebido resposta a meu pedido de informação, mas o professor me respondeu imediatamente: ele se colocava inteiramente a meu dispor para mostrar-me o esqueleto, e eu poderia fotografá-lo de todos os ângulos.

Mas quem é e onde se encontra o padre Le Paige, o descobridor da mensagem pré-histórica?

A embaixada suíça, toda voltada para os assuntos do aquém, respondeu-me, no dia 4 de março de 1980, em carta do conselheiro V. Vuffray¹⁵:

"Prezado sr. von Däniken,

Confirmando o recebimento de sua missiva do dia 23 de fevereiro, posso comunicar-lhe que o padre belga Gustavo Le Paige, conhecido pessoalmente pelo missivista, vive atualmente no Colégio San Ignacio, Calle Alonso Ovalle, 1480, em Santiago. Em vista da grave doença que o acometeu nos últimos meses, quando teve de se submeter a um demorado tratamento médico, é muito provável que não mais possa voltar a San Pedro de

Atacama.

Neste povoado, que fica na região norte, ao sopé dos Andes, bem próximo ao deserto de salitre, o mencionado padre construiu um museu que abriga toda a riqueza de esqueletos e de inúmeros objetos encontrados e desenterrados por ele naquela região.

Faço votos para que o senhor tenha oportunidade de entrar em contato com o padre Le Paige, e ficaria contente em recebê-lo quando de sua visita ao Chile."

Ah, se todas as mensagens fossem tão boas! No mesmo dia, despachei todos os meus livros em tradução espanhola ao conselheiro da embaixada, solicitando que fossem entregues ao padre enfermo, juntamente com os melhores votos de pronto restabelecimento e com o anúncio de minha visita.

A essa encomenda respondeu, em 7 de maio de 1980, nosso embaixador, o sr. Casanova¹⁶:

"Quando quis mandar entregar seus livros em espanhol ao padre, que também conheço pessoalmente, recebi a notícia de que ele estava em estado de coma havia já algumas semanas".

No meu plano de viagem para a América do Sul, que previa um grande número de contatos, estava reservada a segunda semana de agosto para um encontro com o padre Le Paige. No dia 6 de junho recebi, por via aérea, em carta expressa, a seguinte notícia desoladora¹⁷:

"Prezado sr. von Däniken,

Agradeço sua missiva do dia 27 de maio, na qual confirma sua chegada a Santiago para o dia 8 de agosto.

Infelizmente, tenho de comunicar-lhe que o padre Le Paige faleceu no dia 19 de maio. O museu arqueológico fundado por ele está subordinado à Universidade do Norte, Casilla 1280, Antofagasta.

Envio-lhe três artigos de jornal sobre o padre Le Paige, anexos.

Atenciosamente,

M. Casanova

Embaixador da Suíça."

Desta vez, as informações haviam ficado por muito tempo no arquivo do IMPROVÁVEL. OS artigos sobre o falecido padre davam testemunho do carinho que os índios lhe dedicavam e acentuavam a confiança que se podia depositar nas palavras desse homem de Deus. O segredo de suas descobertas, porém, e a história incrível do esqueleto extraterrestre o acompanharam para a eternidade.

Com todo o fervor eu desejava que a benevolência dos deuses velasse, então, pela saúde do professor Aguilar.

Frente a frente com o professor Aguilar

Em fins de agosto, fui recebido pelo professor Aguilar em sua biblioteca bem sortida, rodeado por sua família. Em poucos instantes, percebi que ele, através de meus livros, sabia tudo a meu respeito, enquanto eu nada sabia sobre ele. Esse senhor agradável, de barba cheia, cuja bonomia afastava imediatamente qualquer tipo de acanhamento, sorriu-me compreensivo, enquanto tirava da gaveta de sua escrivaninha um *curriculum vitae* de cinco páginas, que me entregou. O professor Aguilar tinha feito o doutoramento em medicina, em 1953, em Sevilha; em 1960, formou-se em psiquiatria, em Madri. Como médico-chefe, recebeu diversos títulos honoríficos de doutor. Estava eu em boas mãos, portanto, aguardando ansiosamente o momento em que me fosse mostrado o primeiro esqueleto extraterrestre.



O professor Ramón de Aguilar, médico-chefe no Panamá.

Mas o professor não tinha pressa; mandou servir champanha para brindarmos um ao outro, à sua senhora e às suas duas filhas. Falamos sobre o calor úmido do Panamá, das férias escolares dos filhos e da situação política internacional deplorável. Aí não agüentei mais: interrompendo essa conversa fiada, fui tirando revistas e jornais de minha maleta, para perguntar

diretamente, ferindo as regras da boa educação:

— E o esqueleto, onde se encontra?

O professor sorriu e explicou, refreando a minha impaciência, que eu teria de ouvir, primeiro, a história de sua descoberta, uma história que me fez duvidar, por momentos, da sanidade mental daquele homem douto.

Três homens de preto e o pequeno esqueleto

1972. Foi encontrado, nas proximidades de Eréndira, na baía da Califórnia, do lado mexicano da fronteira, um esqueleto muito semelhante àquele que se acha em poder do professor, como ele me explicou. Esse esqueleto de 1972, exposto no famoso Museu Antropológico da Cidade do México, foi examinado por antropólogos de renome e classificado como de origem "não terrestre".

Depois aconteceu um fato curioso: o esqueleto sumiu sem deixar vestígio, e os mesmos cientistas que pouco tempo antes tinham declarado o objeto como de origem "não terrestre" começaram a mudar de opinião, negando suas afirmações anteriores. O professor deixou escapar um sorriso, como se quisesse dizer que não estranhava em nada essa atitude de "firmeza" de seus colegas.

Pouco depois desse acontecimento, apareceu um trabalhador rural na casa de Ramón de Aguilar, trazendo um "esqueleto" que tinha achado na praia de San Carlos, na costa panamenha do Pacífico. O professor percebeu, imediatamente, as semelhanças que havia com o achado do México, que ele conhecia de muitas fotos. Começou, então, a corrida dos repórteres que, como lembra agora o professor com reprovação, lhe faziam mil perguntas para, depois, torcer o sentido de suas palavras, como ele podia constatar no dia seguinte nos jornais.

Compreendi muito bem essa indignação, pois eu mesmo caí muitas vezes nessas armadilhas. Eu achava um tanto enfadonha essa história toda, porém continuava escutando pacientemente, sem interromper, para ver o quanto antes o esqueleto. Mas, de repente, a narração adquiriu um colorido mais excitante.

Acontecera numa tarde, havia cerca de três anos. Três indivíduos, em trajes pretos, puseram-se a tocar a campainha da casa. A secretária que abriu a porta foi afastada sem explicação, e os três avançaram para o escritório do professor. Seus colaboradores começaram a sentir medo, e o próprio Aguilar também ficou meio assustado.

Esses três homens de preto¹⁸ fizeram surgir em minha memória, por uns breves momentos, aquelas figuras estranhas, denominadas MIBS (*Men in*

black), que aparecem de vez em quando, não se sabe de onde, no cenário internacional da literatura especulativa. Seu aparecimento se liga a assassinatos misteriosos, sendo considerados como "viajantes do tempo" que surgem de repente para cumprir sua missão terrível e sumir, em seguida, sem deixar vestígios.

Apesar de estes três homens de preto combinarem perfeitamente com a história do professor, parecia que o cientista, com toda a sua experiência, nunca tinha ouvido nenhuma referência a respeito desses obscuros MIBS, e, no entanto, três sujeitos com roupas iguais tinham estado em seu escritório, e com toda a certeza tinham sido observados por diversas testemunhas. O fato curioso não durou mais que meia hora. Depois, os homens de preto se retiraram do mesmo modo como tinham chegado, sem dizer uma só palavra, como que engolidos pela terra.

Eu perguntei:

— O que queriam ou procuravam esses homens?

— Não sei — disse Aguilar. — Eles não exigiram nada, permanecendo mudos; foi simplesmente estranho e misterioso.

— Eles levaram o esqueleto? Estavam à procura dele? O professor sorriu:

— Não. Eu também pensei, primeiramente, que fosse esse o objetivo deles, pois lembrava-me daqueles fatos não esclarecidos que tinham ocorrido no México. Mas não foi isso. Nem tocaram no esqueleto.

— Ele continua, então, em seu poder?

— Logo mais vou mostrá-lo.

Senti como que um peso de dimensões ciclópicas deixar meu peito. Afinal de contas, não é todo dia que aparece a chance de se ver um esqueleto extraterrestre! O professor Aguilar colocou um estojo de vidro sintético sobre a mesa. Tinha quinze centímetros de comprimento e dez de largura. Tirou a tampa.

Fiquei com os olhos esbugalhados. Diante de mim vi um pedaço de pele desbotada, com grandes poros; tinha uns oito centímetros de comprimento. Pensei que fosse um esqueleto de rato, revestido de pele. Com certa repugnância, tomei-o em minhas mãos para olhá-lo de todos os lados. Tinha poucos gramas de peso. Poderia ser despachado num envelope normal, sem exceder o peso de uma carta.

Na frente, "sobre o peito", notei dois buracos dispostos numa mesma linha, que devem ter servido para fixar o objeto. Pequenos tocos mutilados pareciam os braços de um feto; tinham sido costurados, visivelmente, na pele esbranquiçada. Digna de menção me parecia apenas a forma de duas saliências que se encontravam nas costas, à altura das omoplatas, parecidas

com dentes de Drácula ou com mamilos deslocados.

Eu não parava de dirigir decepcionados olhares interrogativos ao professor, que parecia observar com satisfação o nojo que esses restos miseráveis de um pequeno mamífero qualquer me causavam.

— É esse o esqueleto que inspirou as manchetes? — perguntei com voz rouca. Senti que estava numa pista que não levava a nada.

— É esse, sim — confirmou o professor.

— Por que acha que ele é de origem extraterrestre?

— De origem extraterrestre? — Ramón de Aguilar balançou negativamente a cabeça. — *Eu* não acho que seja de origem extraterrestre, *eu* nunca disse isso!

Quem foi, então, que deu o alarma falso para tantos jornais? O professor começou a rir, e riram, também, sua mulher e suas filhas. Surgiu um ar de descontração geral, que varreu minha decepção. O professor me asseverou que ele jamais declarara ou sugerira que esse "esqueleto" fosse de origem extraterrestre. Na verdade, ele achava que o achado constituía uma curiosidade, sem que lhe desse, no entanto, alguma conotação de cunho fantástico. Foram certos jornalistas que, exagerando no tempero, transformaram essa pele branca de oito centímetros de comprimento em notícia sensacionalista rentável, oferecendo-a como prato do dia às redações de jornais de todos os continentes. Precisa-se manter o bom humor depois de cair num conto desse tipo.

Pós-escrito:

1. O "esqueleto extraterrestre" do professor Aguilar revelou-se um grande embuste jornalístico.

2. Ao fotografar objetos que não permitem uma avaliação correta de seu tamanho real — como no caso das pegadas gigantes —, prefiro colocar a seu lado uma régua. Se tivesse sido registrado, juntamente com o "esqueleto extraterrestre", seu tamanho de apenas oito centímetros, certamente não teria sido possível enganar os redatores dos jornais.

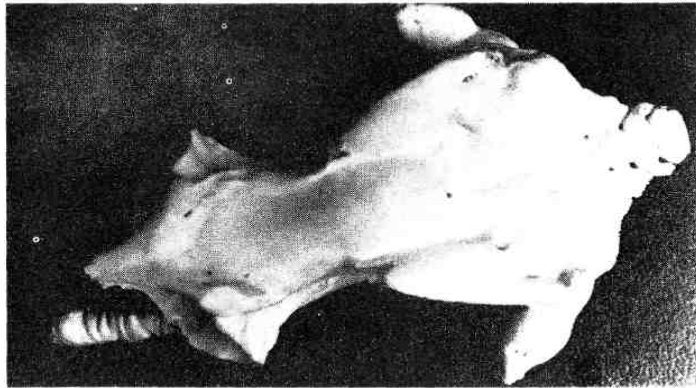
3. Duvido que os restos extraterrestres do padre Le Paige apareçam novamente em algum lugar.

Diamantes incaicos de qualidade duvidosa

Em 5 de julho de 1980, reparei nesta manchete de três colunas: "Os incas conheciam o segredo dos diamantes?" ¹⁹

Os incas são velhos conhecidos nossos, que não param de nos surpreender. Por que não haveriam eles de conhecer também, além de outras técnicas inexplicáveis, a da fabricação artificial de diamantes? Li com

assombro:



Ao alto: o "esqueleto" não passava de um pedaço de pele alvacenta e porosa. No centro: na parte anterior, "no peito", reparei em dois buracos pelos quais o objeto devia ter sido fixado. Embaixo: dignas de nota eram as extremidades estranhas sobre os ombros. Isso não passava de um grande embuste.

"No templo dos incas em Cuca, situado nas montanhas inacessíveis ao norte de Huánuco, no Peru, que tem pelo menos quinhentos anos de idade, um grupo de montanhistas, chefiado pelo etnólogo sul-africano dr. Maath, descobriu achados surpreendentes num local de sacrifícios dedicado ao deus do sol desse legendário povo aborígine da América do Sul. O dr. Maath, especializado na cultura incaica, foi o segundo a alcançar, depois do espanhol Lepico, que chegou às ruínas do templo de Cuca em 1935, os 'blocos sagrados', como são chamados por um correspondente do *La Crónica*, de Lima. Ao lado do grande mistério que continua cercado o modo como os incas conseguiram, outrora, nessas montanhas inóspitas, transportar blocos imensos, de um tipo de rocha que não era daquele local, dos vales à altitude de quase cinco mil metros, para construir um templo ao sol, que era adorado por eles, está o mistério igualmente incrível dos diamantes — que alguns especialistas chamam de 'pedras sintéticas' — encontrados sob as cinzas de um lugar sagrado".

Segundo o relato, havia taças de sacrifício adornadas por valiosos diamantes, pedras brutas submetidas a um processo de polimento e que, hoje em dia, têm um valor inestimável. A novidade residia no fato de estarem essas ricas taças fixadas em pés igualmente revestidos de diamantes. Das duas peças descobertas, o dr. Maath retirou sete pedras, para que fossem examinadas em Lima. Não me causa estranheza ler na reportagem que o químico e especialista em diamantes, Collins, ao saber da notícia, tenha se apressado em partir dos Estados Unidos para encontrar a expedição ainda em Huánuco. Dizem que Collins contou mais tarde que se achava na situação de um alquimista, prestes a fazer a maior descoberta de sua vida.

"Nunca tinha visto diamantes iguais àqueles", confessou Collins. "Nunca, em todos os anos de minha longa atividade, fiquei tão indeciso. Acho que se trata de semidiamantes, não de diamantes sintéticos, se bem que poderiam sê-lo. Dizer, no entanto, que os incas conheciam o segredo da produção de diamantes sintéticos genuínos seria uma afirmação por demais incrível. De qualquer forma, são realmente puros diamantes de carbono. Há, porém, indícios que se opõem à origem natural dessas pedras."

O sr. Collins não quis dar maiores esclarecimentos em Lima; porém, eram esperados outros especialistas que queriam examinar os achados preciosos com suas lentes especiais. O relato terminava em tom de otimismo especulativo:

"Talvez seja possível decifrar os hieróglifos que também foram localizados sobre o túmulo do 'cacique da pedra solar', lançando assim alguma luz sobre o mistério. Cuzca, o soberano da décima primeira dinastia,

era considerado venerador dos diamantes, que ele tinha em conta de dádivas sagradas do deus Sol".

Um relato rico em detalhes, com nomes, lugares e fatos? A confusão entre "sintético" e "genuíno" devia ser obra do repórter. Os diamantes são ou "sintéticos" ou "genuínos". O que realmente me deixou intrigado foi o fato de nunca ter ouvido falar nesse templo incaico de Cuca, pois me considero bastante bem informado sobre o Peru; pensei tratar-se de uma lamentável lacuna em meus conhecimentos. Que chamassem o regente da décima primeira dinastia de Cuzca, passava por erro de revisão: a décima primeira dinastia, que durou de 1493 a 1525, tinha à sua frente Huayna Cápac.

Mas essas restrições tinham pouco peso em relação ao conteúdo excitante da notícia: diamantes, talvez de produção sintética? Nada mau!

Liguei para Rico Mercúrio, o amigo fiel da viagem a Kiribati, para que deixasse por uns instantes os afazeres de classificação e polimento de diamantes.

— O que você me diz dos diamantes sintéticos? Eles existem? Como são fabricados e qual o seu preço? — indaguei. Ele me explicou:

Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794), membro da Academia de Ciências, iniciador da moderna química, provou, em 1776, que os diamantes eram formados por carbono, sendo idênticos à grafita.

Conhecendo esses fatos, os pesquisadores, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, se sentiram estimulados a tentar produzir, com paciência e muitas despesas, diamantes sintéticos, mas sem sucesso. Somente em 1954, criou-se, com o assim chamado aparelho de Belt, a condição técnica indispensável à síntese de diamantes, sob alta pressão e elevadas temperaturas.

O processo é este: numa prensa é embutida uma proveta que é submetida a uma pressão de trinta e cinco mil atmosferas, a uma temperatura de mil e seiscentos graus centígrados. Nessas condições extremas, a grafita se transforma em diamante, sob a ação de um catalisador de níquel ou do elemento químico tântalo, um metal caríssimo.

Segundo as explicações de Rico, trata-se de um processo muito complicado e dispendioso, sem que os diamantes fabricados por esse processo possam concorrer com os diamantes genuínos.

Era isso o que eu queria saber: a fabricação de diamantes sintéticos requer conhecimentos técnicos que os incas não possuíam. Se os achados do templo de Cuca eram mesmo pedras dessa natureza, tínhamos que admitir que os incas dispunham de uma tecnologia avançadíssima e moderna... Ou deveríamos supor que se tratava de presentes deixados por representantes de uma outra civilização e de uma técnica superior.

O artigo que chamou a minha atenção citava o jornal *La Crônica*. Mande imediatamente uma carta expressa, via aérea, à redação desse jornal, prometendo uma boa recompensa pelos esforços dispensados ao atendimento de meu pedido: a remessa da reportagem original. Apesar do envelope sobrescritado e com os selos para a resposta, não chegou nenhuma informação de Lima. Procurei também dados sobre o especialista Collis junto ao Gemological Institute de Santa Monica, perto de Los Angeles, que desenvolve métodos específicos para a distinção de pedras naturais das sintéticas e das imitações. Ninguém respondeu.

Pode me informar onde fica Cuca?

Em minha mais longa estada no Peru, durante o verão de 1980, dispus de alguns dias livres para descansar um pouco.

Certa manhã, dirigi-me, num táxi obsoleto de Lima, ao edifício do *Crônica*, um jornal da imprensa marrom, com elevadas tiragens, segundo me explicaram. A cética atenção do redator-chefe se transformou logo em prestativa cortesia quando lhe entreguei, em lugar de flores, a tradução espanhola de meu livro *Provas*, com dedicatória. Falei-lhe do relato sobre os diamantes encontrados em Cuca, que tinha lido num jornal alemão, o qual dizia ter recebido essas informações de um repórter do *Crônica*. O chefe não fazia a menor idéia. Chamando diversos colaboradores à sua sala, consultou a todos, sem nenhum resultado. Ninguém sabia nada sobre Cuca e, menos ainda, sobre diamantes sintéticos no alto da cordilheira.

— Mas não é possível! — observei. — Mentiras desse tamanho a gente costuma inventar no dia 1.º de abril, não em pleno verão!

Falando através da nuvem de fumaça de seu charuto, o redator-chefe colocou um colaborador da redação à minha disposição:

— Nos últimos anos, desde que assumi a chefia deste jornal, não publicamos essa notícia. Mas pode vasculhar o arquivo à vontade.

Ao entrar numa longa sala estreita, no edifício vizinho, com suas estantes abarrotadas de gavetas, caixas e pastas, começou a dissipar-se a minha esperança de achar alguma coisa no meio daquela clássica desordem sul-americana. Mas as três respeitáveis arquivistas me fizeram mudar de idéia. Quase nos moldes do meu próprio arquivo, havia uma dupla ordem: uma cronológica e outra por verbetes. Ali figuravam todos os jornais de Lima e não apenas o *Crônica*, tudo arquivado na devida ordem.

A minha frente surgiu um monte de artigos registrados sob o item "Arqueologia". Com a colaboração das senhoras e do estagiário esperto, não havia notícia que nos pudesse escapar. Mas nada apareceu sobre Cuca.

Afinal, essa tal de Cuca existiria mesmo?, comecei a pensar comigo. Na enciclopédia peruana não constava esse nome, o que não queria dizer muita coisa, levando-se em conta os milhares de localidades incaicas.

De volta ao hotel, liguei para todos os arqueólogos e etnó-logüs que conhecia no Peru, entre eles alguns que haviam dedicado, praticamente, toda a sua vida ao estudo dos incas. Ninguém sabia da existência do templo incaico nas montanhas de Huánuco, mas quase todos eles me animavam: havia tantas ruínas de templos dos incas no Peru que a literatura só as registrava quando apresentavam alguma particularidade espetacular.

Como experiente escoteiro desde a infância, procurei nos mapas detalhados da região. Segundo a notícia daquele jornal alemão, o templo de Cuca situava-se a cinco mil metros de altitude, na eterna neve. Muito bem! Huánuco fica a três mil metros de altitude, tendo a noroeste a cordilheira Branca, incluindo o pico de Huascarán, com seus seis mil setecentos e sessenta e oito metros de altura. A uma distância de aproximadamente cem quilômetros em linha reta, em torno de Huánuco, havia vários picos de cinco mil metros de altura, nos quais poderia localizar-se o templo de Cuca. Mas tudo era muito duvidoso.

A Aero Peru tem dois vôos semanais para essa cidade de cinquenta mil habitantes. O guia turístico", que outras vezes recomenda todo e qualquer monte de pedra para uma visita, advertia neste caso específico: "Não há atrativos turísticos especiais para o estrangeiro nessa capital de província, situada no curso superior do rio Huallaga, que se destaca por seu clima agradável". Era, na realidade, uma descrição otimista: Huánuco é uma cidade triste; mesmo assim fiquei três dias no Hotel Turistas. Sob esta denominação, há hotéis estaduais em todas as cidades maiores como Ica, Nazca e Cuzco.

Perto do hotel existe um museu, instalado numa casa antiga, propriedade de um homenzinho magro e nervoso, com barba de bode. As salas do museu estavam abarrotadas de quinquilharias — animais empalhados, entre eles uma ovelha de seis pernas, figurinhas arqueológicas sem valor, crânios, etc. O velhinho, que tinha reunido suas quinquilharias viajando pelo país, nunca tinha ouvido falar em Cuca.

O jornal de Huánuco sai de acordo com a conveniência, até mesmo semanalmente, se for necessário. O redator e sua esposa dispunham de tempo suficiente para refletir a fundo sobre o meu problema. De Cuca, de um templo e de um achado de diamantes não tinham ouvido falar; arqueólogos não havia por ali, e fazia muito tempo que ninguém mais se preocupava com escavações.

Caramba, estaria eu perdendo meu latim com mentiras jornalísticas?

À tardinha, sentado num banco verde da praça, estava olhando absorto o movimento intenso diante de mim. Alunos de todas as séries caminhavam para casa, contentes, cadernos e pastas debaixo do braço. Todos trajavam seus uniformes: as moças de blusas brancas e casacos cinza, os rapazes de calças cinza-escuras e camisas brancas. Três meninas, de uns doze anos de idade, pararam à minha frente. Curiosas, elas se dirigiram a mim:

— De onde você vem?

Começamos a conversar. Outros alunos se juntaram, todos de saudáveis rostos morenos e de cabelos pretos como graxa. Respondi às suas perguntas. Eles me pediram para cantar o hino nacional da Suíça. Prometi fazê-lo se eles, antes, cantassem uma canção popular de sua terra. A música que eles entoaram era uma melodia que nós também conhecemos, acompanhada de uma flauta de Pã: *El condor pasa*. A cantoria acabou chamando mais curiosos, sobretudo quando entoei sozinho nosso hino nacional. Por uns momentos, achei que poderia ter sido um bom missionário. No meio do vozerio geral, lancei de repente esta pergunta:

— Alguém de vocês conhece o templo dos incas de Cuca? Ele deve ficar por aqui, nas montanhas desta região...

As crianças me olharam, irresolutas, e começaram a cochichar entre si: nada sabiam de Cuca.

Pedi que perguntassem a seus pais e professores. Eu ficaria esperando por eles no dia seguinte, à mesma hora, no mesmo lugar. Quem me indicasse onde ficava Cuca receberia dez dólares americanos como recompensa. Nessa noite, a palavra de ordem em muitos lares de Huánuco era o nome Cuca.

Para dar ao dia seguinte ares de trabalho, fiz uma viagem às ruínas de Kotosh, que ficam na periferia de Huánuco. Eu conhecia Kotosh da literatura especializada, onde é apresentado como povoado pré-incaico, de cujos construtores não se sabe absolutamente nada. As poucas ruínas no alto de um pequeno morro não apresentavam muita novidade. Os construtores pré-incaicos não sabiam manejar monólitos rasgando rochedos: ainda não tinham despertado para a era da técnica. Nesse dia, fui o único visitante. Prevenidos pelo guia turístico, os outros nem vêm a Huánuco e, portanto, também não vêm Kotosh. E fazem bem!

No encontro com as crianças, à tardinha, não surgiram novas pistas. Nem seus pais nem seus professores jamais tinham ouvido falar em Cuca. Havia sugestões para visitar outros templos dos incas, mas eu estava procurando Cuca, somente.

Conclusão: o relato sensacional daquele jornal alemão sério não tinha nenhum fundamento. Se o artigo tivesse sido publicado num 1.º de abril, eu até que acharia alguma graça — como aquela reportagem da revista *Sterne*

und Weltraum (Astros e Cosmo), em seu número de abril de 1980", que se apresentava com roupagem científica, sob o título "Arqueologia em torno de La Silla", pretensamente transcrita de fontes húngaras. Ilustrado por três fotos academicamente estéreis, esse artigo remetia seus leitores a um monte de dois mil e quatrocentos metros de altura, situado à beira do deserto de Atacama, ao norte de Santiago do Chile. Lá existiriam povoados indígenas dos tempos pré-colombianos. Gravuras rupestres mostravam uma esfera dentro de um anel, à maneira de Júpiter. O texto dizia literalmente:

"Se for confirmado que essas gravuras têm mais que alguns decênios ou talvez sejam até mais velhas do que a civilização técnica da Europa, será necessário submeter a uma reavaliação os escritos de Erich von Däniken, que fez seus levantamentos também na América do Sul".

A fonte citada rezava: "D. Niken et al., Ver. Arch. Ung. 11,222 (197e)". Se interpretei bem essa abreviação, só poderia significar: Däniken e a embustice (*Verarschung*) generalizada.

Se um dia eu aparecer em La Silla, será certamente para observar, através dos telescópios que lá se encontram, que os embusteiros abundam em número maior do que as bolhas de sabão no espaço!

Em 1.º de abril, as piadas são permitidas. Mas, nos outros dias do ano, os leitores não deveriam ser enganados com reportagens aparentemente sérias que não passam de invenções sensacionalistas. Pesquisei três casos concretos, como amostras sem valor. Fui atrás de intrujões, mas voltei mais prudente.

"A fé não é o começo, é o fim de todo conhecimento."

Johann Wolfgang von Goethe

Muitos objetivos atraentes: Mohenjo-Daro, no Paquistão; as cavernas de Kermanchah, no Irã; Ardachir Khurreh, a cidade dos sassânidas; o túmulo de Jesus, em Srinagar — Uma odisséia de carro — A utilidade das vacas sagradas — Srinagar, a Veneza asiática — Salomão, o rei voador entre Jerusalém e Caxemira — Jesus morreu mesmo na cruz, no Gólgota? — A igreja em que dizem jazer os restos mortais de Jesus — Textos em sânscrito descrevem o encontro com Jesus — Houve uma explosão atômica em Parhaspur, há mais de quatro mil anos? — Relatos em sânscrito sobre aparelhos voadores — Medo em Calcutá — O presente fantástico de um estudante indiano — A violência natural das águas — Violência política: revolução!

Eu conhecia a Índia e o Paquistão de umas visitas curtas, muito curtas até. Pelos livros, eu sabia da existência da cidade pré-histórica de Mohenjo-Daro, no Paquistão, dos templos e das pirâmides destruídas no planalto indiano. Mas nunca estive lá o tempo suficiente para viajar pelo interior. Nas minhas estadas anteriores, passei apenas por aquelas cidades que a gente alcança facilmente de avião. Talvez nunca tivesse me aparecido essa chance de viajar pelo "interior", não fossem algumas coincidências oportunas: primeiro, soube de um suposto túmulo de Jesus na Índia. Certamente, uma notícia sensacional! Depois, recebi uma carta de meu editor de Calcutá, Ajit Dutt, reclamando dos contínuos adiamentos de minha visita, prometida havia muito tempo; queria, também, que levasse, caso decidisse finalmente viajar, uma máquina de escrever *portátil* para ele, pois não era fácil conseguir uma por lá.

Por diversas vezes em minha vida, foram o acaso e a sorte que me ajudaram a tomar decisões do tipo daquelas que a gente não deve ou não pode influenciar. A carta de meu editor indiano estava aguardando ainda uma resposta, quando me chegou uma missiva de Teerã. Um velho

conhecido, o dr. Kamil Botocha, com o qual me correspondo há muitos anos, comunicava-me que estava voltando de uma viagem pelo deserto, onde visitara, na região oeste da Pérsia, a cidade de Kermanschah. Lá, ele tinha visto, segundo seu relato, centenas de desenhos rupestres que lhe fizeram lembrar minha interpretação de seres voadores semelhantes a astronautas, que lera em meus livros*-. As cavernas eram conhecidas somente pelos habitantes da região, podendo transformar-se numa mina inexplorada para a arqueologia. O dr. Botocha recomendou-me empreender uma viagem num veículo forte, a menos que estivesse disposto a aventurar-me numa longa viagem no lombo de camelos.

*Meu mundo em imagens.

Estudei o caso. As ruínas de Mohenjo-Daro ficam no Paquistão, e as cavernas recomendadas com entusiasmo pelo dr. Botocha se localizam na parte oeste do Ira, a cento e cinquenta quilômetros em linha reta da fronteira com o Iraque. No globo terrestre, tudo parece ficar pertinho, mas, na realidade, os dois objetivos distam entre si dois mil e quinhentos quilômetros em linha reta. Debruçado sobre os mapas, descobri que havia uma série de pontos de interesse arqueológico precisamente nessa linha entre o Paquistão e a fronteira iraquiana, pontos esses que cativaram a minha atenção durante muito tempo. Comecei a anotar:

- No vale de Coghun, na região sul do Irã, localiza-se Tepe Yahya. Esta cidade teria sido o centro do império elamita, de grande importância no terceiro milênio antes de Cristo. Em Tepe Yahya foram encontradas as mais antigas tábuas de escrita, anteriores às dos sumérios. Um grupo de arqueólogos americano-iraniano constatou, em 1971, que esse lugar já fora um centro de comércio por volta de 4000 a.C, pelo fato de as tabuinhas escritas se revelarem como recibos que registravam a entrada e a saída de mercadorias. Encontravam-se, também, nesse monte de ruínas, algumas centenas de sinetes e fragmentos de cerâmica, onde aparecem misteriosos sinais e desenhos. Não havia dúvida: Tepe Yahya merecia uma visita.
- Pouco mais de cem quilômetros ao sul da atual cidade de Xiraz, na planície de Riruzabad, encontra-se a antiga cidade dos sassânidas, Ardachir Khurreh. Eu conhecia descrições da cidade redonda, como que traçada em círculo de dois mil cento e sessenta metros de diâmetro. Ardachir Papacan, o construtor dessa cidade, ordenara que ela fosse dividida, por ruas em forma de cruz, em quatro grandes setores, para que se parecesse com uma representação do universo. No centro da cidade, erguia-se uma torre de trinta metros de altura, sem portas nem escadas. Os arqueólogos continuam procurando uma explicação para a possível

finalidade dessa estranha construção. Há muito tempo fiquei fascinado por esse fenômeno circular, sobretudo por saber que os partas, os predecessores dos sassânidas, conheciam e usavam a eletricidade. Já falei em outra oportunidade de uma bateria elétrica dos partas que se encontra no museu de Bagdá.*

Lembranças do futuro, 1968.

— O túmulo de Jesus em Caxemira, as ruínas de Mohenjo-Daro, a antiga cidade de Tepe Yahya, Ardachir Khurreh dos sassânidas, as cavernas de Kermachah estavam numa linha que podia ser percorrida em uma só viagem. O projeto já estava traçado. Mas como chegar lá?

Complicados preparativos de viagem

Para prevenir-me contra todo tipo de surpresa, tive que reunir incomparavelmente mais bagagem do que costumava levar em expedições semelhantes. As estradas da Índia e do Paquistão são tão ruins quanto aquelas encontradas nos países em desenvolvimento das Américas do Sul e Central, com exceção de algumas agradáveis interrupções nas grandes cidades. Fora das metrópoles — esses gigantescos formigueiros de pedra, com seus milhões de habitantes —, de nada adiantam os frágeis carros de luxo. Um automóvel robusto é indispensável, um daquele tipo que não se consegue de aluguel,

Se fosse no meu próprio carro, partindo da Suíça, não conseguiria ir e voltar nem em quatro meses. Incluindo as paradas em cada local e possíveis distúrbios políticos, devia contar com meio ano de viagem, pelo menos. Mas eu não tinha tanto tempo disponível em minha agenda. De que maneira poderia reduzir a duração da viagem a um espaço de tempo viável? Depois de muitas contas e reflexões ofereceu-se-me apenas esta saída: comprar um Range Rover da British Leyland, para mandá-lo antes, de navio ou de avião, ao destino previsto. De lá poderia voltar à Suíça sobre quatro rodas sólidas, seguindo a linha das metas visadas.

A compra de um Range Rover ficou resolvida com um simples telefonema. Duas semanas mais tarde, ele já estava à minha porta, exibindo todo o seu tamanho e imponência. Esse tipo de carro é mais rápido que um jipe; dispõe também de tração nas quatro rodas, de diferencial e de molinete diferencial. Com sua ampla carroceria, ele oferece muito espaço e conforto. Retirei-me para o meu eremitério, para estudar as instruções técnicas. Descobri logo alguns pontos fracos que poderiam vir a atrapalhar uma viagem nas montanhas ou no deserto. O que fazer, por exemplo, se falhar a

bomba de gasolina? Num país de três milhões quarenta e seis mil quilômetros quadrados e mais de quinhentos milhões de habitantes, onde encontrar, numa emergência, uma bomba de reposição? As baterias seriam suficientes? Os mancais não necessitariam de proteção especial contra a areia do deserto? E se tiver de trocar a bobina de ignição, a correia ou a mangueira? Um bom gênio me inspirou para que levasse tudo em dobro, apesar da caçoada dos amigos. Mandei instalar também um guincho, para que pudesse puxar o dispendioso veículo de eventuais atoleiros. Não sei o que teria sido de nós, mais tarde, sem esse dispositivo. Talvez eu tivesse desaparecido de vez, sem deixar vestígio, para satisfação de meus críticos.



No aeroporto de Orly, perto de Paris, despedimo-nos de nosso Range Rover. Até logo mais, na Ásia!

Neste século de turismo em grande escala, qualquer um sabe que a gente precisa de um passaporte para viagens ao exterior. Menos sabido é que um veículo também necessita de um passaporte internacional — o *carnet de passages*. Depositando uma soma considerável como caução, recebe-se esse carnê; a caução tem por finalidade evitar que o veículo seja vendido durante a viagem. Obedecendo ao acordo internacional de 8 de junho de 1961, a Câmara de Comércio do país de origem deve fornecer o "carne para importação temporária de equipamento profissional". Só mais tarde viria a descobrir que esse acordo internacional não vale nem o papel em que está impresso.

Antes de ser embarcado com destino a Karachi, num avião da Air

France, no Aeroporto de Orly, perto de Paris, tivemos que esvaziar o tanque de gasolina de nosso Range Rover, reduzir à metade o ar dos pneus e desligar as baterias. Pedi ao chefe de carga que providenciasse junto à agência da Air France em Karachi para que o Range Rover fosse guardado, depois de sua chegada, num lugar à sombra, a fim de que os remédios de nossa farmácia de emergência, aprovionada de acordo com as recomendações de diversos médicos, não sofressem danos em consequência do calor tímido local.

Acondicionado dentro de um *container*, vimos nosso automóvel, carregado até o teto, descer das alturas estonteantes ao bojo do avião.

Até breve, na Ásia!

Quero reaver meu carro!

16 de janeiro. Um pouco antes da meia-noite, aterrissamos num DCIO da Lufthansa em Karachi... numa verdadeira estufa sufocante.

Formamos fila diante de meia centena de funcionários alfandegários vestidos de branco. Que demora para receber o carimbo no passaporte! Já eram quase três horas quando chegamos ao hotel. Pela manhã cedo fomos procurar nosso Range Rover.

17 de janeiro. A Air France nos mandou o sr. Lakmiehr, um paquistanês esbelto, para que nos ajudasse na alfândega. Por quê? Tínhamos nosso *carnet de passages*! Ele perguntou, imediatamente, pelo formulário A. Como não tinha nada disso, nem sabia o que era, mostrei-lhe o meu carne.

Com um olhar cansado, o sr. Lakmiehr observou que esse carne não tinha nenhum valor; aliás, já deveríamos ter "declarado" o veículo à noite, quando de nossa chegada. Expliquei-lhe que o carro não tinha vindo conosco — isto é, com meu secretário Willi Dünnenberger e comigo —, mas no dia anterior, como carga aérea. O paquistanês achou desagradável o fato de não termos tomado a providência prevista. Ele nos acompanhou à alfândega do aeroporto. Em meu nome, redigiu uma carta nestes termos, aproximadamente;

"Ilustríssimo e digníssimo senhor inspetor de alfândega: Eu, Erich von Däniken, cidadão suíço, portador do passaporte XY, desembarquei aqui na noite passada, esquecendo-me de declarar meu carro logo na chegada. Lamentando muito por essa falta, recorro à sua benevolência imensurável pedindo digne-se perdoar meu erro entregando-me um formulário A".

Passadas três horas, recebi o formulário A. Preenchi-o em trinta segundos. O sr. Lakmiehr nos levou a um escritório onde, depois de alguma

espera na fila, carimbaram o dito formulário A. O nosso paquistanês acenou-nos para que o seguíssemos ao próximo escritório. Lá confirmaram o primeiro carimbo com um segundo. Esses "escritórios" não passavam de depósitos com ventiladores cansados girando no teto. A única cadeira estava sempre ocupada pelo funcionário da sala. Havia gatos correndo atrás de ratos, e até de ratazanas.

Levantando no ar o formulário A, como se fosse um troféu, o sr. Lakmiehr atravessou uma rua sem fim para alcançar um edifício na outra ponta do aeroporto. Por que não vamos de táxi? Nosso auxiliar indicou, sem palavras, a casa que brilhava lá longe no sol escaldante. Eu estava chateado e não procurava esconder meu aborrecimento. O sujeito atrás do balcão sorriu. Pediu mil desculpas, mandou trazer uma cadeira, examinou meu passaporte, pediu que eu assinasse um papel e me entregou a chave do carro. Graças a Deus! Feliz, pensei que estivesse tudo resolvido.

Mas o sr. Lakmiehr iniciou outra caminhada.

— Para quê? Para onde? — indaguei.

A resposta veio educada, como que untada de azeite: o carro continuava na área da alfândega; precisávamos, agora, de um agente aduaneiro para tirá-lo de lá. Encontramo-lo no outro lado do aeroporto. Seu rosto moreno nos sorriu quando ele nos assegurou que iria cuidar do assunto. Só que para aquele dia já era muito tarde. Voltamos os vinte e cinco quilômetros até o hotel. Estávamos praguejando.

18 de janeiro. As nove em ponto chegamos ao aeroporto. O sr. Lakmiehr sacudiu um maço de formulários, que disse ter preenchido durante a metade da noite.

— Onde está meu carro? — perguntei, para colocar um ponto final aos auto-elogios. Ele pediu que o seguíssemos a um, enorme depósito. De longe divisei a interminável fila. De cara amarrada, passei pela fila para dirigir-me ao primeiro funcionário do balcão:

— Desculpe, vim de muito longe e preciso continuar minha viagem. Todas as formalidades estão cumpridas, aqui está o formulário A, aqui o carnê...

O homem de branco me encarou, sorrindo:

— Não despachamos carnês no aeroporto; só nas repartições alfandegárias das rodovias ou do porto. Afinal, os carros não costumam chegar de avião!

Se não estivesse já transpirando por todos os poros, como se fosse um chuveiro, o suor iria escorrer nesse momento.

O sr. Lakmiehr, entre calado e irritado, Willi e eu andamos pela cidade de Karachi durante uma hora e meia, de carro, para chegar ao porto. Lá,

entramos na alfândega, um pavilhão imenso, onde se instalara um único escritório, com cem funcionários em cem escrivaninhas. No reto havia ao todo quarenta e um ventiladores lentos e inúteis: tive a pachorra de contá-los. Aqui, nunca tinham ouvido falar em *carnet de passages*, de validade internacional! Como um desesperado gritei a plenos pulmões, superando o vozerio geral:

— Tem alguém aqui para cuidar do *carnet de passages*?

O efeito foi incrível. Tudo ficou em silêncio. Todos pararam seu serviço e me olharam, estarecidos. Bem no fundo, levanta-se um careca, de óculos.

— É o senhor quem resolve? — gritei para ele.

Ele parecia invadido por um medo terrível. Então, mudei de tom: conversei amavelmente com ele, pedindo que voltasse a sentar-se, e expliquei com brandura que havia dois dias que andava atrás de meu carro e que não pretendia continuar nessas andanças. (3 careca me garantiu:

— Dentro de duas horas, o veículo estará no hotel.

Basta chegar ao homem certo. Passando três outros formulários ao sr. Lakmiehr, deu-lhe ordens para inspecionar o veículo no hangar e voltar em seguida, para que o carro pudesse ser liberado.

O sr. Lakmiehr nos assegurou que agora só faltava um único funcionário para inspecionar o carro, depois poderíamos voltar ao porto. Atravessando novamente a cidade, regressamos ao mesmo depósito. Fui contente à mesa do careca:

— Pronto! Aqui está o formulário A e há mais três formulários. Ponha aí seu carimbo!

O que aconteceu então nunca tinha visto em minha vida: a careca do homem se franziu. Não, afirmou ele, medroso, o carimbo não era de sua competência, só o inspetor poderia executar esse ato. Lancei um olhar cheio de raiva para o sr. Lakmiehr.

— Onde está o carro? — perguntou o inspetor aduaneiro, no pavilhão 4.

— Num hangar — respondi.

Então, não era de sua competência, foi a informação do inspetor. O hangar era subordinado a uma polícia própria. Mas a polícia do hangar nem queria saber: o colega tinha dado uma informação errada, a responsabilidade pelo carro era do pessoal de desembarço de cargas, no pavilhão 7. Lá seria fácil conseguir a liberação, de modo que logo receberia meu carro.

Pavilhão 7. Inspectores a conversar. Aproximei-me de um dos grupos e comecei a falar:

— Meus senhores, aprecio muito sua hospitalidade, mas o que está acontecendo aqui ultrapassa de longe a resistência de meus nervos. Algum dos senhores já ouviu falar em *carnet de passages*?

Todos deram de ombros. Brandindo aquele monte de formulários, pedi que colocassem o último carimbo: o decisivo. Um homem de branco nos acompanhou ao hangar.

Eis o meu Range Rover! Num estrado, a uns dois metros de altura, amarrado ainda com as cordas azuis! O inspetor sacudiu a cabeça:

— O carro precisa descer. Como vou inspecioná-lo?

— Tudo o que o senhor precisa saber consta neste carne.

— Pode provar que os dados do carne correspondem aos daquele veículo?

Subi no estrado, segurando o carne na mão esquerda. Longe de seus olhares, gritei para ele todos os dados do carne, dando sempre um tempo, para fingir que estava lendo os números das peças do carro. Por fim, relanceou um olhar para o veículo e colocou seu rabisco nos formulários. Tudo pronto!

Perguntei ao guarda do hangar quem se encarregaria do trabalho. Mandaram-me a uma casinha em que dormia um sujeito. Acordando-o com cuidado, expliquei que teria de voltar ao porto para pegar o "passe livre", e que ele, nesse tempo, poderia tirar o veículo do estrado. Dar-lhe-ia, depois, uma boa gratificação.

Outra vez atravessamos Karachi. Dirigi-me à alfândega e procurei o careca:

— Pronto! Aqui estão todos os formulários. Tudo carimbado; não falta mais nada!

Com um sorriso, ele me ofereceu uma cadeira. Pediu-me que aguardasse uns minutinhos... Ora, que importavam nessa altura três minutinhos! Mas, no fim, demorou duas horas. Eram quase dezenove horas quando recebi o carne carimbado.

O sr. Lakmiehr falou-me baixinho que não adiantaria voltar ao aeroporto àquela hora. Foi sua única manifestação durante todo esse dia de caça aos carimbos.

19 de janeiro. As oito da manhã, o sr. Lakmiehr nos comunicou, eufórico: agora só faltava o *gate-pass*.

— O que é isso? — perguntei.

Já estava desconfiado de novos obstáculos. O sr. Lakmiehr explicou que o hangar ficava separado da rua por barreiras vigiadas por soldados. Para sair, era necessário um *gate-pass*. Até a tarde' não tínhamos encontrado ninguém disposto a fornecer-nos esse maldito passe do portão. Eu estava simplesmente disposto a ir ao hangar para pegar meu carro e atravessar a barreira a toda a velocidade. O sr. Lakmiehr, conhecendo já o meu gênio, procurou convencer-me a não fazer essa loucura, pois os guardas certamente

atirariam em mim e ele teria aborrecimentos com a Air France, que o tinha mandado para nos ajudar. Fui até o hangar.

O Range Rover continuava em seu estrado. Solicitei a ajuda de uns operários, prometendo bom pagamento. Depois de uma reunião bastante demorada, três elementos começaram a soltar, sem pressa, as amarras do veículo. Às dezessete horas, o carro estava finalmente no chão. Foi nesse momento que caíram as vendas de meus olhos: o tanque de gasolina estava vazio, as baterias, desligadas, os pneus, esvaziados pela metade — nós mesmos tínhamos preparado esse desastre em Orly!

Pedi a um chofer de praça que fosse comprar um galão de gasolina, enquanto eu mesmo tirei as ferramentas para ligar as baterias aos seus devidos contatos, Willi encheu os pneus. Às dezenove horas o chofer de táxi voltou. Os trabalhos no aeroporto já tinham cessado. Nesse dia, nada mais havia a fazer.

20 de janeiro. Às oito horas, estávamos no aeroporto. Perguntei ao sr. Lakmiehr;

Está com o *gate-pass*?

Ele respondeu com voz rouca que não, pois somente o diretor do aeroporto poderia fornecê-lo, mas não seria encontrado no fim de semana. Que fim de semana? Já estávamos no sábado?

— Onde mora o diretor?

Esta pergunta deixou o paquistanês perplexo. O diretor era um homem importante. Eu devia esperar até segunda-feira. Em troca de maços de dinheiro consegui descobrir o endereço do todo-poderoso. Depois de uma viagem de trinta quilômetros, de táxi, paramos em frente a uma residência cercada por um parque maravilhoso, Um ser feminino, de rosto coberto por um véu, avisou que o diretor não se encontrava em casa.

— Tudo bem respondi, — Vou aguardá-lo aqui no parque.

Depois de algum tempo, apareceu um moço disposto a pôr fim ao meu estado de sítio. Entreguei-lhe três livros meus em tradução inglesa, pedindo que seu patrão me concedesse uma rápida entrevista de dois minutos. Deixaram-me entrar, e pude contar as peripécias de quatro dias de luta para conseguir reaver meu carro. Pedi uma assinatura do diretor no *gate-pass*, para que pudesse, finalmente, recuperar minha propriedade, minha liberdade e dispor de meu tempo precioso. O diretor pegou o papel rabiscou com uma esferográfica verde algumas palavras indecifráveis e devolveu-o sem dizer nada. Talvez ele não fale mesmo nos fins de semana.

O sr, Lakmiehr olhou para os grafemas oficiais como se fossem os sinais de algum milagre.

Pronto! Pulamos para dentro do carro e nos apressamos a sair daquele

inferno de formulários. Chegamos à barreira. O soldado queria saber o que carregávamos no veículo. Com uma expressão que parecia revelar minha preocupação com seu futuro, recomendei ao guarda que não causasse dificuldade, uma vez que o veículo tinha sido liberado pela mais alta autoridade. O soldado voltou cabisbaixo à guarita, para levantar a barreira, automaticamente.

Estávamos livres, depois de quatro dias e meio em que percorremos vinte e três escritórios, recolhendo vinte e três assinaturas e andando trezentos quilômetros de táxi.

Viagem para Srinagar

Como primeira meta, visamos Lahore, no Paquistão, uma cidade de um milhão e trezentos mil habitantes, importante centro industrial e cultural, com sua célebre universidade de Pendjab.

Até Haiderabad, que se situa no baixo Indo, o mapa promete uma rodovia de cento e cinquenta quilômetros, que os paquistaneses descrevem entusiasticamente como *super-highway*. Para sair de Karachi, fomos dirigindo atrás de um chofer de praça que nos guiou através de ruas confusas, com seus bazares cheios de gente e bugigangas, e através de favelas, até alcançar a decantada rodovia, que não passa de uma simples estrada asfaltada. Apesar das janelas abertas, o termômetro no interior do carro registra quarenta e um graus,

Na altura de Haiderabad, a largura do rio Indo é de um quilômetro. Suas águas escuras e espumantes atravessam o país de norte a sul. Sem essas águas, o Paquistão não poderia sobreviver.

Mesmo muito depois do meio-dia, o calor s(í tende a aumentar. A cada quarenta quilômetros passamos p(M- pequenos povoados, onde se vendem, em barracões, bebidas engarrafadas — Coca-Cola, naturalmente, como em qualquer outra parte do mundo. Cada um de nós tomou catorze garrafinhas nessa tarde, mas mesmo assim nossas línguas continuavam grudadas no céu da boca.

No Paquistão, há tantos ônibus quantos carros Fiat na Itália, Pintados em cores berrantes, que lembram árvores de Natal com todos os seus penduricalhos, eles ficam entulhados de gente, como se todos os habitantes do vale do Indo estivessem viajando. Rebanhos de cabras e caravanas de camelos fazem parte do trânsito, ao lado de carroças puxadas por bois e búfalos. Às margens da estrada, prepara-se a comida, reza-se e dorme-se. Muitos viajantes carregam sua cama consigo: uma armação de madeira, com cordas atravessadas em forma de cruz. É um utensílio prático que garante

ventilação de todos os lados, o que não deixa de ser proveitoso para esses andarilhos.

Os ônibus são movidos a óleo diesel; dos escapamentos saem rolos de fumaça preta que levariam os ecologistas ocidentais à organização de marchas de protesto. Mas o clima do país não favorece atividades desse tipo. É mais fácil fazer barulho quando se pode ir de carro próprio, assegurando-se uma volta tranqüila para casa, depois do grande esforço. O protesto não dispensa um certo conforto. Lênin já recomendava em seu tempo que se fornecesse uma boa refeição quente aos participantes de manifestações, pois é difícil fazer protestos contra a fome quando o estômago está vazio.

Quase não há carros particulares. Nos mil e trezentos quilômetros até Labore, contamos quatro. Assim se explica que todos os postos estejam preparados para encher os tanques de óleo diesel, mesmo que nas placas vistosas anunciem gasolina. É necessário tomar muito cuidado para que não se abasteça o carro com alguma mistura "intragável" para o motor.

Mesmo durante o dia, o motorista precisa guiar com extremo cuidado; mas o trânsito noturno é o pior que já experimentei em minha vida. Os ônibus andam no meio da estrada, com os faróis altos acesos. Camelos, bois, búfalos e cabras não dispõem de caminhos laterais iluminados, e andam pela escuridão sem se importar com as leis de trânsito. Grupos de pessoas se deitam para dormir quase em cima da pista. Quando avistados à luz dos faróis, só restam ao motorista duas alternativas: ou frear de repente ou jogar o carro pasto adentro.

Às três da madrugada, chegamos a Multán, cidade de trezentos e cinqüenta mil habitantes às margens do Chinab, um dos cinco grandes rios da Índia peninsular, com suas nascentes no Himalaia. Seu nome não me ocorreu, por estranho que pareça, em nenhuma palavra cruzada, até hoje.

Não conseguimos conciliar o sono no hotel, por causa do ar úmido e estagnado. O ventilador estava tão exausto quanto nós mesmos.

Para que servem as vacas sagradas

Quanto à direção a tomar, orientamo-nos pela bússola e por nosso faro, uma vez que as placas de sinalização exibem, geralmente, a escrita *nastaliq*, uma variante persa da escrita árabe. Não conseguimos pedir informações, pois os paquistaneses falam ou um de seus trinta e dois dialetos ou, na melhor das hipóteses, a língua oficial *urdu*, que também não sabíamos. Um pequeno consolo: a partir de Labore, cidade fronteiriça com a Índia, podemos recorrer novamente à língua inglesa.

Eram quase nove horas quando passamos por um portão de ferro com os

dizeres "*Frontier of Kachmir*"; mais quinhentos metros e surge outro portal de ferro, bem maior, enfeitado com as cores indianas: "*Welcome to Índia*".

Os duzentos e cinquenta quilômetros de estrada indiana, de Wagah a Jammu, tinham apenas essa grande diferença em relação às rodovias de luxo do Paquistão: aos animais do trânsito juntavam-se, agora, grandes quantidades de vacas. Na Índia, as vacas têm sempre preferência: elas podem fazer o que quiserem. Se estiverem com vontade, podem deitar-se em manadas inteiras na pista. Aos poucos surge um sentimento de ódio contra esses animais tão amáveis.

Conversando com os habitantes dessa terra, descobre-se uma porção de fatos que modificam opiniões preconcebidas. Quando eu disse que as vacas sagradas deviam ser abatidas, explicaram-me que essas pobres e magras criaturas continuam desempenhando uma função vital e insubstituível na vida do povo. Não é possível, pensei, lembrando-me das belas vacas nédias a pastar de úbere pando nos Alpes suíços. Meio litro de leite por dia é o que produzem essas vacas magras que perambulam pelas estradas da Índia; mas num país em que a fome persegue os seres humanos como sombra, esse leite não deixa de ser parte importante da alimentação. Por outro lado, observei também que os hindus recolhem com cuidado o esterco das vacas, ressequido pelo sol. Mas não podia imaginar que o esterco de vaca fornecesse mais material de combustão do que todo o carvão extraído das minas carboníferas da Alemanha Ocidental. O terceiro motivo da manutenção das vacas nas ruas e estradas da Índia me convenceu ainda mais: elas comem no meio do lixo tudo o que seja de alguma forma digerível, exercendo assim, ao mesmo tempo, as funções de coleta de lixo e de vigilância sanitária. Mas por que as vacas são sagradas? Porque o hinduísmo proíbe severamente que se mate uma vaca, e os trezentos milhões de pessoas que, na Índia, fazem parte desta religião, cuidam zelosamente para que essa lei seja observada.

Srinagar!

A partir de Jammu, vêm-se ao longe os picos do Himalaia. Jammu tem mais de três milhões e meio de habitantes. É a capital da Índia ocidental, durante o inverno; no verão, a capital é Srinagar. Quem passou alguma vez por Jammu em agosto compreende bem o motivo dessa mudança da administração: mesmo nessa época do ano, o calor aí é abrasador e ansiámos por chegar a Srinagar (Caxemira), região que os guias turísticos chamam de "Suíça da Ásia".

O percurso de Jammu a Srinagar deve ser de uns trezentos quilômetros.

A noite pode-se respirar ar fresco a mil setecentos e sessenta e oito metros de altitude! Mas a expectativa vai enfraquecendo a cada quilômetro: nunca vi tantos rebanhos em marcha. Nem as tropas do exercito conseguiriam espantar ou tirar tamanha multidão de vacas do caminho. Quem sabe elas não seriam capazes até de frustrar uma guerra! Aí, sim, mereceriam o nome de "sagradas".

Passando por pequenos povoados nas montanhas que apresentavam características tibetanas, alcançamos, após inúmeras curvas, a altitude de quase dois mil metros. C) ar sufocante do vale do Indo sumiu como por encanto. O ar aromático da serra levantou nosso animo. Estávamos nos contrafortes do Himalaia.

Srinagar!

Sem exagero, essa cidade pode ser chamada realmente de 'A Veneza asiática', tantos são os canais *que* a cortam. Neles navegam inúmeras embarcações, gôndolas e barcos de moradia, sobretudo no lago Bal, que limita a cidade a leste. Srinagar fica a trinta e quatro graus de latitude, portanto, na mesma altura de Gibraltar ou de Damasco. No verão, a temperatura media é de trinta graus; no inverno, de apenas três a quatro graus.

Srinagar fica na embocadura do lago Wular, *no* vale de Caxemira. É com muita razão que o vale é apelidado de "céu na terra". Aqui, antigos príncipes mandaram construir parque-de beleza extraordinária, amplos e floridos, sobretudo os jardins de Shalimar, enaltecidos pelos poetas, onde as pequenas pontes de madeira atravessam regatos silenciosos.

Todos esses atrativos, no entanto, não passam de aparência. O paraíso das férias está passando mal. A tradição asiática de Caxemira não consegue adaptar-se aos tempos modernos: as ruas de Srinagar, com seu meio milhão de habitantes, afundam na mesma sujeira que entope os vales lá embaixo. Falta a higiene mais rudimentar, A água potável é filtrada, mas não perde sua cor lamacenta. Um nojo!

Como em outros lugares, a gente percebe também aqui quantas remessas preciosas de ajuda ao desenvolvimento se perdem na irracionalidade. Os remédios estragam por falta de geladeiras. Quando há refrigeradores, não funcionam na maior parte dos casos. Cercados pela imundície desde a infância, os habitantes se tornam imunes às bactérias e aos diversos tipos de vírus que infestam o ambiente, mas, para os estranhos, eles constituem um perigo. Um perigo mortal! Se quiserem realmente abrir essa belíssima região ao turismo internacional para atrair divisas, precisam antes modificar uma porção de coisas.

A população é laboriosa. Nos campos férteis e em muitas pequenas

oficinas, há crianças que trabalham desde os seis anos de idade. Lembra a Idade Média! Num posto de gasolina fui atendido por Mahmud, menino simpático de doze anos de idade. Com exatidão, ele executou todos os serviços de um posto. Como não precisasse de mais nada além da gasolina, perguntou-me se queria que me arranjasse uma garota.



"Não quer mesmo uma garota?", perguntou Mahmud. com, seus doze anos de idade.

— Por que você não vai à escola? — indaguei.

— Não tenho pais — respondeu —, e todos precisamos viver de alguma maneira. Não quer mesmo uma garota?

O pequeno alcoviteiro ficou decepcionado com a recusa de um estrangeiro rico — todos os estrangeiros são considerados ricos — em aceitar sua oferta.

Comparações

A semelhança antropológica entre os caxemirenses e os israelenses é surpreendente. Ambos têm a mesma estatura, os mesmos olhos amendoados e o nariz semelhante. Lá também costuma-se praticar a circuncisão dos meninos. Os mortos são enterrados em sentido leste-oeste, como antigamente em Israel.



À maneira dos judeus do Velho Testamento e dos israelenses de hoje, os homens de Caxemira usam *kippa*.

Na parte posterior da cabeça, os homens de Caxemira usam seu *kippa*, barrete semelhante ao usado pelos israelenses.

Enquanto viajavamos pelos vales sem neve de Caxemira, tínhamos a todo momento a sensação de atravessar paisagens bíblicas do Velho Testamento. A própria língua caxemirense tem muito em comum com o antigo aramaico, que é o ramo mais velho do semítico ocidental, a língua falada por Jesus e seus discípulos. Vou apresentar uns exemplos:

HEBRAICO (ARAMAICO)	CAXEMIRENSE	SIGNIFICADO
akh	akh	sozinho
ajal	ajal	morte
awa	awan	cego
ahad	ahad	um
hamah	humaham	barulho
loal	lol	amor
qatal	qatal	assassino
qabar	qabar	túmulo

O que dizem as lendas de Caxemira

Os israelenses e os caxemirenses têm muitas coisas em comum, para se poder reduzir tudo a um simples acaso. Uma lenda profundamente arraigada no povo de Caxemira afirma ter sido o vale de Caxemira a Terra Prometida de Moisés, para os filhos de Israel; além do mais, seriam os caxemirenses de hoje descendentes diretos de uma tribo israelita. É incrível o c^{ue} as tradições populares contam: os caxemirenses contestam que o êxodo tenha se realizado durante quarenta anos numa caminhada através dos desertos do Sinai, partindo, segundo o relato bíblico, do Egito e terminando, finalmente, na Palestina. Segundo eles, o êxodo teve início no Egito, prosseguindo através de países como a Síria, a Pérsia, o Afeganistão e o atual Paquistão, até o planalto de Caxemira.

Essa hipótese precisa ser considerada seriamente, pois, olhando o mapa, teria mais sentido do que imaginar uma caminhada confusa e sem meta dessa massa humana pelos desertos do Oriente Próximo. Sob a luz das tradições caxemirenses, ganham novo sentido um bom número de lutas e batalhas travadas pelos israelitas ao longo dessa caminhada de quarenta anos. Numa marcha em círculo pelo deserto do Sinai, não haveria justificativa para todas essas lutas. Não havia povos inimigos por lá. Na longa marcha em direção a Caxemira, no entanto, os israelitas teriam que combater, certamente, contra alguns adversários. Os países por onde haveriam de passar tinham à sua frente reis que se opunham ao trânsito de povos nômades, que traziam consigo todos os seus familiares e seus pertences, acompanhados de carroças e gado, pois essa região sempre foi pobre e sem grandes recursos naturais.

Segundo a lenda caxemirense, Moisés morreu no planalto de Caxemira. E suas tradições afirmam que os Profetas ali viveram e que Salomão ergueu

seu trono naquela terra, E para confirmar essa lenda, uma das montanhas das redondezas de Srinagar chama-se, ainda hoje, Takht-i-Suleiman, trono de Salomão. *E* a trinta quilômetros a sudoeste de Srinagar, situa-se o monte Booth, com o túmulo de Moisés; qualquer caxemirense sabe disso. Na Palestina, não se tem conhecimento de um túmulo de Moisés! A própria Bíblia registra esse fato;

"E o Senhor falou a Moisés: É essa a terra que prometi a Abraão, Isaac e Jacó quando lhes disse: 'Quero dá-la a teus descendentes. Deixei que a visses com teus próprios olhos, mas tu mesmo não hás de chegar até lá'. E Moisés, o servo do Senhor, faleceu aí mesmo, na Terra de Moab, em frente de Bet-Peor, e ninguém sabe até hoje onde fica sua sepultura" (Deuteronômio 34, 4-6).

Como seria se

Vamos supor que Moisés não tenha levado os israelitas à Palestina e, sim, ao planalto de Caxemira. A tradição bíblica afirma que Moisés agia segundo o mando do "Senhor", aquele mesmo Senhor que aniquilara todos os egípcios em perseguição, que precedia os israelitas em forma de uma nuvem branca, que brilhava para eles durante a noite numa luz avermelhada. Durante sua longa caminhada, o Senhor abastecia os israelitas com o maná celestial, para que não sucumbissem no deserto mulheres, homens e crianças. Muitos são os desertos que medeiam entre o Egito e Caxemira. Poderia haver algum interesse da parte do Senhor em dirigir os israelitas em direção a Caxemira?

A rebelião relatada por Enoc

Lembrei-me daquela rebelião de que fala o profeta Enoc, antes do dilúvio, num levante de duzentos "anjos" contra seu "Senhor". No sexto capítulo de seu livro apócrifo (que quer dizer "escrito oculto", em grego), relata o profeta Enoc o seguinte:

"Depois de se terem multiplicado os filhos dos homens, nasceram-lhes, naqueles dias, filhas bonitas e formosas. Mas, quando os anjos, os filhos do céu, viram as filhas dos homens, sentiram-se atraídos por elas, a ponto de falarem entre si: Vamos escolher mulheres para nós entre as filhas dos homens, para que nos gerem filhos. Semjasa, porém, seu chefe, lhes falou: Temo que vocês não queiram, de fato, pôr esse plano em prática, de modo que eu sozinho tenha que expiar o grande pecado. Mas todos lhe

responderam nestes termos: Vamos todos fazer um juramento que nos obrigue mutuamente, por meio de imprecações, a não desistir do plano, levando a cabo a obra intencionada. E todos juntos fizeram o juramento, obrigando-se, inclusive, por imprecações. Eram duzentos os que, nos dias de Jared, desceram sobre o monte Hermon. Chamaram o monte de Hermon porque tinham feito nele seu juramento, obrigando-se mutuamente por meio de imprecações. São estes os nomes de seus líderes: Semjasa, seu chefe, Uraquib, Arameel, Aquibeel, Tamiel, Ramuel, Danei, Ezequeel, Saraqunjal, Asael, Armers, Batraal, Anani, Zaquebe, Sansaveel, Sartael, Turel, Jomjael, Arasjal... Esses e todos os outros pegaram mulheres, escolhendo cada qual uma para si, e começaram a procurá-las tornando-se impuros no contato com elas. Ensinarão-lhes poções mágicas, conjuros e como cortar raízes, revelando-lhes os segredos das plantas medicinais"¹.

No decorrer de seu relato sobre a conspiração, Enoc enumera até as funções que cada um dos anjos estranhos tinha que desempenhar. A conjuração é descrita com precisão. Não se faz necessário recorrer a minha fantasia para reconhecer nesses duzentos anjos algo bem diferente de "anjos". Nenhuma das características descritas por Enoc combina com aquelas qualidades que se costumam atribuir aos anjos benevolentes e prestativos da Bíblia. Os anjos bíblicos não procriavam, nem seduziam as filhas da terra, nem se juntavam para preparar uma conspiração. Os anjos de Enoc eram rebeldes contra o Senhor. Uma tripulação considerável de duzentos homens se rebelando contra seu comandante, segundo Enoc. Este acabou sumindo no espaço com sua nave, abandonando os rebeldes na terra.

De que recursos podiam dispor os rebeldes, de que maneira conseguiam sobreviver? Em seu poder tinham ainda algumas ferramentas e aparelhos técnicos, talvez até um veículo, algo semelhante a um helicóptero, mas nada lhes restava para vencer os espaços interestelares. De essencial, ficou-lhes, porém, o saber. Algum motivo grave os rebeldes devem ter encontrado para seu levante. Talvez estivessem cansados da longa viagem pelo espaço. Talvez o comandante os tenha tratado com muito rigor. Talvez lhes aborrecesse o trabalho monótono a bordo. Mas tudo isso não passa de suposições especulativas. De qualquer maneira, agora eles se encontravam num planeta habitado por seres humanos semelhantes a eles. Os rebeldes resolveram colocar os humanos a seu serviço, como servos e escravos, que lhes possibilitassem uma vida sossegada.

Os rebeldes não permaneceram juntos por muito tempo. Separaram-se em grupos, dividindo entre si os utensílios restantes, e resolveram manter contato por rádio, para se informarem mutuamente sobre os respectivos empreendimentos. Depois, seguiram nas mais diversas direções. Um grupo

atravessou o oceano para chegar à América do Sul, outro à América do Norte, um terceiro se dirigiu ao Pacífico e um quarto à Ásia. A divisão do mundo não lhes causou problemas. Eles se comportaram à maneira dos amotinados dos navios inglês *Bounty*, cuja tripulação, em 1787, apoderou-se do navio quando estavam navegando nos mares do Pacífico sul; seus membros agiram cada qual por própria conta, aspirando todos a um reino próprio. Alguns chegaram a realizar seu sonho, outros foram trucidados pelos nativos.

Um dos grupos descritos por Enoc deve ter sobrevoado o planalto de Caxemira. Atraídos pela beleza indescritível dessa paisagem, devem ter experimentado sua excepcional situação climática. Ali era bom viver! Mas, há três mil anos, ou quando quer que isso tenha acontecido — não confio muito nessas datas bíblicas —, não existiam ainda seres humanos no vale de Caxemira, não havia quem os pudesse servir.

Esses senhores, acostumados à vida fidalga, não podiam conceber a possibilidade abstrusa de terem que viver sem lacaios. A criação de vassalos a partir de um único par de seres humanos lhes devia parecer demasiadamente demorada. Por isso, resolveram conduzir uma tribo inteira do Egito ao vale de Caxemira. Seria essa a terra em que corriam leite e mel. Dito e feito! Os revoltosos levaram os israelitas do Egito ao planalto indiano. De noite, orientavam seus pupilos por meio de colunas de fumaça e de fogo. Sem esses sinais, teria sido impossível alcançar a meta. Marchar pelo deserto é pior do que errar por um labirinto. Os "deuses" precisavam ajudar. Sempre que necessário, intervinham nas batalhas, para que seus futuros vassalos chegassem sãos e salvos à meta preestabelecida.

São essas as idéias que me vieram durante a longa viagem, Mas pensei também no seguinte:

Para chegar a Caxemira, é necessário atravessar as montanhas de Pir Panjal. O ponto mais baixo em que podem ser ultrapassadas fica a dois mil quinhentos e dez metros de altura. A passagem se realiza, hoje, pelo túnel de Banibal, a dois mil cento e oitenta metros. Essa barreira deve ter impedido, há milênios, que o vale de Caxemira fosse habitado.

Seguindo o fio anterior de meus pensamentos, estariam os israelitas, agora, em sua própria terra, podendo cultivá-la para si e para seu "Senhor". Naquele tempo, assim como hoje, eram e são os israelitas ou israelenses um povo laborioso, obediente e inteligente. Certamente foi por esse motivo que os revoltosos chamaram essa tribo supercivilizada para seu país. Com sua colaboração, ergueram, em pouco tempo, palácios, templos e jardins. O vale de Caxemira se tornou uma Terra Prometida, um paraíso.

Essas especulações, confessadamente audaciosas, têm um senão. Segundo os exegetas da Bíblia, foi em Jerusalém que o rei Salomão (cerca de 965-926 a.C.) mandou construir um templo. Não teria pertencido esse rei Salomão, assim como seu predecessor Davi, ao grupo conduzido ao vale de Caxemira? Ou ficava ele ora no vale ora na Palestina? Ninguém pode estar, ao mesmo tempo, em dois lugares. Mas Salomão podia!

Salomão — o rei voador

O *Kebra Neguest* constitui a tradição mais antiga da Etiópia. Nos capítulos 30, 52, 58, 59 e 94 há uma descrição detalhada de uma "carruagem celeste" que o rei Salomão teria herdado de seus ancestrais e que ele teria usado amiúde "**.

* Em O profeta do passado, Edições Melhoramentos, 1980, há um relato pormenorizado dessa história da carruagem celeste.

"O rei e todos os que estavam às suas ordens voavam naquela carruagem, livres de doenças e agruras, de fome e de sede, sem esforço e sem cansaço, atravessando em um único dia unia distância correspondente a três meses de viagem"².

Entre Jerusalém e Srinagar medeiam pouco menos que quatro mil quilômetros, em linha reta. A pé, seria impossível vencer essa distância em apenas três meses. A uma marcha de vinte quilômetros diários, far-se-iam, num mês, seiscentos quilômetros e, em três meses, mil e oitocentos quilômetros — deixando de considerar o fato de ser o percurso por via terrestre incomparavelmente maior do que uma linha reta entre os dois pontos. Mas é precisamente essa a distância que o rei Salomão teria vencido em sua carruagem voadora num único dia — de acordo com o relato do *Kebra Neguest*.

Se o rei voador voasse realmente apenas durante doze das vinte e quatro horas do dia, andaria num veículo à velocidade de cento e cinquenta quilômetros por hora. Supondo, porém, uma permanência real no ar de apenas oito horas, seu veículo voaria à velocidade média de duzentos e vinte e cinco quilômetros horários — o que não chega, certamente, a constituir a velocidade de um avião a jato, mas é suficientemente rápido para fazer diversas vezes por mês a viagem entre Jerusalém e Srinagar.

Caso o rei Salomão tivesse feito alguma escala mais ou menos a meio caminho entre Caxemira e Israel, deveria existir alguma notícia sobre essa escala no atual Irã. Veículos celestes não eram coisa tão comum naquele

tempo, de modo que sua partida e aterrissagem deviam despertar a atenção dos habitantes da região.

Realmente, na região noroeste do Irã existe, a dois mil e duzentos metros de altitude, o pico Takht-i-Suleiman (Trono de Salomão), com o mesmo nome daquele que fica perto de Srinagar. Nesse Trono de Salomão, no Irã, havia antigamente um templo sassânida dedicado ao fogo. Nele se veneravam o fogo e a água. Fogo e água? Esses dois elementos não combinam. Quando se encontram, forma-se o vapor. Tratar-se-ia de um avião movido a vapor? Existia o conhecimento da máquina a vapor e de sua técnica, inventada primitivamente pelo pesquisador francês Denis Papin (1647-1712)? A veneração da água e do fogo teria sido motivada por essa máquina maravilhosa?

Curiosamente, chama-se o monte vizinho de Zendan-i-Suleiman, o que significa "Prisão de Salomão". Teria o piloto errado o alvo, precisando fazer uma aterrissagem de emergência?

Abstraindo de tudo, que não passa de fantasia arriscada, permanece, no entanto, o fato de existirem duas montanhas de Salomão, uma no Irã e outra perto de Srinagar. Em ambas foram construídos templos dedicados a Salomão. A construção iraniana já não existe, mas o templo de Srinagar continua de pé — apesar das modificações que sofreu no decorrer do tempo. Há nesta minha conjectura, também, uma explicação para o fato de ter Salomão contratado no Líbano arquitetos e empreiteiros para a construção do templo em Jerusalém: é que seus próprios especialistas estavam trabalhando no planalto de Caxemira.

Hipóteses e alguns fatos

É claro que essas hipóteses, surpreendentes para alguns leitores, têm a ver com os seres extraterrestres de que costumo falar. Mas não fica claro o que elas poderiam ter em comum com Jesus, que viveu mil anos depois. Antes de estar de posse de fatos concretos, teci minhas próprias considerações.

A seita dos essênios, adeptos da lei mosaica, que viviam na região do mar Morto, sabia da existência de pelo menos uma tribo de Israel na distante Caxemira³. Ela tinha conhecimento dos antigos escritos do tempo de Salomão e de suas ligações com a Ásia. Pode ser, até, que ainda existisse algum contato, no tempo de Jesus, entre os essênios e a tribo de seus patrícios emigrados para a Caxemira. Eis as minhas hipóteses, que confirmam como e por que Jesus teria chegado a Caxemira:

— Jesus foi crucificado numa sexta-feira, mais ou menos ao meio-dia. A

meia-noite de sexta-feira começa o sábado, o sétimo dia da semana, dia de descanso, de santificação e de renovação espiritual. Os opressores romanos tinham senso político suficiente para respeitar essa lei religiosa. Por isso, nenhum executado devia permanecer na cruz durante o sábado. Contrariando a opinião geralmente difundida, ficou constatado pelos historiadores que o suplício da cruz não levava necessariamente a um desenlace fatal, equivalendo assim a pena capital. Havia organismos saudáveis e resistentes que conseguiam sobreviver a esse martírio, sustentados por uma férrea determinação da vontade.

— A Bíblia diz que um legionário romano abriu o flanco de Jesus com uma lança, constatando que da ferida saíam sangue e água. Portanto, Jesus não estava morto. A José e a Nicodemo foi permitido que retirassem, na presença de algumas mulheres, entre elas a mãe de Jesus, o corpo do mestre da cruz. Esses homens não tinham nenhum motivo para comunicar aos soldados romanos que o Senhor continuava vivo. Cobrindo seu corpo maltratado com panos, levaram-no para cuidar das feridas com pomadas e ervas, em algum lugar escondido, talvez até no mosteiro dos essênios, que dispunham de excelentes conhecedores da medicina em seu meio. Só assim torna-se compreensível a pergunta dos dois jovens dirigida às mulheres, junto à sepultura: "Por que estais procurando entre os mortos aquele que está vivo?" O evangelista João nada fala de uma ascensão ao céu, e os relatos de Mateus, Marcos e Lucas são contraditórios. O que a Bíblia afirma com certeza é que Jesus apareceu, depois da crucificação, a seus discípulos, permitindo até ao incrédulo Tome que tocasse suas feridas nas mãos e nos pés.

— Os romanos souberam que Jesus continuava vivo e começaram a procurá-lo. Como pessoa conhecida por todo mundo, ele já não podia aparecer em público, o que não era fácil, visto que os romanos ocupavam todos os territórios situados em torno de Israel: o Egito, ao sul; o Líbano e a Turquia, ao norte; e a Europa, a oeste. Só restava uma direção em que podia fugir: o leste. Teriam sido novamente os essênios, com sua quinta-coluna, que prepararam a ação, aconselhando a fuga em direção a Caxemira, sabendo que lá Jesus poderia encontrar patrícios seus?

— Os romanos encarregaram Saulo da tarefa de perseguir Jesus, sabendo do ódio que este oficial formado nutria contra os cristãos. Saulo, muito esperto, compreendeu logo que Jesus só tinha uma opção para fugir da perseguição: retirar-se para o leste, passando por Damasco. Perto de Damasco, Saulo preparou uma cilada para Jesus: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (Atos 9,4). Na conversa entre ambos, parece que Jesus conseguiu convencer o romano de que sua pessoa já não constituía perigo

algun, de modo que não haveria necessidade de prendê-lo.

— A partir desse momento, Saulo passou a chamar-se Paulo, tornando-se missionário entre os pagãos; foi ele, portanto, o primeiro não-judeu convertido ao cristianismo pelo próprio Jesus. Paulo começou, então, a divulgar a doutrina de Jesus, que dizia serem todos os homens iguais perante Deus. Como essa afirmação podia ser mal interpretada, tratava-se de um programa político de enorme poder explosivo. As viagens missionárias de Paulo eram acompanhadas por revoltas de escravos — o que levou os primeiros imperadores da era cristã a perseguir cruelmente a jovem comunidade cristã. O romano Saulo/ Paulo foi, finalmente, crucificado de cabeça para baixo — um castigo merecido, aos olhos dos romanos — pela traição praticada.

— Teria a mãe de Jesus, Maria, sucumbido às dificuldades da viagem? Será que ela morreu mesmo poucos quilômetros a oeste da atual Rawalpindi, no Paquistão? De fato, existe lá, ainda hoje, uma capela chamada *Mai Mari* ("último descanso da Mãe Maria").

— De acordo com a opinião dos indianos, Jesus avançou em direção a Caxemira, escapando assim da perseguição romana. Certamente foi recebido de braços abertos pela comunidade que vivia segundo a austera lei dos essênios no exílio, casando-se, em seguida, para morrer em idade avançada, estimado tanto pelos homens do povo quanto por reis poderosos.

Essas idéias, formuladas a partir de leituras e indícios, e entremeadas de muitos pontos de interrogação, me inquietavam e me impeliam a seguir seus rastros.

Teoria

No terraço do Hotel Oberoi, um antigo palácio de marajá, estava à minha espera o professor dr. F. M. Hassnain, com o qual tinha trocado diversas cartas anunciando minha visita. Como funcionário do governo, ficam sob sua responsabilidade os arquivos do país, onde não se guardam apenas as atas do Estado atual, como também documentos do passado. Eu esperava que ele trouxesse mais clareza a minhas especulações ousadas. Estava sentado ao lado dele, sob o guarda-sol. Ao redor estava tudo calmo. À nossa frente estendia-se o parque paradisíaco, com a luz do sol reluzindo nas águas de Srinagar, constituindo um ambiente favorável a uma conversa amena. Só no decorrer dos dias seguintes me dei conta da grande estima em que é tido na cidade esse cientista de fronte alta e calva. O acaso tinha me guiado ao homem certo, uma pessoa muito bem-informada.

Quando lhe falei da presumível estada de Jesus em Caxemira, insinuando

que a mera notícia da existência da sepultura de Jesus não era suficiente para convencer ninguém, o professor Hassnain sentiu minha atitude de ceticismo como verdadeira ofensa.

— A série de provas está completa. Qualquer tribunal do mundo as aceitaria sem reparos!

— Desculpe, professor, estou ansioso por ouvir...

— Suponho que o senhor tenha observado, durante sua viagem por nosso país, as grandes semelhanças que existem entre os habitantes de Caxemira e o povo da Palestina histórica. Mas as semelhanças não param na aparência física, na língua e nos rituais religiosos; elas estão presentes, também, na arquitetura dos templos antigos. Todos, sem exceção, parecem miniaturas do templo de Jerusalém. O senhor viu o monte chamado Trono de Salomão e os Jardins de Salomão, a menos de quinze quilômetros daqui. Em Caxemira, encontram-se os montes mencionados no quinto livro de Moisés, que ninguém jamais conseguiu localizar na Palestina. E mais, meu senhor, nós temos em nosso meio o túmulo de Moisés. Pode acreditar em mim: quando Jesus dirigiu seus passos para esta terra, não visava uma meta indefinida, ele estava à procura da *terra de seus pais*.

— Como sabia Jesus desta terra?

O professor Hassnain olhou para mim, enquanto tomava um gole de chá gelado com limão.

— Há diversas possibilidades. Talvez tivesse descoberto alguma coisa nos escritos antigos guardados no mosteiro dos essênios. Na ausência de documentos escritos, poder-se-ia recorrer à tradição oral, numa época em que o êxodo era um fato ainda relativamente recente. Existia, também, uma possibilidade subestimada hoje em dia: como sabe, existe uma lacuna imensa nas biografias de Jesus, escritas por cristólogos ocidentais, que se estende dos doze aos trinta anos de idade. Não seria possível perguntar se Jesus teria estado em nosso país quando jovem?

Uma vez que o professor gostava de precisão, intercalei esta pergunta:

— Entre Jerusalém e Srinagar medeia uma distância enorme de quatro mil quilômetros em linha reta. Como podia Jesus percorrer essa distância toda?

O professor começou a sorrir e respondeu-me, depois de acender um de seus cigarros superlongos:

— Meu caro, pense nos colonos canadenses de nosso século! Sem estrada de ferro, sem avião e sem carro, eles conseguiram vencer os sete mil quilômetros que separam a costa leste da costa oeste. A pé, acompanhados por suas famílias e com seus utensílios, utilizando carroças de lona muito primitivas. Perfazendo quinze quilômetros por dia, pode-se chegar da

Palestina a Caxemira em um ano. Afinal, nos tempos bíblicos, as pessoas estavam mais acostumadas a caminhar a pé do que nós, hoje...

Esse professor sabe argumentar, pensei. Mas mesmo assim, insisti:

— Existe alguma coisa concreta que se possa tocar, medir, fotografar?

Esta pergunta mexeu com os brios do professor Hassnain, que se empertigou na poltrona:

— Aqui temos o túmulo de Jesus, documentado durante mais de mil e novecentos anos. A inscrição diz: "Aqui jaz o célebre profeta Yuz-Asaf, chamado Yusu, profeta dos filhos de Israel". Os nomes Yuz-Asaf e Yusu são idênticos ao nome de Jesus; é assim que se escreve seu nome por aqui.

... e pratica

No dia seguinte, o professor Hassnain nos levou a uma ruela sombria. Seu nome traduzia-se por "Um profeta virá". Nossa meta era uma edificação chamada Rauzabal Khanyar, um misto de igreja e mesquita. Sem a companhia do professor Hassnain não nos teriam deixado entrar. Todos o conhecem e estimam; quem estiver em sua companhia desfruta os favores de sua autoridade.

Imitando os outros, tiramos os sapatos e acompanhamos o guarda do sepulcro e seus familiares em suas orações. Admito que estava bastante nervoso. Era uma idéia arrasadora pensar que podia estar perto dos restos mortais do verdadeiro Jesus.

A área estava bastante escura. Sobre vigas, descansava uma cruz cheia de velas acesas. No centro, erguia-se um escrínio cercado de painéis entalhados e protegido por finas grades de madeira. Dentro do escrínio, ainda fumegavam brasas numa bandeja. Nas pedras do chão, descobri pegadas num lugar em que é proibido pisar.

— Que vem a ser isso? — perguntei.

— São as pegadas de Jesus — disse o guarda do túmulo e, sussurrando orações, baixou a cabeça e juntou as mãos sobre o peito, à maneira dos peregrinos em lugares sagrados do cristianismo.

— Posso tocar a pedra? — perguntei. Sem interromper suas orações, o guarda me acenou positivamente, com uma mansidão monacal. Tomando medida com a palma da mão, concluí que o tamanho das pegadas deveria corresponder ao número 45 de um par de sapatos. Dentro das pegadas, sentese alguns abaulamentos e irregularidades ásperas. Provenientes de chagas? Aqui dizem que sim.



Rauzabal Khanyar, lugar de peregrinação, fica numa ruela escura.

Perguntei baixinho ao professor Hassnain se era permitido entrar no santuário. Meu pedido teria recebido uma resposta negativa, se não entrasse, nesse exato momento, o dr. Aziz Kachmiri, autor do livro *Jesus em Caxemira*, com o qual tinha marcado encontro ali. Ele se pronunciou a favor do meu pedido.

O escrínio foi aberto e eu fiz uma breve oração, para satisfação de todos os presentes que estavam me observando. Preparei minha máquina fotográfica e avancei para o interior do santuário, atravessando uma portinha com grades. Ao recordar, hoje, os fatos, não posso negar que me achava estranhamente irritado. Na oportunidade, tive que concentrar toda a minha atenção nas complicações causadas pela estreiteza do espaço em que tentava tirar as fotos. O *flash* iluminava tudo como um raio. Seria uma ação sacrílega? Lembrei-me do Jesus que conhecia de meu tempo de escola. Ele tinha muita compreensão para todo tipo de comportamento humano e entenderia, também, minha curiosidade. Tirei a bússola do bolso da camisa: a pedra da sepultura estava orientada em sentido oeste-leste.

Tirei diversas fotos, com diferentes objetivas, procurando ocupar-me para não demonstrar minha decepção. Como podia um mausoléu, com uma sepultura coberta por uma pedra, dar provas de seu conteúdo? Será que todas as afirmações a seu respeito não passariam de quimeras? Seria necessário levantar a laje, para abrir o verdadeiro túmulo. Se fossem descobertos, realmente, ossos com sinais de chagas nas mãos e nos pés, haveria uma prova concreta. Os próprios objetos deixados na sepultura poderiam ser portadores de informações. Seria até admissível que tivessem colocado ao lado de uma figura da celebridade de Jesus um rolo contendo os dados de sua vida, para acompanhá-lo no descanso eterno. Um pedacinho que fosse de um osso já seria suficiente para descobrir com exatidão o tempo de sua morte.

— Senhor professor, por que não se fazem pesquisas no túmulo, para confirmar com fatos as suposições existentes?

Hassnain me explicou que ele tentava conseguir isso, havia muitos anos. Mas as autoridades temiam ofender os sentimentos religiosos de cristãos, muçulmanos e hindus. E, piscando, acrescentou:

— Escreva a esse respeito. Seus livros são lidos e discutidos em toda parte. Pode ser que isso ajude. Seria um grande sucesso, se os cientistas de todo o mundo conseguissem convencer as autoridades indianas a proceder à abertura do túmulo.

— Com um aparelho de raios X já poderiam ser obtidos alguns dados importantes — observei. — Assim, nem seria necessário tocar nos ossos, na múmia ou no que quer que esteja lá escondido.

— Quem sabe — retrucou Hassnain resignadamente.

Na volta ao hotel, procurei com cuidado explicar ao professor que esse túmulo não convenceria ninguém de que Jesus esteve em Caxemira, aí envelheceu e estava sepultado em Srinagar.

Observando o movimento intenso nas ruas, Hassnain disse:

— Isso eu admito. Mas não se esqueça dos documentos que existem.

— Que documentos?

— Amanhã lhe mostrarei, no monte Trono de Salomão, duas inscrições. Uma diz: "Neste templo pregava o profeta Yusu". A data registrada indica, transposta para o calendário gregoriano, o ano 54 d.C. A outra inscrição diz: "Ele é Jesus, o profeta dos filhos de Israel".

— Não poderia significar que, em 54, um discípulo de Jesus tivesse chegado a Caxemira, motivando essas inscrições? Não era necessária a presença de Jesus.

— Procure-me amanhã na biblioteca. Vou mostrar-lhe o livro em sânscrito *Bhavishya Maha Purana*. Foi redigido no ano 115 d.C. Nas páginas 465 e 466, nos versículos 17 a 32, há a descrição de um encontro do então regente de Caxemira com Jesus. Já estou tão acostumado com as perguntas de visitantes ocidentais a respeito desse texto, que ando sempre com uma cópia no bolso. Posso ler o texto em voz alta, se quiser gravá-lo...

Claro que queria. Em meu arquivo de áudio tenho essa fita gravada em inglês. Eis a tradução do texto que o professor Hassnain leu para mim:

"Durante a regência de Raya Shalevahn — o que corresponde ao ano 78 d.C. —, este mandou que o carregassem pelos morros refrescantes de Caxemira. Foi quando o rei descobriu, sentada na grama e vestida de linho branco, uma pessoa feliz, rodeada de vários ouvintes, Shalevahn dirigiu-se ao estranho para saber quem era. O homem de túnica branca respondeu com sua voz tranqüila e feliz: — Nasci de uma donzela. Sou o pregador da religião Mlachha, dos princípios verdadeiros.

O rei continuou perguntando:

— Que religião é essa? O

estranho respondeu:

— Omaharay (grande regente), estava eu caminhando e pregando na terra de Mlachha (geograficamente falando: a Palestina), ensinando a verdade, contra a destruição das tradições. Quando lá apareci, me chamaram de 'Masih' (Messias). Eles não gostaram de meus ensinamentos, rejeitando as tradições e condenando-me. Sofri muito em suas mãos.

Como o rei quisesse saber mais sobre a religião desconhecida, explicou-se o homem de linho branco nestes termos:

— A religião se chama amor, verdade e pureza de coração, é por isso que me chamam de Masih."

Que texto excitante!

Depois de nos despedirmos em frente ao Obero, fiquei sentado durante uma hora, à luz de uma lanterna, no terraço, observando o cair da noite.

Como numa imensa tela de *cinemascope* descortinava à minha frente o rio Jhelum, que atravessa a cidade de Srinagar, os templos da era hindu, os palácios e as mesquitas dos séculos XIV e XV. Depois desse dia movimentado, voltei a encontrar a calma interior, refletindo sobre tudo o que ouvira. De novo escutei a gravação da fita.

De acordo com essa tradição sanscrítica do ano 115 d.C, Jesus-Masih responde assim ao rei:

"Nasci de uma donzela. Ensinei a verdade, contra a destruição das tradições... *rejeitando as tradições, eles me condenaram...*"

Os evangelistas também nos contam que Jesus nasceu de uma donzela, uma virgem. Desde que foram encontrados, em 1947, Os manuscritos do mar Morto, nas cavernas de Qumran⁴, sabemos que Jesus pregava os ensinamentos originais da tradição, Neles há relatos importantes sobre os tempos em que começou a era atual, com o nascimento de Jesus. Em 66 d.C, os monges cssênios esconderam seus manuscritos mais importantes em jarros de cerâmica, guardando-os nas cavernas acima de Qumran. Descobertos por acaso, teve início um verdadeiro filme policial nas cavernas do mar Morto⁵. Alguns desses manuscritos deram a volta a meio mundo, por caminhos escusos, sendo examinados pormenorizadamente em mosteiros e universidades. Até o dinheiro desempenhou um papel importante nessa descoberta sensacional... Finalmente, esses documentos únicos, que mudaram a visão do mundo dos teólogos, chegaram às mãos dos competentes professores André Dupont-Sommer e Millar Burrows.

Essa descoberta veio comprovar definitivamente que Jesus tirou a maior parte de sua doutrina, aquilo que há nela de substancial, dos essênios, como, por exemplo, o núcleo de sua doutrina resumida no Sermão da Montanha, ou a luta entre os "filhos da luz" e os "filhos das trevas".

Fílon de Alexandria, que viveu no começo de nossa era cristã, de 25 a.C. a 50 d.C, já mencionara os essênios em seu escrito *Quod omnis prohus lihert sit*⁶:

"A Síria palestinese, habitada por uma parte considerável do numeroso povo judeu, mostrou-se muito fértil pela geração de gente virtuosa. Alguns entre eles, em número de mais de quatro mil, são chamados de essênios; parece-me que essa denominação tem a ver... com a palavra 'santidade'; trata-se, realmente, de pessoas que se dedicam especialmente ao culto divino. Eles não juntam nem prata nem ouro e não adquirem grandes latifúndios... cuidam apenas das necessidades de cada dia... e rejeitam tudo o que possa despertar sentimentos de avareza... Entre eles não há escravos, antes são todos livres, e ajudam-se mutuamente... Há milhares de exemplos que demonstram seu amor a Deus..."

O historiador c general judeu Flávio Josefo (37-97 d.C.) escreveu o seguinte texto sobre os essênios, em sua *História da guerra judaica*", do ano 77 d.C:

"Há entre os judeus três tipos de escolas filosóficas; uma é formada pelos fariseus, a outra pelos saduceus e a terceira, que se rege por prescrições especialmente rigorosas, é a dos essênios. Eles menosprezam o casamento, mas aceitam em seu meio crianças estranhas de pouca idade e dóceis para a aprendizagem. Elas são tratadas como membros do grupo, a quem ensinam seus costumes... Tanto pela vestimenta que usam quanto pela aparência geral, eles se assemelham a meninos... Antes de começar a refeição, o sacerdote profere uma oração. , e depois da refeição ele volta a rezar... De preferência, eles se dedicam ao estudo de antigos manuscritos. , , Com sua força de vontade, superam as dores físicas... pois, mesmo sabendo que o corpo entra em decomposição após a morte, crêem, no entanto, firmemente na sobrevivência da alma..."

Esse psicograma de uma comunidade condiz perfeitamente com a personalidade do solitário Jesus. Teria sido ele entregue à educação dos essênios, desde que nasceu de uma donzela? Teriam eles inoculado em seu espírito, num mosteiro da região de Qumran, a lei mosaica — só existe um *único* Deus! —, de modo que o homem Jesus desprezasse mais tarde o politeísmo romano, tornando-se um rebelde? Foi entre os essênios que ele aprendeu a suportar os suplícios e os martírios da cruz, pela força de seu espírito? Seria um simples acaso que os antigos escritos em sânscrito nos dêem testemunho daquelas palavras trocadas entre o Masih-Messias e o rei, em que aquele assevera ter nascido de uma donzela e ter pregado a verdade contra a destruição das tradições... bem na linha de pensamentos dos essênios?

Diante de meus olhos se desenhava a pista que levava de Srinagar até a época de Jesus, há dois mil anos, e mais adiante até a época dos deuses e dos revoltosos. Convencido de que o sepulcro de Jesus poderia, realmente, encontrar-se em Srinagar, sei também que os teólogos ocidentais costumam descartar as lendas orientais com um sorriso de superioridade. Por que eles não unem suas forças para esclarecer a lenda indiana sobre Jesus? Seria pedir algo inconveniente? Uma heresia? Seria uma blasfêmia? Ou não é permitido examinar o túmulo de Jesus em Caxemira porque tal túmulo simplesmente não *existe*, em virtude da ascensão de Jesus ao céu?



No centro de Parhaspur, encontram-se os restos da pirâmide que lembra as pirâmides dos maias na selva da América Central. Teriam sido os mesmos construtores?

A questão deveria ser esclarecida, por ser, a bem da verdade, a mais importante do cristianismo. Mesmo que no santuário de Rauzabal Khanyar se encontrassem, de fato, os restos mortais de Jesus, nem por isso esse fato modificaria coisa alguma em seus ensinamentos sublimes. Não há motivo para um pessimismo crasso como o de São Paulo, quando escreve na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 15, versículos 16 e 17:

"Se os mortos, porém, não ressuscitam, tampouco Cristo foi ressuscitado. Mas, se Cristo não foi ressuscitado, então vossa fé é vã".

Uma explosão atômica há quatro mil anos?

O professor Hassnain nos mostrou as ruínas dos templos de Parhaspur; elas formam, num raio de vários quilômetros, uma área totalmente destruída.

Ainda são bem reconhecíveis os terraços em forma de degraus que constituíam a antiga construção. Eles me lembraram, imediatamente, os métodos de esquadrejamento e construção dos templos incaicos da América do Sul, como, por exemplo, os de Cuzco, no Peru, com seus blocos encaixados e sobrepostos. Como lá, pedras enormes foram recortadas das rochas, aparentemente sem maior esforço. Como lá, parece que não existiam

problemas de transporte, e, como lá, tem-se a impressão contundente de uma grande destruição por explosão e não de um simples efeito natural dos milênios que se passaram. Vendo essa desolação, semelhante às que as imagens da televisão infelizmente nos apresentam todos os dias, focalizando as áreas de conflito arrasadas pelos bombardeios, torna-se inconcebível que essas ruínas, como as de Hiroxima, tenham outra origem que não seja uma explosão. Olhando ao redor, a partir do centro, constata-se que os milhares de blocos de pedra se situam a uma distância mais ou menos igual do ponto central.

Como estou muito familiarizado com lendas que falam de "deuses" e de suas armas terríveis, não vejo nenhum absurdo nessa idéia de uma destruição vinda do alto.

Aparelhos que voam, em manuscritos sanscríticos da Índia antiga

Sob esse título, ouvimos uma conferência brilhante do professor Dileep Kumar Kanjilal, durante o Sexto Congresso Mundial da Ancient Astronaut Society, realizado em Munique em 1979⁸ Como professor do Calcutta Sanskrit College, Kanjilal é um dos maiores especialistas em sânscrito.

As explanações de Kanjilal, que passo a citar com a gentil permissão de seu autor, corroboraram a minha hipótese segundo a qual os "revoltosos", descritos por Enoc, continuaram dispondo de engenhos técnicos e de aparelhos simples para voar, mesmo depois da partida da nave mãe. Os "anjos rebeldes", esses "seres que vieram do céu", se misturaram com as filhas dos homens, procriando filhos. Esses "filhos de deuses", que viviam na Terra, certamente já não dispunham do saber *original* dos facciosos que faziam parte da primeira tripulação espacial, criados em algum planeta longínquo. Os engenhos técnicos dos extraterrestres estragaram-se e enferrujaram, perdendo-se nos primeiros séculos após a aterrissagem. Os filhos dos revoltosos e seus netos cresceram na Terra, sem que ninguém dispusesse de conhecimentos para possíveis consertos dos aparelhos. Graças à herança tecnológica dos antepassados, porém, eles estavam em condições de construir aparelhos simples para voar, o que os tornou infinitamente superiores a seus contemporâneos.

Eu gostaria de ouvir outras explicações para os fatos transmitidos pelos textos em sânscrito. Não se trata de obscuros manuscritos secretos. Os documentos citados pelo professor Kanjilal podem ser encontrados em qualquer biblioteca bem sortida de textos sanscríticos, legíveis para todos

que entendem sânscrito. As revelações desse especialista em sânscrito representam tanto "perigo" para a ciência tradicional que esta, sem meios para defender seus velhos pontos de vista, só pode fingir-se de surda ou, então, ridicularizá-las. Ela não possui argumentos reais contra esses documentos.

Passo a citar, portanto, literalmente, trechos da conferência do professor Kanjilal:

"Não faltam motivos para apresentar a chegada dos deuses extraterrestres, seu relacionamento conjugai com mulheres da Terra e a prole resultante dessas uniões como invenção dos textos védicos (que é a literatura religiosa mais antiga dos indianos arianos) e do *Mahabharata* (epopéia nacional dos hindus).

...Se estudarmos, no entanto, a história da veneração das imagens na Índia, encontraremos duas obras importantes, o *Causitaqui* e o *Satapata Bramana* (de cerca de 500 a.C.), que nos falam da aparição dos deuses. Tanto os textos quanto as imagens comprovam, nitidamente, que os deuses eram, originalmente, seres corporais. Surge, porém, a questão inevitável: como esses deuses conseguiram atravessar a atmosfera para chegar à Terra?

O *Yajurveda* fala com toda a clareza de uma máquina voadora usada pelos Asvins (gêmeos divinos). A palavra *vimatia* outra coisa não é senão um sinônimo de 'máquina voadora'. Ela aparece tanto no *Yajurveda* quanto no *Ramayana*, no *Mahabharata*, no *Bagavata Purana* e na literatura clássica dos hindus. O termo '*yantra*' significa, em tradução exata, 'aparelho mecânico', e é muito usado na literatura em sânscrito".

Pelo menos vinte trechos do *Rigveda* (mil e vinte e oito hinos aos deuses) falam exclusivamente do veículo voador dos Asvins. Ele é descrito como um veículo de três andares, triangular e provido de três rodas, e em seu interior cabiam, em média, três pessoas. Segundo as tradições, o aparelho era feito de metal: ouro, prata e ferro, e dispunha também, de duas asas. Foi com esse veículo que os Asvins salvaram o rei Bujyn, que havia sofrido um naufrágio.

Qualquer entendido em sânscrito conhece o *Vaimanica Sastra*, coleção de textos que, em sua parte essencial, é atribuída ao sábio Bharadvajy, que viveu por volta do século IV a.C. Esses escritos do *Vaunonica Sastra* foram redescobertos na Índia, em 1875. Seus textos tratam do tamanho e das principais partes dos diversos aparelhos voadores. Eles explicam como funciona sua direção, quais os detalhes a serem observados durante os vôos a longa distância, como era possível proteger os aparelhos contra tempestades e raios, qual o procedimento numa aterrissagem de emergência e, até, como se podiam comutar os dispositivos de propulsão para o uso da energia solar,

economizando assim o combustível. O sábio Bha rahvajy cita nada menos que setenta autoridades e dez especin listas em aeronáutica na índia pré-histórica.



Em cima; as ruínas de Parhaspur cobrem uma área demasiadamente grande para um templo. Tradições de origem hindu falam em destruição que veio do alto.

Embaixo: são dezoito mil quilômetros eiu linha reta que separam Caxemira da Bolívia e, no entanto, essa laje está lavrada do mesmo modo que as que encontrei em Puma-Punku.

A descrição dos aparelhos como a encontramos em textos da Índia antiga é surpreendentemente precisa. A grande dificuldade com que nos defrontamos hoje reside sobretudo no fato de serem mencionados diversos metais e ligas de metal que não sabemos traduzir. Não conseguimos descobrir o que os antigos queriam dizer. Segundo o *Samaranganasutradhara*, foram construídas, originariamente, cinco máquinas voadoras para os deuses Brama, Vixnu, Yama, Kuvera e Indra. Mais tarde, foram acrescentadas outras. Conforme as descrições, há quatro tipos básicos dessas *vimanas* voadoras: *rukma*, *sundara*, *tripura* e *sakuna*. As *rukma* tinham forma cônica com um brilho dourado; as *sundara*, ao contrário, possuíam forma de foguete e um brilho de prata; as *tripura* eram de três andares, e as *sakuna* se pareciam com pássaros. Desses quatro modelos básicos derivavam cento e treze diferentes subtipos, que apresentavam, parcialmente, diferenças muito pequenas.

No *Vaimanica Sastra* encontra-se a descrição da localização e do funcionamento dos coletores de energia solar. Fala-se de oito canos feitos de um tipo de vidro que absorve os raios solares. Há toda uma seleção de detalhes que não conseguimos entender totalmente. No *Amaranganasutradhara* há comentários até a respeito da propulsão, do controle e do combustível da máquina voadora. Está escrito que foram usados mercúrio e *rasa*. Infelizmente continuamos desconhecendo o significado do termo '*rasa*'."

Combinando os dados do relatório de Enoc com as tradições da Índia antiga, chega-se a uma explicação óbvia de mistérios que continuam a desafiar-nos. Pode ser que as ruínas de Parhaspur, onde me encontrava, sejam as lembranças de uma batalha aérea "divina".

As provas se multiplicam

Em 1979, foi publicado na Itália o livro de um inglês nascido na Índia, David W. Davenport: *2000 a.C. Distruzione atomica (Destruição atômica, no ano 2000 a.C.⁹)*.

Davenport fala de provas que mostram que um dos lugares mais antigos da civilização humana — Mohenjo-Daro, uma das metas de minha viagem — foi destruído por uma explosão atômica. Mohenjo-Daro fica a uma distância de trezentos e cinquenta quilômetros ao norte de Karachi, no Paquistão, a oeste de Sukkur, no rio Indo, Davenport demonstra que o campo coberto de ruínas, que os arqueólogos chamam de "campo da morte", não surgiu em consequência de uma lenta desintegração.

Mohenjo-Daro, com mais de quatro mil anos de existência, situava-se originalmente em duas ilhas do rio Indo. Num raio de um quilômetro e meio, registra Davenport três diferentes graus de destruição que se seguem um ao outro, a partir do centro. O calor imenso, liberado pela destruição em seu centro, fez que os fragmentos de cerâmica derretessem, formando milhares de pedaços de tamanhos diversos, denominados pelos arqueólogos "pedras pesadas". A hipótese de uma erupção vulcânica é logo descartada, uma vez que não há vestígios de lava ou de cinzas de origem vulcânica em Mohenjo-Daro ou nas redondezas. Davenport presume um calor intenso e passageiro de cerca de dois mil graus, o suficiente para derreter os recipientes de cerâmica.

Nos arredores de Mohenjo-Daro foram encontrados, segundo Davenport, esqueletos humanos, prostrados no chão, muitas vezes de mãos dadas, como se os vivos tivessem sido surpreendidos, repentinamente, por uma catástrofe inesperada.

A arqueologia continua trabalhando em Mohenjo-Daro de acordo com seus métodos tradicionais, apesar de haver condições para um trabalho interdisciplinar; é seu direito. Afinal de contas, ela os aplicou até hoje com muito sucesso. Enquanto se exclui, porém, de antemão a possibilidade de serem máquinas voadoras e uma explosão nuclear as causas daquelas ruínas, nunca se chegará a montar equipes de pesquisa que incluam também físicos, químicos, especialistas em metais, etc. Como esse tipo de cortina de ferro é tantas vezes utilizado em lugares decisivos para a história da humanidade, não consigo desfazer-me da desconfiança de que descobertas surpreendentes que poderiam abalar o pensamento estabelecido não podem nem devem ser efetuadas. Uma explosão nuclear, acontecida há quatro mil anos, não perturbaria o esquema tradicional? Depois de ter tomado conhecimento do relatório de Davenport, fiquei ainda mais curioso, pois o que foi descoberto até agora não me parece ser mais do que metade de toda a verdade.

Oh, Calcutá!

Antes de prosseguir viagem para o vale do Indo, precisava fazer a visita prometida a meu editor Ajit Dutt, em Calcutá.

Ele me aguardava com toda a sua família no aeroporto. A expressão de satisfação por receber a máquina de escrever portátil transparecia em seu rosto ao transmitir-me a notícia de que a minha chegada era esperada dois dias antes, e que milhares de pessoas que tinham vindo para assistir à conferência haviam sido dispensadas. Tive a impressão de que Dutt estava operando com "tiragens" humanas de número editorial-mente elevado.



Em muitos lugares de Caxemira vêem-se blocos de pedra de lavra misteriosa, como em Sacsayhuaman, acima de Cuzco. Não há quem consiga explicar essa coincidência ocorrida há milhares de anos.

Como tinha vontade de olhar essa cidade, a maior da Índia, com seus três milhões e quinhentos mil habitantes, concentrados em apenas quatrocentos e vinte e um quilômetros quadrados! Mas não consegui dar um passo sequer fora do hotel. Os jornalistas se revezavam diante de minha porta. Os repórteres das rádios me assediavam com seus microfones. Recusei uma visita à televisão quando soube que funcionavam apenas dois mil aparelhos na cidade. Por aqui, a era da televisão está apenas começando.

O segundo dia foi igual ao primeiro. Minhas palavras do dia anterior reapareceram, como pude verificar, nas primeiras páginas dos jornais, ao lado de notícias atuais de cunho político e fotos de Indira Gandhi. O que estariam escrevendo sobre mim? Não conheço o bengalês, mas, de qualquer maneira, parece que minhas idéias encontram chão fértil na Índia.

Ao meio-dia apareceu uma comissão de "recepção para EvD", formada por dois arqueólogos, um diretor de museu e vários professores assistentes da universidade.

De acordo com o costume indiano que eu já tinha assimilado, juntei as mãos sobre o peito e fiz uma inclinação. Vieram para me avisar que estava

tudo preparado.

As experiências daquela noite em Calcutá superaram com sua turbulência tudo o que eu pudesse imaginar no pior dos pesadelos. Ao nos aproximarmos do museu, no carro da comissão de recepção, lá pelas seis da tarde, vi grandes aglomerados humanos empurrados por policiais para formarem filas. Seria para mim a manifestação? A polícia abriu caminho para o pátio interno. Protegido por um cordão de isolamento, fui levado para a sala. Era um recinto amplo, com escadarias, galerias e largas sacadas nas janelas. Todo o espaço disponível estava ocupado. O ar estava parado, quente e úmido. Diante de uma tela havia quatro cadeiras enormes. Puseram-me numa delas. Uma antropóloga, um arqueólogo e o diretor do museu teceram tantos elogios a meu respeito em seus discursos de abertura, que fiquei até sem jeito. Com o relógio de pulso colocado à minha esquerda sobre a tribuna, fiquei durante vários minutos impossibilitado de começar a falar, por causa das aclamações incessantes. No meio da multidão encontrava-se Willi, vestindo uma camisa de um vermelho berrante, alvo fácil de ser localizado quando se tratava de colocar novos *slides* no projetor, em sincronia com minha palestra. Percebi logo que nessa noite só poderia apresentar uma versão resumida de minha exposição. Assim mesmo, falharam três vezes minhas cordas vocais. Nunca tinha me acontecido isso; devia ser consequência do ar carregado. No final formou-se um grande tumulto. Milhares de pessoas se acotovelaram em minha direção.

Até aquele momento, jamais tinha experimentado o que era ter medo de gente. Encostaram-me contra a parede; queriam autógrafos, mas as minhas mãos estavam presas. A alguma distância notei que Willi tentava aproximar-se. Em vão! A pressão da massa humana me fez cair no chão. Reunindo as últimas forças que me restavam, consegui esquivar-me para um canto, onde senti a proteção das duas paredes. De repente vi os cassetetes da polícia acima das cabeças. Baixavam com toda a força, mas a multidão exaltada nem ligava. Foi desagradável ter que assistir a essas cenas. Não existiria alguma janela por onde pudesse bater em retirada? Todas tinham grades. Finalmente, a polícia abriu a cacetadas um estreito corredor até o carro. Sentamo-nos esgotados, banhados de suor, amassados, e, todavia, um pouco felizes.

Durante todo o dia seguinte não consegui vencer uma certa angústia diante da expectativa do que poderia acontecer à noite, durante minha palestra na universidade. Com seus duzentos e quarenta mil estudantes, Calcutá abriga a universidade mais antiga da Ásia. Avisaram-me que a conferência se realizaria no auditório de física nuclear, o maior do campus, e que o público seria composto, em sua maior parte, por acadêmicos.

Mas o ambiente não era nada acadêmico. Primeiro, não consegui sair do carro, que, num abrir e fechar de olhos, foi cercado por estudantes. Novamente, a polícia teve que abrir caminho, de modo bastante rude. Os estudantes não se incomodavam. Em coro, eles gritavam: *Long live Däniken!* Onde já se viu isso?

O gigantesco auditório encontrava-se superlotado. Falei durante duas horas. O silêncio era absoluto. Não é possível descrever a manifestação de aprovação que se seguiu ao final da conferência.

Na roda dos diretores de faculdade, senti-me carregado por uma onda de simpatia. Havia professores dispostos a ajudar-me com seus conhecimentos especializados. Pesquisadores de sânscrito afirmaram que poderiam fornecer-me grande quantidade de material. Eles cumpriram sua palavra. Um dos sanscritologistas me asseverou que as teorias defendidas em meus livros fazem parte das realidades presentes na imaginação do povo hindu, de modo que meus escritos vão ao encontro daquilo que, de fato, pensa o homem da rua.

Um estudante acanhado, magro e alto, entregou-me um livro de capa cor-de-rosa, dizendo:

— É para o senhor!

Li rapidamente o título: *Wymaanikashaastra Aeronautics*, de Maharshi Bharadwaaja¹⁰. Polidamente perguntei pelo conteúdo do livro. O estudante, vestido com uma pobre camiseta branca, falou com um sorriso:

— É uma coleção de textos antiquíssimos, que deverão interessá-lo.

Depois sumiu na multidão.

Ao chegar ao hotel, examinei o gentil presente mais de perto; já estava começando a temer que tivesse que voltar aos bancos da escola para aprender sânscrito, quando descobri que, a partir da metade do livro, havia uma tradução em inglês dos mesmos textos. Acabou-se meu descanso noturno.

Em dez subdivisões, havia um tratado sobre temas fantasticamente atuais, com treinamento dos pilotos, rotas aéreas, detalhes da máquina voadora, e falava-se até da roupa do piloto e dos passageiros, bem como da alimentação recomendável para vôos longos. Não faltavam pormenores técnicos: os metais utilizados, metais capazes de absorver o calor até seu ponto de fusão, a propulsão e os diversos tipos de máquinas para voar.

Se não tivesse presente a todo momento o fato de tratar-se de textos sanscríticos milenares, poderia considerar o livro como um manual de instrução para futuros pilotos.

Para os pilotos existe uma lista de checagem de trinta e dois itens que o comandante da nave precisa conhecer antes de poder manobrar a máquina.

Há explicações de como o piloto pode andar em ziguezague, olhar para todos os lados e ouvir ruídos longínquos. Não faltam também instruções de combate para as naves: como é possível reconhecer a tempo as manobras do inimigo, descobrir a direção dos ataques e evitá-los.

Quanto às informações a respeito dos metais utilizados, há três tipos mencionados, chamados de *somola*, *soundaalika* e *mourthwika*. Quando combinados nas quantidades certas, surgem dezesseis outros metais, que absorvem o calor e que têm nomes como *ushmambhara*, *ushnapaa*, *raajaanilatrit*, etc, que não consigo compreender. Provavelmente, nem os próprios tradutores conseguiram identificá-los, do contrário teriam se valido dos conceitos em inglês, na tradução.

Há também explicações sobre a limpeza dos metais, os ácidos a serem utilizados, e sua devida composição — ácido cítrico e ácido málico —, os tipos de óleo recomendados para serem aplicados e em que temperatura.

São descritos sete tipos de motores, com suas respectivas funções específicas, comprovadas em determinadas alturas. No catálogo não faltam tampouco indicações quanto ao tamanho dos aparelhos, que podem ter diversos andares, nem se omitem recomendações de uso para finalidades diversas.

Para aqueles que duvidam da existência de aparelhos em condições de vôo nos tempos pré-históricos, só resta optar entre duas possibilidades: ou o autor sanscrítico Maharshi Bharadwaaja era o maior adivinho de todos os tempos... ou era mesmo técnico em aviação, conhecendo a fundo as máquinas que via em ação.

Esses textos que chegaram às minhas mãos por acaso, pela colaboração daquele estudante, deviam constituir leitura obrigatória para os engenheiros e construtores de aparelhos aéreos e espaciais. Quem sabe poderiam descobrir nas traduções sanscríticas soluções para aqueles projetos em que estão trabalhando com muitas dificuldades. Talvez chegassem assim a resultados rápidos e satisfatórios. Já não existem mais direitos reservados sobre essas técnicas milenares. Mas, antes disso, nossos homens sabidos precisam chegar a entender que os textos antigos devem ser aceitos como são de fato: descrições de realidades de outrora.

Quando tomei o avião que me levaria de volta a Srinagar, tinha visto de Calcutá apenas meu quarto de hotel, o museu, a universidade e as ruas repletas de gente. Meu editor, Ajit Dutt, no entanto, mostrou-se muito contente.

A meta: Mohenjo-Daro

Por força de nossas experiências anteriores, partimos de Srinagar às quatro horas da manhã: a essa hora, os grupos de caminhantes ainda estão parados à beira da estrada. Percorremos uns cem quilômetros antes que os nativos e andarilhos acordassem do repouso da noite — assim como as vacas, os camelos, os cachorros e as cabras — e os ônibus e caminhões começassem a correr desenfreadamente, como tanques de guerra. Depois do despertar geral, conseguimos vencer apenas quarenta quilômetros por hora, de modo que levamos oito horas para percorrer trezentos e cinquenta quilômetros até Jammu.

Jammu, a capital do Estado Jammu-Caxemira, foi outrora residência de inverno dos marajás do norte da Índia. Hoje, são os funcionários de Srinagar que passam em seu clima agradável — a quatrocentos e três metros acima do nível do mar — os dias de inverno. É difícil captar as características específicas das cidades indianas: todas transbordam de gente, todas vivem asfixiadas pelo trânsito desordenado e pela sujeira onipresente; todas são dominadas por vacas magras.

No trecho plano da rodovia que leva a Amritsar, pretendíamos recuperar o tempo perdido, para visitar em Amritsar o célebre "templo de ouro", santuário máximo dos *sikhs*, seita religiosa com oito milhões de adeptos. Fundada por gurus, no século XVI, situa-se ali o "lago da imortalidade", que é a tradução literal de Amritsar. Como é possível que uma cidade exprima em seu nome a pretensão da imortalidade? Ali deve ter acontecido algo misterioso, pois, sob a abóbada revestida de ouro de um edifício, encontra-se o "trono da imortalidade". Hoje, são os líderes dos *sikhs* que têm, sob a cúpula, a sua residência.

Nosso resistente Range Rover provou então que ele mesmo não era imortal: esvaziou-se o pneu esquerdo traseiro. *High noon*. A estrada ardia. Não havia sombra, o céu estava sem nuvens. De baixo do monte da bagagem tiramos o estepe para trocá-lo às pressas, à beira da estrada. Mas, quando baixei o macaco, o carro arreu.

Tínhamos esquecido de encher o estepe, depois de tê-lo esvaziado para o transporte aéreo. A bomba que acionamos com os pés, arfando e suando, não conseguiu encher o pneu. Estava com defeito. Com a velocidade de uma tartaruga, rodamos até o posto mais próximo.

— *Do you have air?* * — perguntei.

**Vocês têm ar?" Em inglês no original (N. do E.)*

Mas o inglês é falado somente pelas classes superiores. É nessas horas

que a gente se vale de uma linguagem de sinais pantomímicos, como os primeiros seres humanos. Imitando os gestos de bombeamento, enchi as bochechas e expeli o ar pelos lábios em forma de bico. Mas o frentista me explicou, com outros sinais não menos ct)micos, que não havia ar nesse posto. O ar não faz parte, em geral, dos serviços prestados por um posto indiano. Cozidos pelo sol, fomos devagar até Labore, Estava entardecendo. Numa oficina, um menino de nove anos de idade encheu o estepe e consertou em poucos momentos a câmara avariada.

No mapa, a estrada para Sikkur, que passa por Multán, era marcada por uma linha vermelha, a partir de Labore. Esperávamos enfrentar, portanto, uma rodovia asfaltada. De Labore até Multán, a linha vermelha cumpriu o que prometia. Mas, depois, a estrada ficou horrível. Recorri a um guarda para informar-me sobre o caminho mais curto a Sikkur.

Os asiáticos são muito atenciosos. Quando não sabem como esconder atrás de palavras educadas uma notícia desagradável, desce sobre sua fisionomia uma cortina de tristeza. O que o guarda tinha a dizer correspondia às feições tristes de seu rosto: a apenas trinta e dois quilômetros de Multán, passa, num lugarejo chamado Muzaffagarh, o rio Lido. Contrariando as previsões para essa estação do ano, o céu não parava de despejar água, com o tempo completamente descontrolado. Enquanto estávamos tomando banho de sol em Srinagar, caíam, mais abaixo, chuvas torrenciais. Mais para o sul, do outro lado do Indo, Mohenjo-Daro já estava isolada de nos. Após consultar-se com os nativos, o guarda nos aconselhou em seu inglês passável a tentar atravessar, mais ao sul, o dique de Alipur.

As águas são mais rápidas do que nós

As forças da natureza precisam ser aceitas com humildade, pois não adianta enfurecer-se contra elas. Não havia outra alternativa: devíamos viajar em sentido contrário à meta pretendida, em direção a Alipur. O dique já estava coberto pela enxurrada, e as pontes do outro braço do rio Indo estavam inundadas pela torrente. Recomendaram-nos, então, que procurássemos o dique de Dera Ismail Khan, que, situado trezentos e vinte quilômetros ao norte, continuava transitável. Era um desvio imenso, mas não tínhamos alternativa.

O hodômetro já tinha ultrapassado, havia muito, os trezentos e vinte quilômetros previstos. A estrada ia se estreitando, para terminar, finalmente, num caminho de terra lamacenta. Não víamos nem sinal do dique. Numa aldeia sem nome soubemos que a barragem de Dera Ismail Khan também já tinha sido tomada pelas águas. Se nos apressássemos poderíamos chegar a

tempo para atravessar ainda o dique de Taunsa, que ficava cento e quarenta quilômetros ao sul, no caminho de volta. As últimas notícias o davam como intato e transitável. A barragem de Taunsa é uma construção enorme, e dispõe de pistas de concreto que se prestam até à passagem de tanques de guerra. Mas esqueceram as vias de acesso.

Eram seis da tarde. Já estávamos rodando havia dezesseis horas, na esperança de que, afinal, chegaríamos rapidamente a Sikkur. Mas, como disse o sábio Shakespeare, a esperança muitas vezes se parece com um perdigueiro sem rasto. E tem razão. Depois de passar por outro congestionamento formado por caminhões e ônibus, paramos com nosso Range Rover diante de um rio. A rua submersa terminava alhures na lama. Para que, afinal, dispúnhamos de um carro tão versátil, munido de tração nas quatro rodas e de guincho? Queria fazer a prova da técnica.

Com suas botas que iam até os joelhos, Willi desceu do carro e foi avançando com cuidado, como um marinheiro no convés de um navio a balançar, precedendo o carro, à luz dos faróis, naquela sopa barrenta e borbulhante. Por suas pernas compridas pude avaliar a altura da água. Com o diferencial engatado e em marcha reduzida seguí atrás dele, lentamente, sentindo sob as rodas a lama escorregadia. Não posso parar!, pensei. Em alguns minutos, que mais pareciam horas, consegui levar o carro para o outro lado do rio. Heureka! Achara a outra margem salvadora! Que foi mesmo que Arquimedes saudou com essa exclamação? Creio que foi a descoberta da lei dos pesos específicos. Em meu lugar, ele teria gritado duas, três vezes heureka.

Apesar da noite escura, queríamos prosseguir viagem. Na primeira encruzilhada, pararam nosso carro para nos avisar que todas as estradas em direção a Sikkur haviam sido interditadas, pois as pontes estavam submersas. Com essa informação, abandonou-nos toda e qualquer energia, do corpo e da mente. Estávamos acabados. íamos bem devagar em direção ao lugarejo chamado Dera Ghazi Khan. Ao redor de pequenas fogueiras, à beira da estrada, havia comerciantes que ofereciam frutas e legumes, à luz de lamparinas. Contrariando todo procedimento de quem pretende vender alguma coisa, eles nos olharam de modo estranho, quase com inimizade, contrariados.

Um jovem de aparência pouco recomendável indicou-nos, com seu inglês limitadíssimo, o Shezan Hotel como o melhor do lugar. O Shezan era sujo, cheio de pulgas e percevejos; tinha um bar repelente e um pátio interno com uma fonte que não via água havia uma eternidade. Um paquistanês que falava fluentemente inglês e ficava meio afastado dos outros nos recomendou em voz baixa que tomássemos cuidado, pois muitos viajantes já

tinham sido roubados ali, sem que as autoridades pudessem fazer nada, pois as pessoas eram solidárias como uma Máfia. Pedi licença para deixar o Range Rover estacionado no pátio interno. Mesmo com as roupas sujas, caímos como pedras nas camas emporcalhadas.

Despertamos de um sono intranquilo. Do pátio ouvia-se o tilintar de correntes; uma voz gritava. À luz ofuscante da lâmpada de carbureto, pudemos observar quatro sujeitos que inspecionavam nosso veículo — certamente não movidos pela curiosidade pela técnica ocidental.

Descemos ao pátio e, postando-nos diante da parede com mais coragem do que possuíamos de fato, encaramos com ar desafiante os vultos noturnos. O farolete dentro do bolso de minha jaqueta dava a impressão de um revólver prestes a ser disparado. A meu lado estava Willi, de braços cruzados. Na minha mão direita brilhava uma lata de *spray*, com gás lacrimogêneo, que tínhamos levado num rasgo de premonição. Da escuridão começaram a destacar-se outras figuras que ainda não tínhamos visto. Conversaram insistentemente com os quatro, lançando, de vez em quando, olhares furtivos em direção ao objeto que se encontrava em meu bolso e à lata de *spray*. Bateram em retirada. E nós partimos imediatamente, pois desconfiávamos que fossem procurar reforço. Foi uma noite muito curta.

Não era de admirar que a estrada para Sikkur ficasse intransitável. As estradas eram de construção primitiva. Os carros de boi puxam pedras que são trituradas pelos paquistaneses. Esse cascalho é depois despejado simplesmente sobre o solo. O asfalto, que é aplicado em fina camada, evidentemente não consegue impedir que o rio Indo leve tudo, a cada ano que passa. Um verdadeira ajuda ao desenvolvimento consistiria, nesse caso, num curso sobre métodos de construção rodoviária; modernas máquinas de construção só tirariam o trabalho dessa gente pobre.

São Cristóvão, o padroeiro dos motoristas, não nos dera, definitivamente, a sua bênção: o segundo problema de pneu nos atingiu como um golpe do destino no meio da água. A água barrenta do rio Indo chegava até os eixos. Como São Cristóvão costuma dar, no máximo, sua bênção, sem ajudar mesmo, tivemos que nos meter nas águas lamacentas, munidos do macaco. Por que não havia um botão no carro que colocasse em funcionamento uma bomba hidráulica? Em qualquer avião existem colchões infláveis que se enchem automaticamente com o acionamento de uma válvula. E já repararam que os macacos não levantam o carro até altura suficiente? Os construtores de carros não podem pensar que os pneus só precisam ser trocados em chão sólido. Como seus veículos só andam em pistas de prova, nem fazem idéia dos muitos tipos de terreno em que um pneu pode furar. Se eu fosse técnico, saberia com certeza qual a invenção — depois do zíper —

que garantiria um lucro de milhões: um macaco a toda prova.



Quando chegamos finalmente a Sikkur, após uma longa viagem de muitos desencontros, soubemos por um oficial do exército paquistanês que era impossível seguir viagem para o sul: toda a região estava inundada, e levaria semanas até que as águas baixassem e as estradas fossem reparadas. Mohen-jo-Daro, o "lugar da morte", não queria saber de nós. Deixamos, então, esse lugar sinistro e inatingível à margem de nossa rota.

Entre as metas pretendidas havia ainda as escavações de Tepe Yahya, a cidade circular dos sassanidas, Ardachir Khurrech, e as cavernas de Kermanchah. Adiante, então, para a Pérsia...

O oficial que eu tinha abordado para saber se a estrada de Sukkur a Quetta era transitável, e se era possível seguir na direção da Pérsia, olhou-me com ar de desconfiança:

- Aonde o senhor quer ir?
- Para a Pérsia.
- O senhor não lê jornais?

Na verdade, lembrei-me então, não tivera mais nenhum jornal nas mãos, desde que chegamos a Karachi. A nossa programação não nos deixava livre

nem uma hora, nem um minuto.

— Não ouviu os noticiários?

O oficial não entendia a situação dos estrangeiros naquele país: como poderíamos ouvir notícias numa língua que não compreendíamos ?

A maneira concisa de um comando militar, o oficial nos informou:

— Todas as estradas para a Pérsia estão fechadas. Há revolução no país. Por gentileza, venham comigo!

Entramos atrás dele num simples escritório à beira da estrada. Como tinha servido, antigamente, sob o regime inglês, continuava com o hábito de ler o *Time*. De uma prateleira, tirou um monte de jornais velhos:

— Vejam aqui! Informem-se.

DEMONSTRAÇÕES CONTRA O XÁ EM XIRAZ
CONFLITOS GRAVES APÓS A SAÍDA DO XÁ
O AIATOLÁ KHOMEINI ANUNCIA A SUA VOLTA
TROPAS OCUPAM O AEROPORTO DE TEERÃ
MILITARES ATIRAM EM MARCHA DE PROTESTO
RECEPÇÃO TRIUNFAL PARA KHOMEINI EM TEERÃ
GUERRA CIVIL NO IRÃ ----- A CAPITAL EM PODER
DOS REVOLUCIONÁRIOS
ATAQUE À EMBAIXADA AMERICANA
REVOLUÇÃO NO IRÃ ---- TODAS AS
FRONTEIRAS FECHADAS

Estas as manchetes do *Time*. O conteúdo do último número correspondia àquilo que o oficial nos tinha comunicado; era do dia 20 de fevereiro.

Depois das forças da natureza, agora a força maior da política! Tínhamos que entregar os pontos. O jeito era voltar ao porto de Karachi, que já conhecíamos bem. Já imaginava o careca à nossa espera, com um sorriso satisfeito nos lábios. Estava sorrindo de nossa desgraça, assim me parecia.

— Sabe o que nos falta? — perguntou Willi, depois de horas de um silêncio opressivo.

Fiquei pensando. Depois respondi:

— Falta-nos sorte.

— Não, faltam-nos os quatro dias perdidos na chegada a Karachi e os três dias que andamos errando na chuva.

De fato, com uma semana a mais teríamos chegado à Pérsia, mas teríamos viajado ao encontro da revolução que — segundo as notícias do jornal — se manifestava em hostilidades contra os estrangeiros.

— Não — respondi. — Até que tivemos foi muita sorte!

Mas um dia voltaremos!

Graças à dupla força maior, estávamos finalmente sem pressa, de modo que pudemos colocar nosso Range Rover no porto de Karachi, a bordo de um navio.

Com a ajuda do careca, nosso velho conhecido, conseguimos realizar o embarque sem dificuldade e a um preço módico. Em fins de abril, recebemos, já na Suíça, a carta com o aviso: podíamos retirar o valente veículo na alfândega, em Veneza.

6

Crepúsculo dos deuses

"Não permitam que as doutrinas vigentes entorpeçam seus cérebros!"
Alexander Fleming (1881-1955), a seus estudantes

O começo em Chicago, com duas fotos antigas — A ajuda do brigadeiro Chioino — Uma volta pela Guatemala — Dilúvio a caminho de El Baúl — Diante do "monumento número 27"

— O pensamento voltado para Monte Albán (México) e Copán (Honduras) — "El astronauta!" — Engano em Lima, Peru — Escala em La Paz — O objetivo: Puma-Punkú — Edificações pré-históricas — A longa noite dos deuses — Disputas em torno de Sacsayhuamán — Depois de Humay, no vale de Pisco — Crânios deformados no museu de Ica — Nas pegadas do mistério dos Andes.

É uma coisa horrível! Durante as viagens, há sempre pessoas gentis e amáveis que entram em contato comigo, para indicar pistas preciosas — como neste caso, ao menos —, deixando freqüentemente em minhas mãos seu cartão de visita. Mas, ao chegar a casa, já não me lembro, muitas vezes, de que se tratava, quando procuro pôr em ordem as lembranças de uma viagem. Fico muito chateado com fatos como esse, pois sou um homem correto, que gosta de retribuir as gentilezas recebidas com umas linhas de agradecimento.

Dessa vez espero que aquele senhor de mais ou menos cinquenta anos de idade, que vestia um terno de gabardina azul, pelo qual fui abordado em Chicago, chegue a ler este livro para saber que lhe devo muito pela pista importante que me indicou.

Na recepção do hotel em que se realizou, em 1978, o 5.º Congresso da Ancient Astronaut Society*, o mencionado senhor me abordou para entregar-me duas fotos aéreas, tiradas de uma edição da *National Geographic Magazine* dos anos 30. Essa revista é o órgão mensal das pesquisas da National Geographic Society, de Washington, D.C,

*A Ancient Astronaut Society é uma associação de utilidade pública que estuda a temática abordada por mim. O endereço da seção de Língua alemã é AAS, CH-4532 Feldbrunnen.

A foto, tirada com grande-angular, mostrava uma paisagem acidentada, de aspecto quase primitivo, perpassada de sulcos. Parecia tratar-se de um promontório, pois a superfície mostrava as cicatrizes deixadas por riachos

repletos de casca-lhos que pareciam descer das montanhas. Não era difícil constatar que se tratava de uma zona quente, uma vez que não se via nenhuma vegetação, nem árvores, nem arbustos, Lembrei-me imediatamente das regiões que precedem os Andes, a cordilheira sul-americana situada no oeste da América do Sul e que se estende até a Terra do Fogo.

— O senhor conhece isso? — perguntou-me aquela pessoa, enquanto me observava com atenção.

— Não, nunca vi! — respondi.

— O que acha desse rastro? — Com o dedo indicador, ele me mostrou uma faixa escura que atravessava as elevações e os vales. Claro que eu estava vendo as sombras tracejadas que se destacavam sobre o fundo infindável da foto, passando sobre morros e abismos, bem diferenciadas das encostas naturais dos vales,

Meu interlocutor de Chicago reservara uma surpresa para mim: ele colocou em minhas mãos uma segunda foto ampliada; era a mesma faixa, mas composta por centenas de buraquinhos reproduzidos de modo regular e ordenado na superfície, como se tivessem sido criados por um funil de enfeitar bolos. Orientando-me pela largura costumeira dos fios d'água que descem das montanhas, calculei que a faixa distoante devia ter uma largura aproximada de quinze metros. As fotos aéreas começaram a despertar minha curiosidade.

— O que é isso? — perguntei àquele senhor bem-vestido.

— Foram deuses que andaram por lá com seu veículo — respondeu com um tom de certeza absoluta. — Repare só, deve ter sido um veículo fantástico. Por acaso conhece algum meio de transporte que deixe esse tipo de rastro nas rochas ou que ande nessas alturas? Veja como a pista sobe as montanhas e vence os despenhadeiros. Não se trata de um produto de nossa época...

— O senhor sabe onde é isso?

Infelizmente não poderia dizê-lo com exatidão, lamentou-se aquele senhor. O certo é que se tratava de uma série de fotos do Peru, mas o texto que acompanhava as fotos não indicava o nome do local. Ele me deixou as duas fotos e sumiu com um "*God bless you*" no meio da multidão que transforma a recepção de qualquer hotel americano numa grande estação. Ao voltar para casa, vasculhei quase uma centena de livros sobre o Peru, inicialmente quase certo de que localizaria as fotos sensacionais. Mas não o consegui.

Encontrei muitas vistas aéreas e frontais do célebre muro dos incas, que vai desde o litoral de Paramonga até as alturas das montanhas peruanas, numa extensão de sessenta quilômetros, ladeado, à esquerda e à direita, por

catorze fortificações. Entre a faixa escura e o muro incaico havia em comum apenas o aspecto aéreo que os assemelhava a animais primitivos a rastejar sobre morros e vales.



Essa foto foi publicada nos anos 30, na renomada *National Geographic Magazine*.

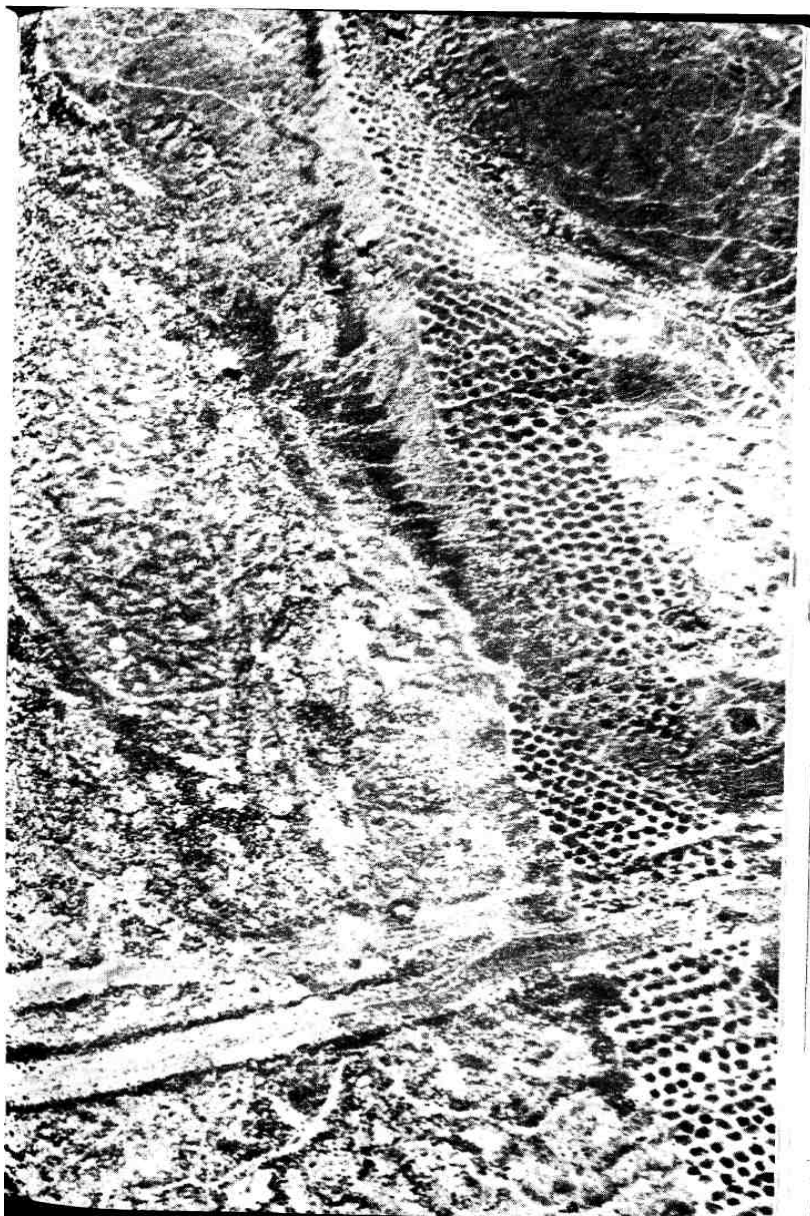
O que eu estava procurando não era esse muro dos incas. Mas o que poderia representar essa faixa escura? Seriam filas de sepulturas arcaicas? Ou seria o resultado de um capricho da natureza, que queria adornar as irregularidades do chão com esse desenho singular? Tratar-se-ia de um complicado dique de proteção, com obstáculos para tropeçar? Seriam restos de plantações antiqüíssimas? As perguntas me roubavam a paz. Eu tinha que ir até lá. Mas, onde?

Afinal, o Peru, com um milhão duzentos e oitenta e cinco mil duzentos e dezesseis quilômetros quadrados, não é nada pequeno, de modo que se torna difícil achar um ponto relativamente diminuto numa região bastante inóspita. De meu refúgio suíço voaram as cartas para amigos peruanos. Em cada envelope havia cópias das duas fotos, acompanhadas de um pedido solicitando informações sobre sua localização. Durante semanas, só voltavam respostas deprimentes; eu já nem queria abrir as cartas. Quando estava a ponto de me conformar, meu secretário colocou uma carta alvissareira — já aberta — na minha mesa.

Era a resposta do brigadeiro Ornar Chioini Carranza. Sabia que esse amigo era um excelente aviador, que gozava de boa fama também como arqueólogo amador. De uns anos para cá, estava cuidando da criação de um museu de aeronáutica na capital, Lima, por ordem do Ministério da Aeronáutica. O brigadeiro fizera circular minhas fotos entre seus colegas e entre alguns arqueólogos peruanos. E agora vinha sua resposta: um arqueólogo seu amigo conhecia a localização da faixa perfurada — ficava ao norte do Peru, nos promontórios dos Andes, a noroeste da cidade de Trujillo, o centro dos monumentos de antigas culturas índias; esperava que eu fosse até lá, pois ele prepararia de bom grado uma viagem àquela região, contanto que o avisasse com a devida antecedência de meu dia de chegada a Lima. Na minha proposta, sugeri o dia 15 de agosto de 1980 para o início da expedição.

Uma vez que estaria "nas redondezas", pretendia fazer antes uma visita a uma pequena localidade guatemalteca, chamada El Baúl, que me tinha sido recomendada pelo meu amigo, dr. Gene Phillips. Existem por lá algumas estátuas de deuses, muito interessantes, mas que ainda não tinham recebido a devida atenção. Para um avião a jato, é um pulo da Guatemala até Lima.

Ao planejar essa viagem, sentado à minha escrivaninha com os horários dos vôos na mão, não imaginava as peripécias que me aguardavam na busca daquela faixa escura.



Não achei, em nenhuma obra sobre o Peru, qualquer menção à estranha faixa perfurada. As fitas perfuradas de nossos dias têm um aspecto semelhante. O que é isso? Quem o fez?

A volta pela Guatemala

A fim de evitar experiências negativas vividas em outras oportunidades, pretendia alugar, no aeroporto da Cidade de Guatemala, um veículo tipo caminhonete. Só não consigo entender o motivo pelo qual as empresas de locação de automóveis têm apenas carros de luxo para alugar, veículos feitos para andar no asfalto. Nos países das Américas Central e do Sul, precisa-se de veículos do tipo Rural para locomoção em todos os terrenos, mas não se consegue esse tipo de carro numa locadora. A bonita guatemalteca que me atendeu no balcão perguntou pela localização de El Baúl. Como estava bem preparado, respondi:

— Nas proximidades de Liquín, na região de San José, costa do Pacífico.

A atraente senhora mostrou as duas fileiras de dentes próprios para um comercial de creme dental:

— Então não precisa de uma Rural, As estradas encontram-se em ótimo estado.

Se essa observação tivesse sido feita por um homem de dentes amarelados, certamente não teria acreditaria nele. Mas, como partira de uma boca encantadora, aceitei sem mais um automóvel grande, marca Dodge, pelo aluguel de vinte e oito quetzales por dia, mais onze centavos por quilômetro rodado. O quetzal é a moeda guatemalteca, cotada ao valor de um dólar americano.

Dos limites da cidade partia uma rodovia de quatro pistas que descia serpeando para a região mais baixa, em direção a Escuintla. Os dentes bonitos pareciam ter deixado passar somente a pura verdade. No começo aquela pareceu uma divertida viagem turística, mas, depois de uns vinte quilômetros, perto de Escuintla, acabou a alegria. Dos dois lados da pista estendia-se a floresta tropical úmida. Os ônibus e os caminhões formavam uma fila, soltando nuvens de fumaça malcheirosa. Não dava nem para pensar em ultrapassagem, pois, até onde a vista alcançava, só havia uma fila imensa de monstros fedorentos que desciam, com a lentidão de tartarugas, pelas curvas abaixo. A partir de Escuintla, um lugarejo miserável, só guardei a lembrança dos buracos na pista: parecia uma pista de teste de resistência! Até que ponto agüentariam os eixos e as molas em condições tão extremas? Então compreendi que não deveria ter caído no engodo daquele sorriso desafiador que me impingiu o Dodge.

Chegamos a uma bifurcação da estrada. A pista principal continuava em direção a oeste, até a fronteira mexicana, enquanto eu devia seguir pela CA9, para San José. Como o asfalto era apenas parcial, meu Dodge entrava em valetas do tamanho de uma banheira, passava aos solavancos por pedras que

ficavam por demais juntas, de modo que impossibilitavam qual-quer desvio. A direita, acompanhava-me um córrego de uns dois metros de largura, que, em dias de chuva grossa, certamente devia inundar a estrada. Mas não estava chovendo, ao menos naquele dia.

O hodômetro registrava quarenta e nove quilômetros percorridos entre Escuintla e San José, num tempo recorde de três horas. Ai daquele sorriso!

Com o corpo dolorido, sentindo ainda a diferença fatigante de cinco horas em relação ao horário europeu, dirigi-me à estância de férias chamada Liquín, que fica a uns dez quilômetros de San José. Lá queria dormir e descansar, antes de seguir viagem. Assim, estaria bem disposto para enfrentar o último trecho do caminho até El Baúl. Ao adormecer, o sorriso daquela senhora do aeroporto continuava me perseguindo.

Durante a noite, muitas coisas podem acontecer, coisas boas e ruins. Na manhã seguinte, quando abri as cortinas das janelas do hotel, defrontei-me com um céu carregado de nuvens pesadas. Que bom!, pensei, assim o sol não transformará meu Dodge num forno escaldante. Esse tipo de nuvem é comum em florestas úmidas. Nem sempre trazem chuvas. Num carro rápido e ágil, pode-se até fugir delas.

Justamente quando tinha alcançado a estrada, abriram-se as comportas do céu como se tivesse chegado o dilúvio, disposto a ganhar precisamente nesse dia o direito de entrar para o livro de recordes de Guinness. Não que tenha sido uma estréia para mim: eu já tinha presenciado as mais pesadas chuvas tropicais; mas o que aconteceu nesse dia 12 de agosto ultrapassou todas as minhas experiências anteriores.

O córrego que havia me acompanhado no dia anterior borbulhava agora do lado esquerdo, já que tive de voltar um trecho do caminho. Avolumando-se de minuto a minuto mais ameaçadoramente, chegou, finalmente, o momento em que ele começou a cobrir a estrada, carregando em suas águas pedras, árvores e pequenos animais. Só um suicida ou um novato teria insistido em prosseguir viagem. Parei o veículo e busquei a corda de reboque no porta-malas, já então com a água alcançando meus joelhos. Amarrei a corda no tronco de um mogno imponente.

No desconforto dessas atividades na água lamacenta, apareceu-me na superfície turva a visão premonitória do sorriso daquela guatemalteca sedutora. Ah, se tivesse agora uma Rural! A distância entre seus eixos e o solo é maior, permitindo que a água passe livremente entre as rodas, e o motor fica melhor protegido contra a água e a poeira. As águas turvas espumavam contra a frente do Dodge como se fosse a proa de um barco. Num número de equilibrismo, digno de um espetáculo circense, tirei os sapatos e os *jeans* e passei a amontoar a bagagem sobre o encosto das

poltronas e no reduzido espaço para bagagem sob o vidro traseiro, uma vez que a corrente já penetrava, furiosa, no interior do veículo.

Levo sempre comigo um cobertor de isolamento da NASA — um presente que recebi em Houston — para emergências de qualquer natureza. Usei-o nesse dia para envolver o motor do melhor modo possível. A situação não era nada cômoda nesse riacho que estava se comportando como um rio caudaloso.

Em suas águas, ele trouxe uma *barbamarilla* venenosa, uma cobra dessas regiões. Não nutro nenhuma simpatia por ela, apesar de diversos encontros anteriores em que ela se mostrou inofensiva. O Dodge dava arrancos na corda como se fosse um jumento teimoso, disposto a galopar para a perdição.

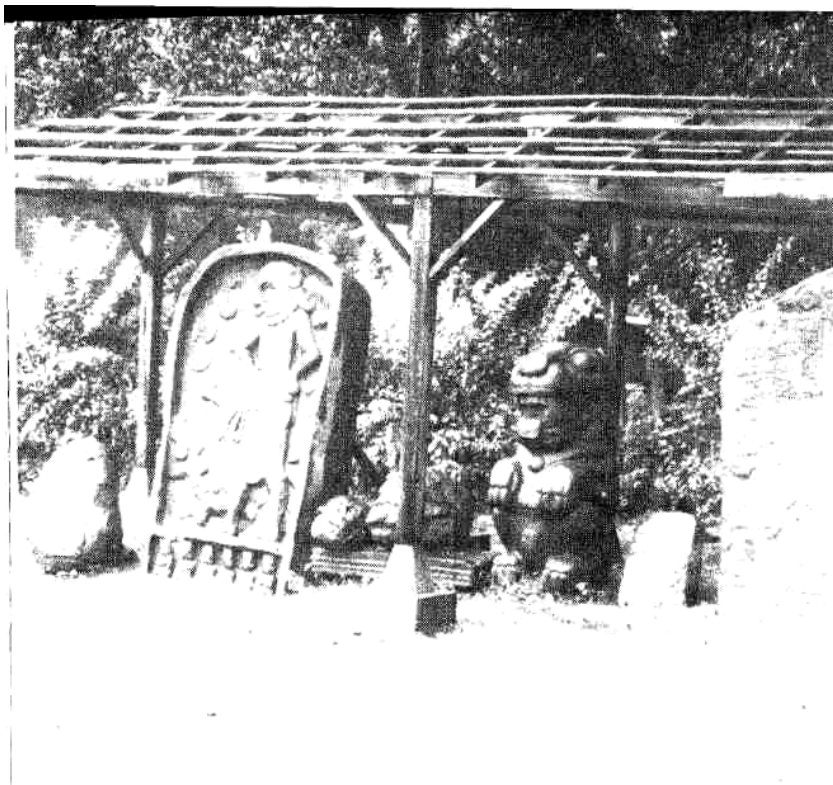
Sentado na capota, fiquei pensando por que me metia sempre nesse tipo de aventuras. Meus pensamentos voaram para o lar idílico, lá na Suíça, levando lembranças para minha mulher e minha filha. E continuei esperando.

Passadas duas horas, o dilúvio terminou instantaneamente, como começara. Certamente foram os anjos que fizeram uma limpeza geral nas piscinas celestes, voltando agora a ligar o sol. Por sobre a mata subiam nuvens de vapor, assemelhando-a a uma lavanderia dos tempos antigos. Os pássaros chilreavam e guinchavam, como se fossem eles que tivessem fechado as comportas do céu.

Um cowboy em uniforme cheio de enfeites de prata, com um sobretudo preto na cabeça, apareceu como que recém-saído de uma fita de cinema. Passando pelo veículo ancorado à árvore, ele não deixou de fazer uma observação consoladora, avisando que a ribanceira do córrego tinha cedido em muitos lugares, causando sérios prejuízos à estrada. Todo cuidado seria pouco ao prosseguir viagem. Eu estava imaginando isso mesmo e podia dispensar perfeitamente esse tipo de informação proferida do alto de um cavalo.

Passaram-se mais três horas até que o volume de água baixasse. Mas a estrada continuava coberta por águas escuras, que encobriam, também, perigos latentes. Tirei o cobertor do motor e consegui, com muita sorte e depois de várias tentativas frustradas, colocá-lo em funcionamento. Pretendia conservar essa sorte deslocando-me rapidamente através das águas espumantes, pois o motor continuava recebendo novas cargas de água por baixo. Mas não tive sucesso em minha intenção de fugir rapidamente desse inferno, onde todos os mosquitos pareciam ter escolhido, por decisão unânime, meu corpo como repasto. Vitimado pela enchente, consegui, finalmente, tirar meu veículo da lama, empurrando e puxando, ajudado por

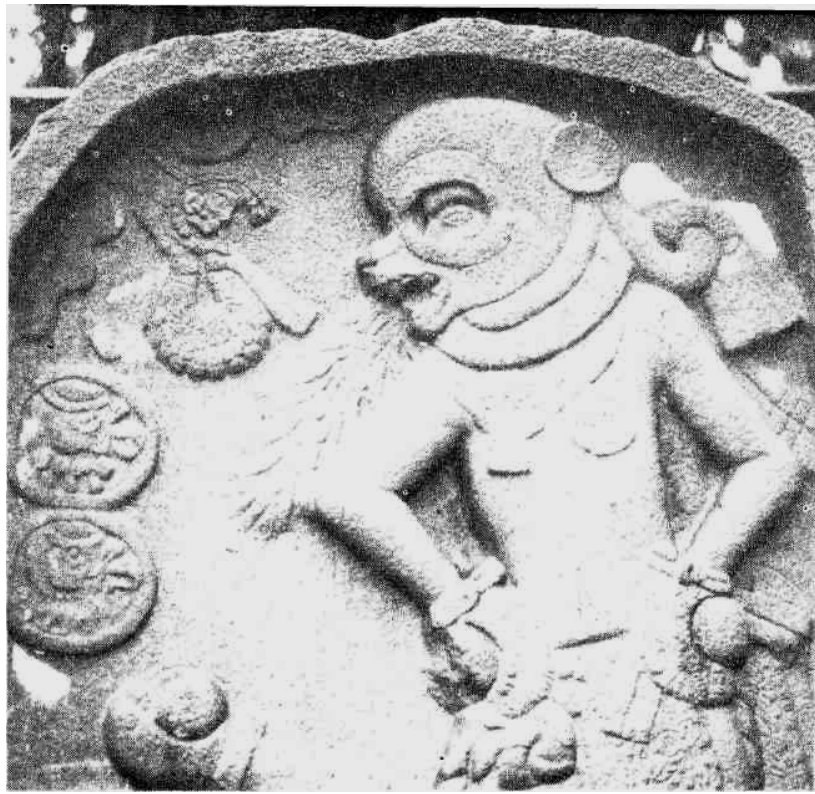
camponeses prestativos. Trinta e oito quilômetros depois de San José, o nível da estrada começou a elevar-se, mantendo-se acima do leito do córrego arrogante. Assim, os deuses tinham colocado em meu caminho rumo a El Baúl uma dura prova, sabendo muito bem que a atração reservada para mim merecia todos os sacrifícios.



Em El Baúl, encontra-se, num alpendre, o "monumento número 27".

El Baúl sugere comparações

El Baúl, um modesto lugarejo, situado a poucos quilômetros de Santa Lucía Cotzumalguapa, oferece como único atrativo um abrigo de tábuas, exposto aos ventos e às intempéries, ao lado de uma usina de açúcar. As esculturas de pedra, objetivo de minha viagem, foram encontradas no decorrer das últimas décadas, por acaso, durante trabalhos de roçada na mata virgem... depois, foram guardadas nesse alpendre.



A figura de dois metros e cinquenta e quatro centímetros de altura firma as mãos na cintura, usando uma espécie de luva de boxe e segurando nas mãos algo parecido com bolas de tênis.

A peça mais valiosa da coleção fora classificada pelos arqueólogos como "monumento de El Baúl número 27". Assim, recebera, pelo menos, um número de catalogação. Vejamos, então, quais os objetos que estão se estragando nesse lugar, com o decorrer do tempo.

O "monumento número 27" é uma estela de dois metros e cinquenta e quatro centímetros de altura e um metro e quarenta e sete de largura. O relevo é dominado por uma figura petulante, com as mãos na cintura; ela me parece bastante convencida. Nas mãos, usa um tipo de luva de boxe, segurando esferas do tamanho de uma bola de tênis. O mesmo ar moderno transmitido pela atitude geral da figura repete-se no revestimento dos pés: botas que vão até os joelhos e bombachas. Um cinto largo separa a calça da vestimenta superior, colante. Até aí, a figura podia estar vestida à moda de

sua época, mesmo que pareça um tanto estranha. Desconcertante é o capacete que cobre a cabeça. Semelhante a um moderno escafandro, ele termina à maneira de um pulôver de gola alta, com as extremidades avolumadas nas costas. Na parte traseira do capacete, há um tubo que se estende para dentro de um recipiente parecido com um botijão. Na altura dos olhos há uma espécie de visor, protegido por um tipo de vidro transparente; atrás dele vêem-se um olho, a sobancelha e o começo do nariz.

O objeto ganha um ar estranho, pois o prolongamento do nariz, na parte externa do capacete, recebeu do escultor a forma de uma boca de animal, talvez um jaguar. Da boca, com seus dentes ameaçadores, sai, como que expelido com violência, o sopro do portador do capacete. Pode-se observar, também, a existência de duas fitas colocadas no pescoço, a uma das quais se encontra presa uma pequena caixinha quadrada, enquanto a outra termina num objeto redondo, que poderia ser um amuleto.

Esse ser, de capacete na cabeça, deve ter sido alguém muito importante, pois a seus pés encontramos outra figura, agachada e subserviente. Essa pequena figura também usa luvas de boxe, e segura uma pequena bola de tênis nas mãos, oferecendo-a ao ser poderoso. Para completar, encontra-se na margem inferior da estela um retângulo largo, com seis anõezinhos indefiníveis.

De acordo com a opinião dos arqueólogos, tratar-se-ia de uma cena que representa o jogo tradicional dos maias, um jogo perigoso e mortal. O vencedor estaria usando a máscara de um macaco, de um jaguar ou, mais provavelmente, de um opossum, razão pela qual o "tubo" que vai do capacete ao botijão não seria senão a cauda do pequeno marsupial, enquanto o "ar" que sai da boca da figura simbolizaria a água, pois o opossum vive na água '.

Qual é a interpretação que exige mais fantasia do observador: aquela que descobre na estela um opossum estilizado ou aquela que identifica detalhes de uma técnica claramente reconhecível? É necessária muita cegueira, fruto de estudos preconceituosos, para "acreditar" que um opossum, macaco ou jaguar enfie a cauda, por sobre os ombros, em algum recipiente colocado em suas costas.

Infelizmente não é possível localizar o "inventor" corajoso

que declarou ser a estilização do ar expirado o símbolo da água. Deve ter sido um sujeito esforçado, esse interpretador, visto que suas concepções mirabolantes conseguiram entrar, aclamadas, nos manuais de estudo, e tudo o que neles consegue firmar-se passa a ser considerado como tabu doutrinal. Nenhuma palavra sobre o botijão e seu significado! Seria um acessório animalesco? A fé na ciência não precisa de explicações. Tem-se que

acreditar, e pronto!

A referência ao jogo de bola dos maias constituiria uma pista viável de explicação, se não houvesse, além das bolas, outros requisitos perfeitamente dispensáveis no jogo ou, até, capazes de atrapalhar. Nem é de se supor que os maias tenham jogado bola com calças, botas e vestes colantes.

Eu, de minha parte, continuo seguindo o conselho de Sir Alexandre Fleming, não permitindo que as doutrinas vigentes levem meu cérebro ao embotamento. Eis a minha interpretação:

Dois seres extraterrestres, "deuses", lutaram entre si, e o vencido oferece ao vencedor suas armas, pedindo clemência. Ou: apenas a figura maior representa uma divindade; a seus pés está ajoelhado um príncipe ou sacerdote que solicita favores ao poderoso estranho. O vencedor é a figura dominante, usando roupas diferentes das dos seres da Terra; sua vestimenta hermeticamente fechada o protege contra as bactérias e os vírus próprios do planeta desconhecido. Os seres da Terra não tinham necessidade de usar essa proteção, pois eram imunes aos esquizomicetos e micróbios patogênicos de seu ambiente. Assim se explica também o circuito fechado para a respiração: o ser estranho aspira o ar filtrado, por meio do tubo, para dentro do capacete.

Os índios da região de El Baúl veneram ainda hoje essa estela como imagem de um grande deus estranho. Há poucos anos ainda, acendiam velas aos pés da escultura. Os índios da Guatemala são maias, descendentes, portanto, daquele povo que, outrora, construiu templos e pirâmides grandiosos. De acordo com as antigas crenças dos maias, havia forças na matéria, como nessa estela de El Baúl, que dispunham de *mana*.

O que atrapalha é a boca de animal do lado externo do capacete. Meus críticos vão me censurar com a observação retumbante de que seres extraterrestres não têm bocas de animais, nem preparam esculturas de pedra para depositá-las na Terra.

Volto a repetir que não se trata do trabalho artesanal de algum ser extraterrestre. O escultor que fixou na pedra um "deus" com capacete, macacão e apetrechos técnicos não sabia o que estava representando. Ele viu essa figura estranha, uma aparição vinda do espaço, e sentiu-se impressionado por ela; desconhecendo completamente os detalhes técnicos, ele passou a retratá-la de acordo com a percepção que tinha daquela figura. Estou certo de que todos os escultores antigos procederam dessa maneira: o avião virou pássaro, a pá carregadora sobre esteiras rolantes virou algum ser fantástico dos primeiros tempos, a arma de raio *laser* se tornou relâmpago na mão de um deus, o capacete tomou a forma de uma máscara aparentemente absurda.

Pensamentos voltados para outras partes

Na parede do templo, no alto de Monte Albán, no México, aparece um ser com cabeça de elefante sobre um corpo humano; vestido de calças largas e com sapatos nos pés, ele está mexendo num aparelho. Suponho que jamais um ser humano tenha andado por aí com cabeça de elefante e, menos ainda, rodeado de uma auréola. Monte Albán, capital e centro de culto dos zapotecas, possui ruínas que datam dos anos 600 a 100 a.C. Como saberiam os zapotecas, nessa época, da existência de elefantes? Segundo a sagrada ciência, esses animais viviam somente na África e na Ásia. Se alguém afirmar — afinal, não há asneira que não encontre seu defensor — que elefantes ou mamutes atravessaram o estreito de Bering para entrar, há uns doze mil ou quinze mil anos, na América, então será necessário sincronizar a idade de Monte Albán com esse período de doze mil anos. Não é possível casar o ano 100 a.C. com a presença de elefantes! Mas vamos com calma: não havia elefantes! No entanto, não se pode negar que existem retratos de elefantes nas paredes de Monte Albán, de modo que os escultores devem ter representado alguma coisa que eles não conheciam.



Na parede de um templo, em Monte Albán, México, saúda-nos uma cabeça de elefante sobre um corpo humano.



No Museu Antropológico da Cidade do México, encontra-se essa figura ajoelhada, com seu crânio largo e achatado. Seria um elefante? Que ridículo!

Juro que até já li uma explicação no sentido de terem as representações de elefantes chegado ao outro lado do oceano através de uma frota de navios, enviada pelo faraó egípcio Ramsés III (1195-1164 a.C). Caramba! Elefantes de Ramsés no México, isso é dose! Há também arqueólogos que não vêm

nessas figuras mexicanas munidas de trombas a representação de elefantes: para eles, trata-se de pássaros desaparecidos². Pássaros com trombas... Não deixa de ser uma explicação! Acho, no entanto, que o pessoal deveria comprar uns óculos!

Desconfio que esses seres dotados de trombas não sejam elefantes nem pássaros. No Museu Antropológico da Cidade do México encontrei, um dia, uma figura maciça, ajoelhada, com um crânio achatado e grandes olhos bem afastados entre si. Do centro do crânio nasce uma tromba que termina numa saliência sobre o peito. Para definir esse monstro como elefante, é necessário admitir sua importação de algum lugar extra terrestre.

Em Tikal, na Guatemala, assenta entre as pirâmides, no meio da relva, um bloco de pedra todo carcomido pelos séculos. Os contornos precisos de outrora foram se apagando pela exposição à intempérie. Mas um olhar atento não deixará de reconhecer as formas de uma figura, também ela carregando uma caixa nas costas ou sobre o peito. Ainda é possível identificar uma roda dentada da qual sai uma tromba — provavelmente uma mangueira — que leva à parte superior do torso. Não é estranho?

Dizem que os maias não tinham conhecimento da roda. Essa suposição não comprovada resulta da constatação de não haver representações de carros nos templos e nas estelas dos maias. Se esse método foi transferido para outras tradições, sobrarão como existente apenas aquilo que tiver sido representado. Convenhamos que esse seria um procedimento muito simplista, que levaria a compreender mal e a subestimar outros povos, outras culturas e outras civilizações. Contrariando douras opiniões, ousou apresentar um palpite que explica a ausência de representações pictóricas de carros e carruagens pela proibição de fixar sua imagem na escultura.

Meu esforçado amigo, dr. Gene Phillips, conseguiu tirar fotos de duas rodas dentadas perfeitas, gravadas em pedra, nas ruínas dos maias em Copán (Honduras). Do cubo da roda partem raios, a espaços regulares, para alcançar a cambota, cujo lado externo se apresenta cheio de dentes largos.

Como essa descoberta realmente sensacional jamais será reconhecida como roda dentada, fico esperando com satisfação a noite em que algum professor muito competente nos brinde, pelo dócil aparelho de televisão, com a explicação de que se trata da dentadura do deus das chuvas, dos dentes agudos do padroeiro dos plantadores de milho ou de um feixe de cadarços do sumo sacerdote. Como diz Alfred Polgar: "As fronteiras da arrogância e da ignorância se confundem".



Em Tikal (Guatemala), há entre pirâmides uma figura de pedra. Apesar dos efeitos acentuados da decomposição, identificam-se, em seu centro, os contornos de uma roda dentada, com uma derivação em forma de mangueira. A própria pedra é prova de sua antigüidade.



Em cima: nas ruínas de origem maia, em Copán, encontram-se essas esculturas providas de duas rodas dentadas perfeitas. Do meio partem os raios em direção à cambota, que apresenta do lado de fora os dentes de uma roda dentada.



Outra vez em Copán! O peitilho que encobre o busto era passado sobre a cabeça. Os dedos manipulavam algum aparelho.

As ruínas restauradas de Copán constituem um achado para qualquer pessoa que ande pelo mundo de olhos abertos. O dr. Gene Phillips, arqueólogo amador que exerce a advocacia em Chicago, tem um olhar atento por força de sua profissão. Entre os restos de um muro do templo, ele divisou — e a máquina fotográfica documentou — dois bustos que, em virtude de sua difícil classificação, não tinham encontrado guarida sob o teto protetor de um museu. Os bustos, sem a parte inferior do corpo, portam um peitilho que deve ter sido colocado sobre os ombros, passando a cabeça pela abertura, no centro. No peitilho está pendurado um objeto retangular de cinquenta centímetros de comprimento e vinte de largura. Parece tratar-se, novamente, dos contornos de uma caixa. Com os braços dobrados e as mãos cerradas quase em forma de punho, a figura manipula alavancas, na altura da caixa, que o péssimo estado de conservação da figura não deixa mais entrever.

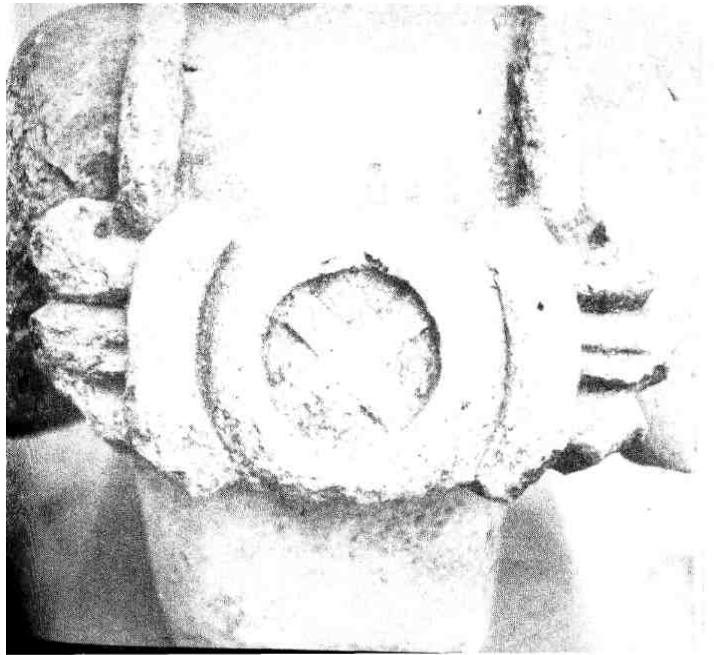
Não há como negar a presença de representações de dispositivos técnicos, freqüentemente observadas e comprovadas. Continua em aberto, no entanto, a questão sobre o tipo de técnicas utilizadas nessas pedras.

A uns cem metros desses bustos, encontra-se no pequeno museu, rodeado pelas ruínas de Copán, um torso de pedra, com a cabeça em bom estado de conservação. Não é tão bonito como a Vênus de Milo, mas, como ela, tem os braços decepados. Numa espécie de suspensório está fixado um objeto parecido com uma sanfona. Em seu centro aparece um olho saliente, no qual se cruzam duas traves. A arqueologia maia afirma tratar-se de glifos de alguma escrita. Mas não conseguiu decifrá-los ainda. Com a mesma razão pode-se ver nesse objeto uma lâmpada para transmitir sinais luminosos, semelhante àquela usada nos navios para a comunicação em código Morsc. Poderse-ia tratar, igualmente, de um pequeno motor. O físico austríaco Friedrich Egger construiu, de fato, a partir desse "glifo", um pequeno motor de embolo rotativo, bem prático, que ganhou até uma patente. É realmente necessário que a gente não se deixe cegar pelas doutrinas oficiais.

"El astronauta!"

Dirigi-me às crianças índias que havia muito tinham formado uma roda à minha volta, admirando as minhas máquinas fotográficas e observando o que eu estava fazendo durante tanto tempo diante daquela estela misteriosa. Perguntei:

— O que representa isso aqui? — Indiquei o capacete e o recipiente.



Essa figura se encontra no pequeno museu de Copán. Ela segura entre as mãos um engenho estranho, semelhante a uma sanfona, provavelmente algum produto *da* técnica de outrora.

— *El astronauta!* — respondeu o mais velho dentre os observadores atentos, como se isso fosse para ele uma explicação muito natural. Sorri.

— E por que o astronauta está usando essas luvas de boxe e as bolas nas mãos?

— O senhor não vê que se trata de um deus?

O menino me olhou surpreso, enquanto seus olhos escuros se obscureceram ainda mais.

— É um deus, e um deus é sempre um mistério! Ele tinha razão, é realmente um mistério.

Queria muito que essas crianças conservassem sua maneira cândida de ver as coisas, mesmo que os serviços ocidentais para o desenvolvimento defendam a opinião errônea de que os índios seriam mais felizes estudando em universidades estrangeiras ou nas faculdades de seu próprio país. Eles perdem sua identidade pelo desenraizamento de sua cultura. Pode ser que cheguem à revolta, mas a felicidade de uma existência simples se perde para sempre.

Engano em Lima

Como estava combinado, aguardei no dia 15 de agosto, na hora marcada, o brigadeiro Omar Chioni, no *hall* de entrada do Sheraton de Lima. Pontualmente, como convém a um oficial, ele passou, às doze horas, pela porta giratória. Não tinha mudado muito desde que o conhecera, havia alguns anos: um senhor fino de uns sessenta anos de idade, alto, com alguns cabelos brancos e bigode bem-cuidado; sob as cerradas sobrancelhas escuras, formavam-se as rugas de um sorriso simpático em torno dos olhos. Trajando um terno de alpaca cinza-escuro, camisa branca e gravata azul-escura, ele mais se parecia com um bancário da Wall Street ou da City de Londres do que com um genuíno oficial da força aérea.

Os cumprimentos foram efusivos, com o obrigatório tapinha nas costas, segundo o costume sul-americano, e com um abraço; mas, graças a Deus, sem aquela troca de beijos repelente que faz parte do ritual dos potentados do Kremlin.

Sentando-nos a uma mesinha de mármore, pedimos a bebida costumeira do lugar; *pisco-sour*. Pisco é uma aguardente produzida sobretudo na região da cidadezinha de Pisco, na cosia do Pacífico. Acrescenta-se limão, açúcar e um pouco de clara de ovo, batendo-se tudo num copo. Esse líquido, de uma tonalidade verde-leitosa, com sabor levemente azedo, transforma-se, com umas gotas de angustura amarga, numa bebida seca de grande aceitação.

— Está tudo preparado — disse-me o brigadeiro, depois de termos trocado as costumeiras informações de ordem pessoal.

— Amanhã cedo uma Rural estará à sua disposição e, se tudo correr bem, poderá estar de volta dentro de quatro dias. Meu amigo Federico Falconi, um arqueólogo experiente, vai acompanhá-lo. Ele conhece muito bem *la muralla*...

— *La muralla*?

Pressenti que estava havendo um engano; havia uma pequena grande diferença.

— Mas é claro. Não é *la muralla* que você quer ver?

Como estava acostumado a enfrentar esse tipo de dificuldade, não me deixei abalar pelo engano: quantas vezes já tive de explicar repetidamente os detalhes de meu objetivo, depois de haver planejado tudo com cuidado antes de chegar a um país estrangeiro? Tanto o brigadeiro quanto o arqueólogo supunham que o meu interesse fosse visitar a grande muralha peruana, conhecida de todos. Nesses momentos costumo recorrer a uma espécie de auto-sugestão: "Mantenha-se calmo, Erich!" Da prática bolsa de viagem da *Swissair* tirei as duas fotos da *National Geographic*, chamando a atenção de meu interlocutor para aquela faixa que passava por cima de vales e montes.

— Amigo, é isso o que eu queria ver. A muralha já conheço.

Durante uns instantes, o brigadeiro brincou com seu bigode enquanto mordida os lábios, meio desconcertado. Depois pediu desculpas pelo engano e, levantando-se, foi até a cabina telefônica, próxima à recepção. Pouco depois, voltou com essa notícia: já suspendera o compromisso com o arqueólogo e a Rural. Tentara entrar em contato com o arquiteto Carlos Milla, mas a senhora dele avisara apenas que não havia como comunicar-se com ele, naquele fim de semana. Só poderíamos entrar em contato na segunda-feira. Suas informações eram consoladoras: Milla conhecia tudo o que era raridade arqueológica no Peru, pois tinha contato não só com os arqueólogos oficiais mas também com aqueles não-oficiais, que roubavam os túmulos ou receptavam os furtos. Se havia alguém capaz de prestar as informações procuradas, era Carlos Milla. Que Deus o proteja!

Eu não tinha nenhuma vontade de ficar esperando em Lima. Já conhecia a cidade, com seus importantes museus, de visitas anteriores. Estive na catedral com seus trezentos e cinquenta anos de existência, que abriga estelas talhadas em madeira, consideradas as mais belas da América Latina. Francisco Pizarro, o conquistador espanhol do Peru, lançou sua pedra fundamental, mas sua consagração só se deu em 1624. Muitos terremotos e o gosto de reconstrução de cada época transformaram a catedral num verdadeiro almanaque de história da arte, em que podem ser encontrados

elementos góticos, barrocos e neoclássicos.

Eu já tinha admirado as mansões luxuosas da época colonial, com seus amplos pátios internos e seus tesouros artísticos, talhados em madeiras da selva ou fundidos em ferro, martelados e lavrados a cinzel.

No centro da cidade, conheço a Plaza de Armas, onde Pizarro, em 1535, riscou no chão o plano piloto da cidade, com a ponta da espada.

Não, essa cidade movimentada, com seu milhão e meio de habitantes, só me deixaria nervoso se tivesse de ficar esperando lá. O brigadeiro Chioni compreendeu minha situação e se ofereceu para me levar de carro num passeio pelas paisagens mais lindas de sua terra.

— Vou dar um pulinho a La Paz! — falei de repente.

— La Paz você conhece tão bem quanto Lima. Que pretende fazer por lá?

— Quero visitar as ruínas de Puma-Punku — expliquei. Pela expressão de seu rosto pude observar que Puma-Punku não significava nada para ele.

— Pois não — respondeu apenas. — E quando a gente volta a se encontrar?

— Dentro de uma semana. No dia 22, na mesma hora, no mesmo lugar. De acordo?

O brigadeiro me brindava com o resto de seu *pisco-sour*:

— OK, Erich!

Uma meta compensadora: Puma-Punku

Na manhã seguinte, parti às sete e meia num aparelho da Lloyd Boliviana. Chegamos às dez e meia a La Paz.

Novamente procurei conseguir um veículo apropriado para enfrentar estradas de terra. Mas também lá as locadoras dispõem apenas de pequenos carros europeus ou daquelas "banheiras" americanas que gastam uma nota em gasolina. Todos estão amassados, mil vezes consertados, recondicionados, nada mais que ferro velho.

Na Bolívia, um carro em bom estado é como um tesouro raro, tão difícil de se conseguir como uma casa própria. Ao passar por algum automóvel lustroso e silencioso em La Paz — com seus quatrocentos mil habitantes é, de longe, a maior cidade do país —, pode ficar certo de que se trata de algum diplomata sediado na capital.

Fiquei com um Volkswagen 1969, com duzentos e sessenta e quatro mil quilômetros rodados e que, por sua vez, também já devia ter sofrido algumas reformas. Já estava familiarizado com aquela estrada retilínea que corta, quatro mil metros acima do nível do mar, o planalto desarborizado. Em

termos suíços, só há um morro a ser superado; os bolivianos falam em "desfiladeiro". No trecho mais acidentado da subida, o motor começou a falhar. No ar rarefeito e pobre em oxigênio, os êmbolos começaram a fraquejar nos mancais, de modo que a força das explosões já não passava toda para o eixo de acionamento. Um velho truque de comprovada eficiência resolveu o problema: dei uma volta de cento e oitenta graus e engatei a marcha à ré. Dessa maneira, o bravo Volkswagen conseguiu superar os cerca de cem metros de diferença de altitude, mas era uma viagem infernal, sempre encostado no abismo pelos ônibus que vinham em disparada, envoltos em nuvens de poeira. De ambos os lados da pista havia matilhas de cães sem dono, fruto de diversas raças, que mais pareciam lobos. Os nativos os chamam de *los perdidos*, Magricelas e sarnentos, são um choque para a vista de qualquer pessoa que goste de animais. Os *perdidos* se juntam para caçar; uivam de um modo horripilante e se tornam perigosos até para o homem, durante a noite.

Pobres como os cachorros são também os índios do planalto. Em longas caminhadas, vão tocando umas poucas cabras ou ovelhas para seus magros pastos. Vejo-os sentados à beira da estrada, de olhar vidrado. Como nas ruas de La Paz e nos ônibus superlotados, ficam mastigando as folhas de coca, que têm sua origem na cordilheira dos Andes; esses arbustos, com suas folhas tenras e flores amarelo-alvacentas reunidas em cimeiras, crescem em grandes plantações. A cocaína é o principal alcalóide das folhas de coca, que tem um gosto amargo, e que narcotiza por algum tempo os nervos da língua. Os primeiros viajantes que passaram pelos Andes contavam que o consumo de coca emprestava força aos nativos. Na realidade, a medicina constatou que o consumo habitual de quantidades maiores de cocaína por ingestão, mastigação ou introdução no nariz, leva, através do sistema nervoso central, inicialmente a uma sensação de bem-estar, causando, porém, aos poucos, perturbação mental. Como esse narcótico pode ser encontrado em qualquer quantidade em todas as feiras e mercados, a preços ínfimos, faz com que os índios agüentem sua grande pobreza. Quando se quer falar com algum índio, este tem que fazer, primeiro, um esforço para voltar à realidade e poder responder.

Passadas duas horas e meia, alcancei o lugarejo chamado Tiahuanaco, com suas ruínas tão discutidas, que já foram objeto de tantos comentários — também de minha parte. A esquerda da estrada principal, há um estreito caminho que leva a sudeste, cruzando com a estrada de ferro, agora desativada e coberta de vegetação, que vai de La Paz ao lago Titicaca. Distingue-se a elevação de um morro coberto de capim, cercado por telas de arame. Na literatura especializada, essa colina é chamada "pirâmide", se bem

que seja difícil observar nela qualquer forma piramidal.

Ao sopé do morro jaz um monólito como que lançado para longe pelo braço forte de um gigante. Quando o escritor suíço Johann Jakob von Tschudi viu essa pedra, em 1869, fez o seguinte comentário³;

"A caminho de Puma-Punkú encontramos nos campos um estranho monólito de um metro e cinquenta e cinco centímetros de altura e um metro e sessenta e dois de espessura na base e quarenta e cinco no topo. Ele contém duas fileiras de prateleiras.

As prateleiras inferiores são laterais e alongadas; no meio há duas menores, superpostas, em forma de quadrado. Na fileira superior, há quatro outras em forma de quadrado, separadas das inferiores por um friso simples. O monólito é conhecido por *el escritorio*, a escrivaninha".



Num morro, perto de Tiahuanaco, encontra-se esse relevo, cercado por grades. Na literatura arqueológica, ele é chamado de "escrivaninha". Uma pedra de 155 X 162 X 52 centímetros me parece uma escrivaninha assaz estranha.

O batismo desse bloco de andesita, trabalhado com esmero, deve ter sido efetuado por um erudito qualquer que se sentira transportado à escrivaninha de sua casa, com suas prateleiras e gavetas. Até hoje não se encontrou nenhuma sugestão a respeito da finalidade a que se destinava esse objeto de execução artística. Certamente não se tratava de uma escrivaninha.

Não há qualquer dúvida quanto ao fato de o trabalho ter sido realizado de acordo com um plano preestabelecido: retângulos precisos de diversos tamanhos, cercados de molduras retangulares que terminam em ponta, com frisos de traçado exato e graduação perfeita. Certamente, existia uma peça correspondente, em que se encaixava perfeitamente, com precisão milimétrica, sem arestas nem folgas. Um trabalho desses não é realizado sem planejamento. Mas para planejar é necessário que se tomem medidas, que se faça uso de uma escrita.



Retângulos precisos, bordas e frisos exatos levam a crer que se tratava de uma prensa de estampagem que tinha seu complemento de encaixe.

O enigma dos Aneles

Acima do morro surge à vista o enigma dos Andes: Puma-Punkú - um artefato de pedra de uma força, variedade e precisão incríveis. Aquilo que lá se encontra nunca foi compreendido, nem devidamente apreciado em nenhuma obra moderna que eu conheça. No álbum mais recente sobre a América Latina⁴, liquida-se Puma-Pinkú com estas poucas linhas;

"Na parte sudoeste de Tiahuanaco, encontra-se a grande pirâmide, chamada Puma-Punkú. Sua plataforma superior é formada por duas áreas planas de diferentes alturas, às quais se chega por meio de diversos lances de escadaria. Numa das plataformas, parece ter-se erguido um templo, cuja

entrada era formada por três portões no estilo da Porta do Sol".

Que pobreza! É como se a Orquestra Filarmônica de Berlim tocasse apenas os primeiros dezesseis acordes da *Heróica*, em lugar da obra completa. Dediquemos, então, a essa obra de Puma-Punkú toda a nossa atenção!

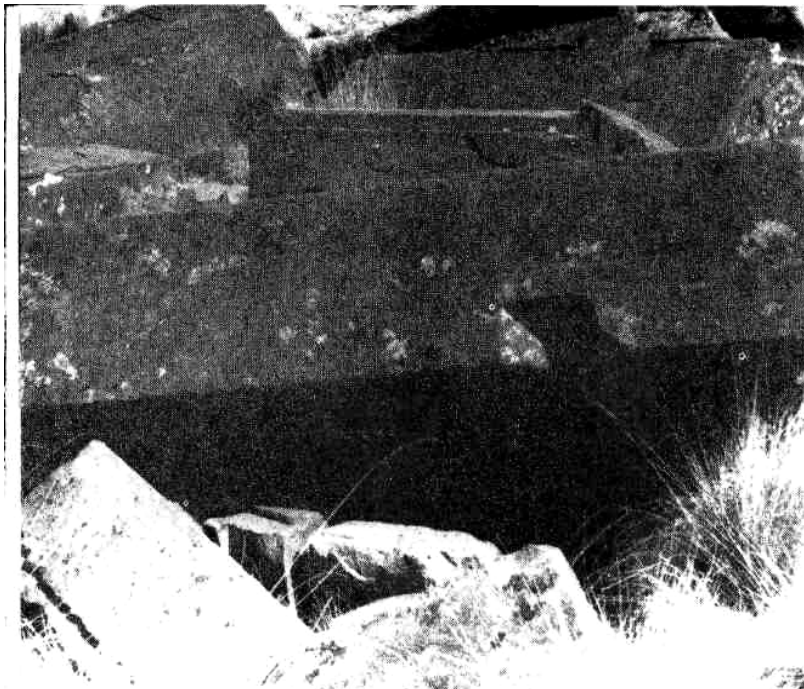
As primeiras notícias do monumento chegaram ao Velho Mundo pelos descendentes dos conquistadores espanhóis. Em meados do século XVI, Pedro de Cieça chamou Puma-Punkú de imenso canteiro de obras, com "pilares gigantescos e um terraço imenso. Ninguém jamais vira esse lugar sinistro em outro estado, a não ser coberto de ruínas"⁵

O patrício dele, Antônio de Castro y dei Castillo, bispo de La Paz em 1651, descreveu o lugar nestes termos⁶:

"Antigamente, supunha-se que as ruínas fossem obra e arte dos incas, como fortificação de guerra; agora, porém, reconhece-se que se trata de uma construção *antediluviana*... Se se tratasse de uma construção incaica numa planície sem águas, e tão funda, nem os espanhóis teriam sido capazes de erguer uma edificação de tanta beleza. O que mais admiração me causa são esses blocos que se encaixam com tanta precisão... "

Na primeira metade do século XIX foi a vez de o paleontólogo francês Alcide Dessalines d'Orbigny (1802-1857) fazer sua viagem pela América latina. Em relação a Puma-Punkú⁷, ele fala de portões monumentais erguidos sobre lajes de pedras horizontais. Para uma das plataformas ininterruptas, ele dá o comprimento de quarenta metros. Hoje, já não se encontram lajes desse tamanho: quebraram-se, foram demolidas *ou* carcomidas pelo tempo. Mas, mesmo assim, o que sobrou, força monumental tão grande que a gente fica até com medo.

Mesmo eu, que sou velho colecionador de construções pré-históricas, perdi a fala em Puma-Punkú, diante de um panorama tão grandioso te tempos idos. Num caos perturbador que ainda permite entrever a ordem de outrora, jazem imensos blocos de granito, andesita e diorito, uma rocha verde-cinza de enorme dureza e resistência. É admirável a precisão com que esses monólitos foram trabalhados, esmiralados e polidos, como se fossem produto de moderníssimas máquinas, fresadoras de aço e brocas. Ranhuras exatas de seis milímetros de largura e doze de fundo atravessam monólitos de diorito de cinco metros de extensão — retos como um traçado de régua. Os colossos eram juntados com suas peças correspondentes por meio de encaixes. Grampos de metal uniam as pedras gigantescas para formar uma construção que ultrapassa toda a imaginação criativa que queira reconstruí-la sob o mesmo modelo.



Puma-Punkú... o verdadeiro mistério dos Andes! Logo, à primeira vista, tem-se uma impressão do tamanho extraordinário e da precisão com que foram lavradas essas pedras.

A obra básica sobre Puma-Punkú

Max Uhle (1856-1944), arqueólogo de Dresden, é considerado o "pai da arqueologia peruana" e, até mesmo, cognominado o "segundo descobridor do Peru"⁸ No Museu Real de Zoologia, Antropologia e Etnologia, ele chegou a travar conhecimento com o explorador Alphons Stuebel (1835-1904), geólogo que já tinha publicado uma obra em três volumes sobre as escavações arqueológicas no Peru. Depois de anos de pesquisa em conjunto, Uhle e Stuebel lançaram a obra básica: *As ruínas de Tiahuanaco no planalto do Verti antigo*. Ela tem cinquenta e oito centímetros de altura, trinta e oito de largura, pesa dez quilos e contém desenhos de detalhes que até hoje não foram superados em exatidão, com indicações de precisão milimétrica sobre Puma-Punkú. Os esquemas que acompanham meu texto tão tirados dessa obra, publicada em 1892, em Leipzig.



Em 1651, o bispo de La Paz escreveu que devia tratar-se de uma construção concluída antes do dilúvio. Quem não concordaria com Sua Excelência?

Os dois especialistas ficaram fascinados por Puma-Punkú. Diante desse fenômeno misterioso, resolveram levar para casa as medidas exatas e os esboços das construções. É possível que tenham procedido dessa maneira não apenas pelo zelo científico, como também pela preocupação de não encontrarem quem acreditasse em seus relatórios sobre o mistério dos Andes: as impressões que os assaltaram nesse lugar eram por demais abaladoras. Eis as anotações de Stuebel:

"A parte mais estranha das ruínas de Puma-Punkú é formada pelas 'plataformas' que ainda se encontram em seus lugares e pelos blocos espalhados entre elas, em parte inteiros, em parte quebrados. A forma destes, seu tamanho e sua lavra são os mais variados. Há pedras em forma de lajotas, pedras de superfície plana recortadas de lava; outras apresentam pequenos entalhes como se fossem de um portal. Há pedras com cavidades em forma de gamelas, pedras com ornamentos em forma de cruz, com pequenos nichos ou frisos grossos ou bem finos e um sem-número de outras formas. O estado atual das ruínas apresenta — com exceção das três grandes plataformas que seguem linhas retas — grandes irregularidades. As três

assim chamadas plataformas principais se dispõem na direção norte-sul, cobrindo uma área de quarenta e três metros de comprimento e cerca de sete metros de largura⁹.

Max Uhle teve que presenciar um exercício de tiro ao alvo realizado por uma unidade do exército boliviano, com os fuzis apontados para as estátuas. Se os construtores de Puma-Punkú não tivessem planejado suas edificações para a eternidade, nada mais restaria delas senão um monte de cascalho, ou nem isso. Puma-Punkú significa "Portal do Leão". Já não sobra nada de um portal. Não é de admirar, pois os espanhóis, e depois deles os índios, fizeram do monumento uma pedreira, levando embora o que era possível carregar. Mas, mesmo que os espanhóis, os índios e o exército boliviano se tivessem unido para um assalto em comum, não teriam conseguido remover aquelas plataformas gigantescas e bem lavradas. Hoje seria possível fazê-lo?

E verdade que conseguimos cortar em pedaços Abu Simbel, em 1964, juntando depois, de novo, os elementos previamente numerados, como num quebra-cabeça, sessenta metros acima do lugar original. Esse poder concentrado da técnica ocidental jamais foi utilizado em Puma Punkú. Ainda não se tem idéia da profundidade em que estão enterrados os blocos de andesita e diorito e as respectivas lajes. Máquinas escavadoras não conseguiram até hoje — graças a Deus! — levantar os blocos maiores. Se fosse possível transportá-los, seriam certamente dinamitados e levados como material de construção barato e durável para erguer escritórios luxuosos ou supermercados. Na melhor das hipóteses, seriam recolocados em forma de muros, por arqueólogos subservientes, justamente lá onde não c seu lugar. Mesmo assim, a área dá a impressão, segundo o relato de Siegfried Huber¹⁰, de um canteiro de obras estranhamente movimentado:

"A região dá a impressão de um canteiro, deixado há pouco pelos mestres e ajudantes que foram tomar um lanche, para em seguida voltar com seus martelos e cinzéis e dar continuidade ao trabalho. Há uma quantidade imensa de material magistralmente lavrado, como lajotas, blocos, mós, frisos, bancos de pedra e portais, que parecem esperar apenas pelo próximo transporte".

Quando se observa o que está fixado no chão de Puma-Punkú, todo o processo de carregamento e transporte se destaca como um grande enigma. Alcide d'Orbigny escreveu, ainda, que vira as três plataformas separadas atuais como uma plataforma única de quarenta metros de comprimento. Um bloco de pedra, com quarenta metros de comprimento e sete de largura, enterrado a uma profundidade desconhecida, devia ter aproximadamente o volume de um prédio de onze andares. O bloco original devia ter dimensões bem mais volumosas, uma vez que precisava, ainda, ser lavrado e

trabalhado. Quem aplaina, deixa lascas. E, no entanto, não há restos de lavra em Puma-Punkú.

Resumindo: os gigantes de pedra, com seu peso de milhares de toneladas, devem ter sido levados para o planalto desarborizado pela força dos músculos humanos, uma vez que naquela época ainda não havia reboques e guindastes. Aqueles que costumam afirmar displicentemente que tudo pode ser realizado, de alguma forma, devem ter presente que mil toneladas correspondem a um milhão de quilos, e que em Puma-Punkú muitos milhares de toneladas foram movimentados. Seria possível colocar sob esses colossos de pedra também as célebres toras de madeira? Só pessoas que têm coragem de falar sobre cores, sendo cegas, podem arriscar um palpite desses. Qualquer tronco de madeira teria sido esmagado! Se tivessem reunido brigadas inteiras para realizar o transporte para aquelas alturas, como resistiriam às águas de uma única grande chuva tropical, em que as pedras afundariam como passas numa massa de bolo? Claro, de algum modo o transporte foi executado, senão não existiriam as plataformas e os monólitos lá em Puma-Punkú. Ou deixamos o enigma sem explicação convincente!

Misteriosa como o transporte é a precisão desses maravilhosos trabalhos!



O arqueólogo D'Orbigny registrou, na primeira metade do século XIX, um comprimento total de quarenta metros nessas plataformas. Hoje, elas estão destruídas.



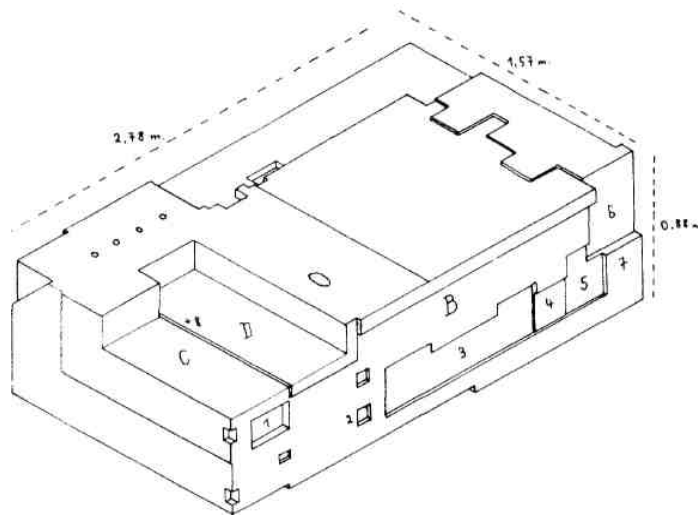
mas, ainda assim, continua enigmática a imponência das pedras e a maravilhosa arte dos canteiros, mesmo numa foto de 1980.

Exemplo 1

Temos diante de nós um bloco retangular de 2,78 metros de comprimento, 1,57 de largura e uma altura média de 88 centímetros. O bloco possui seis faces principais: a superior, a inferior e os quatro lados. As seis faces são subdivididas, por sua vez, em áreas maiores ou menores, das quais cada uma está em nível diferente. Isso significa: na face lateral B ficam as áreas de 1 a 7, cada uma delas 1 centímetro acima ou abaixo de suas vizinhas. As áreas 6 e 7 são separadas por uma borda de uns 5 centímetros que, depois, se estreita num remate de 4 centímetros de espessura. A borda fina entre as faces C e D parece uma régua de apenas 2 centímetros de largura. O bloco tem o feitio de uma cunha: atrás (no esboço em cima), ele é mais espesso que na frente.

Hoje, um trabalho que exige tanta precisão seria realizado — se fosse possível encontrar um escultor que aceitasse executar uma tal encomenda — com um emprego de fresas e brocas de altíssima rotação, refrigeradas a ar,

água ou gelo artificial. As fresas e brocas seriam conduzidas por moldes de aço. E haveria mais uma dificuldade especial: o trabalho é feito em diorito, uma pedra que tem a dureza do granito. Pergunta-se: que tipo de ferramentas foram usadas pelos escultores em Puma-Punkú?



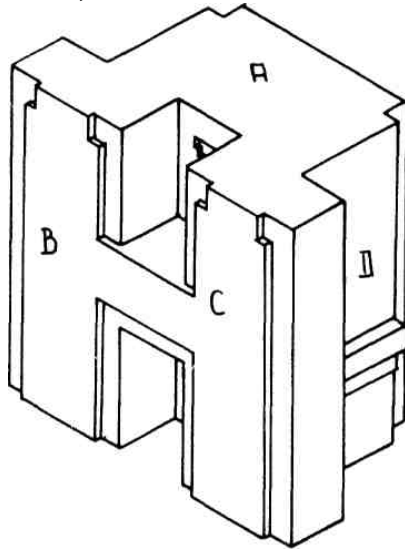
Não há melhor documentação sobre Puma-Punkú do que a obra de Uhle e Stuebel. Essa representação, relativa ao exemplo 1, demonstra que construção formidável se erguia nesse lugar!

Exemplo 2

O bloco é de lava andesítica, tem 1 metro de altura e 1 de largura, em sua parte mais volumosa. Marquei as principais áreas visíveis com as letras A, B, C, e D. Entre as áreas B e C foram esculpidos dois nichos, um sobre o outro, cujo fundo apresenta a gravação de pequenos retângulos, de 8 milímetros de profundidade, entalhados com a maior precisão. Os pequenos entalhes lembram as peças de engate de uma carabina que encaixa em sua parrelha correspondente.

Tudo isso é mais fácil de explicar do que de fazer. Além de acertar as ranhuras, era necessário colocar um mecanismo para engatar as peças complementares, sem que as beiradas de pedra lascassem no ato de abrir ou fechar. Cilindros de madeira ou uma alavanca, de qualquer material que fossem, não eram suficientes para fazer engatar blocos que pesavam toneladas, como se fecha hoje a porta de um cofre-forte. Esse processo devia se realizar com os blocos, suspensos no ar e não depois de colocados no

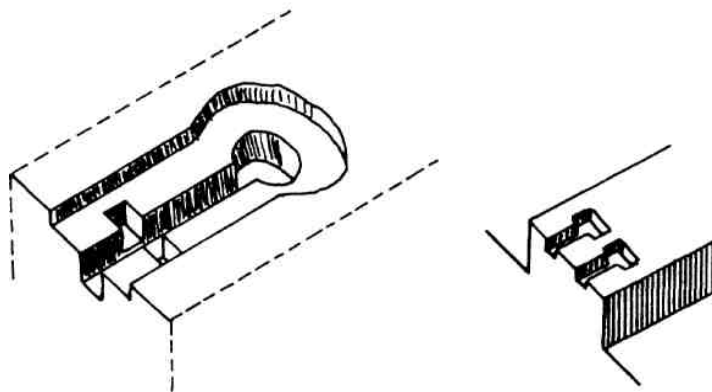
chão. Tendo em vista as diferenças de altura de cada um dos planos, com retângulos, quadrados, frisos e peito-ris, não bastava descer os blocos por meio de cordas, até encaixá-los na outra peça já fixada no chão. Eram necessários também movimentos rotativos, para que blocos desse tamanho pudessem ser introduzidos nos vãos disponíveis. Os elementos pré-fabricados de concreto são hoje menos complicados e, em comparação com a arte aplicada em Puma-Punkú, também mais primitivos. Mas trata-se, realmente, de uma obra de artesanato?...



Este desenho arquitetônico mostra as subdivisões de um bloco de lava de andesito.

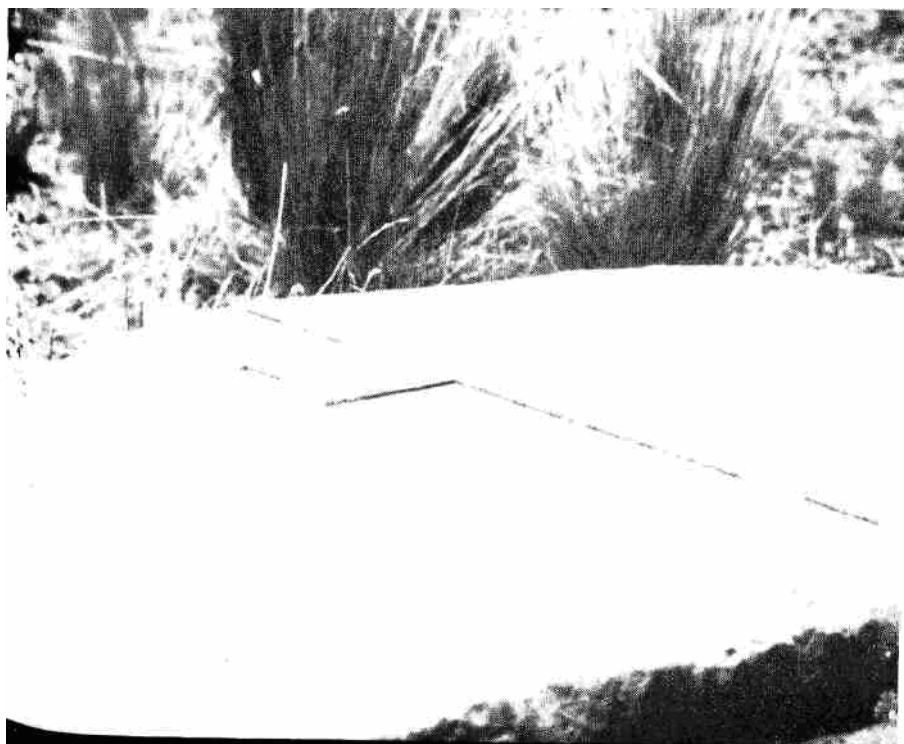
Exemplo 3

Um bloco de diorito, de 1,10 metro de altura, destaca-se do chão amarelado, com sua aparência relativamente intacta, apesar dos milênios de chuvas e ventos. A 8,5 centímetros da área polida, atravessa a face anterior um sulco de 3 milímetros de largura e 2,5 milímetros de profundidade, de cima a baixo. Nesta ranhura foram perfurados pequenos buracos de 1,5 milímetro, a uma distância de 4 centímetros um do outro; parece o trabalho de uma broca de diamante. Ferramentas de pedra ou de madeira, ou brocas feitas dos mais duros ossos de animal, nunca teriam possibilitado tamanha precisão.



Os pequenos entalhes na parte posterior da pedra lembram modernas fechaduras do tipo carabina.





Exemplo 4

Num bloco de andesita de 7,81 por 5,07 metros foi recortado um grande retângulo de 2,5 milímetros de profundidade. Não se trabalhava com remendos. Nada de consertos com argamassa ou cimento. Trata-se de uma peça de mestre, digna de ser exposta e admirada. Essa cavidade revela também reentrâncias que serviam de reforço para manter as lajes bem juntas.

Exemplo 5

Os construtores de Puma-Punkú não apenas sabiam usar com maestria o ângulo reto; além da régua, conheciam também o compasso. Eu mesmo vi e fotografei aberturas circulares, recortadas na rocha, de 36 centímetros de diâmetro.

Balanço provisório

Considero Puma-Punkú uma prova a favor de minhas teses principais em

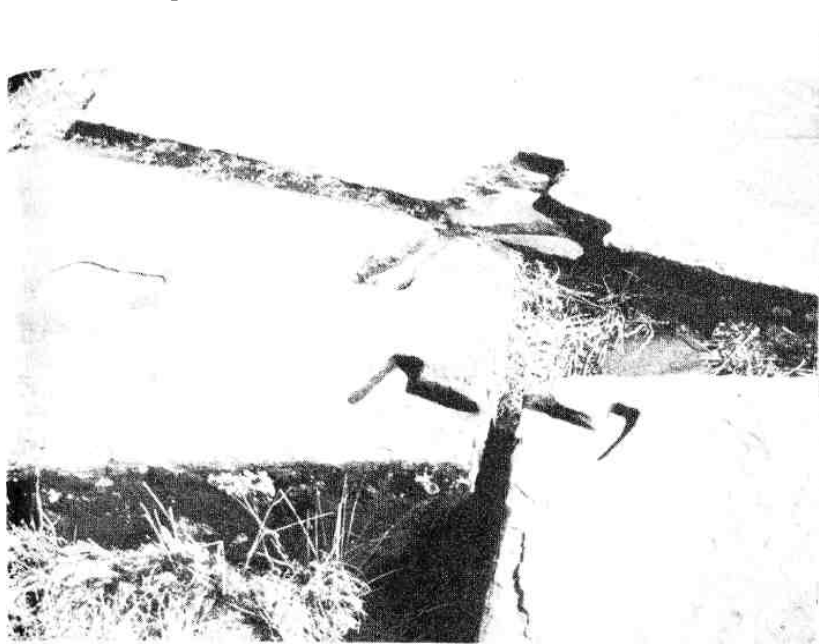
relação às construções pré-históricas.

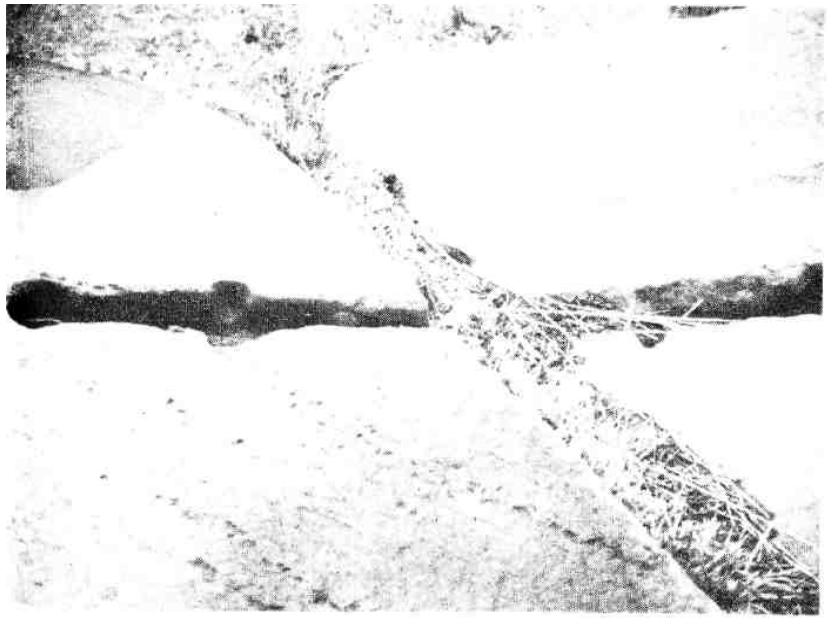
Não pode ser obra dos aimarás, tribo pré-incaica que dizem ter vivido nesse altiplano, pois:

— as técnicas empregadas ultrapassam de longe todas as capacidades e conhecimentos atribuídos a povos pré-incaicos;

Na página anterior, em cima: pouco afetado pelos milênios que se passaram, esse bloco de diorito, de 1,10 metro de altura, ergue-se no chão amarelo-escuro. Sua face anterior é marcada por um sulco milimétrico, com pequenos furos a uma distância de 4 centímetros um do outro. Embaixo: neste bloco de andesita foi gravado um retângulo de 2,5 centímetros de profundidade, com entalhes para abrigar uma peça complementar.

Na página seguinte: os arqueólogos afirmam que os blocos eram unidos por grampos de cobre. Mas o cobre é um metal muito mole para prender esses colossos de pedra.





— a obra foi feita segundo um plano preestabelecido. O plano piloto se baseou em medições de cunho geométrico;

— a execução dos detalhes comprova a existência e o domínio de uma técnica avançada;

— quanto à locomoção dessas imensas pedras, é de se supor que os construtores tenham tido conhecimento de seu peso específico, de sua dureza e da fragilidade do material, para levá-los em consideração nos cálculos realizados;

— um planejamento dessa envergadura pressupõe o conhecimento da *escrita*. Havia uma variedade tão grande de posições a serem consideradas, calculadas e determinadas, que nem a mais sofisticada "cultura da memória" (Stonehenge!) poderia ter dado conta do recado;

— está fora de consideração qualquer possibilidade de ter havido interferência de algum arquiteto genial, daqueles que só aparecem a cada milênio. Como havia tantos canteiros de obra com seus respectivos transportes, instruções de trabalho, coordenação de turmas, etc, nem um gênio teria sido capaz de supervisionar tudo. Além do mais, não teria sido possível concluir as obras no tempo correspondente a uma vida humana ou a algumas gerações, tomando como medida a capacidade humana de realização.

Conclusão:

Como houve, obviamente, um planejamento, deve-se atribuir aos construtores o conhecimento de uma escrita. No entanto, segundo um consenso raro entre arqueólogos e etnólogos, os aimarás não tinham conhecimento de uma escrita. Portanto, eles não podem ser os construtores de Puma-Punkú.

Não há plano de construção sem projetos de detalhes! Também estes foram utilizados em Puma-Punkú. Os arqueólogos falam de "grampos de cobre" para manter os blocos juntos, por meio de "engates de carabina". O cobre é um metal mole que possui apenas o grau de dureza 3 (segundo Mohs), quando o ferro tem 4,5. O cobre não teria sido capaz de prender lajes de várias toneladas de peso. Johann Jakob Tschudi⁴ já se admirava:

"O que causa espanto ainda maior que o transporte dessas pedras gigantescas é a execução técnica dos trabalhos de canteiro, considerando que os artesãos incaicos não possuíam 'ferramentas' de ferro e que as ligas de cobre e estanho conhecidas por eles eram muito moles para trabalhar o granito. Continua um enigma saber como eles conseguiram realizar essa façanha; a hipótese mais provável é aquela que supõe terem eles aperfeiçoado o polimento final das pedras lixando-as com pó de pedra ou plantas que continham sílica."

O espanto demonstrado por Tschudi revela que já no século passado se procurou desesperadamente uma solução razoável para o mistério de Puma-Punkú. O pó de pedra e as plantas que contêm sílica podem ser úteis para executar o polimento final de uma superfície, mas não explicam a gravação de ranhuras milimétricas, curtas e extensas, nem os quadrados com ângulos retos que se encontram na rocha dura.

Sabemos hoje que o granito que se encontra em Puma-Punkú foi extraído de Cerro de Scapia, perto de Zepita, no Peru, portanto a sessenta quilômetros do monumento. Acham que essa distância não significa nada? Não é nada quando se trata de uma estrada plana, bem conservada; mas, no caso, trata-se de um trajeto que passa por morros e rios.

A fórmula é simples:

Planejamento + aritmética + geometria + transporte + ferramentas resistentes = uma técnica ao menos comparável à nossa, ou até superior a ela.

A longa noite dos deuses

Há tradições indígenas que dizem que Puma-Punkú "foi construída pelos deuses numa única noite", sem que os homens tivessem participado da

ação. Os próprios deuses teriam destruído sua obra erguendo-a aos ares, para virá-la e deixá-la cair em seguida.

Ainda hoje tem-se a impressão de que houve realmente uma prova de força dessa natureza. Não poderíamos levar a sério uma simples tradição mitológica? Ou perderíamos a credibilidade se admitíssemos que numa paisagem grandiosa, a quatro mil metros de altitude, no ar rarefeito, foi realizada uma façanha que não conseguimos explicar?

"O que vem a ser o homem? Certamente não aquilo que ele acha que é — o ponto culminante da criação", escreveu o poeta Wilhelm Raabe (1831-1910).

Durante três dias andei pelo campo coberto de ruínas, medindo certos blocos, gravando lembretes em minha secretária eletrônica, tirando fotos. Duas vezes por dia, às onze e às catorze horas, chegava um ônibus da Crillon Tours, trazendo meia centena de turistas munidos de máquinas fotográficas. Havia muitos americanos entre eles; alguns cochichavam ao reconhecer-me e pediam que me deixasse fotografar em sua companhia, ou solicitavam-me autógrafos. No último dia, quando o ônibus das duas horas estava despejando sua carga na igreja de Tiahuanaco, apareceram dois índios, vestidos de ponchos verde-escuros e com suas carapuças de lã, os *chullos*, enterradas na cabeça.

— Pare com suas medições! — ordenou um dos índios.

— Por quê, meus senhores? — procurei saber.

— É proibido a estranhos fazer escavações, sem uma licença por escrito da Universidade de La Paz.

Compreendi seu zelo. Refletindo uns instantes, estava prestes a explicar aos índios que a Universidad Boliviana Gral José Ballivian, Trinidad, tinha me outorgado, em 12 de fevereiro de 1975, o título de doutor honorário. Naquela oportunidade, fiquei meio desconfiado quando recebi a homenagem em forma de um diploma. Esses títulos honoríficos são, muitas vezes, concedidos em decorrência de alguma doação; mas eu não tinha mandado nem um franguinho para a universidade. Só depois de ver confirmada a homenagem pelo Ministério da Educação da Bolívia, pelo Ministério do Exterior e pela embaixada alemã, agradei a honra concedida. Pela primeira vez poderia ter tirado alguma vantagem de meu título, mas não o fiz. Gostei do cuidado dos índios. A que ponto chegaríamos se qualquer turista ou arqueólogo amador pudesse levar alguma lembrança em sua bagagem? Por isso retruquei:

— Vocês têm toda a razão, mas eu não estou escavando. Deixo tudo como está. Só quero registrar algumas medidas, ou não é permitido fazer isso?

— Não, sr. von Däniken! Temos ordens para interromper suas atividades.

Como me chamavam pelo nome? Quem sabia de mim naquela paisagem inóspita? Não tinha dado nenhuma entrevista aos jornais. Quem sabia de minha presença? Confiscaram minha fita métrica, mas deixaram que continuasse fotografando sem me perder de vista, no entanto. Alguém não devia estar gostando que minha atenção se tivesse voltado para Puma-Punkú. Ou estavam temendo que minha reportagem trouxesse novas leva de turistas — como fora constatado em Tiahuanaco.



Como os artesãos índios não dispunham de pesadas ferramentas de ferro, não é de admirar a incredulidade do explorador Tschudi em relação ao transporte e à lavra desses colossos.



Puma-Punkú, em 1980. Tem-se a impressão de uma grande confusão originada por um terremoto ou uma explosão. Não faltam aspectos fotogênicos para as câmaras dos turistas.

O que os turistas não vêem em Sacsayhuamán

À noite, no bar do Sheraton de La Paz, no vigésimo quinto andar, estava conversando com um jovem casal de Munique e tomando um drinque. Ela está estudando etnologia, ele é advogado formado. Tinham vindo de hidroplano do Peru cruzando o lago Titicaca; ambos haviam lido meus livros e s^a mostravam decepcionados com aquilo que tinham visto nesse dia. Estavam até duvidando de minhas descrições. A estudante me censurava:

— Vimos acima de Cuzco as ruínas de Sacsayhuamán mas não conseguimos descobrir absolutamente nada que lembrasse seres extraterrestres, como o senhor escreveu.

E o jurista acrescentou secamente:

— O guia turístico nos explicou como foram lavradas as pedras. Ainda hoje é possível observar os canteiros fazendo trabalhos desse tipo nas ruas de Cuzco.



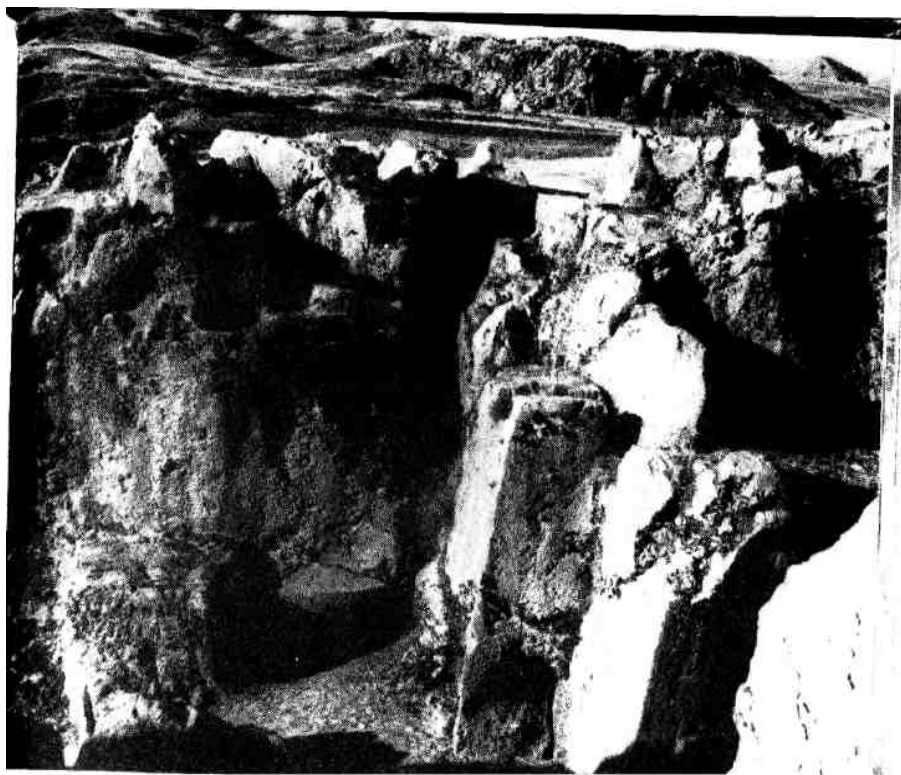
Um índio me avisou: Tem que parar logo com suas medições. Por quê?

— Era a mesma história de sempre, o mesmo refrão. Nem a equipe que rodou meu filme *Lembranças do futuro* conseguira descobrir, em Sacsayhuamán, aquelas ruínas que eu estava descrevendo. Quando vejo a Hsta de cruzeiros marítimos fascinantes que são oferecidos hoje com destino à América do Sul, desconfio que entre os participantes dessas viagens turísticas haja um bom número de pessoas que leram meus livros e que experimentam a mesma sensação de decepção que esse casal de Munique. Tendo em vista essa "onda" de cruzeiros marítimos para a América do Sul, passo a dar, a seguir, um roteiro que leva às *minhas* ruínas:

"Minhas senhoras e meus senhores: visitem as ruínas de Sacsayhuamán de manhã — não precisa ser de madrugada! —, utilizando um carro de aluguel. Façam o motorista subir a velha estrada para Pisac, até um pouco antes da grande curva para a esquerda, mais ou menos um quilômetro e meio morro acima. Paguem logo ao chofer do táxi, mesmo que este insista, gesticulando, em esperar, pois ele vai tentar convencê-los da vantagem de ficar ali aguardando sua volta. Mas isso iria custar-lhes muito dinheiro, sem trazer nenhuma vantagem.

Olhem agora para baixo, em direção à fortificação incaica. Subam naquela pequena elevação que fica logo ao lado da estrada, à direita; ela tem uns duzentos metros de altura e é composta de rochedos abruptos. Assim, vão entrar num labirinto de rochas que não merecem ser chamadas de 'ruínas'

na acepção usual da palavra. Espalhados por lá vão encontrar um monte de pedras e blocos de todos os tamanhos, restos irreconhecíveis de alguma construção histórica. Em pouco tempo vão se convencer de que nesse lugar deve ter existido, antes de sua total destruição, uma edificação construída com os recursos técnicos mais sofisticados.



Acima do forte de Sacsayhuamán, situa-se um labirinto de rochas que não merece a designação de "ruínas", na acepção costumeira da palavra

Passando por sobre fendas e grutas, alcançarão o alto das plataformas. De repente, estarão se defrontando com inesperados blocos gigantescos, perfeitamente lavrados. Senhoras e senhores, examinem bem e toquem nesses paredões de concreto polido, cujo escoramento parece ter sido retirado ontem. Mas não se enganem! Não se trata de concreto, é granito mesmo.

Caso tenham perdido o hábito de se admirar, nesse lugar vão readquirir, sem esforço, essa qualidade importante. Como que sacudidas por uma força inaudita, encontramos grutas viradas de cabeça para baixo e entradas de

túneis com seu traçado deslocado e entrecortado. Não há nada — podem reparar bem! — que apresente sinais de junção com argamassa ou qualquer outro tipo de aglutinante. Tudo é inteiriço — nem sinal de grampos de metal, como aqueles verificados em Puma-Punkú. Não, nessa elevação, acima da atração turística do forte de Sacsayhuamán, tudo é feito como que de uma só peça. As arestas são trabalhadas em ângulos retos. Atrás de cada colosso aguardam novas surpresas.



À esquerda da estrada, podem ser observadas formações estranhas nas rochas. Tudo está cheio de surpresas para quem anda de olhos abertos.

Se já tiveram oportunidade de acompanhar o passeio turístico à fortificação dos incas, vão perceber que a verdadeira sensação de Cuzco, o mistério pré-histórico real, esconde-se atrás e acima das encostas de Sacsayhuamán. Dificilmente alguém chega até elas para reparar em suas particularidades.

Mantenham os olhos abertos! Essas massas petrificadas são apenas um pedacinho do mosaico inexplicável deste quebra-cabeça. Procurem observar

também as formações rochosas menores e maiores nos paredões que ficam à esquerda da estrada. Podem andar sem preocupação: ninguém os perturbará nessa área, ninguém os deterá. Atravessem os prados com seus altos e baixos, os campos ressequidos. Ultrapassem as cercas dos pastos. Até hoje, nenhum camponês indígena me incomodou. Todos são muito educados e, se houver necessidade, poderão recorrer a uns *soles* para facilitar.

Depois de um passeio de algumas horas pelo passado, perceberão que quase todos os rochedos mostram sinais de lavra. Nenhum missionário arqueológico conseguirá convencê-los de que a origem de todas essas arestas retangulares das superfícies polidas com esmero, dos assentos gigantescos, das vitrinas de pedra, dos degraus que levam do teto ao chão se deva ao encanto da natureza pura e simples. O fato de estarem de cabeça para baixo é uma prova contundente de um cataclismo que, no passado, deve ter sacudido toda essa construção, virando-a em torno de seu eixo. Se voltássemos a colocar tudo em sua posição original, surgiriam escadarias maravilhosas que nos levariam a andares superiores e mais além.



Arestas em ângulo reto, entradas em forma de caverna, cunhas de pedra — tudo parece modelado em cera.

Vamos dar uma olhada nos bastidores da fortificação dos incas. Virem as costas àquele muro tantas vezes fotografado: à mesma altura encontrarão monólitos trabalhados para uma finalidade desconhecida. Pela sua aparência atual, não há como descobrir qual tenha sido sua destinação. Não encontrarão absolutamente nada que caiba no esquema tradicional: não há nenhuma ordem, não há muros de pedras sobrepostas, não há amontoados de monólitos. As superfícies lisas da rocha se inclinam uma para a outra, com arestas bem trabalhadas que terminam em degraus invertidos no alto do teto.

Depois de terem visto tudo isso e depois de terem olhado, novamente, as fotos e as descrições de meus livros, em casa, ficarão muito satisfeitos por não terem seguido simplesmente a trilha desgastada do turista."

Quero acrescentar agora, neste contexto, um comentário que não encontrarão nem mesmo depois da volta, ao folhear novamente meus livros:

Na literatura especializada, afirma-se que o *Lacco*, uma rocha chamada também de *Quenco Grande*, com seus nichos, cômodos e entradas subterrâneas, eram outrora um lugar sagrado; nos nichos se localizariam os assentos dos mortos e tudo faria parte do reino mágico dos seres que vivem debaixo da terra. Supõe-se, com toda a candura, c[^]ue a ordem (desordem!) visível hoje em dia teria sido concebida dessa maneira pelos próprios construtores.

Garcilaso de la Vega¹¹ registrou já em 1720 que aquela rocha chamada *Chingana Grande* (grande labirinto) teria sido puxada por vinte mil peões, na direção de Sacsayhuamán, quando desabou, soterrando debaixo de sua massa três mil homens. Os arqueólogos¹² encaram essa realidade de um modo diferente: "Essa rocha nunca foi destinada a Sacsayhuamán. Nunca foi transportada. Sempre esteve onde se encontra hoje".

É uma declaração de insanidade mental para os construtores essa afirmação de terem lavrado degraus, na rocha dura, que nunca deveriam ser usados. Segundo essa interpretação curiosa, abriram nichos em superfícies inclinadas, onde nem ao menos se poderia colocar um ramallete de flores em homenagem aos mortos, quanto menos uma estatueta para a sua veneração nesse lugar sagrado. A duras penas escavaram essas depressões e superfícies planas que não serviriam para nada.

Para aqueles leitores que perderam a viagem de navio para a América do Sul e que não puderam, portanto, comprovar as minhas descrições, apresento três fotos que foram tiradas no verão de 1980, a algumas centenas de metros da fortificação dos incas. Para os outros que tenham a oportunidade de visitar Sacsayhuamán, volto a desempenhar o papel de cicerone:



Escadarias conduzem *do teto ao chão*. É uma prova de que, um dia, tudo aqui foi virado de cabeça para baixo.



As paredes se inclinam uma contra a outra. Frisos perfeitos acompanham as cornijas.

"Minhas senhoras e meus senhores, coloquem-se, por gentileza, em frente do muro da fortificação, na terça parte à direita, e olhem em direção ao forte. Logo atrás de vocês, existem umas aberturas no chão — podem entrar sem medo, não há perigo. Ver-se-ão transportados para uma misteriosa paisagem subterrânea formada por rochas. Terão diante de si monumentos de pedra de superfície lisa, com três metros e meio de altura e um friso proeminente. Dobrando a esquina, verão várias faixas largas e graduadas, recortadas da rocha com perfeição. A rocha se inclina levemente para a frente, chegando a tocar, em alguns pontos, nas paredes próximas. Por favor: examinem com cuidado, para ver que não se trata de uma construção construída de diversos elementos; tudo é rocha inteiriça e compacta. A rocha natural, não lavrada, começa somente acima das superfícies lavradas. Uma obra nessa posição em que pode ser vista agora nunca teve serventia alguma.

Mas permaneçam mais um pouco nessa câmara misteriosa. Aposto que não vão demorar a descobrir que as pedras lavradas devem ter estado, outrora, em lugares mais altos da montanha; algum acontecimento natural, como um terremoto ou algum fenômeno provocado intencionalmente, talvez uma explosão, deve ter levado esses blocos à sua posição atual".

Assim chegamos à mesma conclusão a que nos levava Puma-Punkú: a técnica empregada lá no alto, acima da fortificação incaica, tinha um caráter mais gigantesco, amplo, perfeito e adiantado do que o muro ciclópico levantado pelos incas em Sacsayhuamán. Como o muro dos incas já existia quando os espanhóis conquistaram essa terra, e como nada mais foi acrescentado desde então, essas esculturas de que estou falando devem ter mais antigas do que o forte incaico. Como lá, em Puma-Punkú, deve ter havido um planejamento e, portanto, também uma escrita. A construção monumental era maior que tudo aquilo que os incas e seus ancestrais eram capazes de criar.

Seria uma obra dos mesmos construtores que ergueram Puma-Punku? Nem é necessário mencionar que a mitologia nos conta que teriam sido os próprios deuses que causaram a destruição de sua obra, ao verificar a ingratidão dos homens criados por eles.

Uma intercalação divertida.

Depois de ouvir essas explicações, o casal de Munique prometeu voltar a Cuzco, para uma nova verificação. Quando redigia este capítulo, chegou um cartão-postal com este texto; "Isso nunca foi obra de simples índios! Por que ninguém fala dessas coisas?" Seguiu-se a saudação e um agradecimento no cartão.

Eu falo dessas coisas! E volto sempre a falar. Como aqui. E recomendo que se verifique o que estou afirmando.

Alcansei o destino

A reunião com o brigadeiro Chioini e o arquiteto Carlos Milla, em Lima, começou no dia 22 de agosto, na sexta feira combinada, com uma exigência desagradável. Milla revelou-se um senhor educado que só falava quando interpelado; tinha mãos calosas que me faziam crer que ele mesmo sabia pôr mãos à obra quando necessário.

Sem rodeios, entrei na conversa:

— O senhor já sabe o que estou procurando. Por favor, mostre-me no mapa onde posso encontrar minha faixa perfurada.

Carlos Milla se agitou ao ouvir minha pergunta tão direta.

— Sim, senhor, sei exatamente onde fica. Posso marcar o ponto num

mapa detalhado do Peru...

— Por favor, então, faça-o! — tentei incentivá-lo.

O arquiteto fechou os olhos, para voltar a abri-los com um pedido de socorro em direção do brigadeiro, que estava tamborilando nervosamente com os dedos na mesa de mármore. Com o embaraço de um *gentleman*, ele falou em inglês:

— *I believe he wants money!**

**Acho que que está querendo dinheiro." Em inglês no original. (N. do E.)*

A expedição não iria fracassar por esse motivo. Há muito tempo estou acostumado a pagar por informações. Da maneira mais discreta possível — não me sinto bem nesses momentos — empurrei uma nota verde de cinquenta dólares para as proximidades de seu copo de *pisco sour*:

— Aí está. Onde fica o lugar?

Carlos Milla fez que não via a nota. Ele queria mais. Dizendo que ele mesmo tivera despesas para obter a informação, colocava-se ao mesmo tempo à disposição para acompanhar-nos, o que significaria, por seu turno, ter que deixar de lado o trabalho por uns dias.

— Quanto é? — perguntei.

— Seiscentos dólares por três dias, mais duzentos e vinte e cinco dólares pela Rural que coloco à disposição.

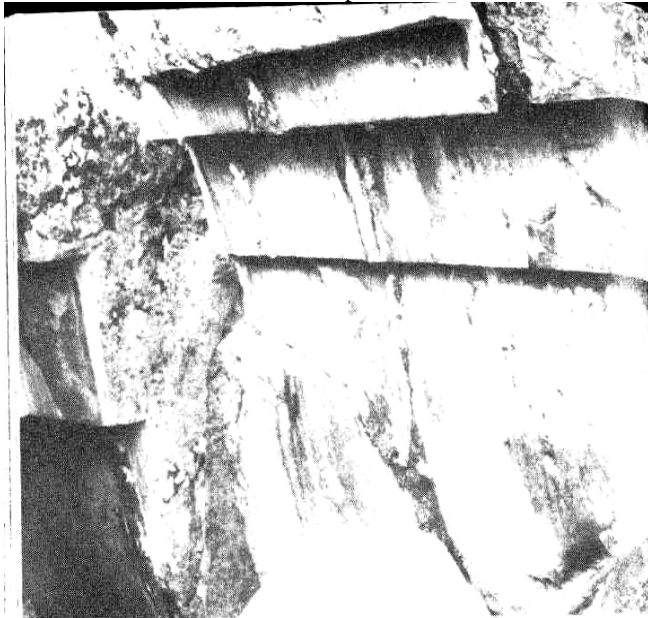
Era uma exigência nada discreta, essa apresentada pelo arquiteto. Não gosto que me explorem. Ademais, estava desconfiando de outros pagamentos extras que esse tipo muito vivo poderia vir a exigir durante a viagem. Retruquei que, uma vez confirmada a existência da faixa perfurada, devia ser possível achá-la, mesmo sem a ajuda de Carlos Milla.

— Não precisa acompanhar-nos. Vou pagar-lhe duzentos dólares.

Olhei para ele esperando uma resposta. Ao mesmo tempo comecei a guardar os papéis que estavam sobre a mesa. Era para ele sentir que tinha feito minha última proposta. O brigadeiro Chioni não parava de falar com seu conhecido, Para ele a situação era tão penosa quanto para mim. Carlos Milla fechou novamente os olhos — um bom truque para deixar os outros em suspense — e abriu-os com a convicção de quem sabe que duzentos dólares na mão valem mais que nada. Com a voz dolente explicou, então:

— A faixa perfurada atravessa as montanhas e os vales por uma extensão muito maior do que aquela revelada nas velhas fotos da National Geographic. O lugar mais indicado para o senhor fica dois quilômetros adiante de uma localidade chamada Humay, no vale de Pisco. Pode viajar até a Hacienda Montesierpe. Atrás da fazenda se estende uma faixa de terra cultivada de uns trezentos metros de largura. Logo acima, nos morros

escalvados, encontrará sua faixa perfurada.



Essas três fotos foram tiradas no mesmo conjunto de rochas, a uns cem metros de distância das atrações turísticas. As fotos são de 1980. Aqui se readquire a capacidade de admirar e de sentir os mistérios dos tempos primevos da Terra.

Era uma boa informação, contanto que fosse verdadeira. No mapa rodoviário, o vale de Pisco era desenhado num ângulo reto em relação à Rodovia Panamericana, uma das estradas fantásticas do nosso globo. Paguei os duzentos dólares, prometendo que o procuraria para fechar outros negócios, caso precisasse procurar outros lugares misteriosos no Peru. Para quem possa estar interessado nas informações desse homem versado, eis o endereço: arquiteto Carlos Milla, Avenida Salaverry, 674, Lima.

Logo depois dessa conversa, entrei em contato, por telefone, com o professor dr. Janvier Cabrera, em Ica, que fica a apenas setenta quilômetros de Pisco. Era um conhecido meu que talvez tivesse informações mais precisas a respeito da Hacienda Montesierpe, ou até sentisse vontade de me acompanhar. Cabrera, um antropólogo pouco ortodoxo, mostrou-se logo disposto a fazer parte da expedição.

Encontrar-nos-íamos no dia seguinte, às dezessete horas, no museu de Ica.

Levei quatro horas completas, num Datsun alugado, para chegar até Ica. Fora de Lima, a Rodovia Panamericana parece, durante uns quarenta quilômetros, uma verdadeira auto-pista. Mas, depois, ela se torna mais estreita, para formar uma fita a acompanhar a linha da praia, percorrendo, na maior parte do trajeto, uma paisagem desértica. Em outras regiões dessa latitude, encontrar-se-ia nessa faixa litorânea, que acompanha o oceano Pacífico até Pisco, uma vegetação abundante e rica, mas ali é diferente: as águas frias da corrente de Humboldt resfriam a tal ponto a atmosfera aquecida pelo sol, que é bom prevenir-se contra a neblina, nas horas da manhã e do entardecer. Mas, como a neblina volta a secar em camadas superiores mais quentes, ali quase não ocorrem precipitações. Não é de admirar, portanto, que a gente veja em grande parte da rodovia apenas paisagens inóspitas: dunas, cascalho, troncos de plantas desenraizadas, ressequidas no chão do deserto e que os nativos usam para compor enormes letras nas encostas dos morros, como se fossem frases de propaganda.

Os quadros mudam abruptamente: aparecem vales exuberantes, cobertos de plantações de algodão, e pomares ou canaviais de ambos os lados da pista. À beira da estrada, os índios vendem frutas, legumes e, naturalmente, *pisco*, a aguardente preferida, além de vinho, em garrafas bojudas. Mal a vista se acostuma com esses oásis cheios de beleza, registra-se outro corte abrupto no filme da paisagem: continua a tristeza exasperante do deserto, num caleidoscópio composto pelo mar, neblina, céu azul, deserto despovoado e faixas de terra fértil.

Com excesso de velocidade, passam os ônibus que levam turistas para

Nazca, presenteando-os certamente com um resfriado — uma vez que ninguém consegue escapar da corrente de ar condicionado. Seria muito melhor suar um pouco; mas todo mundo faz questão desse maldito conforto.

No museu de Ica, encaram-se crânios estranhamente deformados

Estou aguardando o professor Cabrera.

Das vitrinas do museu, encaram-me os crânios de mortos que foram achados em túmulos ao redor de Ica. São crânios deformados. A deformação começa na altura das têmporas, abaulando-se como um abdômen de uma vespa, acima da testa. A parte posterior do crânio apresenta, freqüentemente, um volume três vezes maior que o de um crânio normal.

Nos livros eruditos encontra-se a seguinte explicação para essas monstruosidades:



No museu de Ica, fotografei esses crânios deformados. O que têm eles a nos dizer?



Os sacerdotes incas teriam escolhido meninos de tenra idade para colocar suas cabeças ainda não endurecidas entre tábuas acolchoadas. Depois, teriam puxado cordas através de charneiras, estreitando lentamente o espaço entre as tábuas. Algumas crianças devem ter sobrevivido a essa tortura, com sofrimentos indizíveis, caso contrário não existiriam esses crânios deformados de homens adultos.

Ao ver essas cabeças monstruosas que lembravam passagens do romance *Frankenstein*, de Mary Shelley (1797-1851), senti o desafio de um questionamento.

Qual teria sido o motivo desses rituais dolorosos? Como se chegou à idéia perversa de deformar os crânios de crianças? Crânios desse tipo não constituem exclusividade peruana nem sul-americana; eles podem ser encontrados também entre os maias, na América Central, no noroeste dos Estados Unidos, entre os "índios de cabeça chata", como também no antigo Egito¹³. Parece que todos esses povos imitaram ou copiaram alguma coisa.

Estaria certa a versão que diz — afinal, ninguém estava presente — que

os deformados eram escolhidos para serem sacerdotes ou até sumos sacerdotes? Por que teria sido assim? Era necessário deformar as crianças para que se parecessem, quando adultos, com eventuais deuses antigos? Teria havido, em alguma época, um encontro com seres impressionantes e mais inteligentes, aos quais eles procuravam depois assemelhar-se, pelo menos externamente? Teriam os sacerdotes recorrido a esse truque bárbaro para aparentar um poder que tinha sido atribuído aos seres desaparecidos? Pretendiam os sacerdotes diferenciar-se pelos crânios hipertrofiados do povo comum, apresentando uma marca de diferenciação superior? É possível, pois afirma-se que as deformações eram realizadas às escondidas.

Se esses testemunhos selvagens de um passado brutal se referissem apenas a um *único* povo, poder-se-ia encontrar alguma motivação específica, de cunho religioso. Mas essa prática foi realizada em regiões muito distantes umas das outras, até em continentes diversos. A deformação seria uma forma de imitar a cabeça de seres que foram vistos quando andavam entre os homens? Seriam os crânios deformados um meio para salvar ao menos parte da auréola dos senhores poderosos, assegurando pelo menos sua aparência para o futuro? Se apenas uma dessas perguntas recebesse uma resposta afirmativa, poderíamos ver nesses crânios indicações significativas a respeito da aparência externa dos extraterrestres que, há muito, muito tempo, agradeceram nossos ancestrais com sua presença.

Andando na faixa perfurada

O professor Cabrera pôs fim às minhas meditações, com sua maneira bem latina de cumprimentar as pessoas. Tomamos juntos um *pisco sour*, enquanto eu lhe mostrava as fotos que me tinham levado a procurar aquela faixa cheia de buraquinhos que atravessa seu país. Ele não a conhecia e começou até a duvidar de sua existência quando lhe afirmei que essa faixa passava a menos de cem quilômetros de Ica, por sobre montes e vales.

— No vale de Pisco? Eu o conheço muito bem. Diversas vezes sobrevoei esse local e conheço também a Hacienda Montesierpe. Mas confesso que nunca vi nada parecido com essa faixa estranha.

Mesmo no dia seguinte, quando já estávamos a caminho de Pisco, seguindo pela Rodovia Panamericana, ele continuava bastante cético. Cada vez que passo por Pisco, começo a sentir náuseas. É uma cidade malcheirosa; não conheço outro lugar que exale esse tipo de cheiro forte. No porto, há uma frota bastante grande de barcos pesqueiros. As fábricas construídas logo ao lado não produzem nenhum tipo de essência de rosas: seu produto é farinha de peixe. O "aroma" de Pisco se assemelha ao de óleo

de fígado de bacalhau, lembrando-me os dias de minha infância, quando minha mãe vinha com uma colherona na mão para me encher desse óleo. Era por causa das vitaminas de que as crianças necessitam para crescer. Hoje, as crianças têm mais facilidades: elas podem chupar tabletes saborosos que contêm as vitaminas necessárias. As galinhas recebem quantidades enormes de farinha de peixe, a tal ponto que o sabor do peixe passa até para os ovos e para a própria carne de frango. Assim como há lugares, neste mundo tão humano, em que a idéia de galinhas criadas em campos de concentração me tira a vontade de comer franguinhos, de que eu gostava tanto em outros tempos, em Pisco é o sabor do peixe que me dá nojo de carne de frango.

Era um dia todo azul, embandeirado com as flâmulas da esperança do sucesso. Quatro quilômetros ao norte de Pisco, há uma estrada de pedregulhos que leva ao vale de Pisco, onde se situa Humay. Depois, ela sobe para o alto dos Andes, passando por Castrovirreyna e Huancavelica. Nos lugares em que existem adutoras para irrigação dos campos, crescem pomares e hortas. A alternância sucessiva de desertos e terras cultivadas é irritante. Colinas de pedras e de areia beiram a estrada muito estreita e cheia de curvas.

Após rodarmos trinta e um quilômetros, passamos pela cidadezinha de Humay. Mais cinco minutos, e chegamos à Hacienda Montesierpe. Paramos no pátio interno, que, certamente, já deve ter visto dias melhores: junto das paredes da casa-grande, foram construídas pequenas senzalas, o teto da igreja desmoronou, as cabeças das estatuetas jazem na lama, as pinturas das paredes da casa-grande e da igreja estão se deteriorando. Desde que começou a primeira reforma agrária, nos tempos do regime militar socialista, com a expulsão dos proprietários, está decaindo tudo o que merecia ser conservado. Só se conserta o mais urgente. Os índios passam tão mal quanto antes da revolução. Um regime injusto foi derrubado para ser substituído por outro da mesma qualidade, mas o homem do povo continua sendo a vítima.

Crianças morenas, queimadas de sol, se aglomeraram ao nosso redor, fixando-nos com seus olhos grandes. Estavam vestidas com roupas ou muito apertadas ou muito largas, esfarrapadas, miseráveis em sua imundície. A revolução tinha prometido um novo paraíso, ali também. Mas nada mudou. Foi apenas mais um revezamento no poder.

O professor Cabrera entrou na casa, seguido por mim. Ele mostrou fotos a uma senhora corpulenta que estava fiando lã de carneiro numa roda. A seu lado amontoavam-se dúzias de laranjas, e sobre sua cabeça, nos fios esticados, estavam secando camisas coloridas e esburacadas.

Os dois entreteram longa conversa, que não consegui entender com meus poucos conhecimentos de espanhol. Voltando para junto de mim, o

professor me disse que ela nunca vira nada semelhante. Lembrei-me, naquele instante, do arquiteto Carlos Milla com sua afirmação de que acharia meu objetivo uns trezentos metros além dessa fazenda. Se fosse assim, essa senhora certamente teria conhecimento da faixa, pois não dava a impressão de ter deixado jamais aquele lugar.

No pátio, ouvimos a chegada de um velho trator. Cabrera foi logo ao encontro dos dois homens recém-chegados para pedir informações. Esperei à distância, observando pela expressão dos rostos qual seria o conteúdo das palavras trocadas e dos pensamentos. Finalmente um dos tratoristas fez um sinal positivo com a cabeça: devia saber de alguma coisa. Com um movimento lento do braço, passou a apontar as montanhas que se erguiam atrás da fazenda. Nem esperei pelas notícias de Cabrera, comecei logo a colocar minhas câmaras nas costas.



Ao norte de Pisco, há uma estrada de pedregulhos que leva primeiro para o vale de Pisco, para depois subir as encostas dos Andes.

A terra cultivada atrás da fazenda tem uma extensão de apenas duzentos e cinquenta metros. Um atrás do outro, subimos por uma trilha estreita no primeiro morro. Paramos para examinar a paisagem ao redor; nem sinal de

nossa faixa perfurada. Ofegando, continuamos nossa caminhada. O sol nos castigava. O ar estava abafado.

Sentamos um pouco para descansar. A luz estava muito forte, pois o sol estava a pino e não havia sombra. Atualmente, estou com problemas de vista; os olhos começam a doer e não suportam muita claridade. As vezes, penso que pode ser consequência daquele esforço para descobrir contornos àquela luz brilhante, à procura de algum pequeno indício que fosse. Meus olhos doíam naquele momento do mesmo modo que estão doendo agora, enquanto escrevo à luz clara de minha mesa de trabalho. Às vezes, as linhas começam a tremer como as encostas daquele morro, como as orlas do deserto.

Estaria sendo enganado por meus olhos? No ar trêmulo delineava-se, do outro lado do vale, uma faixa escura que seguia o traçado das colinas. Sem nada dizer, abri a teleobjetiva para verificar minha descoberta. A lente confirmou o que tinha visto a olho nu: do mormaço surgia, no horizonte, uma faixa que se aproximava por sobre morros e vales, vindo a morrer, finalmente, nos campos plantados do vale de Pisco. Mentalmente acompanhei o traçado mais além. Seu prolongamento devia passar perto de nós. Passei a teleobjetiva para Cabrera, indicando-lhe o ponto em que devia começar a procurar. E ele confirmou a minha observação, não havia engano possível.



No ar reluzente, desenhavam-se faixas escuras. A faixa vinha se aproximando sobre

morros e vales.

Tínhamos que subir mais, para ter uma visão melhor. Respirávamos com dificuldade. Fomos subindo em direção ao espigão. De ambos os lados, só havia vales esturricados, pedregulho, o ar quente a tremular sobre a terra e, infindavelmente, aquelas pedras que refletiam a luz ofuscante. Tropeçávamos. E foi tropeçando que caí no primeiro buraco da faixa escura...

Logo percebi que devia ser o que estávamos procurando.

O professor Cabrera começou a coçar a cabeça, e, olhando para o chão, concluiu:

— Erich, chegamos.



Quando cheguei à primeira cova, sabia que tínhamos alcançado nosso objetivo.

O buraco à minha frente tinha um metro de diâmetro e o mesmo de profundidade. Logo a seu lado havia outro, e mais outro, e outro, uma verdadeira faixa perfurada que ia se desenrolando nas lonjuras. Elevando os olhos, podia seguir o traçado dos buracos até sumirem no horizonte, atrás dos morros.

Quinhentos metros acima da fazenda, estávamos junto das primeiras covas. Todas as covas estavam vazias. Não havia nada nelas, a não ser uns detritos esmigalhados. Elas estavam simplesmente lá — bem de acordo com aquela primeira impressão que tivera ao ver as velhas fotos — como que marcadas no terreno por um gigantesco rolo de massa provido de saliências regulares. Seguimos pelos buracos para o alto do morro, cansados da guerra, mas interiormente cheios de felicidade por termos alcançado nosso objetivo.

A cada passo monte acima, notávamos como as covas se modificavam. Os buracos enfileirados eram cercados, com frequência crescente, por pedras. Às vezes viam-se pequenas muretas levantadas em torno das covas. Quando alcançamos o topo, só restavam buracos cercados por muretas. Em fila infinda, os buracos pareciam a pele de um réptil que se prolongava pela encosta de um desfiladeiro. A impressão que se tinha era a de que os combatentes índios pioneiros se tinham entrincheirado ali, numa faixa de vinte e quatro metros de largura. Em cada buraco cabia um combatente.

Não seria mesmo um sistema de fortificação? Foi a primeira pergunta que surgiu. Teria sido um exército imenso, com o flanco largo e aberto, passando por altos e baixos. Não se trataria, certamente, de uma estratégia inteligente: com os soldados enterrados no chão, não podiam enfrentar o agressor, já que os buracos lhes tolhiam a liberdade de ação. O próprio traçado da faixa perfurada se opõe a essa interpretação. Se essa faixa de buracos se estendesse somente pelos topos e cumeadas das colinas e dos montes, até que teria algum sentido: como os agressores tivessem que se expor para conquistar os cumes, teria sido mais fácil defender-se — se é que havia algo a defender por ali — com a visão aberta para as encostas. Os grandes sistemas de fortificação, como o muro dos incas no Peru e a célebre muralha chinesa, dominam o alto das montanhas. É lógico. Também os cavaleiros da Idade Média construíram seus castelos no topo das montanhas, de onde era fácil divisar os inimigos nas baixadas. Nada disso tinha sentido ali, uma vez que a faixa esburacada passa freqüentemente, em curvas elegantes, pelos vales e desfiladeiros. Se essas covas tivessem servido de defesa individual, teria ocorrido diversas vezes o efeito contrário: os defensores teriam ficado abaixo dos exércitos atacantes.

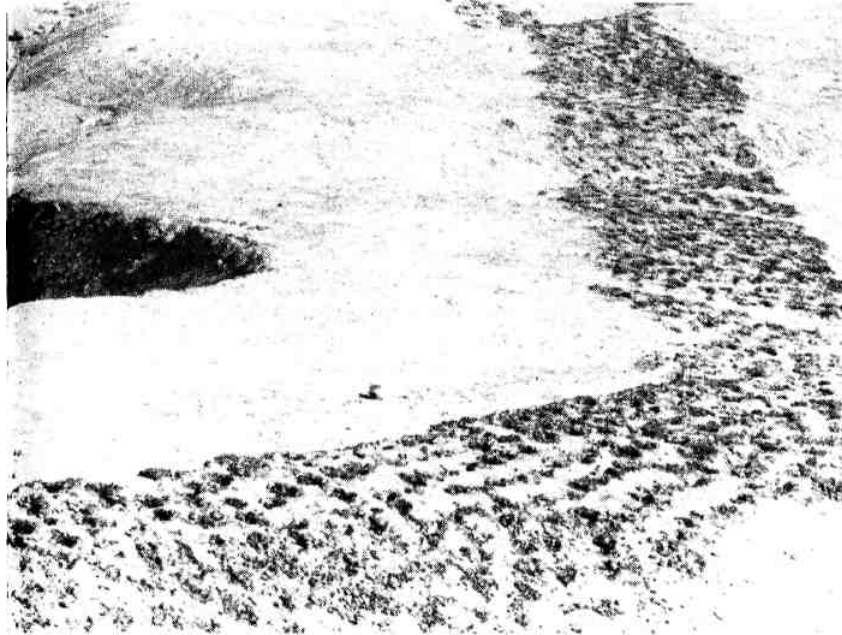
Qual, então, a finalidade daquelas centenas de milhares de buracos? Aquela terra nunca foi fácil de cavar, como um chão argiloso. Sempre foi uma terra dura, seca e cheia de pedras. Mas, para que, então, um trabalho tão árduo?

Sentamos nos buracos, para olhar as baixadas, para seguir o traçado da faixa até que a distância a engolisse em meio ao calor forte e ardente.

Tratar-se-ia de um cemitério? Seria o único no mundo a ficar com as

sepulturas abertas, ao longo de muitos quilômetros. Sepulturas, no entanto, distinguem-se sempre por indícios que revelam sua finalidade: estelas, restos de esqueletos alvacentos, oferendas para os mortos. Ali não havia nada disso.

Os buracos poderiam ser a delimitação de um território soberano? Mesmo admitindo um raciocínio bastante primitivo, seria um esforço descomunal recorrer a buracos para esse fim.



Nossa vista seguia a faixa até o infinito do horizonte. Sem limites, ela sumia como que engolida pela névoa seca.

Pedras enfileiradas teriam sido suficientes. A demarcação não teria parado nem diante dos desfiladeiros que desciam aos vales? Provavelmente, nem um monarca ditatorial, disposto a sacrificar seus súditos num trabalho tão insano, ter-se-ia negado a aceitar o traçado dos rios como demarcação de seu território. E, no entanto, a faixa esburacada corre, às vezes, ao longo desses rios, em linha reta e em curva — uma infra-estrutura sem par. Certamente não é a demarcação de uma fronteira. Mas o que é, então?

Teria sido uma linha de sinalização? Quem consegue imaginar que, em noites escuras, no aniversário do rei ou de algum sacerdote, cem mil índios ficariam sentados nesses buracos para acender, a um comando tonitruante, suas tochas? Uma iluminação formada por uma fila de luzes comparável ao esplendor pomposo das ruas de Las Vegas? Mas, mesmo para esse fim, não

havia necessidade alguma de cavar tantos buracos, bastava que os índios formassem uma grande fila.

Tratar-se-ia, então — como no planalto de Nazca, cento e oitenta quilômetros ao sul —, de uma sinalização para os deuses? A faixa teria sua posição orientada pela astronomia? Não há pesquisas a respeito, até hoje. As velhas fotos aéreas da *National Geographic* foram esquecidas, ninguém conhece a faixa perfurada, nenhuma obra a menciona. Não sei se essas fotos ficaram guardadas em algum arquivo, até que um dia algum jovem arqueólogo desprevenido se anime a partir para desvendar esse mistério dos Andes, que por ora não passa de um número no catálogo do arquivo. Eu não disponho dos recursos necessários para financiar uma pesquisa dessa envergadura. Mas, ao menos, preparei o caminho para esse desconhecido. Ele já não precisará procurar o objetivo em algum lugar qualquer, pois poderá seguir a trajetória que acabo de descrever.

Um pouco antes de deixar Ica, o professor Cabrera conseguiu descobrir que os nativos chamam a faixa, há séculos, de *avenida misteriosa de las picaduras de viruelas*, ou seja, avenida misteriosa das marcas de varíola.

Realmente, essa estrada é misteriosa. Como eu mesmo não sei o que seja aquilo que, lá no Peru, se destaca, no alto dos montes e na baixada dos vales, como marca do passado, solicito que me encaminhem suas sugestões para indicar uma possível solução. Examinarei com atenção qualquer hipótese que chegue às minhas mãos: CH-4532 Feldbrunnen SO, Basel-strasse 10.

Crepúsculo dos deuses?

Fontes das ilustrações:

Fotos de Erich von Däniken:
 Enrico Mercúrio:
 Willi Dünneberger:
 professor Aguilar:
 dr. Gene Phillips, Ancient Astronaut Society:
 W. Siebenhaar:
 Andreas Faber-Kaiser:

Bibliografia

I Viagem a Kiribati

- 1 Grimble, Arthur: *A pattern of islands*, Londres, 1970.
- 2 Grimble, Rosemary: *Migrations, myth and magic from the Gilbert Islands*, Londres-Boston, 1972.
- 3 Tentoa Tewareka: *This is Kiribati* — Curriculum Development Unit Offset, Taraua, 1979.
- 4 *Kiribati — Aspects of history* — Ministry of Education, Training and Culture, Taraua, 1979.
- 5 Aitken, Robert T.: *Ethnology of Tubuai* — Bishop Museum, boletim número 70, Honolulu, 1930.
- 6 Buck, Peter H.: *Vikings of the Pacific*, Chicago, 1972.
- 7 Handy Craighill, E. S.: *The native culture in the Marquesas*, Bernice P. Bishop Museum, boletim número 9, Honolulu, 1923.
- 8 Handy Craighill, E. S.: *Polynesian religion*, Bernice P. Bishop Museum, boletim número 34, Honolulu, 1927.
- 9 Andersen, Johannes C: *Myths & legends of the Polynesians*, Vermont-Tóquio, 1969.
- 10 *Bild der Völker*, vol. I: *Die Bewohner der Gilbert-und Ellice-Inseln*, ed. por dr. John Clammer, Wiesbaden, s.d.
- 11 Turbott, L G.: "The footprints of Tarawa", *Journal of the Polynesian Society*, extrato do vol. 58, número 4, dezembro de 1949, Wellington, Nova Zelândia.

2 Por um motivo qualquer

- 1 Geoffrey, B.: *Faustkeil und Bronzeschwert*. Hamburgo, 1957.
- 2 Atkinson, R. J. C: *Was ist Stonehenge?* — Editado pelo Departamento de Meio Ambiente, Crown, © 1980.
- 3 Hawkins, Gerald S.: *Stonehenge decoded*, Nova York, 1965.
- 4 Atkinson, R. J. C: "Moonshine on Stonehenge", *Antiquity*, vol. XL, 1966.
- 5 Hayle, Fred: "Speculations on Stonehenge", *Antiquity*, vol. XL, 1966.
- Hoylen, Fred: *From Stonehenge to modern cosmology*, San Francisco, 1972.

- 6 Thom, Alexander: *Megalithic sites in Britain*, Londres, 1967.
 - Thom, Alexander: "Megalithic astronomy", *The Journal of Navigation*, vol. 30, número 1, 1977.
 - 7 Paturi, Felix R.: *Zeugen der Vorzeit*, Düsseldorf, 1976.
 - 8 Grimm, Rudolf: "Geheimnisvolles Stonehenge", *Prager Volkszeitung*, 11 de abril de 1980.
 - "Im Süden Englands steht ein 'Computer' der Steinzeit", *Weser-Kurier*, 4 de outubro de 1979.
 - 9 Krupp, Edwin C.: *Astronomen, Priester, Pyramiden*, Munique, 1980.
 - 10 Stempel, Fritz: "Das steinerne Rätsel von Stonehenge", *PM-Magazin*, fevereiro de 1980.
 - 11 Sofaer / Zinser / Sinclair: "A unique solar marking construct", *Science*, 10 de outubro de 1979, vol. 206.
 - 12 Myles-Chadwick: *Die Kelten*, Zurique, 1966.
 - 13 Eliot, Alexander et al.: *Mythen der Welt*, Zurique, 1978.
 - 14 De Camp: *Geheimnisvolle Stätten der Geschichte*, Düsseldorf, 1966.
 - 15 Robins, G. V.: "The dragon stirs", *Alpha*, julho/agosto de 1979, Londres.
 - 16 Grinsell, L. V.: *The rollright stones and their folklore*, Guernsey C. L., 1977.
 - 17 Achäometrie — "Physiker schreiben die Geschichte neu", *Bild der Wissenschaft*, julho de 1978.
 - 18 Topper, Uwe: *Das Erbe der Giganten*, Olten, 1977.
 - 19 Homet, Marcel F.: *Nabel der Welt — Wiege der Menschheit*, Freiburg, 1976.
 - 20 Buck, P. H.: *The Rangi Hiroa*, Ethnology of Tongareva, Honolulu, 1932, Bernice P. Bishop Museum, boletim número 92.
 - 21 Warwick-Trump; *Lexikon der Archäologie*, vols. 1 e 2, Hamburgo, 1975.
 - 22 Aubrey, Burl: *Rings of stone*, Londres, 1979.
 - 23 "Our world of mysteries", *Radio Times Londres*, agosto de 1980.
 - 24 Charpentier, Louis: *Das Geheimnis der Basken*, Olten, 1977.
 - 25 Wernick, Robert: *Steinerne Zeugen früher Kulturen* Hamburgo, 1977,
- Geral:
- Lübbes Enzyklopädie der Archäologie*, ed. por Daniel-Rehork, Bergisch-Gladbach, 1980.
- Zanot, Mario: *Die Welt ging dreimal unter*, Viena, 1976
- Von Cles-Reden, Sybille: *Die Spur der Zyklopen* Colônia, 1960.
- Bruce, Cathie: *The pulse of the universo*, Wellinton 1977.
- Bord, Volin e Janet: *Mysterious Britain*. Londres, 1974.

3 Espírito — a causa primeira de toda a matéria

- 1 Arber, Werner: "Wie die Schöpfung hier und jetzt weiter-wirkt", *Basler Zeitung*, 21 de junho de 1980,
 - 2 Illies, Joachim: "König Wissenschaft, der neue Tyrann", *Diewelt*, 18 de junho de 1980.
 - 3 Thürkauf, Max: "Der Primat des Geistes", *Esotera*, fevereiro de 1980.
 - 4 Chargaff, Erwin: "Der Teufel steigt von der Wand", *Der Spiegel*, 39/1980,
 - 5 Charon, Jean E.: *Der Geist der Materie*. Viena-Liamburg, 1979.
 - 6 Wilder-Smith, E. A.: *Grundlage zu einer neuen Biologie*, Stuttgart, 1974.
 - 7 Charon, Jean E.: *Théorie de la relativité complexe*, Paris, 1977.
 - 8 Taylor, John: *Die Schwarzen Sonnen*. Berna-Munique, 1974.
 - 9 Breur, Reinhard: "Schwarzes Loch im Zentrum der Milchstrasse", *Bild der Wissenschaft*, novembro de 1977.
 - 10 Kippcnhahn, Rudolf: *100 Milharden Sonnen*, Munique, 1980.
 - 11 Garanger, Tose: *Sacred stones & rites of ancient Tahiti*, Paris, 1979.
 - 12 Zier, Wilhelm: *Hölle im Paradies*. Düsseldorf, 1980.
 - 13 Aitken, Robert T.: *Ethnology of Tuhuai*, Bishop Museum, Boletim número 70, Honolulu, 1930.
 - 14 Biedermann, Hans: "Magnetische 'Dickäuche' in Guatemala", *Universum*, 3/1980, Viena.
 - 15 Eckert, Michael: "Magnetsinn des Menschen?" *Süddeutsche Zeitung*, 23 de outubro de 1980.
- Geral:
- Ford, Arthur: *Bericht vom Leben nach dem Tode*, Berna, 1973.
- Dethlefsen, Thorwald: *Das Leben nach dem Tode*, Munique, 1974.
- Bernstein, Morey: *Protokoll einer Wiedergeburt*, Berna, 1973.

4 Caçando fraudes e homenzinhos verdes

- 1 Gris, Henry: "Is there a dead ship from outer space?", *Rand Daily Mail*, África Sudoeste, 20 de agosto de 1979,

- 2 Scientists discover damaged alien spacecraft is in orbit around earth", *National Enquirer*, Lantana, Flórida, agosto de 1979.
- 3 Transcrição das entrevistas gravadas em cassette: de Henry Gris com o professor Bojitch e outros, arquivo de Erich von Däniken.
- 4 Bagby, John P.: "Terrestrial satellites: Some direct and indirect evidence", *Icarus*, 10/1969.
- 5 Carta do professor Harry O. Ruppe para Erich von Däniken, 10 de janeiro de 1980.
- 6 Carta do engenheiro Jesco von Puttkamer, NASA, para Erich von Däniken, 28 de janeiro de 1980.
- 7 Carta do professor Frank D. Drake, diretor do National Astronomy and Ionosphere Center, Arecibo, para Erich von Däniken, 12 de janeiro de 1980.
- 8 Wil, Wolfgang: "Brachten 'Bomben' aus dem Weltall das Leben auf die Erde?" *Die Welt*, 11 de novembro de 1980.
- 9 Lahav, Ephraim: "Kam Adam aus dem Weltall?" *Die Welt*, 25 de junho de 1980.
- 10 "Kalte Dusche für die grünen Mannchen", *Weltwoche-Magazin*, Zurique, 1980.
- 11 Abarzue / Posselt; "In Gräbern aus uralter Zeit: Tote von anderen Sternen", *Bild*, 29 de abril de 1975.
- 12 Chávez, Mauro: "Seres do otro mundo en manta?", *Vistazo*, México,
- 13 "Um psiquiatra no terreiro". *Gente*, 24 de dezembro de 1979.
- 14 "El esqueleto de Panamá", *Mundo Desconocido*, maio de 1979.
- 15 Carta da embaixada suíça para Erich von Däniken, 4 de março de 1980.
- 16 Carta da embaixada suíça para Erich von Däniken, 7 de maio de 1980.
- 17 Carta da embaixada suíça para Erich von Däniken, 6 de junho de 1980.
- 18 Krassa, Peter: *Phantome des Schreckens — Die Herren in Schwarz manipulieren die Welt*, Viena, 1980.
- 19 "Kannten die Inkas das Diamanten-Geheimnis?" *Bremer Nachrichten*, 5 de junho de 1980.
- 20 Möller, Gerd e Elfride: *Peru*, Pforzheim, 1980.
- 21 "Archäologie um La Silla", *Sterne und Weltraum*, 1980/4.

5 Na Terra Prometida?

- 1 Kautzsch, Emil: *Die Apokryphen und Pseudepigraphen*

- des *Alten Testaments*, vol. II, Livro de Enoc, Tübingen, 1900.
- 2 Kebra Negest, vol. 23, 1.^a parte, "Die Herrlichkeit der Könige, Abhandlungen der Philosophisch-Philologischen Klasse der Königlich". Academia Bávara de Ciências.
- 3 Stoll, Heinrich A.: *Die Höhle am Toten Meer*, Flanau-sobre-o-Meno, 1962.
- 4 Dupont-Sommer, André: *Die Essenischen Schriften vom Toten Meer*, Paris, 1959.
- 5 Burrows, Millar: *Mehr Klarheit über die Schriftrollen*, Munique, 1959.
- 6 Philo Judaeus Alexandrinus: *Die Werke Philos...* Tradução alemã de Leopold Cohn, Breslau, 1909.
- 7 Flavii Josephi: *Altertümer wie auch der Krieg der Juden mit den Römern...* Joh. Baptista Ott, Zurique, 1735, Phi Hebraei, Historio de bello Judaico.
- 8 Novas provas da pré-astronáutica — Os discursos do Congresso da Ancient Astronaut Society, Munique, 1979, Rastatt, 1979.
- 9 Davenport, David W.: *2000 a.C. Distruzione atomica*, Milão, 1979.
- 10 Maharshi Bharadwaaja: *Vymaanika-Shastra Aeronautics*. Traduzido para o inglês, revisado, impresso e publicado por G. R. Josyer, Misore, Índia, 1979.
- Geral:
- Faber-Kaiser, Andreas: *Jesus died in Kashmir — Jesus, Moses and the ten lost tribes of Israel*, Londres, 1977.

6 Crepúsculo dos deuses

- 1 Greene, Merle: *Maya sculpture*, Berkeley, 1972.
- 2 Von Wuthenau, Alexander: *Unexpected faces in ancient America*.
- 3 Tschudi, Von Johann Jakob: *Reisen durch Südamerika*, Leipzig, 1869.
- 4 Alcino, José: *Die Kunst des alten Amerika*, Friburgo, 1979.
- 5 Cieca de León, Pedro: *La crônica dei Peru*, Antuérpia, 1554.
- 6 De Castro/Del Castillo: *Teatro eclesiástico de las iglesias de Peru y Nueva España*, Madri, 1651.
- 7 D'Orbigny, Alcide: *Voyage dans l'Amérique Méridionale*, Paris, 1844.
- 8 Stingl, Miloslaw; *Die Inkas*, Düsseldorf, 1978.
- 9 Stübel, A, e Uhle, M.: *Die Kuinenstätte von Tiahuanaco im*

- Hochland des alten Peru*, Leipzig, 1892.
- 10 Huber, Siegfried: *Im Reich der Inka*, Olten, 1976.
- 11 De la Vega, Garcilaso: *Primera parte de los comentarios reales*, Madri, 1723, e *Historia general dei Perú*, segunda parte, Madri, 1722.
- 12 Ubbelohde-Döring, Heinrich: *Kulturen Alt-Perus*, Tübingen, 1966.
- 13 Dingwal, E. J.: *Artificial cranial deformation*, Londres, 1931.
- Geral:
- Möller, Gerd e Elfriede: *Goldstadt-Reiseführer Peru*, Pforzheim, 1976.
- Tiahuanaco oder die Schweigenden Steine*, extraído de; "Die letzten Geheimnisse unserer Welt", *Das Beste*.
- Helfritz, Hans: *Südamerika: Präkolumbianische Hoch-kulturen*, Colônia, s.d.
- Kennedy-Skipton, R.; *Bild der Völker*, vol. 5, Südamerika, Wiesbaden, s.d.
- Kubler, George: *The art and architecture of ancient America*, Harmondsworth, 1962,

O AUTOR E SUA OBRA

Que segredos espantosos nos reservam as dezesseis ilhas de Kiribati, na Oceânia? Qual a origem do círculo árido que há numa dessas ilhas e que traz a morte para os que nele penetram? O que significam os megálitos de Stonehenge? Quais as revelações trazidas pelas pesquisas acerca do magnetismo do ser humano? Houve mesmo uma explosão atômica há mais de quatro mil anos? Como interpretar os manuscritos da Índia antiga que se referem a aparelhos voadores? Quem teria construído os monumentos de Puma-Punku, no planalto boliviano?

Respondendo a essas e outras questões, contando suas descobertas e decepções, Erich von Däniken esclarece, em "Viagem a Kiribati", uma série de fatos que ainda não tinham encontrado uma explicação convincente. E todas as suas descobertas concorrem para sustentar sua teoria básica de que em tempos pré-históricos a Terra foi visitada por seres que vieram de outros planetas; que os extraterrestres criaram a inteligência humana por modificações introduzidas na constituição hereditária dos primitivos habitantes da Terra e que as religiões mais antigas, com seus mitos e lendas, contém alusões a esses fatos.

A tarefa escolar de traduzir a Bíblia do original em aramaico para o alemão despertou no jovem Erich von Däniken uma curiosidade que, poucos anos depois, se transformou no tema central de um dos escritores mais polêmicos do mundo contemporâneo. O estudante ficou intrigado com a palavra "elohim", que em aramaico quer dizer "deuses", no plural, mas em todas as traduções aparece no singular quando se refere a Deus. As explicações dadas por seus professores não o convenceram, e o rapaz passou a se interessar profundamente pelo que as mais remotas civilizações diziam a respeito dos deuses e do surgimento da inteligência humana.

Erich von Däniken tinha então dezessete anos (ele nasceu em Zofingen, Suíça, em 14 de abril de 1935), e quando lançou seu polêmico livro, "Eram os deuses astronautas?", em 1968, o mundo todo reagiu ao impacto com curiosidade e indignação. Com isso, Däniken se transformou no maior achado editorial de um gênero ainda pouco explorado: os onze títulos que escreveu já venderam mais de cinquenta milhões de exemplares, tendo sido traduzidos para trinta e oito idiomas. Além disso o autor ostenta o título de o mais lido na Alemanha Ocidental depois da I Guerra Mundial, sendo um dos autores mais lidos do mundo.

A herança profissional de Däniken, filho de uma família dedicada ao ramo da hotelaria, facilitou-lhe a tarefa de transformar-se no escritor que decidiu ser. Em 1964, dirigia um hotel numa estação de esqui suíça que só funcionava no inverno. O resto do ano era empregado por ele em viagens de pesquisa e coleta de material para a documentação de suas obras.

Desde o tempo de estudante, o autor defende a tese de que a Terra foi visitada

por seres extraterrestres, fato que a mitologia e as religiões registram, e isso o obrigou — apesar de ter recebido rígida formação católica — a questionar várias passagens da Bíblia.

Uma delas é a de que as Tábuas da Lei foram entregues a Moisés por Deus, que lhe apareceu precedido por raios e trovões. Däniken acha que Deus não precisaria se valer de tanto barulho para ser visto por olhos humanos. E que os raios e trovões só poderiam ter sido provocados por uma nave espacial, do que concluiu que as tábuas com os dez mandamentos da lei de Deus foram entregues a Moisés por um ser espacial. Outra afirmação que gerou acirradas polêmicas — inclusive da Igreja, que o acusa de ateu — é a de que Jesus não é filho de Deus. Däniken explica que Deus, um ser onipotente, não mandaria seu filho para ser sacrificado por humanos. Acredita que Jesus existiu, que foi um grande líder político, mas daí a ser apresentado como filho de Deus há uma grande distância. Däniken nega contestar a Bíblia; afirma tão-somente que quer vê-la atualizada, e que essa atualização supõe sempre a menção a seres de outros planetas em várias passagens do livro sagrado.

Apesar de gastar quase toda a fortuna que ganha com direitos autorais e conferências nas viagens de pesquisa {já deu dezenas de voltas ao mundo à procura de locais e fatos que confirmem suas teses}, Däniken nunca estudou arqueologia e se orgulha disso: "Se o tivesse feito, teria ficado parado no tempo, vendo tudo com os mesmos olhos que os cientistas. Tenho muitos amigos arqueólogos e conheço todas as versões das descobertas arqueológicas feitas no mundo. Sei que algumas não têm nenhum sentido".

Prefere dar o nome de astroarqueologia aos seus estudos e sente-se satisfeito em saber que hoje alguns dos mais respeitáveis nomes da comunidade científica internacional já estão pensando duas vezes antes de chamá-lo de impostor.

Especializado em estudar contatos com extraterrestres na Antigüidade, tema de todos os seus livros, Däniken está convencido da existência de OVNI's apesar de nunca ter visto nenhum, pois acredita em algumas pessoas que afirmam tê-los visto, entre as quais o ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, e sua mulher, Rosalynn.

"Eram os deuses astronautas?" (publicado pelo Círculo), "De volta às estrelas", "Aparições", "Ouro dos deuses", "A prova", "Deuses, espaçonaves e Terra", "Estratégia dos deuses" e o "Dia em que os deuses chegaram" (também publicado pelo Círculo) são alguns de seus milionários títulos, esgotados logo após o lançamento e incontáveis vezes reeditados.